

"Devorei o livro em um dia e me apaixonei por Daisy e pela banda." — **REESE WITHERSPOON**

Daisy Jones & The Six

Uma história
de amor
e música

Taylor Jenkins Reid

Daisy Jones & The Six

Uma história
de amor
e música

Taylor Jenkins Reid

Tradução

ALEXANDRE BOIDE

da
ra
la
la

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Dedicatória

Nota da autora

A groupie Daisy Jones (1965-72)

A ascensão dos Six (1966-72)

It girl (1972-4)

Estreia (1973-5)

First (1974-5)

SevenEightNine (1975-6)

A turnê The Numbers (1976-7)

Aurora (1977-8)

A turnê mundial Aurora (1978-9)

Chicago Stadium (12 de junho de 1979)

Desde então (1979-atualmente)

Uma última coisinha antes de ir embora (5 de novembro de 2012)

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

*Para Bernard e Sally Hanes,
uma história de amor sincera
como nenhuma outra.*

Nota da autora

Este livro é uma tentativa de compor um retrato transparente de como a renomada banda de rock dos anos 1970 Daisy Jones & The Six foi alçada à fama — assim como dos motivos que levaram ao seu abrupto e infame rompimento em Chicago, durante uma turnê, em 12 de julho de 1979.

Ao longo dos últimos oito anos, entrevistei cada um dos membros que faziam ou chegaram a fazer parte da banda, além de familiares, amigos e figuras importantes da indústria fonográfica que conviveram com eles na época. A história oral a seguir é uma edição dessas conversas reunidas, acompanhadas de e-mails, transcrições e letras de músicas. (Todas as letras do álbum *Aurora* podem ser encontradas no fim do livro.)

Apesar da minha tentativa de produzir uma narrativa abrangente, devo reconhecer que isso se revelou impossível. Alguns entrevistados foram difíceis de encontrar, algumas pessoas se mostraram mais disponíveis do que outras, e há aqueles que infelizmente não estão mais entre nós.

Este livro marca a primeira e única vez que os integrantes da banda falaram juntos sobre sua história. No entanto, é importante ressaltar que, tanto em assuntos de maior importância como em detalhes menores, às vezes os relatos de um mesmo acontecimento são divergentes.

Muitas vezes a verdade não está nem de um lado nem de outro, e sim escondida num meio-termo.

A groupie Daisy Jones
(1965-72)

Daisy Jones nasceu em 1951 e foi criada em Hollywood Hills, em Los Angeles, na Califórnia. Filha de Frank Jones, um renomado pintor britânico, e Jeanne LeFevre, uma modelo francesa, começou a ganhar fama no fim dos anos 1960, ainda adolescente, na Sunset Strip.

ELAINE CHANG (*biógrafa, autora de Daisy Jones: Wild Flower*): Tem uma coisa interessantíssima sobre Daisy Jones antes de ela virar “a” Daisy Jones.

Ela era uma menina branca e rica de LA. Sempre foi linda — desde criança. Tinha aqueles olhos azuis enormes — azul cobalto, bem escuros. Uma das minhas histórias favoritas sobre ela é que, nos anos 80, uma fabricante de lentes de contato coloridas criou um tom chamado “azul Daisy”. Os cabelos acobreados eram grossos, ondulados e... muito cheios, roubavam a cena. As maçãs do rosto pareciam quase inchadas, de tão protuberantes. E Daisy tinha uma voz incrível, não precisava se esforçar, nunca fez aula de canto. Ela nasceu com todo o dinheiro do mundo, com acesso a qualquer coisa que quisesse — artistas, drogas, casas noturnas —, tudo estava ao seu dispor.

Mas não tinha ninguém. Nem irmãos, nem familiares próximos em Los Angeles. Com pais tão fechados em seu próprio mundinho que ignoravam sua existência. Por outro lado, nunca perdiam uma oportunidade de fazê-la posar para seus amigos. É por isso que existem tantas pinturas e fotos dela quando criança — os artistas que frequentavam a casa viam Daisy Jones, percebiam aquela beleza incrível e queriam capturá-la em suas obras. O fato de não existir nenhuma pintura de Frank Jones retratando Daisy é revelador. O pai dela estava

ocupado demais com seus nus masculinos para prestar atenção na filha. No geral, Daisy teve uma infância bem solitária.

Mas na verdade ela era uma criança muito sociável e extrovertida — ia cortar o cabelo só porque gostava muito do cabeleireiro, pedia aos vizinhos para passear com os cachorros deles. Existe até uma piada interna da família sobre a vez em que Daisy tentou fazer um bolo de aniversário para o carteiro. Ela não passava de uma menina desesperada para criar vínculos com as pessoas. Só que não tinha ninguém na vida dela interessado em saber quem Daisy era de fato, muito menos seus pais. E isso acabou com ela. Por outro lado, também foi assim que ela virou um ícone.

Nós adoramos gente linda e destruída por dentro. E não dá para ser mais *claramente* destruída por dentro e ter uma beleza mais *clássica* que a de Daisy Jones.

Então faz sentido que Daisy tenha começado a se encontrar quando passou a frequentar a Sunset Strip. Um lugar glamoroso, sórdido.

DAISY JONES (*vocalista de Daisy Jones & The Six*): Dava para ir a pé da Strip até a minha casa. Eu devia ter uns catorze anos, estava cansada de passar o dia todo em casa procurando coisa para fazer. Não tinha idade para entrar nos bares e casas noturnas, mas ia mesmo assim.

Lembro de ter filado um cigarro de um roadie dos Byrds quando era bem novinha. Aprendi logo que as pessoas pensam que você é mais velha se você não usa sutiã. E às vezes eu punha uma bandana na cabeça, como as meninas mais descoladas faziam. Queria ser uma das groupies que ficavam nas calçadas, com seus baseados, suas garrafas de bebida e tudo mais.

Então filei um cigarro desse roadie na frente do Whisky a Go Go uma noite — foi a primeira vez que fumei, e tive que fingir que sabia o que estava fazendo. Segurei a tosse na garganta, essas coisas, e dei em cima dele como pude. Dá até vergonha de pensar nisso hoje, provavelmente foi bem ridículo.

Mas no fim um cara chegou nesse roadie e falou: “A gente precisa entrar para montar o som”. Aí ele se virou para mim e perguntou: “Você vem?”. E foi assim que eu entrei no Whisky pela primeira vez.

Fiquei por lá até umas três ou quatro da manhã nesse dia. Eu nunca tinha feito nada do tipo antes. Mas de repente me senti como se estivesse viva de verdade. Como se fizesse parte de alguma coisa. Fui de zero a cem naquela noite. Bebi e fumei tudo o que apareceu na minha frente.

Entreí em casa naquela noite pela porta da frente, bêbada e chapada, e desmaiei na cama. Tenho certeza de que os meus pais nem perceberam que eu tinha saído.

Acordei, saí de novo na noite seguinte e fiz a mesma coisa.

No fim, os seguranças da Strip passaram a me reconhecer e me deixar entrar onde quisesse. Whisky, London Fog, Riot House. Ninguém se importava com a minha idade.

GREG MCGUINNESS (*ex-concierge do hotel Continental Hyatt House*): Ah, nossa, não sei há quanto tempo a Daisy já frequentava o Hyatt House antes de eu reparar nela. Mas lembro da primeira vez que a vi. Eu estava no telefone quando vi uma garota de franjinha incrivelmente alta e magra entrando. Com olhos grandes e redondos, os mais azuis que eu já tinha visto. E tinha também o sorriso. Um sorrisão. Ela entrou de braço dado com um cara qualquer. Não lembro quem era.

Naquela época, tinha um monte de meninas na Strip que eram novinhas, sabe, mas tentavam parecer mais velhas. Mas Daisy simplesmente *era*. Não tinha esse negócio de tentar parecer outra coisa. Só mostrava quem era de verdade.

Depois disso, comecei a reparar que ela passava bastante tempo no hotel. Estava sempre rindo. Não tinha nada de deprê, pelo menos nessa época. Era como ver o Bambi aprendendo a andar. Ela era bem ingênua e vulnerável, mas dava para ver que tinha alguma coisa de especial.

Fiquei preocupado com ela, para dizer a verdade. Tinha um monte de caras naquela cena que eram... interessados em meninas novinhas. Astros de rock de trinta e tantos anos indo para a cama com adolescentes. Não estou dizendo que era certo, só que era assim que funcionava. Quantos anos Lori Mattix tinha quando ficou com Jimmy Page? Catorze? E lembra do Iggy Pop com Sable Starr? Ele até cantava sobre isso, pô. Ficava se gabando.

No caso da Daisy... Tipo, os vocalistas, os guitarristas, os roadies... todo mundo estava de olho nela. Quando a gente se encontrava, eu sempre tentava saber se ela estava bem. Meio que ficava tomando conta, na medida do possível. Eu gostava dela de verdade. Era uma garota mais interessante do que as coisas que aconteciam ao seu redor.

DAISY: Aprendi sobre sexo e amor do jeito mais difícil. Que os homens pegam o que querem sem se preocupar em oferecer nada em troca, que tem pessoas que só querem saber de uma coisa e nada mais.

Acho que no caso de certas meninas — como as Plaster Casters, algumas das GTOS —, talvez ninguém estivesse se aproveitando delas, não sei. Mas para mim foi uma cena bem cruel, no começo.

Perdi minha virgindade com um cara que... não interessa quem era. Era mais velho, um baterista. A gente estava no saguão do Riot House, e ele me convidou para subir e cheirar umas carreiras. Disse que eu era a garota dos sonhos dele.

Eu estava a fim dele porque ele estava a fim de mim. Só queria que alguém me achasse especial. Estava louca para despertar o interesse de alguém.

Quando fui ver, a gente estava na cama dele. Ele me perguntou se eu entendia o que estava rolando, e respondi que sim, apesar da resposta ser não. Mas todo mundo só falava de amor livre, que sexo era bom. Para ser bacana, descolada, você tinha que gostar de sexo.

Passei o tempo inteiro olhando para o teto, esperando ele terminar. Eu sabia que tinha que me mexer também, mas fiquei totalmente paralisada, com medo

de fazer qualquer movimento. A única coisa que dava para ouvir naquele quarto era o som das nossas roupas se esfregando na colcha da cama.

Eu nem tinha ideia do que estava acontecendo, não sabia por que fazia essas coisas mesmo sem estar a fim. Mas fiz muita terapia na vida depois disso. Muita terapia mesmo. E agora entendo. Consigo me ver com muita clareza. Eu queria estar perto desses homens — esses caras famosos — porque não conhecia outra forma de me sentir importante. E achei que precisava agradá-los se quisesse ficar por lá.

Quando terminou, ele levantou da cama. Eu baixei meu vestido. E ele falou: “Se você quiser voltar lá pra baixo pra ficar com os seus amigos, tudo bem”. Na verdade, eu nem tinha amigos. Mas sabia que ele estava me mandando cair fora. Então fui embora.

Ele nunca mais falou comigo.

SIMONE JACKSON (*estrela da era disco*): Eu lembro de ter visto Daisy na pista de dança uma noite no Whisky. Todo mundo reparava nela. Os olhares se voltavam para ela. Como se o resto do mundo fosse de prata, e Daisy de ouro.

DAISY: Simone virou minha melhor amiga.

SIMONE: Eu levava Daisy comigo para todo lugar. Era a irmã que nunca tive.

Lembro que... Foi na revolta da Sunset Strip, quando todo mundo foi para a frente do Pandora's protestar contra o toque de recolher da prefeitura e da polícia. Daisy e eu fomos ao protesto, encontramos uns atores por lá e esticamos a noitada no Barney's Beanery. Depois disso, fomos para a casa de alguém. A Daisy dormiu no quintal do cara. Só fomos para casa na tarde seguinte. Ela devia ter uns quinze anos. Eu, uns dezenove. Vivia me perguntando: *Será que ninguém além de mim se preocupa com essa menina?*

E, aliás, todo mundo tomava anfetamina nessa época, até Daisy, com a idade que tinha. Mas, se você quisesse ser magra e ter pique para passar a noite toda

acordada, precisava tomar alguma coisa. Principalmente benzedrina ou bifetamina.

DAISY: Os remédios para emagrecer eram a opção mais fácil. Era como se a gente não tivesse escolha. Nem parecia que a gente estava se drogando no começo. Com o pó era a mesma coisa. Se alguém oferecia, você mandava uma carreirinha. O pessoal não considerava isso um vício. Não era assim que a coisa era vista.

SIMONE: Meu produtor me arrumou um lugar para morar em Laurel Canyon. Ele queria ir para a cama comigo. Eu disse que não, mas ele topou pagar mesmo assim. Chamei Daisy para morar comigo.

Dividimos a mesma cama por uns seis meses. Então posso dizer em primeira mão que ela *nunca* dormia. Às quatro da manhã, enquanto eu tentava pegar no sono, Daisy queria a luz acesa para poder ler.

DAISY: Eu tive insônia por muito tempo, desde criança. Ia para a cama às onze da noite dizendo que não estava cansada, mas meus pais me obrigavam, gritavam “vai dormir”. Então no meio da noite sempre acabava fazendo coisas que não fizessem barulho. Minha mãe tinha um monte de romances em casa, então eu lia. Às vezes, enquanto meus pais estavam dando uma festa no andar de baixo às duas da manhã, eu estava na minha cama com o abajur aceso, lendo *Doutor Jivago* ou *A caldeira do diabo*.

E isso virou um hábito. Eu lia o que aparecesse na minha frente. Não tinha nenhuma preferência. Podia ser suspense, policial, ficção científica.

Quando fui morar com a Simone, encontrei uma caixa cheia de biografias de personagens históricos jogada na rua um dia, lá no Beachwood Canyon. Devorei todas.

SIMONE: Vou te dizer uma coisa, foi por causa dela que comecei a dormir de máscara (*risos*). Mas depois continuei fazendo isso porque achava chique.

DAISY: Eu já estava morando com a Simone fazia duas semanas quando fui para casa pegar mais roupas.

Meu pai perguntou: “Foi você que quebrou a cafeteira hoje de manhã?”.

Eu respondi: “Pai, eu nem moro mais aqui”.

SIMONE: Eu falei que a única condição para ela morar comigo era não parar de ir à escola.

DAISY: A época de colégio não foi fácil para mim. Eu sabia que para tirar notas altas era preciso fazer as coisas como mandavam. Mas também sabia que muita coisa que falavam para a gente era papo furado. Lembro de uma vez que tive que fazer um trabalho explicando como Colombo descobriu a América, então escrevi um texto dizendo que Colombo *não* descobriu a América. Porque não descobriu mesmo. Mas tirei zero por isso.

Falei para a professora: “O que eu escrevi está certo”.

E ela respondeu: “Mas não seguiu as instruções de como fazer o trabalho”.

SIMONE: Ela era tão inteligente, mas os professores não pareciam dispostos a reconhecer isso.

DAISY: As pessoas sempre dizem que não terminei o colégio, mas eu me formei, sim. Quando atravessei o palco para pegar o diploma, Simone estava lá me aplaudindo, toda orgulhosa de mim. E, assim, comecei a ter orgulho de mim mesma também. Naquela noite, tirei o diploma de dentro do canudo, dobrei e guardei dentro do meu exemplar de *O vale das bonecas*, como um marcador de páginas.

SIMONE: Meu primeiro disco foi um fracasso, e a gravadora rompeu meu contrato. O produtor expulsou a gente da casa. Arrumei um trabalho de garçõete e fui morar com uma prima em Leimert Park. Daisy teve que voltar para a casa dos pais.

DAISY: Eu simplesmente peguei minhas coisas que estavam na casa da Simone e voltei para a casa dos meus pais. Quando entrei pela porta da frente, minha mãe estava ao telefone, fumando um cigarro.

Eu falei: “Oi, estou de volta”.

Ela respondeu: “A gente comprou um sofá novo”, e continuou falando ao telefone.

SIMONE: Daisy herdou da mãe toda aquela beleza. Jeanne era maravilhosa. Lembro de ter falado com ela algumas vezes na época. Olhos grandes, lábios bem cheios. Uma sensualidade marcante. As pessoas sempre falavam para Daisy que ela era igualzinha à mãe. As duas eram parecidas mesmo, mas eu conhecia Daisy o suficiente para não dizer isso a ela.

Acho que uma vez falei: “Sua mãe é linda”.

Daisy me respondeu: “Pois é, ela é linda, e só”.

DAISY: Quando a gente foi expulsa da casa da Simone, percebi pela primeira vez que eu não podia ficar à toa por aí, dependendo de outras pessoas. Acho que eu devia ter uns dezessete anos. E foi a primeira vez que me perguntei qual era meu objetivo na vida.

SIMONE: Às vezes, quando Daisy estava lá em casa tomando banho ou lavando louça, eu ouvia ela cantar Janis Joplin ou Johnny Cash. Ela adorava cantar “Mercedes Benz”. E tinha uma voz muito boa. Eu estava tentando arrumar outra gravadora, fazendo aulas de canto sem parar, e para Daisy parecia tão fácil. Queria sentir raiva dela por isso, mas não é fácil detestar alguém como Daisy.

DAISY: Uma das minhas lembranças favoritas é... Simone e eu estávamos passeando de carro pela La Cienega, provavelmente na BMW que eu tinha na época. Hoje tem um shopping center enorme lá, mas na época ainda era o estúdio Record Plant. Não sei aonde a gente estava indo, provavelmente até o Jan's comer um sanduíche ou algo assim. A gente estava ouvindo *Tapestry* no

carro, e começou a tocar “You’ve Got a Friend”. Simone e eu começamos a cantar junto, por cima da voz da Carole King. Mas eu estava prestando atenção na letra também. Tipo sentindo os versos mesmo. Quando ouço essa música, sempre sinto muita gratidão por ela, a Simone.

Saber que tem uma pessoa no mundo que faria qualquer coisa por você e por quem você faria qualquer coisa, isso traz uma paz para a gente. Com ela, foi a primeira vez que senti isso. Fiquei meio emocionada no carro ouvindo essa música. Virei para a Simone e abri a boca para falar, mas ela simplesmente balançou a cabeça e disse: “Eu também”.

SIMONE: Se tornou a minha missão pessoal fazer a Daisy usar a voz para alguma coisa. Mas Daisy só fazia o que queria.

Ela estava ganhando mais personalidade naquela época. Quando nos conhecemos, ela ainda era um pouco ingênua (*risos*), mas digamos que com o tempo foi ficando mais durona.

DAISY: Eu estava saindo com uns caras na época, inclusive com o Wyatt Stone, do Breeze. Mas não sentia por ele o mesmo que ele sentia por mim.

Uma noite a gente estava fumando um baseado no terraço do prédio dele em Santa Monica, e Wyatt falou: “Eu te amo tanto e não sei por que você não me ama também”.

Eu respondi: “Eu te amo tanto quanto me permito amar alguém”. Era verdade. Eu não estava a fim de me abrir para ninguém naquela época. Já tinha sido vulnerável demais quando era mais nova. Não queria mais ser assim.

Enfim, nessa noite, depois que Wyatt foi deitar, eu não consegui dormir. Aí encontrei um papel com uma letra de música que ele estava escrevendo, e estava na cara que era sobre mim. Falava sobre uma ruiva e mencionava os brincos de argola que eu sempre usava.

O refrão dizia que eu tinha um coração grande, mas sem nenhum amor dentro dele. Fiquei relendo a letra, pensando: *Isso aqui está errado*. Ele não me

entendia mesmo. Então pensei um pouco a respeito, peguei um papel e uma caneta e escrevi algumas coisas.

Quando ele acordou, eu falei: “Seu refrão devia ser uma coisa do tipo ‘*Big eyes, big soul/ big heart, no control/ but all she got to give is tiny love*’”.*

Wyatt pegou uma caneta e um papel e perguntou: “Você pode repetir?”.

Eu respondi: “Foi só uma sugestão. Escreve você a letra da porcaria da sua música”.

SIMONE: “Tiny Love” foi o maior sucesso do Breeze. E Wyatt fingiu que a composição era dele.

WYATT STONE (*vocalista, The Breeze*): Por que está me perguntando isso? Isso são águas passadas. Quem é que se lembra disso ainda?

DAISY: Começou a virar meio que um padrão. Uma vez eu estava tomando café da manhã no Barney’s Beanery com um cara que era roteirista e diretor. Nessa época eu sempre pedia champanhe no café da manhã. Mas também estava sempre virada, porque dormia muito pouco. Então precisava de café também. Mas não dava para tomar *só* o café, senão eu ficava ligada demais por causa dos comprimidos que tomava. E também não podia pedir *só* o champanhe, porque ia ficar com sono. Percebe o problema? Então eu pedia champanhe e café ao mesmo tempo. No lugares onde os garçons me conheciam, eu chamava isso de Bate e Rebate. Uma coisa para bater uma loucurazinha, e outra em seguida para rebater e me manter ligada. E esse cara achou a maior graça nisso. Ele falou: “Vou usar isso aí em algum lance um dia”. E escreveu num guardanapo e guardou no bolso da calça. Eu pensei: *Por que diabos você acha que eu mesma não posso usar isso em um lance algum dia?* E, obviamente, isso apareceu no próximo filme que ele fez.

As coisas eram assim na época. O meu papel era servir de inspiração para uma grande ideia de um cara qualquer.

Ah, mas nem fodendo.

Foi por isso que comecei a escrever.

SIMONE: Eu era a única que incentivava Daisy a aproveitar o talento que tinha. O resto das pessoas só queria *se aproveitar* do talento dela.

DAISY: Eu não tinha o menor interesse em ser a porra da musa de alguém.

Eu não sou a musa.

Eu sou esse alguém.

E assunto encerrado.

* “Olhos grandes, alma grande/ coração grande, sem controle/ mas só o que ela tem a oferecer é um amor minúsculo.” (N. T.)

A ascensão dos Six (1966-72)

Os Six começaram como uma banda de blues-rock chamada Dunne Brothers em meados dos anos 1960 em Pittsburgh, na Pensilvânia. Billy e Graham Dunne foram criados apenas pela mãe, Marlene Dunne, depois que o pai deles, o sr. William Dunne, foi embora de casa em 1954.

BILLY DUNNE (*vocalista, The Six*): Eu tinha sete anos quando meu pai caiu fora, e Graham tinha cinco. Uma das minhas primeiras lembranças foi meu pai falando que ia se mudar para a Geórgia. Perguntei se eu podia ir junto, e ele disse que não.

Mas ele trás uma guitarra Silvertone velha, e Graham e eu brigávamos para ver quem ia tocar. Aquela guitarra era a única coisa que a gente tinha. Ninguém nos ensinou nada, nós aprendemos sozinhos.

Depois, quando ficamos mais velhos, às vezes eu ficava até mais tarde na escola para poder usar o piano da sala de música.

Mais tarde, quando eu tinha uns quinze anos, mais ou menos, minha mãe conseguiu economizar um dinheirinho e comprou uma Stratocaster usada de presente de Natal para o Graham. Ele queria muito aquela guitarra, então deixei para ele. Eu fiquei com a Silvertone.

GRAHAM DUNNE (*guitarrista solo, The Six*): Quando Billy e eu tivemos cada um a sua guitarra, começamos a compor juntos. Eu queria a Silvertone, mas dava para ver que aquilo era mais importante para o Billy. Então peguei a Strat para mim.

BILLY: A partir daí a coisa só cresceu.

GRAHAM: Billy curtia muito compor, escrever letras. E só falava em Bob Dylan. Eu era mais fã do Roy Orbison. E acho que nós dois tínhamos um sonho de ser como os Beatles. Só que todo mundo queria ser como os Beatles. E depois de querer ser como os Beatles, todo mundo queria ser como os Stones.

BILLY: Para mim, só existiam Dylan e Lennon. *Freewheelin' Bob Dylan* e *Hard Day's Night*. Esses eram... Eu era... Esses caras eram as minhas referências.

Em 1967, os irmãos chamaram para a banda o baterista Warren Rhodes, o baixista Pete Loving e o guitarrista base Chuck Williams.

WARREN RHODES (*baterista, The Six*): Todo baterista precisa de uma banda. Não é a mesma coisa que ser um cantor ou um guitarrista — não dá para se apresentar sozinho. Nenhuma garota pede: “Ai, Warren, toca para mim a batida de ‘Hey Joe’”.

E eu queria tocar, pô. Ouvia Who, Kinks, Yardbirds, essas paradas. Queria ser o Keith Moon, o Ringo, o Mitch Mitchell.

BILLY: Gostamos do Warren logo de cara. E Pete foi uma escolha fácil. Ele estudava com a gente, tocava contrabaixo na banda que se apresentou na nossa formatura do colégio. Quando essa banda acabou, falei: “Pete, vem fazer um som com a gente”. Ele sempre foi um cara tranquilo, só queria saber de tocar.

Depois veio o Chuck, que era um pouco mais velho que nós e de outra cidade. Mas o Pete bancou a entrada dele na banda, os dois já se conheciam. Chuck não parecia um roqueiro. Era meio certinho demais — maxilar largo, cabelo loiro, essas coisas. Mas a gente fez um teste e, no fim, ele era melhor que eu na guitarra base.

Eu queria ser o vocalista, e agora tinha uma banda com cinco caras para poder fazer só isso.

GRAHAM: A gente evoluiu bem rápido. Tipo, todo mundo só pensava em ensaiar.

WARREN: Era assim todo dia. Eu acordava, pegava as baquetas e ia para a garagem da casa do Billy e do Graham. Se os meus dedos estivessem sangrando na hora de ir para a cama era porque tinha sido um dia bom.

GRAHAM: Enfim, o que mais a gente ia fazer? Ninguém tinha namorada, a não ser o Billy. Todas as garotas queriam sair com ele. E, juro para você, parecia que o Billy estava apaixonado por uma menina nova a cada semana. Ele sempre foi assim.

Na época do primário, ele chamou a professora do segundo ano para sair. Minha mãe sempre dizia que o Billy era fissurado por garotas desde que nasceu. E dizia meio brincando que essa seria a perdição dele.

WARREN: A gente tocava em festas, em uns bares por aí. Isso durou uns seis meses, talvez um pouco mais. O cachê era pago em cerveja. Para quem é menor de idade, não é um pagamento ruim.

GRAHAM: A gente não frequentava, digamos, os lugares mais classudos. De vez em quando rolava uma briga do nada, e dava até medo de acabar sobrando para algum de nós. Uma vez a gente estava tocando num bar bem fuleiro, e tinha um cara na frente do palco muito louco de sei lá o quê. Ele saiu distribuindo soco em todo mundo. Eu estava na minha, tocando meus riffs, e de repente o sujeito veio para cima de mim!

Depois disso aconteceu tudo muito rápido. Bum. O cara estava no chão. Billy nocauteou ele.

Billy fazia a mesma coisa quando a gente era pequeno. Quando eu ia até o mercadinho e algum moleque tentava pegar minhas moedas, Billy aparecia e enchia o pivete de porrada.

WARREN: Nessa época todo mundo já sabia que não dava para falar nada sobre Graham se Billy estivesse ouvindo. Graham não era muito bom quando a gente começou, sabe? Lembro que uma vez Pete e eu falamos para o Billy: “Talvez fosse bom a gente achar alguém para colocar no lugar do Graham”. E Billy respondeu: “Se vierem com esse papo de novo, Graham e eu vamos substituir vocês” (*risos*). Sinceramente, achei isso maneiro. E pensei: *Certo, não vou me meter nesse assunto, então*. O fato de Billy e Graham acharem que a banda era deles nunca me incomodou muito. Eu me considerava um baterista contratado. Só estava me divertindo e tocando com uma banda bacana.

GRAHAM: A gente passou a tocar mais, e aí a banda começou a se tornar conhecida pela cidade. O Billy ainda estava aprendendo a ser um vocalista. Mas ele tinha o visual certo, entende? Nós todos, aliás. Estava todo mundo deixando o cabelo crescer.

BILLY: Passei a usar só calça jeans, com umas fivelas de cinto imensas.

WARREN: Graham e Pete começaram a usar umas camisetas justíssimas. Eu dizia: “Dá para ver os mamilos de vocês com isso aí”. Mas eles achavam que estavam arrasando.

BILLY: Fomos contratados para tocar num casamento. Não era pouca coisa. Um casamento significava que a banda seria ouvida por, sei lá, cem pessoas. Acho que eu tinha uns dezenove anos.

Tocamos nossa melhor música para o casal no dia do teste. Era um som mais lento, meio folk, que eu tinha composto, chamava “Nevermore”. Só de pensar nisso me dá vergonha. Sério mesmo. Eu escrevia canções de protesto contra a Guerra do Vietnã, coisas assim. Me achava o próprio Dylan. Mas conseguimos o show.

Mais ou menos no meio da apresentação, vi um cara de cinquenta e tantos anos dançando com uma garota de vinte e poucos e pensei: *Será que esse*

cidadão percebe como está sendo ridículo?

Daí percebi que o sujeito era o meu pai.

GRAHAM: Nosso pai estava com uma garota novinha, mais ou menos da nossa idade. Eu percebi antes do Billy, acho. Reconheci a cara dele das fotos que a minha mãe ainda guardava debaixo da cama.

BILLY: Era inacreditável. O cara tinha sumido do mapa fazia dez anos, depois de ter dito que iria para a Geórgia. E o cretino estava lá, bem no meio da pista de dança, sem nem saber que eram os filhos dele que estavam no palco. Fazia tanto tempo que não via a gente que não reconheceu ninguém. Nem pelo rosto, nem pela voz, nada.

Quando terminamos de tocar, ele se virou e foi embora da pista de dança. Nem olhou para nós. Pô, que tipo de sociopata a pessoa precisa ser para nem reparar que os próprios filhos estão bem ali na sua cara? Como é possível uma coisa dessas?

Por experiência própria, posso dizer que a biologia fala mais alto. Você bate o olho naquela criança e sabe que ela é sua, e o amor nasce ali. É assim que funciona.

GRAHAM: Billy perguntou sobre ele para alguns convidados do casamento. No fim, o nosso pai vivia a poucos quilômetros de nós. Era amigo da família da noiva, alguma coisa assim. O Billy, espumando de raiva, falou: “O cara nem reconheceu a gente”. Eu sempre achei que ele tinha reconhecido a gente, sim, mas não sabia o que fazer.

BILLY: É uma coisa que mexe com a pessoa. Ter um pai que não está nem aí para você a ponto de não falar nem um oi. Não estou dizendo que fiquei com pena de mim mesmo, tipo, me perguntando: *Por que ele não me ama?*. Foi mais uma coisa como... *Ah, então tá, tem gente assim no mundo. Pais que não sentem nada pelos filhos.*

Vou te falar, aquela foi uma lição sobre como *não* agir.

GRAHAM: O cara parecia ser um puta bêbado idiota mesmo. Então já foi tarde.

BILLY: Depois do casamento, enquanto o pessoal guardava os equipamentos, eu acabei tomando umas a mais... e vi a garçonete do bar do hotel (*sorriso*). Uma garota linda. Cabelos castanhos bem compridos, até a cintura, e uns olhos castanhos enormes. Tenho a maior queda por olhos castanhos. E lembro que ela estava usando um vestidinho azul. E era baixinha. Gosto disso também.

Eu estava no saguão do hotel, indo para a van. Ela estava servindo um cliente no bar. Só de olhar para ela dava para ver que não era do tipo que levava desaforo para casa.

CAMILA DUNNE (*esposa de Billy Dunne*): Ah, nossa, como ele era bonito... Magro, mas musculoso, o tipo de homem que sempre me atraiu. E tinha uns cílios grossos. E confiança de sobra. E um sorriso lindo. Quando bati o olho nele no saguão do hotel, lembro de ter pensado: *Por que eu nunca consigo conhecer um cara desses?*

BILLY: Fui até onde ela estava, no balcão do bar, com um amplificador debaixo de um braço e uma guitarra no outro, e falei: “Moça? Me passa seu telefone, por favor”.

Ela estava na caixa registradora, com uma das mãos na cintura. Riu da minha cara e me olhou meio de lado. Não lembro exatamente o que ela falou, mas foi algo como: “E se eu disser que você não faz o meu tipo?”.

Eu me apoiei no balcão e falei: “Meu nome é Billy Dunne. Sou o vocalista dos Dunne Brothers. E, se me passar seu telefone, vou compor uma música sobre você”.

Foi aí que ela cedeu. Não é o tipo de coisa que funciona com todas as mulheres. Geralmente só com as melhores.

CAMILA: Fui para casa e contei para minha mãe que tinha conhecido alguém. Ela perguntou: “É um bom rapaz?”.

Eu respondi: “Isso eu não sei” (*risos*). Caras bonzinhos nunca foram muito a minha praia.

No segundo semestre de 1969, os Dunne Brothers foram conquistando cada vez mais espaço para tocar em Pittsburgh e nas cidades vizinhas.

GRAHAM: Quando a Camila começou a andar com a gente, admito que pensei que ela fosse durar tão pouco quanto as outras. Mas devia ter percebido que daquela vez era diferente. Tipo, no dia em que a gente se conheceu, ela apareceu no show com uma camiseta do Tommy James. Aquela menina tinha um bom gosto para música.

WARREN: A gente começou a transar com um monte de garotas, sabe? E Billy, enquanto isso, se amarrando a uma pessoa só. Todo mundo arrumava alguém e ele ficava lá de mãos abanando, fumando um baseado e tomando uma cerveja para se distrair.

Uma vez saí do quarto de uma garota, fechando o zíper da calça, e o Billy estava sentado no sofá, vendo televisão. Eu falei: “Cara, você precisa largar mão dessa coisa de namorada”. Quer dizer, todo mundo gostava da Camila, ela era uma gata e dizia tudo na lata, o que é legal. Mas, cara, fala sério...

BILLY: Eu já tinha me apaixonado antes e dizia que era amor. Mas, quando conheci Camila, foi uma coisa bem diferente. Ela simplesmente... com ela as coisas faziam sentido para mim. Ela conseguiu fazer até eu gostar mais de mim mesmo.

Ela ia ver nossos ensaios, ouvia os sons novos que eu compunha e me dava dicas ótimas. E me trazia uma calma que... ninguém mais era capaz. Quando

estava com ela, eu tinha certeza de que ia dar tudo certo. Era como se eu tivesse seguindo uma estrela guia.

Sabe de uma coisa? Acho que Camila nasceu satisfeita, e não nasceu com essa vontade de provar alguma coisa para os outros, como alguns de nós. Eu costumava dizer que nasci quebrado e que ela nasceu inteira. Foi daí que veio a letra de “Born Broken”.

CAMILA: Quando o Billy foi conhecer meus pais, fiquei meio apreensiva. Só existe uma chance de causar uma boa impressão, principalmente no caso deles. Escolhi a roupa toda do Billy, até as meias. Ele teve que usar a única gravata que tinha.

Os dois gostaram muito dele, claro. Disseram que era uma pessoa cativante. Mas minha mãe também estava preocupada por eu confiar tanto assim em um carinha de uma banda qualquer.

BILLY: Pete era o único da banda que parecia entender por que eu tinha namorada. Uma vez, enquanto a gente estava arrumando as coisas para ir para um show, o Chuck falou: “Só avisa para ela que você não é homem de uma mulher só. As garotas entendem isso” (*risos*). Mas Camila não iria engolir uma conversa dessas.

WARREN: Chuck era bem legal, sabia ir direto ao ponto. Olhando para ele, ninguém imaginava que tivesse alguma coisa interessante a dizer. Mas ele sempre surpreendia. Foi Chuck quem me apresentou o Status Quo. Continuo escutando até hoje.

No dia 1º de dezembro de 1969, o Sistema de Serviço Seletivo dos Estados Unidos realizou um sorteio para determinar a ordem dos convocados para as Forças Armadas do país em 1970. Billy e Graham Dunne, nascidos em dezembro, ficaram com números excepcionalmente altos. Warren também

escapou, mas por pouco. Pete Loving ficou com um número nem muito alto nem muito baixo. Mas Chuck Williams, nascido em 24 de abril de 1949, entrou no sorteio com o número 2.

GRAHAM: Chuck foi convocado. Eu lembro de estar sentado na cozinha da casa dele, ouvindo a notícia de que ia para o Vietnã. Billy e eu estávamos tentando pensar em algum jeito de salvar a pele dele. Ele falou que não era um covarde. Nos vimos pela última vez quando tocamos num bar em Duquesne. Eu falei: “Quando você voltar, seu lugar na banda está garantido”.

WARREN: Billy assumiu o lugar do Chuck por um tempo, mas aí ouvimos falar que Eddie Loving [irmão mais novo de Pete Loving] tocava guitarra muito bem e o convidamos para um teste.

BILLY: Chuck era insubstitível. Mas outros shows foram aparecendo, e eu não estava a fim de continuar tocando guitarra base no palco. Então a gente convidou o Eddie. A ideia era que ele fosse um substituto temporário.

EDDIE LOVING (*guitarrista base, The Six*): Eu me entrosei bem com o pessoal, mas dava para ver que Billy e Graham queriam que eu me limitasse ao que tinham atribuído para mim, saca? *Toca isso, faz aquilo.*

GRAHAM: Depois de alguns meses, recebemos a notícia de um antigo vizinho do Chuck.

BILLY: Chuck morreu no Camboja. Estava lá não fazia nem seis meses, acho.

Às vezes é impossível não perguntar por que não fui no lugar dele, o que posso ter de tão especial para ter sido o cara que ficou. O mundo não faz muito sentido.

No final de 1970, os Dunne Brothers se apresentaram no Pint, em Baltimore, e Rick Marks, vocalista dos Winters, estava na plateia. Ele ficou impressionado com o som pesado da banda e simpatizou imediatamente com Billy, por isso os chamou para abrir alguns shows da turnê do grupo pelo noroeste dos Estados Unidos.

Os Dunne Brothers caíram na estrada com os Winters e logo de cara se sentiram influenciados pelo som deles. Karen, a tecladista dos Winters, também chamou a atenção do grupo.

KAREN KAREN (*tecladista, The Six*): Quando conheci os Dunne Brothers, Graham me perguntou: “Como você chama?”.

Eu respondi: “Karen”.

E depois perguntou: “Do quê?”.

Mas pensei que ele tivesse me perguntado meu nome de novo, como se não tivesse entendido.

Então falei: “Karen”.

Ele deu risada e disse: “Karen Karen?”.

Por causa disso todo mundo passou a me chamar de Karen Karen. Meu sobrenome é Sirko, por falar nisso. Mas esse negócio de Karen Karen pegou.

BILLY: A Karen acrescentava um elemento novo, um toque de classe, ao som dos Winters. Comecei a pensar que talvez a gente precisasse de alguma coisa assim.

GRAHAM: Billy e eu começamos a pensar... talvez a gente não precisasse de *alguém* como Karen. Talvez a gente precisasse da própria Karen.

KAREN: Saí dos Winters porque estava cansada dos caras da banda tentarem me levar para a cama o tempo todo. Só queria me concentrar na música.

E eu gostava da Camila. Ela aparecia depois dos shows às vezes, para ficar com o Billy. Eu gostava de ver o Billy com ela por perto, ou falando com ela pelo telefone. Era um clima bem mais agradável.

CAMILA: Quando eles saíram em turnê com os Winters, eu podia ir aos shows nos fins de semana e circular pelos camarins. Levava quatro horas de carro para chegar — e geralmente eram lugares bem sujos, com chiclete colado em tudo, o chão todo grudento. Eu dava meu nome na porta, me levavam lá para os fundos, e de repente era como se eu fizesse parte de tudo aquilo.

Eu encontrava Graham e Eddie e todo mundo gritava “Camila!”. E Billy vinha correndo me abraçar. Quando Karen entrou na banda também... a coisa deu um clique. Eu senti, tipo, *aqui é o meu lugar*.

GRAHAM: Karen Karen foi uma grande aquisição para a banda. Tornou tudo melhor. E ela era linda também. Além de talentosa, claro. Sempre achei que era meio parecida com a Ali MacGraw.

KAREN: Quando eu falei que os meninos dos Dunne Brothers não tentavam me levar para a cama, isso não vale para Graham Dunne. Mas eu sabia que ele apreciava o meu talento tanto quanto a minha aparência. Então isso nem me incomodava muito. Era fofo até. Isso sem contar que Graham era um cara sexy. Principalmente nos anos 70.

Nunca entendi por que esse lance de “Billy é o sex symbol”. Quer dizer, ele tinha aqueles olhos e cabelos escuros, as maçãs do rosto bem pronunciadas, essas coisas. Mas eu gosto de homens um pouco menos arrumadinhos. Gosto quando eles parecem perigosos, mas na verdade são bonzinhos. Graham é assim. Ombros largos, peito peludo, cabelos castanho-claros. Era bonito, mas meio rústico, nada vaidoso.

Mas admito que Billy ficava uma coisa naquela calça jeans.

BILLY: Karen toca muito bem. Todo o resto não importa. Sempre digo que não faz diferença se você é homem, mulher, branco, preto, hétero ou qualquer outra coisa no meio do caminho — se você sabe tocar, toca bem e pronto. A música é uma coisa bem igualitária nesse sentido.

KAREN: Os homens parecem achar que merecem um prêmio quando tratam as mulheres como seres humanos.

WARREN: Nessa época a bebedeira do Billy estava passando um pouco dos limites. Ele caía na farra com a gente, mas, depois que cada um ia para a cama com uma garota, Billy ficava acordado bebendo.

Mas sempre estava inteiro no dia seguinte, e a coisa toda era uma loucura para todos nós. Talvez menos para Pete. Ele conheceu uma garota chamada Jenny em Boston e sempre ficava pendurado no telefone com ela.

GRAHAM: Billy mergulha de cabeça em tudo o que faz. Ele ama com todas as forças, bebe com toda a vontade. Até o jeito como gasta dinheiro, parece que tem os bolsos furados. Foi também por isso que eu sugeri que ele fosse mais devagar com a Camila.

BILLY: A Camila ia com a gente às vezes, mas na maioria das vezes ficava me esperando em casa. Ainda morava com os pais, e eu ligava toda noite quando estava na estrada.

CAMILA: Quando ele estava sem moedas, fazia uma ligação a cobrar, e, assim que eu atendia, ele dizia: “Billy Dunne ama Camila Martinez”. E desligava antes da ligação começar a ser cobrada (*risos*). Minha mãe revirava os olhos, mas eu achava uma graça.

KAREN: Algumas semanas depois de entrar na banda, eu falei: “Precisamos de um novo nome”. Dunne Brothers não fazia mais o menor sentido.

EDDIE: Eu vinha dizendo há tempos que a gente precisava de um nome novo.

BILLY: A gente estava ganhando público com esse nome. Eu não queria mudar.

WARREN: A gente não conseguia escolher um nome. Acho que alguém sugeriu The Dipsticks. Eu queria que fosse Shaggin’.

EDDIE: Pete falou: “Você nunca vai conseguir fazer seis pessoas concordarem com esse nome”.

E eu disse: “Que tal The Six?”.

KAREN: Recebi uma ligação de um produtor de eventos da Filadélfia, porque eu sou de lá. Ele disse que os Winters tinham adiado um show num festival na cidade e perguntou se a gente topava se apresentar lá. Eu falei: “Claro, mas o nome da banda não é mais Dunne Brothers”.

Ele perguntou: “Então o que eu ponho no cartaz?”.

E eu falei: “Não sei, mas os seis vão estar lá”.

E eu gostei dessa coisa de remeter a nós seis, “The Six”.

WARREN: Uma parte do motivo de ser um nome tão bom é porque parece “The Sex”. Mas acho que ninguém nunca falou sobre isso. Era uma coisa tão óbvia que ninguém precisava falar nada.

KAREN: Eu não achava que o nome remetia a coisa nenhuma.

BILLY: “The Sex”? Não, nada a ver.

GRAHAM: Parece um pouco com “sex”. Isso era uma parte do apelo. Com certeza.

BILLY: A gente tocou lá na Filadélfia como The Six, e logo surgiu uma proposta para fazer outro show na cidade. E depois em Harrisburg. E depois Allentown. E aí rolou um convite para tocar no Ano-Novo num bar em Hartford.

Na época, a gente não ganhava muita grana. Mas eu gastava tudo o que tinha saindo com a Camila quando estava em casa. A gente ia à pizzaria que ficava perto de onde ela morava, ou eu pedia um dinheirinho emprestado para o

Graham ou o Warren para levá-la a um lugar legal. Ela vivia me falando para parar com aquilo. Dizia: “Se eu quisesse um cara rico, não teria passado meu telefone para um cantor de casamento”.

CAMILA: Billy tinha carisma, e foi por isso que me apaixonei. Foi sempre assim. Nos bons e maus momentos. Um monte de amigas minhas estava atrás de caras que tivessem dinheiro para comprar um anel de noivado bacana, sabe? Mas eu queria estar com alguém que eu achasse *fascinante*.

GRAHAM: Em 71, mais ou menos, conseguimos uns shows em Nova York.

EDDIE: Nova York era... enfim, era onde você descobria se tinha futuro.

GRAHAM: Uma noite a gente estava tocando num bar no Bowery, e lá fora, fumando um cigarro, estava um cara chamado Rod Reyes.

ROD REYES (*empresário, The Six*): Billy Dunne era um astro do rock. Estava na cara. Tinha confiança de sobra, sabia envolver o público. Cantava com muita emoção.

Essa é uma qualidade que algumas pessoas têm. Se você pegar dez caras e colocar numa fila ao lado do Mick Jagger, mesmo alguém que nunca ouviu falar nos Rolling Stones vai apontar para o Jagger e falar: “Aquele ali é um astro do rock”.

Billy tinha isso. E a banda fazia um som legal.

BILLY: Quando Rod apareceu para falar com a gente depois daquele show no Wreckage... esse foi o divisor de águas.

ROD: Quando comecei a trabalhar com a banda, tive umas ideias. Algumas foram bem recebidas e outras... nem tanto.

GRAHAM: Rod falou para eu cortar metade dos meus solos. Disse que eram interessantes para quem entendia de guitarra, mas para o resto do público eram um porre.

Eu falei: “Por que eu tocaria para quem não curte guitarra?”.

Ele respondeu: “Se você quiser fazer sucesso, precisa tocar para todo mundo”.

BILLY: Rod me mandou parar de escrever letras sobre coisas que eu não entendia direito. Ele disse: “Não reinventa a roda. Escreve sobre sua namorada”. Foi de longe o melhor conselho que já me deram na minha carreira.

KAREN: Rod me disse para usar decotes mais abertos, e eu falei “Vai sonhando”. Morreu o assunto.

EDDIE: Rod começou a descolar shows para nós na Costa Leste inteira. Da Flórida ao Canadá.

WARREN: Vou contar para você qual é o grande momento da vida de alguém que toca rock ‘n’ roll. Tem gente que acha que é quando chega o sucesso, mas não é. O sucesso traz uma pressão muito grande, e todo mundo fica com altas expectativas. O bom é quando você pensa que a sua banda está crescendo, quando tudo o que a gente tem é o potencial. Potencial é foda, felicidade pura.

GRAHAM: Quanto mais a gente ficava na estrada, mais o pessoal pirava. E Billy não era exatamente... Olha, o Billy gostava de atenção. Principalmente das mulheres. Mas, pelo menos nessa época, era só isso mesmo. Só atenção.

BILLY: Era um monte de coisa para equilibrar. Ter a pessoa que você ama em casa, enquanto se está na estrada. As garotas apareciam no camarim, e era comigo que queriam falar. Eu era... Eu não sabia como um relacionamento deveria funcionar.

CAMILA: A gente começou a brigar, Billy e eu. Admito que os meus desejos eram inconciliáveis naquela época. Queria que meu namorado fosse um astro do rock, mas que continuasse disponível o tempo todo para mim. E ficava brava quando ele não fazia o que eu queria. Eu era muito nova. Ele também.

Às vezes a coisa ficava feia a ponto de a gente passar uns dias sem se falar. Aí um dos dois ligava pedindo desculpas e as coisas voltavam ao normal. Eu era apaixonada por ele e sabia que meu amor era correspondido. Não era fácil. Mas, como minha mãe sempre me dizia: “Você nunca se interessou por nada que fosse fácil”.

GRAHAM: Uma noite, Billy e eu estávamos em casa, esperando a van para ir para o Tennessee, Kentucky ou sei lá. Camila apareceu para se despedir. E quando Rod encostou com a van, Billy foi dar tchau para ela.

Ele afastou o cabelo do rosto da Camila e encostou a boca na testa dela. Lembro que ele nem beijou ela de verdade. Só deixou a boca parada ali. E eu pensei comigo mesmo: *Nunca amei alguém desse jeito na minha vida.*

BILLY: Eu compus “Señora” para Camila, e, juro, as pessoas gostavam muito dessa música. Em pouco tempo, nos nossos melhores shows, levantavam para dançar e cantar junto.

CAMILA: Eu não tive coragem de contar para ele que, tecnicamente, eu era uma “señorita”. Tipo, a gente tem que se concentrar naquilo que importa. Enfim, quando eu ouvi... *“Let me carry you/ on my back./ The road looks long/ and the night looks black,/ but the two of us are bold explorers,/ me and my gold señora”*.*

Eu amei. Amei a música.

BILLY: Nós gravamos uma demo com “Señora” e “When the Sun Shines on You”.

ROD: Os meus melhores contatos nessa época eram de LA. Eu disse para a banda, acho que em 72... Eu falei: “A gente precisa viajar para o oeste”.

EDDIE: A Califórnia era onde as coisas mais legais estavam acontecendo, saca?

BILLY: Eu pensei comigo mesmo: *Tem alguma coisa dentro de mim que precisa fazer isso.*

WARREN: Eu já estava de malas prontas. Falei: “Vamos entrar nessa van agora”.

BILLY: Fui até a casa dos pais da Camila e pedi para ela sentar na cama. Aí falei: “Quer vir com a gente?”.

Ela perguntou: “O que eu faria na viagem?”.

Eu disse: “Sei lá”.

Ela falou: “Então ia ser só para eu ficar fazendo companhia para você?”.

Eu disse: “É, acho que sim”.

Ela pensou um pouco e respondeu: “Não, obrigada”.

Perguntei se a gente ia continuar junto, e ela falou: “Você vai voltar?”.
Respondi que não sabia.

E ela disse: “Então não”. Foi assim que eu levei um pé na bunda.

CAMILA: Eu estava contrariada por ele estar indo embora. E descontei tudo nele. Não soube como lidar com a situação.

KAREN: Camila me ligou antes de sairmos em turnê. Contou que tinha terminado com Billy. Eu falei: “Pensei que você estivesse apaixonada por ele”.

E ela respondeu: “Ele nem tentou me fazer mudar de ideia!”.

Eu falei: “Se você estiver mesmo apaixonada por ele, precisa deixar isso bem claro”.

E ela disse: “Ele é que está indo embora! Não sou eu quem tem que resolver isso”.

CAMILA: Amor e orgulho não combinam muito.

BILLY: O que eu podia fazer? Ela não queria ir comigo, e eu... eu não podia ficar.

GRAHAM: A gente arrumou as malas e se despediu da minha mãe. Ela estava casada com o carteiro na época. Quer dizer, eu sei que o nome do cara é Dave e tudo mais, só que sempre me referi a ele como o carteiro porque era esse o emprego dele. Ele entregava a correspondência no lugar onde ela trabalhava. Era o carteiro.

Enfim, deixamos nossa mãe lá com o carteiro e pegamos a van.

KAREN: Tocamos em todos os lugares possíveis no caminho da Pensilvânia até a Califórnia.

BILLY: Camila fez a escolha dela, e teve uma parte de mim que pensou: *Beleza, estou solteiro, então. Vamos ver o que ela acha disso.*

GRAHAM: Billy simplesmente pirou naquela viagem.

ROD: Não eram as mulheres que me preocupavam, no caso do Billy. Apesar de ter aparecido um monte de mulheres. Mas o Billy chapava tanto depois dos shows que eu precisava acordar ele na tarde seguinte com uns tapas no rosto, porque estava totalmente apagado.

CAMILA: Eu fiquei doente sem ele. Eu estava... mais do que arrependida. Acordava chorando todos os dias. Minha mãe dizia para eu ir atrás dele. Voltar atrás. Mas parecia tarde demais. Ele foi embora sem mim. Foi atrás dos seus sonhos. Como deveria ter feito.

WARREN: Chegando em LA, Rod descolou para nós uns quartos no Hyatt House.

GREG MCGUINNESS (*ex-concierge do hotel Continental Hyatt House*): Eu adoraria poder dizer que lembro de quando os Six apareceram e ficaram no hotel. Mas

não lembro. Tinha muita coisa rolando, um monte de bandas. Era difícil saber quem era quem, só lembro de ter conhecido Billy Dunne e Warren Rhodes mais tarde, e não na época.

WARREN: Rod acionou seus contatos. Começamos a fazer uns shows maiores.

EDDIE: Los Angeles era uma loucura total. Em todo lugar tinha gente que gostava de música, de curtir a noite. Eu pensei: *Por que diabos a gente não veio pra cá antes?* As garotas eram maravilhosas. E as drogas custavam muito barato.

BILLY: Fizemos uns shows em Hollywood. No Whisky, no Roxy, no P.J.'s. Eu tinha acabado de compor uma música nova, chamada "Farther from You". Era sobre a minha saudade da Camila, o quanto eu me sentia longe dela.

Quando começamos a frequentar a Strip, deu para sentir que a gente estava encontrando nosso estilo.

GRAHAM: Todo mundo começou a se vestir um pouco melhor. A gente precisou caprichar no visual quando chegou em LA. Comecei a usar as camisas desabotoadas até o peito. Ficava me sentindo o gostosão.

BILLY: Foi quando eu realmente comecei a usar... como é que as pessoas chamam hoje em dia? *All jeans*? Eu vestia camisa jeans e calça jeans praticamente todos os dias.

KAREN: Eu sentia que não conseguiria me concentrar na música se tocasse de bota e minissaia. Até gostava desse tipo de roupa, mas usava jeans de cintura alta e cacharrel na maior parte do tempo.

GRAHAM: Karen ficava gostosa demais com aquelas blusas de gola alta.

ROD: Quando eles começaram a chamar atenção, consegui marcar um show no Troubadour.

GRAHAM: “Farther from You” era uma ótima música. E dava pra ver que o sentimento de Billy era real. Ele nunca foi de fingir nada. Se estava sofrendo ou estava feliz, deixava tudo bem claro.

Nesse show do Troubadour, enquanto a gente tocava, olhei para Karen e vi que ela estava se deixando levar totalmente pelo som, sabe? Depois virei para Billy, que estava cantando com a alma. Aí pensei: *Este é o melhor show que já fizemos.*

ROD: Vi Teddy Price lá no fundo, só ouvindo. Nunca tinha falado com ele, mas sabia que era um produtor da Runner Records. A gente tinha uns amigos em comum. Depois do show, ele veio me procurar e falou: “Um cara da minha equipe ouviu a banda no P.J.’s. Eu falei que viria aqui para conferir”.

BILLY: A gente saiu do palco, e o Rod apareceu com um sujeito, um gordão bem alto de terno, e falou: “Billy, esse aqui é Teddy Price”.

A primeira coisa que Teddy disse — com aquele sotaque britânico bem carregado dele — foi: “Você deve ter um puta talento para ter escrito uma coisa assim sobre essa garota”.

KAREN: Ver Billy nessa hora foi como testemunhar o momento em que um cachorro encontra seu dono. Ele queria agradar Teddy de qualquer jeito, queria gravar um disco. Era um sentimento que exalava de dentro dele.

WARREN: Teddy Price parecia o próprio cão chupando manga. Nem a mãe do cara devia ter coragem de dizer que ele era bonito (*risos*). Estou brincando. Mas ele era feio mesmo. E sabia disso, só que não estava nem aí. E eu achava isso o máximo.

KAREN: Está aí a grande vantagem de ser homem. Ser feio não estraga a sua vida.

BILLY: Cumprimentei Teddy, e ele me perguntou se eu tinha outras músicas como aquela. Eu respondi: “Sim, senhor”.

Ele perguntou: “Onde você acha que sua banda vai estar em cinco anos? Dez anos?”.

E eu falei: “Vamos ser a maior banda do mundo”.

WARREN: Naquela noite eu autografei os peitos de uma garota pela primeira vez. Ela simplesmente desabotoou a blusa e falou: “Assina aqui em mim”. E eu assinei. Vou te dizer uma coisa, é o tipo de coisa que a pessoa nunca esquece.

Na semana seguinte, Teddy acompanhou a banda durante um ensaio num estúdio no vale de San Fernando e escutou as sete músicas preparadas para a ocasião. Pouco tempo depois, eles foram chamados à sede da Runner Records e apresentados ao CEO da gravadora, Rich Palentino, que fez uma oferta para gravar e divulgar suas músicas. O próprio Teddy Price produziria o álbum.

GRAHAM: A gente assinou o contrato umas quatro da tarde, e lembro de sairmos pela Sunset Boulevard, os seis juntos, com o sol batendo nos olhos, sentindo que Los Angeles estava abrindo os braços e dizendo: “Sejam bem-vindos, queridos”.

Uns anos atrás vi uma camiseta com uma frase do tipo “Uso óculos escuros porque meu futuro é brilhante demais”, e acho que o bostinha que estava vestindo essa roupa não tinha a menor ideia do que aquilo queria dizer. Ele nunca andou pela Sunset Boulevard sentindo o sol ofuscar os olhos, ao lado de cinco de seus melhores amigos e com um contrato para gravar um disco no bolso da calça.

BILLY: Naquela noite, todo mundo foi comemorar no Rainbow, e eu fui para a rua procurar um orelhão. Imagine que o maior sonho da sua vida virou realidade e

você está se sentindo vazio. Aquilo não significava nada se eu não pudesse compartilhar com a Camila. Então liguei para ela.

Meu coração disparou enquanto o telefone chamava. Coloquei o dedo no pescoço, e dava para sentir as veias pulsarem. Mas, quando Camila atendeu, foi como se eu estivesse deitando na cama depois de um longo dia. Só de ouvir a voz dela já me senti melhor. Eu falei: “Estou morrendo de saudade. Não consigo viver sem você”.

Ela respondeu: “Eu também estou com saudade”.

Eu continuei: “Por que a gente está fazendo isso? Meu lugar é com você”.

Ela respondeu: “É, eu sei”.

Ficamos em silêncio por um tempo, aí perguntei: “Se eu fechasse um contrato com uma gravadora, você casaria comigo?”.

Ela disse: “Quê?”.

CAMILA: Fiquei feliz demais por ele. Quer dizer, eu não sabia se era verdade. Mas ele tinha trabalhado muito para isso.

BILLY: Eu repeti: “Se eu fechasse um contrato com uma gravadora, você casaria comigo?”.

Ela falou: “Você arrumou uma gravadora?”.

Foi nesse momento que eu entendi tudo. Camila era mesmo minha alma gêmea. Ela estava mais feliz pelo contrato do que por qualquer outra coisa. Eu insisti: “Você não respondeu à minha pergunta”.

Ela perguntou: “Você assinou o contrato, sim ou não?”.

Eu rebati: “Você casaria comigo, sim ou não?”.

Ela ficou em silêncio por um tempo, aí respondeu: “Sim”.

E só então eu disse: “Sim”.

Ela começou a gritar, toda feliz. Eu falei: “Vem para cá, linda. Vamos colocar logo essas alianças no dedo”.

* “Deixe que eu carregue você/ nas minhas costas./ A estrada parece longa/ e a noite escura,/ mas nós dois somos exploradores audaciosos,/ eu e minha dama de ouro. (N. T.)

It girl
(1972-4)

Determinada a se tornar conhecida além do circuito da Sunset Strip, Daisy Jones começou a compor suas próprias músicas. Munida apenas de papel e caneta — e sem nenhuma formação musical —, Daisy conseguiu em pouco tempo criar esboços de mais de cem canções.

Certa noite, no início do segundo semestre de 1972, Daisy foi a um show do Mi Vida no Ash Grove. Na época ela estava saindo com Jim Blades, vocalista do Mi Vida. Perto do fim da apresentação, Jim convidou Daisy para subir ao palco e cantar um cover de “Son of a Preacher Man” com a banda.

SIMONE: O cabelo da Daisy estava bem comprido na época, e ela não usava mais franja. Estava sempre com os brincos de argola e os pés descalços. Daisy era simplesmente maravilhosa.

Naquela noite no Ash Grove, Daisy e eu estávamos sentadas lá no fundo. Jim a chamou várias vezes para subir no palco, e ela se recusou. Mas ele continuou insistindo quase o show inteiro, e no fim Daisy foi até ele.

DAISY: Foi uma sensação surreal. Toda aquela gente olhando para mim, esperando alguma coisa acontecer.

SIMONE: Quando começou a cantar com Jim, ela estava meio tímida, e isso me deixou surpresa. Mas dava para sentir que estava entrando cada vez mais no clima da música. Ela se soltou completamente no segundo refrão, começou a sorrir. Estava feliz no palco. E as pessoas não conseguiam tirar os olhos dela.

Quando foi chegando o fim da música, Jim parou de cantar e deixou que ela mandasse ver. O lugar veio abaixo.

JIM BLADES (*vocalista, Mi Vida*): Daisy tinha uma voz incrível. Era meio rouca, mas em nenhum momento ficava áspera. Era como se a garganta dela tivesse um relevo que o som precisava percorrer para sair. Isso tornava tudo o que ela cantava complexo, interessante e quase imprevisível. Eu mesmo nunca tive uma voz que fosse lá aquelas coisas. Isso é desnecessário se as músicas do seu repertório forem boas. Mas, pô, a Daisy era uma artista completa.

Quando ela cantava, a voz vinha lá das entranhas. As pessoas demoram anos para aprender isso, e para a Daisy era uma coisa natural, que ela fazia enquanto passeava de carro, ou enquanto dobrava as roupas depois de lavar. Sempre tentei convencê-la a subir no palco comigo, e ela sempre negou, até aquela noite no Ash Grove.

Acho que ela só concordou em finalmente cantar em público porque queria muito ser compositora. Eu falava: “A melhor coisa que você pode fazer pelas suas músicas é cantar”. A grande qualidade da Daisy era que ela conseguia atrair todos os olhares. Eu falei para ela tirar proveito disso.

DAISY: Senti que o Jim basicamente me disse que ninguém estava nem aí para o que eu cantava, desde que as pessoas pudessem olhar para mim. Ele tinha o dom de me irritar.

JIM: Se não me falha a memória, Daisy atirou o batom dela em mim. Mas, depois que se acalmou, veio me perguntar onde podia começar a se apresentar.

DAISY: Eu queria que as pessoas ouvissem as minhas músicas. Então comecei a cantar um pouquinho em outros lugares de LA. Mostrava umas composições minhas, fazia uns duetos com Simone.

GREG MCGUINNESS: Daisy saía com bastante gente, sabe?

Tipo, lembra quando rolou aquela briga entre o Tick Yune e o Larry Hapman na frente da Licorice Pizza? Tick abriu a testa do Larry? Foi uma loucura. Eu estava lá. Tinha comprado meu *Dark Side of the Moon*. Então devia ser o quê? Fim de 72? Talvez começo de 73. Olhei para fora, e Tick estava dando uma gravata no Larry. O pessoal falou que a briga era por causa da Daisy.

Além disso, ouvi dizer que Dick Poller e Frank Bates se ofereceram para ajudá-la a gravar uma demo, mas levaram um não.

DAISY: Do nada, tinha um monte de gente tentando me convencer a gravar uma demo. Tinha um monte de caras querendo ser meu empresário. Mas eu sabia o que isso significava. Em LA está cheio de caras só esperando que uma menina inocente caia na conversa fiada deles.

Hank Allen era o menos escroto. E era o único que eu conseguia tolerar.

Nessa época, eu já tinha saído da casa dos meus pais e estava morando no Chateau Marmont. Tinha alugado um chalé nos fundos do hotel. E o Hank sempre passava por lá, me deixava bilhetes e tudo mais. Ele era o único que não falava só de mim, mas das minhas músicas também.

Aí eu disse: “Certo, se quiser ser meu empresário, então pode ser”.

SIMONE: Quando conheci Daisy, eu era mais experiente, mais descolada, mais por dentro das coisas. Mas, no começo dos anos 70, ela era tudo isso.

Uma vez, eu estava no quarto dela no Marmont, olhando as coisas do closet, e vi um monte de vestidos e macacões da Halston. Eu perguntei: “Quando foi que você comprou essas roupas?”.

Ela respondeu: “Ah, eles me mandaram”.

Eu insisti: “Eles quem?”.

E ela falou: “Alguém da Halston”.

E isso quando ela nem tinha lançado nada. Nenhum álbum, nem uma faixa sequer. Mas ela aparecia nas revistas em fotos com astros do rock. Todo mundo era louco por ela.

Eu peguei algumas daquelas roupas da Halston.

DAISY: Fui até o Larrabee Sound gravar a demo que Hank queria. Acho que era uma música do Jackson Browne. Hank queria que eu cantasse com um tom meloso, mas eu não estava no clima. Então cantei do jeito que eu quis. Uma coisa meio áspera e sussurrada. Hank pediu: “Por favor, a gente pode gravar mais uma, com uma voz mais suave, de repente um tom acima?”.

Peguei minha bolsa, falei que não e fui embora.

SIMONE: Ela assinou com a Runner Records logo depois disso.

DAISY: O que me interessava de verdade era compor. Tudo bem ter que cantar, mas eu não queria ser uma marionete no palco, cantando palavras de outras pessoas. Queria fazer uma coisa minha. Cantar minhas próprias músicas.

SIMONE: Daisy não valoriza nada que venha muito fácil. Dinheiro, beleza e até a própria voz. Ela queria que as pessoas a *escutassem*.

DAISY: Assinei com a Runner Records. Mas não li o que o contrato dizia.

Não queria ficar lendo contratos e me preocupar com quem receberia quanto e o que aquelas pessoas esperavam de mim. Só queria compor minhas músicas e ficar doidona.

SIMONE: Depois que eles marcaram uma primeira reunião, fui até o chalé dela para escolher a roupa perfeita e as músicas certas para mostrar. De manhã, quando saiu de casa, Daisy estava nas nuvens.

Mas, algumas horas mais tarde, ela apareceu na minha casa, e deu para ver que tinha algo errado. Eu perguntei: “O que aconteceu?”. Ela só sacudiu a cabeça e passou direto por mim. Foi até a cozinha, pegou a garrafa de champanhe que a gente tinha comprado para comemorar, abriu e foi para o banheiro. Eu fui atrás e vi que ela estava enchendo a banheira. Tirou a roupa e entrou na água. Tomou um gole direto do gargalo.

Eu disse: “Fala comigo. O que aconteceu?”.

Ela respondeu: “Eles não estão nem aí pra mim”. Acho que na reunião passaram uma lista do que queriam que ela cantasse, e era tudo material do catálogo da gravadora. “Leaving on a Jet Plane” e coisas do tipo.

Eu perguntei: “Mas e as suas músicas?”.

Ela falou: “Eles não gostaram das minhas músicas”.

DAISY: Eles viram todo o meu material e não encontraram nada — nem uma única música — que eu pudesse gravar.

Eu falava: “E essa aqui? E essa? E aquela?”. Na mesa da sala de reunião, ao lado do Rich Palentino, eu virava as páginas do meu caderno, em pânico. Pensei que eles não tivessem nem lido as letras. Eles diziam que aquelas músicas ainda não estavam prontas. Que eu ainda não estava pronta para ser compositora.

SIMONE: Ela encheu a cara na banheira, e só me restava tirá-la de lá e colocá-la na cama depois que apagasse. E foi isso que eu fiz.

DAISY: Acordei no dia seguinte e voltei para o Marmont. Tentei pôr os pensamentos em ordem tomando sol ao lado da piscina. Não funcionou, então fumei uns cigarros e cheirei umas carreiras no meu chalé. Hank apareceu e tentou me acalmar.

Eu falei: “Me tira dessa”. E ele insistia em responder que eu não podia pensar daquele jeito.

Eu falava: “Posso, sim!”.

E ele respondia: “Não pode, não”.

Fiquei muito irritada. Sumi dali tão depressa que Hank não conseguiu me alcançar. Fui direto para a Runner Records. Já estava no estacionamento quando percebi que estava só com a parte de cima do biquíni e de calça jeans. Entrei na sala do Rich Palentino e rasguei o contrato na cara dele. Rich deu risada e disse: “Hank me ligou e avisou que você ia fazer isso. Mas não é assim que os contratos funcionam, meu amor”.

SIMONE: Daisy era uma Carole King, uma Laura Nyro. Porra, ela poderia ser até uma Joni Mitchell. E eles querendo que ela fosse uma Olivia Newton-John.

DAISY: Voltei para o Marmont depois de chorar um monte. Minha maquiagem estava toda borrada. Hank estava me esperando, sentado na soleira da porta. Ele falou: “Por que você não dorme um pouco e pensa melhor amanhã?”.

Eu respondi: “Não consigo dormir. Cheirei um monte e tomei muita dexedrina”.

Ele disse que podia me ajudar. Pensei que fosse me arrumar um pouco de metaqualona, como se fosse resolver alguma coisa. Mas ele me deu um seconal. Apaguei na hora e acordei me sentindo bem melhor. Sem ressaca. Nada. Pela primeira vez na vida, consegui dormir feito uma criança.

A partir daí, eu passava o dia à base de dexedrina e a noite à base de seconal. Com champanhe, para ajudar tudo a descer fácil.

Vida boa, né? Só que a vida boa nunca é boa para a vida. Mas isso já é outra história.

Estreia
(1973-5)

Os Six se estabeleceram de vez em Los Angeles e alugaram uma casa no alto das colinas de Topanga Canyon. Eles estavam se preparando para o lançamento de seu álbum de estreia. Teddy e sua equipe técnica, chefiada pelo engenheiro de som Artie Snyder, montaram sua base no Sound City, um estúdio de gravação em Van Nuys, na Califórnia.

KAREN: Assim que mudamos para aquela casa eu pensei: *Este lugar é um lixo.* Estava caindo aos pedaços, com portas empenadas, vidros trincados. Eu odiei. Mas, uma ou duas semanas depois, Camila foi ficar com a gente em LA. Ela chegou pela estrada cercada de mato, desceu do carro e falou: “Uau, esse lugar é o máximo!”. E como ela achava a casa legal, eu passei a achar também.

CAMILA: A casa era cercada de pés de alecrim. Eu adorava isso.

BILLY: Nossa, foi muito bom ter a Camila de volta. Como era bom ter aquela mulher nos meus braços de novo. A gente ia casar, eu estava em LA gravando um disco com o meu irmão — tudo parecia perfeito.

WARREN: Graham e Karen tinham seus próprios quartos, que davam para a cozinha. Pete e Eddie ficaram com a garagem. Billy e Camila, com o sótão. Então eu peguei a única suíte.

GRAHAM: O quarto do Warren tinha uma privada. Ele dizia que era uma suíte, mas não era nada disso. Tinha só uma privada lá, num dos cantos do cômodo.

BILLY: Teddy era uma pessoa noturna. Ia para o estúdio à tarde e ficava até de madrugada, às vezes até de manhã.

Quando a gente estava gravando, era como se o resto do mundo não existisse. Naquele estúdio mal iluminado ninguém pensava em nada além da música.

Eu e Teddy... nós mergulhamos de cabeça. Acelerando compassos e gravando em diferentes tons, experimentando de tudo. Comecei a mexer com outros instrumentos. Eu ignorava tudo o que não fosse música quando estava no estúdio. Mas depois ia para casa e encontrava Camila dormindo, com as cobertas espalhadas na cama. Em geral, eu estava meio bêbado e ia deitar ao lado dela.

Nessa época, eu passava as manhãs com a Camila. Assim como a maioria dos casais costuma sair para jantar depois de um dia de trabalho, Camila e eu íamos tomar café da manhã. Os meus dias preferidos eram aqueles em que eu nem dormia. A gente acordava e ia até Malibu tomar café na beira da Pacific Coast Highway.

Todo dia ela pedia a mesma coisa: um chá gelado sem açúcar com três rodela de limão.

CAMILA: Chá gelado, três rodela de limão. Água com gás, duas rodela de limão. Martíni com duas azeitona e uma cebola. Tenho preferências bem específicas para bebida (*risos*). Sou exigente em relação a um monte de coisa.

KAREN: As pessoa pensa que Camila passava o tempo todo atrás do Billy, cuidando dele e tudo mais, só que não era bem assim, sabe? Ela era dura na queda. E sabia conseguir o que queria. Quase sempre, aliás. Era bem persuasiva e meio impositiva até, apesar de a gente nunca sentir que ela estava impondo nada. Mas Camila tinha uma personalidade forte, sabia fazer valer sua vontade.

Lembro de uma vez que ela desceu com Billy para a sala de estar, acho que pouco antes do meio-dia. Estava todo mundo com a roupa da noite anterior, essas coisa. A gente só ia para o estúdio bem mais tarde. Camila falou: “Que tal

um café da manhã caprichado? Com panquecas, waffles, bacon, ovos e tudo a que a gente tem direito?”.

Mas Billy ouviu Graham me chamar para sair e comer um hambúrguer em vez disso e quis ir junto.

Então Camila disse: “Eu posso fazer hambúrgueres para vocês em casa”.

E a gente topou. Então, ela mandou Billy sair para comprar carne e mandou trazer bacon também. E ovos para o dia seguinte.

Mas depois voltou da cozinha dizendo que a carne que Billy tinha trazido não parecia estar muito boa. Então fez só bacon. E, como estava preparando bacon e tinha ovos, poderia fazer umas panquecas também.

Quando fomos ver, era uma e meia da tarde e a gente numa mesa cheia de comida de café da manhã sem nenhum hambúrguer. Estava tudo gostoso, e ninguém além de mim percebeu o que ela havia feito.

Era disso que eu gostava nela. Camila não era uma pessoa passiva, que aceitava tudo o que os outros queriam. Mas era preciso prestar atenção para perceber isso.

EDDIE: O resto do pessoal nunca estava em casa, ou pelo menos na maior parte do tempo, e eu achei que Camila fosse ajudar mais com as tarefas domésticas, de repente fazer uma faxinazinha, sabe? Uma vez eu falei: “Quando a gente estiver fora, você pode dar uma arrumada na casa e tal”.

CAMILA: Eu falei: “Tudo bem”. E, depois disso, fiz questão de não limpar absolutamente nada.

GRAHAM: Foi uma época bem agitada. Billy estava sempre compondo. E o resto do pessoal sempre trabalhando nas músicas. Passando um tempão no estúdio, até dormindo lá às vezes.

Karen e eu ficamos várias noites acordados até o sol nascer, criando um riff ou uma melodia.

WARREN: Nessa época eu deixei o bigode crescer. Tem caras que não ficam bem de bigode de jeito nenhum, sabe? Mas eu sim. Deixei crescer durante a gravação do primeiro disco e nunca mais raspei.

Quer dizer, uma vez raspei, mas fiquei parecendo um frango depenado, então deixei crescer de novo.

GRAHAM: A gravação de um álbum, principalmente um disco de estreia, consome muito a gente. Mas talvez Billy tenha ficado meio obcecado. Acho que foi por isso — apesar de todo mundo cheirar um pouco quando estava no estúdio —, para mim foi por isso que Billy começou a usar cocaína todo dia. Ele estava sempre pilhado.

BILLY: Eu estava tentando fazer com que aquele disco fosse o melhor álbum já gravado na história da humanidade (*risos*). Digamos que naquela época eu não era muito bom em dosar minha expectativa.

EDDIE: Billy assumiu o controle de muita coisa nesse álbum. E Teddy deixou.

Billy escrevia as letras e compunha o que quase todo mundo ia tocar. Quando ele aparecia, já sabia como iam ser as guitarras e o teclado, e fazia questão de mostrar o que queria que fosse feito na bateria. Só não interferia muito no que Pete fazia, deixava uma margem de manobra um pouco maior para ele. Mas, para o resto de nós, ele ditava como o som ia ser, e a gente obedecia.

Eu ficava só olhando para o resto do pessoal, esperando para ver se alguém ia falar alguma coisa. Mas ninguém falava nada. Parecia que a opinião dele era a única que contava. E, quando alguém ficava hesitante, Teddy apoiava a ideia do Billy.

ARTIE SNYDER (*engenheiro de som dos álbuns The Six, SevenEightNine e Aurora*): Teddy achava que Billy era o grande talento dos Six. Ele nunca me disse isso diretamente, mas nós passamos um tempão juntos na sala de controle ao longo dos anos. E às vezes a gente saía depois que a banda voltava para casa,

para tomar uns drinques ou comer um hambúrguer. Teddy era um cara que gostava de comer. Quando a gente falava: “Vamos beber?”, ele respondia: “Vamos comer?”. A verdade é que eu conhecia o Teddy muito bem.

E Billy era o favorito dele. Teddy só queria saber a opinião dele, de mais ninguém. Ele olhava só para o Billy, mesmo quando toda a banda estava presente.

Não me entenda mal, todos os músicos eram talentosos — uma vez mostrei uma base instrumental da Karen como exemplo para outro tecladista, para mostrar como ele deveria tocar. E uma vez ouvi Teddy comentar com outro produtor que Pete e Warren um dia seriam o melhor instrumental do rock. Mas ele se concentrava no Billy.

Uma noite, enquanto ia cada um para o seu carro, Teddy falou que Billy tinha uma coisa que ninguém é capaz de ensinar. Eu concordei com ele. E continuo concordando.

GRAHAM: Billy sempre perguntava se a gente podia gravar mais uma vez, mexer mais um pouco na mixagem. Teddy dizia para a gente que preferia o som mais cru possível. Ele gastou um bocado de energia para fazer com que Billy fosse simplesmente Billy.

BILLY: Teddy me disse uma vez: “Esse seu som é uma sensação. Esse é o lance. E isso vale mais do que qualquer outra coisa”.

E eu lembro de ter perguntado: “E que sensação é essa?”.

Eu escrevia letras sobre amor e cantava com uma voz áspera. Nós tínhamos umas guitarras pesadas e uma linha de baixo influenciada pelo blues. Então pensei que Teddy fosse dizer “a sensação de levar para casa uma garota que conheceu no bar”, ou “a sensação de dirigir um conversível em alta velocidade com a capota abaixada”, ou alguma coisa do tipo, sabe? Uma coisa divertida, talvez meio perigosa.

Mas o que ele falou foi: “É uma sensação indefinível. Se eu soubesse descrever direitinho, perderia toda a graça”.

Isso reverberou fundo em mim.

KAREN: Era o máximo gravar um disco num estúdio de verdade. Tinha equipamentos de sobra para deixar tudo afinadinho, gente à disposição para ir buscar nosso almoço ou comprar um pouco de erva se a gente quisesse. Todo dia tinha uma mesa posta para o lanche, que acabava virando nosso jantar.

Teve uma vez que, no meio da gravação, um cara apareceu com um prato de cookies com gotas de chocolate. Eu falei: “Aqui já tem cookies de sobra”.

E o cara falou: “Deste tipo aqui não tem, não”. Eram cookies de maconha. Até hoje não sei quem mandou aquilo para nós.

EDDIE: “Just One More” foi composta e gravada num dia que mandaram para nós um monte de cookies com erva. A música, que foi criada quase toda pelo Billy com a minha ajuda, parece ser sobre querer transar com uma garota pela última vez antes de cair na estrada de novo. Mas, na verdade, era sobre ter comido toda a parada e querer mais um cookie daqueles.

WARREN: Eu comi três cookies daqueles e guardei um para mais tarde enquanto Billy escrevia uma letra sobre querer mais um. Eu pensei: *Porra! Ele sabe que eu ainda tenho mais um!*

GRAHAM: Foi bem divertido. A gente se divertiu muito nessa época.

BILLY: Tinha mesmo aquela sensação... de saber que está vivendo uma puta coisa legal e que vai lembrar daquilo pelo resto da vida.

GRAHAM: Na penúltima noite da gravação, cheguei em casa vindo sei lá de onde e encontrei a Karen sentada no gradil do deque, olhando lá para baixo, para o cânion. Warren estava numa cadeira, quebrando uma colherinha de plástico para ficar num formato que parecia uma arvorezinha de Natal.

Karen virou para mim e falou: “Pena que estou com água até os meus tornozelos. Seria bom sair para dar uma caminhada”.

Então eu perguntei: “O que vocês tomaram? Tem um pouco sobrando aí?”.

KAREN: Era mescalina.

WARREN: Naquela noite, quando Graham, Karen e eu tomamos peiote, lembro de pensar que, mesmo que o disco saísse uma merda, ia ficar tudo bem. Porque eu podia esculpir colherinhas de plástico para viver. Não fazia o menor sentido, claro. Mas foi um pensamento que ficou gravado na minha cabeça. A gente não pode apostar todas as fichas numa coisa só.

GRAHAM: Terminamos de gravar em novembro, acho.

EDDIE: Terminamos tudo lá para março.

GRAHAM: Aí, durante um mês ou dois, Billy e Teddy continuaram no estúdio, trabalhando na mixagem. Eu ia para lá às vezes, para ver o que eles estavam fazendo. Dei algumas ideias, e Billy e Teddy sempre me ouviam. Quando eles tocaram para a gente a mixagem final, eu fiquei de boca aberta.

EDDIE: Ninguém podia pôr os pés no estúdio, a não ser Teddy e Billy. Eles continuaram trabalhando naquilo durante meses. E aí, finalmente, a gente pôde ouvir.

Mas saiu um puta álbum. Eu comentei com Pete: “Nosso som ficou do caralho”.

BILLY: Tocamos a gravação para Rich Palentino na sala de reuniões da sede da Runner. Passei o tempo todo balançando a perna debaixo da mesa. Estava nervoso. Era nossa chance. Se Rich não gostasse, acho que eu ia ter um troço.

WARREN: Nessa época, o Rich passava para nós aquela imagem do coroa vestido de terno. Eu pensei: *Quem é esse careta de merda para me julgar?* Ele era tipo a encarnação da opressão corporativa.

GRAHAM: Não fiquei olhando para o Rich, só fechei os olhos e escutei. E, quando abri os olhos de novo, pensei: *Não tem como esse cara não gostar.*

BILLY: Depois da última nota de “When the Sun Shines on You”, fiquei olhando para o Rich. Graham e Teddy também — na verdade, todo mundo. Rich abriu um sorrisinho e falou: “Vocês fizeram um ótimo disco”.

E se Rich tinha gostado, estava resolvido. Foi como se a última parte de mim que ainda me prendia ao chão tivesse acabado de se soltar, como se alguém tivesse cortado a corda do balão e eu saísse voando por aí.

NICK HARRIS (*crítico de rock*): A estreia deles, com o álbum que levava o nome da banda, foi uma entrada respeitável no mundo do rock. Era um som bem-acabado e econômico, meio que um blues-rock sem frescura de uma banda que sabia fazer boas canções de amor e que tinha aperfeiçoado a arte de disfarçar as referências às drogas. Tinha um toque de folk, uma coisa sedutora, muito ritmo, riffs de guitarra, bateria pesada e a voz áspera, mas não agressiva, do Billy Dunne.

Foi um começo promissor.

Depois de fazer a foto da capa, comparecer aos eventos de lançamento da gravadora, dar uma entrevista para a revista Creem e esperar pelo impacto inicial do álbum, Rod Reyes e a Runner Records começaram a planejar uma turnê de lançamento, passando por trinta cidades.

BILLY: Tudo aconteceu bem depressa. E eu fiquei... Durante um tempão a gente nunca foi a atração principal, e de repente passou a ser. E, quando você começa a sentir que está fazendo sucesso de verdade, quando seu estilo de vida muda totalmente e tal, você precisa parar para pensar e perguntar se realmente merece tudo aquilo.

Qualquer um que não for um puta de um idiota vai chegar à conclusão de que não. Porque é claro que você vai achar que não merece. Porque seus amigos de infância têm três empregos diferentes para se manter. Ou então eles foram para a guerra para nunca mais voltar, como o Chuck. Claro que você vai achar que não merece. É preciso aprender a conciliar as duas coisas. O que você tem e o que acha que merece. Senão você acaba fazendo o que eu fiz, que foi não pensar a respeito.

Era por isso que eu estava louco para cair na estrada, para voltar a fazer turnês. Na estrada não dá tempo de pensar na vida real. É meio que um botão de pausa que congela tudo ao redor.

EDDIE: A gente tinha uma turnê gigante pela frente, saca? Com entrevistas em lugares bacanas, um ônibus só para a banda. A sensação era boa. Muito boa mesmo.

BILLY: Uma noite antes de a gente sair em viagem, Camila e eu estávamos na cama, enrolados nas cobertas. O cabelo dela estava ainda mais comprido nessa época. Nossa, dava para se perder no meio daquela cabeleira toda.

O cabelo e as mãos dela tinham um cheiro meio de terra, meio de ervas. Ela colhia alecrim, amassava nas mãos e passava no cabelo. Toda vez que sinto cheiro de alecrim, mesmo hoje, é como se eu me transportasse para lá e voltasse a ser aquele moleque inexperiente e idiota que morava numa casa no alto de um cânion com sua banda e sua namorada.

E naquela noite, na véspera do começo da turnê, eu estava sentindo o cheiro de alecrim no cabelo dela. Foi nesse momento, pouco antes de a gente pegar a estrada na manhã seguinte, que ela me contou.

CAMILA: Eu estava grávida de sete semanas.

KAREN: Camila queria filhos. Já no meu caso, isso nunca fez parte dos planos. Acho que é uma coisa que a gente sente. É uma coisa que ou você tem no coração ou não tem.

Não dá para colocar lá se você não tiver nascido com aquilo.

E também não dá para tirar se essa vontade estiver lá.

E Camila tinha isso no coração.

BILLY: No começo, eu fiquei feliz. Eu acho. Ou... *(pausa)* Pelo menos fiz muita força para ficar feliz. Acho que eu sabia... sabia que estava feliz. Mas também estava tão assustado que não sabia o que fazer.

Tentei me concentrar em alguma coisa para aceitar melhor tudo aquilo. E decidi que a gente precisava casar imediatamente. A gente estava planejando fazer isso depois da turnê, mas eu decidi que não ia dar para esperar. Não sei por que isso fazia tanta diferença para mim... mas... *(pausa)* Assim que eu soube que ela estava grávida, senti que a gente precisava virar uma família de verdade.

CAMILA: Karen conhecia um cara que tinha licença para realizar casamentos. Ela pegou o número dele com um conhecido e ligamos naquela mesma noite. Ele foi pra lá na hora.

EDDIE: Eram quatro da manhã.

CAMILA: Karen improvisou uma decoração na varanda dos fundos.

KAREN: Eu pendurei tiras de papel-alumínio em todas as árvores (*risos*). Isso não vai pegar nada bem, levando em conta a consciência ecológica que o pessoal tem hoje e tal. Mas, em minha defesa, ficou tudo bem bonito. Balançando ao vento, refletindo a luz do luar.

GRAHAM: Warren prendia umas luzes de Natal na bateria, porque gostava de iluminar os tons. Perguntei se podia usar, e ele ficou reclamando, porque já tinha embalado tudo para a viagem. Eu falei: “Warren, vai buscar essas suas lâmpadas antes que eu conte pra todo mundo como você está sendo cuzão”.

WARREN: Não era problema meu se Billy e Camila decidiram casar do nada no meio da madrugada.

KAREN: A decoração ficou insana quando Graham e eu terminamos de arrumar. Tipo, qualquer um ia querer se casar ali, mesmo que tivesse todo o tempo do mundo para planejar a cerimônia.

BILLY: Enquanto a Camila se trocava, fui até o banheiro e me olhei no espelho. Tive que repetir várias vezes para mim mesmo que era capaz de fazer aquilo. *Eu consigo. Eu consigo.* Desci para o quintal, e depois Camila desceu com uma camiseta branca e calça jeans.

KAREN: Ela vestiu uma blusinha amarela de crochê. Estava uma graça.

CAMILA: Eu não estava nem um pouco nervosa.

EDDIE: Eu tinha um restinho de filme na minha Polaroid, então tirei uma foto. Acabei cortando a cabeça deles. Dá para ver só as pernas da Camila e o cabelo dela até o meio das costas. E um pedaço do peito do Billy. Eles estão de mãos dadas, olhando um para o outro. Fiquei puto por não ter pegado o rosto deles. Mas eu estava muito louco.

GRAHAM: Camila disse que amava Billy de forma incondicional, falou sobre eles, sobre o bebê, sobre serem uma equipe. Como se eles fossem um time de verdade, desses que disputam campeonatos. Olhei para o lado, e Pete estava chorando. Ele tentou esconder, mas estava na cara. Os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Olhei para ele como quem pergunta: “Sério mesmo?”. E ele simplesmente deu de ombros.

WARREN: Porra, o Pete chorou o tempo todo (*risos*). Aquele cara era muito engraçado.

BILLY: Camila falou — eu lembro dessa parte direitinho —, ela disse: “Nós somos uma equipe, para todo o sempre. E eu sempre vou torcer para nós”. Mas uma voz na minha cabeça me dizia que eu não podia ser pai. Eu não conseguia silenciar essa voz. A coisa ficou... ficou reverberando lá dentro. *Você vai fazer merda e estragar tudo. Você vai fazer merda e estragar tudo.*

GRAHAM: Olha, um homem que não teve pai não tem a menor ideia de como agir e não tem nem para quem perguntar.

Entendi isso mais tarde, quando tive filhos. É como ser o primeiro a passar por uma trilha, abrindo caminho na base do facão. A própria palavra “pai”. Para a gente isso era o mesmo que “inútil”, “cretino”, “bêbado”. E Billy ia passar a ser descrito por essa palavra também. Então, precisava arrumar um jeito de lidar com aquilo. Quando chegou a minha vez, eu podia contar com o Billy, pelo menos. Na época, ele não tinha ninguém.

BILLY: A voz na minha cabeça ficava dizendo: *Você nem tem pai, como pode ser o pai de alguém?*

Essa voz... (*pausa*) Isso marcou o começo de um período bem ruim, quando deixei de ser eu mesmo. Na verdade, não. Eu não gosto de dizer as coisas nesses termos — a gente nunca deixa de ser quem é, né? A gente continua sendo quem sempre foi. Mas às vezes... às vezes vira uma pessoa de merda.

KAREN: Eles se beijaram, e dava para ver que Camila estava chorando. Billy a pegou no colo e correu lá para cima. Todo mundo caiu na risada. Eu paguei o cerimonialista, porque Billy e Camila nem lembraram.

BILLY: Lembro de estar deitado naquela cama com a Camila — logo depois do nosso casamento — e só pensava em cair fora. Mal podia esperar para entrar no ônibus porque... simplesmente não conseguia olhar nos olhos dela. Sabia que ela ia perceber o que estava se passando na minha cabeça se prestasse atenção na minha cara.

Eu não conseguia mentir para ela. Não sei se isso é bom ou ruim. As pessoas acham que mentir é errado, mas... sei lá. As mentiras às vezes também servem para proteger as pessoas.

Fiquei deitado até o sol nascer, e então ouvi o ônibus estacionar e pulei da cama na hora. Dei um beijo rápido de despedida nela.

CAMILA: Eu não queria que ele fosse. Mas também jamais deixaria que ele ficasse.

GRAHAM: Quando levantei de manhã, Billy já estava na porta do ônibus, conversando com Rod.

BILLY: Depois que carregamos tudo, o motorista do ônibus arrancou, e Camila apareceu na porta da frente de camisola. Ela correu até lá para se despedir. Eu acenei de volta, mas... não foi fácil olhar para ela.

GRAHAM: Não era fácil entender Billy. Aquela manhã, a viagem de ônibus...

BILLY: Naquela noite, fomos para Santa Rosa, onde tínhamos um show no Inn of the Beginning. Mas eu não estava no clima.

EDDIE: O primeiro show da turnê não foi legal. E a culpa de isso acontecer era nossa... A gente não estava tão sincronizado como deveria, sabe? Billy confundiu dois versos de “Born Broken”. E Graham errou a entrada dele na segunda parte.

KAREN: Eu não fiquei muito preocupada. Mas dava para ver que Billy e Graham ficaram chateados com o que aconteceu.

BILLY: Depois voltamos para o hotel. Umas garotas começaram a aparecer no quarto. Tinha um bar inteiro montado lá para nós. Bebi mais do que deveria. Estava com um copo numa mão e uma garrafa de Jose Cuervo na outra, servindo dose atrás de dose. Um copo, outro copo, mais um copo.

Lembro que Graham me pediu para pegar leve. Mas eu estava com muita coisa na cabeça.

Ia virar pai, estava casado, Camila estava em LA, a gente tinha feito um show péssimo, o disco tinha acabado de sair, mas não dava para saber se ia fazer sucesso.

A tequila amenizava tudo isso.

Então, quando Graham me pediu para segurar a onda, não dei a menor bola. E, sabe como é, tinha pó também. Eu estava cheirando. E alguém apareceu com metaqualona, e eu catei alguns comprimidos.

WARREN: Nossos quartos eram conjugados, e eu estava no maior amasso com uma garota em um canto. Era uma menina bacana — que estava usando uma echarpe como blusa —, mas de repente ela ficou preocupada e quis saber onde estava a irmã. Eu nem sabia que ela tinha uma irmã.

Aí alguém gritou: “Acho que ela está com o Billy”.

BILLY: Não lembro de mais nada do que aconteceu depois das três ou quatro da manhã. Quando acordei, estava na banheira do hotel... e não estava sozinho. *(pausa)* Tinha uma... uma loira deitada em cima de mim. Estou morrendo de vergonha de contar isso, mas é a verdade.

Eu levantei e vomitei.

GRAHAM: Quando acordei, vi Billy no estacionamento fumando um cigarro. Estava andando de um lado para o outro, meio que falando sozinho. Parecia até um doido. Fui até lá, e ele falou: “Eu fiz merda. Eu fiz merda e estraguei tudo”.

Eu já sabia o que tinha acontecido. E tentei impedir. Mas era impossível impedir Billy de fazer qualquer coisa. Eu disse: “Só não faz isso de novo, cara. E ponto-final. Nunca mais faça isso”.

Ele balançou a cabeça e falou: “É”.

BILLY: Liguei para a Camila só para ouvir a voz dela. Sabia que não podia contar o que tinha feito. E prometi a mim mesmo que nunca mais faria aquilo, que não tinha tido a menor importância.

CAMILA: Você está me perguntando se eu sabia que ele estava sendo infiel, como se fosse possível ter certeza disso. Como se fosse preto no branco. Mas não é. A gente desconfia, mas aí meio que se convence do contrário. Depois desconfia de novo. Aí pensa que está ficando louca. E depois se pergunta se a fidelidade é mesmo uma coisa tão importante assim, se precisa estar em primeiro lugar.

O que tenho a dizer é que já vi muitos casamentos em que todo mundo é fiel e ninguém é feliz.

BILLY: No fim da ligação, Camila falou que precisava desligar, e em seguida disse: “Tchau, nós amamos você”.

E eu perguntei: “Nós?”.

E ela falou: “Eu e o bebê”.

E isso meio que... isso acabou comigo. Acho que desliguei o telefone sem nem me despedir.

KAREN: Camila era minha amiga. Fiquei morrendo de raiva do Billy por me colocar numa posição que me obrigava a contar para Camila o que ele tinha feito ou então mentir para ela.

BILLY: Bebedeira, drogas, sexo casual, é tudo a mesma coisa.

A gente estabelece os limites. Mas aí acaba passando dos limites mesmo assim. E, de repente, surge aquela ideia perigosa de que dá para ultrapassar os limites sem que nada aconteça. O mundo não vai acabar por causa disso.

A gente pega uma linha divisória muito clara e transforma numa zona cinzenta. E de vez em quando acaba indo longe demais de novo, e essa zona cinzenta vai ficando ainda mais difícil de distinguir, e a gente pensa: *Tinha um limite muito claro aqui, só não sei onde.*

GRAHAM: Virou rotina: chegar à cidade, passar o som, tocar, cair na farra, voltar para o ônibus. Se a gente tocava bem, a farra era melhor ainda. Hotéis, mulheres, drogas. O tempo todo, sem parar. Hotéis, mulheres, drogas. Para todo mundo. Mas principalmente para Billy.

WARREN: A gente criou um esquema nessa época. Cada um tinha cinco palitos de fósforo. Era assim que as pessoas eram convidadas para curtir as festas depois dos shows. Quem tivesse um palito podia entrar. A gente podia distribuir para as garotas que quisesse da plateia. Obviamente, todo mundo tentava evitar as mais esquisitonas.

ROD: Deixa eu contar uma coisa sobre ser empresário de uma banda de rock. A gente viaja por tudo quanto é canto, com roadies, equipe de palco e o diabo a

quatro. E ninguém — nenhum dos membros da banda — jamais se perguntou como a gente conseguia se manter sempre abastecido de combustível.

No final de 73 a gente estava no meio da crise do petróleo, com racionamento de combustível. O coordenador da turnê e eu precisávamos subornar os frentistas dos postos, como se fosse uma questão de vida ou morte. Eu trocava as placas dos veículos para burlar o racionamento.

E ninguém sabia disso, porque todo mundo só pensava em transar, beber e se drogar.

KAREN: Eu mal conseguia reconhecer Billy naquela turnê. Ele desmaiava no ônibus deitado com uma garota qualquer. Convidava meninas para acompanhar a gente nas viagens de uma cidade a outra.

EDDIE: Sabe como é, Billy fez um trato com um dos roadies para ter um suprimento de tequila e metaqualona todas as noites, a madrugada inteira.

KAREN: O disco estava vendendo bem, e a turnê foi esticada em mais seis semanas. Quando conversei com Camila a respeito, ela perguntou: “Karen, será que é melhor eu ir me encontrar com vocês?”.

Eu fui logo respondendo, sem hesitar um segundo: “Não, fica aí”.

WARREN: Posso resumir essa primeira turnê em poucas palavras: eu estava transando um monte, Graham estava sempre chapadaço, Eddie estava bebendo demais, Karen estava ficando de saco cheio, Pete só queria saber de falar no telefone com a namorada, e Billy fazia todas essas cinco coisas ao mesmo tempo.

EDDIE: Eu estava no camarim depois do show em Ottawa, tomando umas cervejas com os caras do Midnight Dawn. Graham estava comigo. Karen também. Pete estava esperando Jenny, a namorada dele. Ela tinha saído de Boston e estava indo para lá. Eu nem conhecia a garota ainda, porque Pete

sempre foi um cara discreto, na dele. Ele não apresentou a menina que namorava na época do colégio nem para os nossos pais! Então eu estava animado por finalmente conhecer a tal Jenny, para ver o motivo de tanto interesse.

E aí ela aparece, alta pra caramba, com um cabelo loiro comprido, usando um vestidinho minúsculo e sapatos de salto fino, umas pernas enormes, e eu pensei: *Não é à toa que Pete está obcecado por essa garota.*

E, logo atrás dela, vi a Camila entrando.

CAMILA: Eu queria fazer uma surpresa. Estava com saudade. Estava entediada. Estava... preocupada. Poxa, eu tinha acabado de casar, estava grávida de seis meses e passava a maior parte do tempo sozinha numa casa enorme e velha em Topanga Canyon. Eu tinha motivos de sobra para ir até lá.

Mas, sim, uma das razões era ver se estava tudo certo. Ver se ele estava aprontando. E obviamente estava.

KAREN: Eu falei para ela não ir. Mas ela não me ouviu. Apareceu para fazer uma surpresa para o Billy.

A barriga estava começando a aparecer. Uns cinco meses de gravidez, talvez? Alguma coisa assim. Ela estava com um vestido bem largo e com o cabelo preso.

GRAHAM: Eu vi Camila e pensei: *Ah, não.* Mas levantei e dei um jeito de ir até a porta. Discretamente, saí correndo na hora. Imaginei que Billy estivesse no ônibus ou no hotel, mas não tinha certeza, então resolvi arriscar. Corri dois quarteirões inteiros até o hotel.

Devia ter escolhido o ônibus.

KAREN: Ela encontrou o Billy no ônibus. Uma parte de mim queria ir atrás dela para impedir, mas a outra parte estava satisfeita porque as coisas finalmente seriam esclarecidas.

EDDIE: Eu não estava lá, mas ouvi dizer que ela entrou e ele estava... Não sei bem que palavra usar... no meio de uma sessão de *sexo oral*, digamos. Com uma groupie.

BILLY: Eu sabia que estava brincando com fogo, mas mesmo assim fiquei surpreso de verdade quando me queimei.

Lembro da cara da Camila. Foi tipo... ela não ficou brava, nem chateada, e sim em choque. Ficou paralisada, só olhando, sem reação. Ela me encarou, e eu me vesti o mais depressa que podia.

A garota que estava comigo deu no pé — não queria saber de se meter em confusão nem nada.

Quando a porta do ônibus se fechou, olhei para Camila e falei: “Desculpa”. Foi a primeira coisa que eu disse; na verdade, a única. Foi quando a ficha finalmente caiu e Camila se deu conta do que tinha acontecido, do que estava rolando.

CAMILA: Acho que o que eu falei foi, com o perdão da palavra, mas acho que foi: “Putá que pariu, quem você pensa que é para me trair desse jeito? Acha que existe alguma mulher melhor que eu no mundo?”.

WARREN: Eu estava lá fora conversando com os caras da equipe de palco, e peguei uma parte da briga. Dava para ver mais ou menos o que estava rolando pelo para-brisa. Para mim pareceu que ele estava apanhando. Ela estava com uma bolsa na mão, e acho que deu umas bolsadas nele. Logo em seguida eles saíram do ônibus.

CAMILA: Falei para ele ir tomar um banho antes de me ouvir.

BILLY: Eu queria que ela me largasse. (*pausa*) Já pensei muito sobre isso e... era esse o motivo. Minha esperança era que ela terminasse comigo.

Nessa noite, Camila estava me esperando no quarto do hotel quando saí do banho. Senti que estava ficando sóbrio e não gostei nada daquela sensação. Estiquei uma carreira para cheirar, e lembro que Camila me olhou e falou: “O que você está fazendo?”.

Ela não falou esbravejando. Era uma pergunta mesmo. *O que eu estava fazendo?* Não soube como responder. Só encolhi os ombros, e lembro de como me senti idiota, dando de ombros daquele jeito, e para uma mulher como ela. A mulher que estava carregando um filho meu. E eu me comportando como um garotinho de dez anos.

Ela me encarou, esperando uma resposta, só que eu não tinha uma. Então ela falou: “Se está pensando que eu vou deixar você estragar sua vida desse jeito, está muito enganado”. Em seguida, virou as costas e foi embora.

GRAHAM: Camila me falou que estava voltando para casa, que não estava a fim de lidar com aquela palhaçada. Ela me pediu para cuidar do Billy naquela noite. Eu estava de saco cheio de cuidar do Billy. Só que não dá para dizer não para uma mulher como Camila, ainda mais com ela grávida. Então concordei.

E ela falou: “Quando o Billy acordar, entrega esta carta para ele”.

BILLY: Acordei com um baita enjoo e uma dor de cabeça horrorosa. Parecia que os meus olhos estavam sangrando. Karen apareceu do meu lado com um pedaço de papel, com uma cara de quem estava puta da vida. Peguei o papel e li. A letra era da Camila. A mensagem dizia: “Você tem até 30 de novembro; depois disso vai virar um homem decente pelo resto da vida. Entendeu bem?”.

A previsão era que o bebê nascesse em 1º de dezembro.

CAMILA: Acho que eu me recusava a aceitar que ele era uma pessoa tão baixa assim.

Não estou dizendo que ele nunca aprontou. Ah, porque aprontou, sim. Bem na minha cara. Eu nunca tinha ficado tão perdida e amedrontada. Era uma coisa que me deixava mal todos os dias. E não sabia qual parte de mim estava pior. Meu

coração ficou apertado, meu estômago revirava, minha cabeça latejava. Ah, ele aprontou feio.

Mas isso não significava que eu precisava *aceitar*.

ROD: Eu não conhecia Camila muito bem, mas a decisão de continuar com Billy não era muito difícil de entender. Quando os dois se envolveram, ele mostrou que era um cara legal. E quando ela ficou sabendo que a vida dele estava desandando, o relacionamento já estava sério demais. Se ela quisesse que seu bebê tivesse um pai, ia ter que dar um jeito no Billy. Bem fácil de entender, né?

BILLY: Como um perfeito idiota, eu pensei comigo mesmo: *Certo, vou usar só até 30 de novembro, e depois vou limpar meu organismo de todas essas merdas. Vou aproveitar para fazer tudo agora. Para depois não ter que fazer nunca mais.*

Às vezes acho que os viciados não são tão diferentes do resto do mundo, só que são melhores em mentir para si mesmos. Eu era muito bom em mentir para mim mesmo.

KAREN: Ele não parou de fazer nada do que vinha fazendo.

ROD: A turnê foi estendida de novo, porque conseguimos abrir alguns shows do Rick Yates. Era uma ótima notícia. Uma grande chance de ganhar visibilidade. O disco tinha sido bem recebido. “Señora” estava subindo nas paradas.

Mas Billy estava bem perdido. Pegando ainda mais pesado depois que foi pego no flagra pela Camila. Com o pó, com as garotas e tudo mais.

Para ser bem sincero, eu achava que a situação era administrável. Não era o ideal, mas era o tipo de problema que dava para contornar.

Achei que, enquanto ele não chegasse nas paradas mais pesadas mesmo — tipo tranquilizantes ou heroína —, ia conseguir segurar a onda.

GRAHAM: Eu não sabia o que fazer. Não sabia como ajudar, nem conseguia acreditar no que ele dizia para mim. Me senti um inútil, para ser bem sincero.

Eu pensava: *Sou o irmão dele. Devia saber do que ele precisa. Devia aprender a perceber quando ele estiver mentindo sobre não estar tão doidão assim.*

Mas eu não sabia. E me sentia... Fiquei com vergonha de nem sempre sacar o que ele estava aprontando.

EDDIE: Estava todo mundo meio que contando os dias. Tipo, *sessenta dias até o Billy ficar sóbrio*. Depois quarenta dias. E, então, vinte dias.

BILLY: A gente estava em Dallas, abrindo para o Rick Yates. E Rick curti cheirar heroína. Eu pensei: *Preciso experimentar heroína pelo menos uma vez.*

Aquilo fazia todo o sentido para mim. Seria mais fácil largar as drogas se eu já tivesse experimentado heroína. E não que eu fosse injetar. Só ia cheirar. E já tinha usado ópio antes. Assim como todo mundo. Então, quando estava no camarim do Rick no Texas Hall e ele me ofereceu uma carreirinha... enrolei uma nota e mandei ver.

ROD: Eu sempre dizia para o meu pessoal ficar longe de tranquilizantes e heroína. Ninguém morre por ficar acordado, e sim quando vai dormir. É só pensar em Janis Joplin, Jimi Hendrix, Jim Morrison. Os calmantes matam.

GRAHAM: A partir daí, tudo foi ladeira abaixo. Quando ele começou a usar heroína com Yates, passei a viver o tempo todo com um frio na barriga. Tentava ficar de olho nele. Pedia para ele parar com aquilo.

ROD: Quando descobri que ele estava andando com Yates, liguei para Teddy. Eu disse: “O cara vai acabar se matando”. Teddy falou que ia dar um jeito.

GRAHAM: Por mais que a gente tente aconselhar e fazer a pessoa manear, não tem como dar certo se o próprio usuário não estiver a fim de parar.

EDDIE: Quando faltavam dez dias, ele começou a esquecer das letras no palco. Ali eu percebi que ele nunca ia parar de usar.

BILLY: No dia 28 de novembro, Teddy apareceu no nosso show em Hartford. Ele estava no camarim quando nossa apresentação acabou.

Eu falei: “O que você está fazendo aqui?”.

Ele disse: “Você vai voltar para casa”. Ele me pegou pelo braço e me largou só quando a gente estava praticamente dentro do avião. Camila tinha entrado em trabalho de parto.

Quando chegamos, ele me arrastou até o carro e me levou para o hospital. Paramos em fila dupla num lugar proibido na porta da frente. Teddy falou: “Sobe lá, Billy”.

Depois de meses de viagem, só o que eu precisava fazer era passar por aquela porta... mas... não conseguia. Não podia conhecer meu bebê naquele estado.

Teddy desceu do carro e subiu para o quarto dela sozinho.

CAMILA: Eu tinha acabado de passar dezoito horas em trabalho de parto sem ninguém além da minha mãe ao meu lado. E estava esperando meu marido entrar pela porta a qualquer momento, então tentei ficar apresentável. Hoje eu entendo que... a pessoa não consegue se curar sozinha. Não é assim que funciona nesses casos. Mas na época eu achava que seria assim. Porque não sabia.

Enfim, quando a porta se abriu, não era Billy... era Teddy Price.

Eu estava morrendo de cansaço e suando frio, explodindo de hormônios, segurando uma bebezinha que tinha acabado de conhecer e que era a cara do Billy. Decidi que ela ia se chamar Julia.

Minha mãe estava disposta a levar nós duas, eu e Julia, para a Pensilvânia. E minha vontade era de largar tudo. Naquele momento, desistir do Billy era mais fácil do que continuar acreditando. Eu queria falar: “Diz para ele que eu vou criar essa criança sozinha”. Mas eu precisava continuar tentando ter a vida que queria para mim e para minha filha. Então falei: “Teddy, pode dizer que, ou ele começa a ser pai imediatamente, ou vai se internar numa clínica para se tratar. Agora”.

Teddy balançou a cabeça e saiu.

BILLY: Fiquei do lado de fora do hospital por um tempo que me pareceu uma eternidade, mexendo na maçaneta da porta. Aí Teddy finalmente desceu e falou: “Você agora tem uma filhinha. Ela é a sua cara. Se chama Julia”.

Fiquei sem saber o que responder.

E, em seguida, Teddy disse: “A Camila falou que você tem duas opções. Você pode subir para o quarto agora e ser um bom marido e um bom pai ou pode se internar para se tratar. É uma coisa ou outra”.

Pus a mão na maçaneta e pensei: *Eu posso simplesmente dar no pé.*

Mas acho que Teddy percebeu o que eu estava pensando, porque falou: “Ela não deu mais nenhuma opção, Billy. Porque não existem opções. Tem gente que consegue lidar com bebida e droga. Você não. Então isso precisa acabar agora”.

Isso me fez lembrar de quando era criança, com uns seis ou sete anos. Eu adorava colecionar aqueles carrinhos Matchbox, era obcecado por aquelas coisas. Mas minha mãe não tinha grana para comprar todos os que eu queria. Então eu ficava procurando na calçada, para o caso de alguém ter perdido algum. Até consegui alguns carrinhos desse jeito. E, quando brincava com os outros meninos do bairro, às vezes surrupiava um ou outro deles. Cheguei até a roubar uns no mercadinho. Quando minha mãe descobriu, sentou comigo e perguntou: “Por que você não pode se contentar em ter menos carrinhos, como todo mundo?”.

Nunca encontrei uma resposta para isso.

Eu simplesmente sou assim.

Nesse dia, olhei para dentro do hospital e vi um cara saindo com a mulher e um bebê no colo. Olhei para ele e... parecia o tipo de homem que eu jamais conseguiria ser.

Fiquei me imaginando saindo do hospital daquele jeito, olhando para minha filha e sabendo o pai de merda que ela ia ter.

(voz embargada) Não que eu não quisesse ser [pai]. Queria muito ser. Você não imagina quanto. É que... Eu não queria que a minha garotinha tivesse que me conhecer.

Eu não queria... tão cedo na vida dela, não queria que a minha filha olhasse para um merda, um bêbado, um inútil, e pensasse: *Esse é o meu pai?*

Foi assim que me senti. Fiquei com vergonha de ser visto pela minha filha.

Então dei no pé. Não tenho orgulho disso, mas é a verdade. Fui me internar para evitar que a minha filha me conhecesse.

CAMILA: Minha mãe falou: “Espero que você saiba o que está fazendo, querida”. Acho que dei uma resposta malcriada, mas no fundo estava pensando: *Eu também espero.*

Pensei bastante sobre isso durante um tempão, sabe? Décadas. E, no fim, a situação se resume a uma coisa. Só tem um motivo para eu ter feito o que fiz.

Não me pareceu justo que a pior versão dele fosse definir como o resto da minha vida ia ser, como a minha família ia ser.

Eu tinha que tomar uma decisão. E queria construir uma vida — uma família, um bom casamento, um lar — com ele. Com o homem que eu sabia que ele era. E era isso que eu teria, custasse o que custasse.

Billy se internou para tratar da dependência química no segundo semestre de 1974. Os Six cancelaram os shows do resto da turnê.

Os outros membros da banda tiraram férias. Warren comprou um barco, que ficava atracado em Marina del Rey. Eddie, Graham e Karen continuaram na casa de Topanga Canyon, e Pete se mudou temporariamente para a Costa Leste, para ficar perto de sua namorada, Jenny Manes. Camila alugou uma casa em Eagle Rock, onde foi viver com a filha.

Depois de sessenta dias numa clínica de reabilitação, Billy Dunne enfim conheceu sua filha Julia.

BILLY: Não sei se me internei pelos motivos certos. Covardia, vergonha, fuga da responsabilidade e tudo mais. Mas fiquei por lá pelos motivos certos.

Fiquei lá porque, no meu segundo dia de internação, o psicólogo da terapia em grupo me mandou parar de imaginar que minha filha teria vergonha de mim. Disse que eu precisava começar a acreditar que ela teria orgulho de mim. Vou dizer uma coisa para você, isso ficou na minha cabeça. Não conseguia parar de pensar nisso.

Pouco a pouco, isso foi virando a luz que me levava para o fim daquele túnel... imaginar minha filha... *(pausa para se recompor)* Me imaginar como um homem que minha filha se sentiria feliz de ter como pai.

Continuei me esforçando todos os dias para tentar ser esse homem.

GRAHAM: No dia em que Billy teve alta da clínica, peguei Camila e a bebê e fui com elas buscá-lo.

Nossa, Julia era a bebê mais gorducha que eu já tinha visto *(risos)*. É verdade! Perguntei para Camila: “Você está dando milk-shake para essa criança?”. Umass bochechas enormes, uma barriguinha de chope. A coisa mais linda.

Tinha uma mesinha de piquenique com guarda-sol do lado de fora da clínica. Camila ficou sentada lá com Julia no colo. Eu entrei para pegar Billy. Ele estava com a mesma roupa de quando a gente tinha se visto pela última vez, em Hartford. Mas não parecia tão magro e estava com uma cara mais saudável.

Eu perguntei: “Está pronto?”.

Ele respondeu: “Estou”. Mas dava para ver que estava inseguro.

Dei um abraço nele e disse o que pensei que ele precisasse ouvir. Eu falei: “Você vai ser um ótimo pai”. Acho que deveria ter dito isso mais cedo. Não sei por que não fiz isso.

BILLY: Julia tinha dois meses e três dias quando a vi pela primeira vez. Ainda hoje é difícil não... não sentir raiva de mim mesmo por isso. Mas, assim que botei os olhos nela, meu Deus *(sorriso)*. Quando cheguei até a mesinha de

piquenique onde elas estavam, foi como se alguém tivesse aparecido com um machado e arrancado toda a minha casca. Eu me senti totalmente exposto. Uma sensação de ser capaz de sentir tudo, reverberando até os pontos mais profundos do sistema nervoso.

Eu tinha... tinha constituído uma família. Totalmente por acaso, sem planejar, e sem ter as qualidades de um pai de família digno desse nome, eu acho, mas tinha uma família. E ali estava aquela pessoinha com olhos iguais aos meus, que não sabia quem eu tinha sido antes. E só o que importava era quem eu ia ser dali para a frente.

Minhas pernas amoleceram. Senti uma gratidão enorme por Camila.

Eu... Não dava para acreditar no que eu tinha feito Camila passar, nem que ela ainda estava me dando outra chance. Eu não merecia. E sabia disso.

Disse que passaria o resto da vida tentando ser tudo o que ela merecia e muito mais. Não sei se alguma vez na vida fiz uma promessa de coração tão aberto como nesse dia.

Sei que tecnicamente a gente já estava casado fazia quase um ano, mas foi nesse momento que me entreguei para ela. Para todo o sempre. E para minha filha também. Eu queria me dedicar às duas, queria criar aquela menina com tudo o que pudesse oferecer.

Quando entramos no carro, Camila cochichou para mim: “Somos uma equipe, para todo o sempre. Não vai esquecer disso de novo, hein?”.

Eu fiz que sim com a cabeça, e ela me beijou. E Graham levou a gente para casa.

CAMILA: Acho que a gente precisa mostrar que tem fé nas pessoas mesmo quando elas não merecem. Caso contrário não seria fé, certo?

First
(1974-5)

Em 1974, Daisy Jones vinha se recusando a comparecer às sessões de gravação no Record Plant, em West Hollywood, e estava descumprindo seu contrato assinado com a Runner Records.

Simone Jackson, enquanto isso, depois de ser contratada pela Supersight Records, vinha fazendo sucesso internacional cantando hits dançantes de rhythm & blues que mais tarde se tornariam clássicos do gênero protodisco. Com músicas como “The Love Drug” e “Make Me Move”, Simone estava no topo das paradas de sucesso de música dançante na França e na Alemanha.

Enquanto Simone se preparava para uma turnê europeia no início do segundo semestre de 1974, Daisy estava ficando cada vez mais insatisfeita.

DAISY: Eu passava os dias tomando sol e as noites me drogando. Tinha parado de compor porque não via sentido em continuar, já que não iam me deixar gravar minhas músicas.

Hank ia me visitar todo dia, fingindo preocupação comigo, mas na verdade sua intenção mesmo era me convencer a entrar no estúdio, como se eu fosse uma égua premiada que se recusava a correr no hipódromo.

Então, um dia Teddy Price apareceu na minha porta. Acho que ele ficou responsável por me convencer a ir para o estúdio. Teddy devia ter uns quarenta ou cinquenta e poucos anos na época. Um cara britânico, bem simpático, com um ar paternal.

Quando abri a porta, ele não entrou nem me cumprimentou. Foi logo falando: “Vamos parar com a palhaçada. Você precisa gravar esse disco, ou vai ser processada pela Runner”.

Eu respondi: “Não estou nem aí pra isso. Eles podem pegar o dinheiro de volta e até me expulsarem daqui se quiserem. Posso ir morar numa caixa de papelão na rua”. Eu era bem irritante. Não sabia o que era sofrer na vida.

Teddy falou: “É só aparecer no estúdio, querida. Qual é a dificuldade?”.

Eu expliquei: “Quero compor meu próprio material”. Acho que até cruzei os braços que nem uma criancinha, de tanta birra.

Ele disse: “Eu li suas letras. Algumas são bem boas. Mas você não tem nenhuma música inteira. Não tem nada pronto para ser gravado”. Teddy falou que, se eu cumprisse meu contrato com a Runner, ele poderia me ajudar a aprimorar o meu material para fazer um disco com minhas próprias músicas. Ele disse que esse era o nosso objetivo futuro.

Eu rebati: “Quero lançar minhas próprias composições *agora*”.

Aí ele se irritou de vez e falou: “Você quer ser uma groupie profissional? É essa a sua ideia? Porque o que estou vendo aqui é que você tem uma chance de caminhar com as próprias pernas. Mas, se continuar assim, o máximo que vai conseguir é engravidar do Bowie”.

Aliás, vou aproveitar a ocasião para deixar uma coisa bem clara: eu nunca fui para a cama com David Bowie. Nunca mesmo.

Eu falei: “Sou uma *artista*. Então, é melhor vocês me deixarem gravar o disco que quero, caso contrário não vou aparecer no estúdio. Nunca”.

Teddy respondeu: “Daisy... uma pessoa que insiste em ter as condições perfeitas para produzir não é uma artista. É uma imbecil”.

Bati a porta na cara dele.

E, mais tarde naquele dia, abri meu caderno de composições e comecei a ler. Por mais que eu detestasse admitir, dava para entender o que ele tinha dito. Eu tinha alguns bons versos escritos, mas nenhuma música que estivesse bem trabalhada do início ao fim.

Meu jeito de compor nessa época era imaginar mais ou menos uma melodia, escrever a letra e seguir em frente. Não mexia nas músicas mais de uma ou duas vezes.

Eu estava sentada na sala de estar do meu chalé, olhando pela janela, com meu caderno no colo, e percebi que, se não começasse a me esforçar de verdade — tipo colocar sangue, suor e lágrimas naquilo que queria —, nunca chegaria a lugar nenhum, nunca faria nada que tivesse alguma importância.

Liguei para Teddy alguns dias depois e falei: “Vou gravar o disco de vocês. Eu topo”.

E ele respondeu: “O disco é seu, não nosso”. E percebi que ele tinha razão. O álbum não precisava ser exatamente como eu queria para ser meu.

SIMONE: Um dia, depois de voltar à cidade, fui visitar Daisy no Marmont, e na cozinha do chalé vi um papel com uns versos colado na geladeira.

Eu perguntei: “O que é isso?”.

Daisy falou: “É uma música em que estou trabalhando”.

Eu questionei: “Mas você não tem um monte?”.

Ela sacudiu a cabeça e disse: “Essa eu estou tentando deixar redondinha”.

DAISY: Foi uma grande lição para mim na juventude — a diferença entre ganhar as coisas de mão beijada e merecer de verdade. Eu estava tão acostumada a ter o que queria que não fazia ideia de como é importante para a alma conquistar as coisas.

Se eu puder agradecer a Teddy Price por qualquer coisa — e, para ser sincera, tenho muito a agradecer a ele —, mas se tivesse que escolher uma... foi ter me ensinado a trabalhar duro para conseguir o que queria.

E foi isso que decidi fazer. Compareci às sessões no estúdio, tentei permanecer relativamente sóbria e cantei o que eles mandaram. Não aceitava cantar da forma que eles queriam o tempo *todo*, resisti um pouco também — e inclusive acho que o álbum ficou melhor por eu ter batido o pé e feito as coisas um pouco à minha maneira. Mas não me recusei a fazer o que eles pediram. Entrei no jogo.

E quando a gente terminou, com dez baladas e arranjos bonitinhos, Teddy perguntou: “E então, como está se sentindo?”.

Respondi que sentia que tinha feito uma coisa que não era exatamente o que eu imaginava, mas que talvez fosse boa. Falei que o disco não era a minha cara e que não sabia se era ótimo, péssimo ou alguma coisa entre um extremo e outro. Teddy deu risada e falou que todo artista pensava assim. Eu gostei de ouvir isso.

Perguntei qual deveria ser o nome do álbum, e ele disse que não sabia. Eu falei: “Queria que se chamasse *First*. Porque é só o primeiro de muitos que pretendo fazer”.

NICK HARRIS: Daisy Jones lançou *First* no começo de 1975. Ela foi anunciada como uma aspirante a Dusty Springfield. Na capa, aparece se olhando num espelho colocado sobre um fundo amarelo-claro.

Não era um disco inovador, de forma nenhuma. Mas, olhando para trás, dá para ver um pouco da inquietação por trás dessa imagem.

O primeiro single lançado, uma versão de “One Fine Day”, era mais complexa que a maioria das outras gravações da música, e o segundo single — ela fez uma regravação de “My Way Down” — foi muito bem recebido.

Enfim, é um álbum bem mediano, mas cumpriu o que se propôs a fazer. O nome dela se tornou conhecido. Ela conseguiu se apresentar na TV, no *American Bandstand*, e foi tema de um artigo na revista *Circus*, em que aparece com aqueles brincos de argola que viraram sua marca registrada.

Ela era linda, comunicativa e interessante. O repertório ainda não era lá aquelas coisas, mas... dava para ver que Daisy Jones ia chegar lá. O grande momento dela estava por vir.

SevenEightNine
(1975-6)

Depois de sair da clínica de reabilitação, Billy Dunne foi para casa com Camila e a filha recém-nascida e logo voltou a compor. Quando sentiu que já tinha material suficiente, os Six entraram em estúdio para trabalhar em seu segundo disco. De junho a dezembro de 1975, a banda gravou as dez músicas do álbum SevenEightNine. Mas, quando todos deram os trabalhos como encerrados, Teddy avisou que Rich Palentino achava que não havia no disco uma música que pudesse chegar ao topo das paradas de sucesso.

BILLY: Foi como levar uma rasteira. A gente estava orgulhoso daquele álbum.

EDDIE: Para ser bem sincero, fiquei surpreso por Teddy não ter levantado esse problema antes. Ouvi o disco sem a masterização de áudio e me pareceu meio comportado demais — digo, em termos dos *temas* de que as músicas tratavam. As letras que Billy escreveu eram todas sobre a família dele.

O Pete conseguiu definir isso direito: “Rock ‘n’ roll tem mais a ver com transar com uma garota pela primeira vez, e não fazer amor com a esposa”. E quem falou isso foi Pete! Ele estava tão apaixonado quanto o Billy.

GRAHAM: Eu disse para o Teddy que várias faixas poderiam ser bons singles. Eu falei: “Que tal ‘Hold Your Breath’?”.

Ele disse: “Lenta demais”.

Eu insisti: “Que tal ‘Give In’?”.

Ele respondeu: “É um rock pesado demais”.

Continuei sugerindo músicas, e Teddy continuou dizendo que Rich estava certo. As faixas eram boas, mas a gente precisava de alguma coisa que tivesse um apelo mais amplo. Falou que o objetivo era mirar o topo das paradas. O primeiro disco tinha ido bem, mas, se a gente quisesse crescer, precisava pensar grande.

Eu falei: “Claro, mas a ideia não é chegar ao primeiro lugar necessariamente. Isso é para quem está interessado em agradar ao público médio, esse tipo de coisa”.

Teddy retrucou: “Vocês têm que mirar o primeiro lugar porque estão fazendo um puta som do caralho”.

Fazia sentido.

BILLY: Não lembro de quem foi a ideia de fazer um dueto. Só sei que eu jamais pensaria nisso.

EDDIE: Quando Teddy disse que achava que a gente devia transformar “Honeycomb” num dueto, fiquei ainda mais confuso. Ele ia pegar a música com a pegada menos roqueira do álbum, acrescentar um vocal feminino e *isso* ia resolver o problema? Isso só ia transformar o disco numa coisa ainda mais “top 40”.

Eu falei para o Pete: “Eu não quero fazer parte de uma porra de uma banda de soft rock”.

BILLY: “Honeycomb” é uma música romântica, mas também meio melancólica. Escrevi a letra pensando na vida que prometi para a Camila. Ela queria mudar para a Carolina do Norte um dia, quando a gente estivesse mais velho e quisesse sossegar. A mãe dela tinha sido criada lá. Ela queria comprar uma casa perto da praia. Com um terreno enorme e sem vizinhos num raio de um quilômetro.

Foi uma coisa que prometi para ela. Que a gente ia ter isso algum dia. Tipo morar numa espécie de sítio com um monte de filhos. Um lugar tranquilo e

pacífico depois de todos os problemas que causei. “Honeycomb” era sobre isso. Não fazia nenhum sentido colocar outra pessoa para cantar.

Teddy não concordava. Ele falou: “Escreve uma parte para uma mulher cantar, dizendo o que a Camila responderia para você”.

GRAHAM: Pensei que o dueto fosse ser cantado pela Karen. Ela tinha uma voz ótima.

KAREN: Eu não tenho condições de ser a primeira voz numa música. Posso fazer um bom acompanhamento no refrão, mas sozinha não aguento o tranco.

WARREN: Graham fazia de tudo para tentar bajular Karen. Eu ficava sempre pensando: *Não vai rolar, cara. Desencana.*

BILLY: Teddy ficou falando de trazer uma mulher com uma pegada musical mais dançante. Eu não gostei disso, não.

KAREN: Teddy sugeriu uns dez nomes até Billy finalmente ceder. Eu estava lá quando aconteceu.

Billy estava lendo a lista que Teddy trouxe e falando: “Não. Não. Não. Tonya Reading? Não. Suzy Smith? Não”. Aí Billy perguntou: “Quem é Daisy Jones?”.

E Teddy ficou todo empolgado, disse que estava esperando aquela pergunta, porque achava que Daisy era a pessoa certa.

GRAHAM: Ah, eu tinha ouvido Daisy cantar no Golden Bear uns meses antes. Achei sexy para caramba. Uma voz bem rouca e sem firulas. Mas não achava que ela se encaixaria no nosso álbum. Era querer juntar duas coisas muito diferentes. Ela era mais nova, mais pop. Falei para Teddy: “Por que você não traz a Linda Ronstadt para cantar com a gente?”. Todo mundo tinha uma quedinha por ela na época. Mas Teddy falou que precisava ser alguém da nossa gravadora. Disse que Daisy tinha uma pegada mais comercial que podia beneficiar a gente.

Fui obrigado a admitir que entendia o lado do Teddy.

Eu disse para o Billy: “Se o Teddy está querendo atrair um público diferente, faz sentido chamar a Daisy”.

BILLY: Teddy estava inflexível. *Daisy, Daisy, Daisy*. Até Graham começou a insistir comigo. Eu falei: “Certo. Se essa tal Daisy estiver a fim, beleza. Vamos tentar”.

ROD: Teddy era um bom produtor. Ele sabia que as pessoas estavam começando a gostar de Daisy Jones. Se a música desse certo, podia virar sucesso.

DAISY: Eu já tinha ouvido falar nos Six, óbvio, já que a gente era da mesma gravadora e tudo mais. E ouvia as músicas deles no rádio.

Só não tinha prestado muita atenção no primeiro disco deles, mas quando Teddy tocou *SevenEightNine* para mim, fiquei boquiaberta. Adorei o álbum. Devo ter ouvido “Hold Your Breath” umas dez vezes seguidas.

Adorei a voz do Billy. Tinha uma coisa meio melancólica. Bem vulnerável. Eu pensei: *Está aí a voz de um cara que passou por poucas e boas*. Achei bem evocativa e sofrida. Isso eu não tinha. A minha voz era como uma calça jeans nova, e a do Billy, como aquela que você já tem há anos.

Dava para ver que a gente tinha potencial para complementar um ao outro muito bem. Ouvi várias vezes a versão inacabada de “Honeycomb”, e senti que tinha alguma coisa faltando. Eu li a letra e... *saquei* a música de verdade.

Parecia uma chance para mim, de dar a minha colaboração, acrescentar alguma coisa. Eu estava animada para entrar no estúdio, porque achei que poderia ser *útil* de verdade.

BILLY: Estava todo mundo no estúdio no dia em que Daisy apareceu, e achava que todo mundo, com exceção de mim e Teddy, deveria ter voltado para casa.

DAISY: Eu ia usar um dos meus vestidos da Halston. Mas acordei atrasada, perdi as chaves, não consegui achar meus remédios e minha manhã inteira virou uma confusão.

KAREN: Quando apareceu, ela estava usando uma camisa social masculina como vestido. Nada mais. Lembro de ter pensado: *E a calça dela, cadê?*

EDDIE: Daisy Jones era a mulher mais maravilhosa que eu já tinha visto. Uns olhos enormes. Lábios bem carnudos. E alta como eu. Parecia uma gazela.

WARREN: Daisy não tinha bunda nem peitos. Uma tábua. O sonho de qualquer carpinteiro, como dizem por aí: leve, lisinha e fácil de manipular. Quer dizer, não sei se era fácil de manipular. Provavelmente não. Pela maneira como os homens reagiam à sua presença, dava para ver que era ela quem estava no controle, e sabia muito bem disso. Quando Pete bateu os olhos nela, só faltou babar no chão.

KAREN: Ela era tão linda que fiquei com medo de ser pega admirando sua beleza. Mas aí pensei: *Pô, ela deve ter sido admirada a vida toda. Para ela, uma secada de cima a baixo devia parecer só uma olhadinha casual como qualquer outra.*

BILLY: Quando vi que ela chegou, fui me apresentar e falei: “Que bom que você veio. Obrigado por ajudar a gente”. Perguntei se ela queria conversar um pouco sobre a música, ensaiar a parte dela.

DAISY: Eu tinha trabalhado a noite toda e passado um bom tempo com Teddy no estúdio uns dias antes, ouvindo a faixa várias vezes. Já estava com uma ideia bem formada sobre o que queria fazer.

BILLY: Daisy disse: “Não, obrigada”. Simples assim. Como se eu não tivesse nada a contribuir.

ROD: Ela foi logo entrando na cabine e começou a aquecer a voz.

KAREN: Eu falei: “Pessoal, não precisa ficar todo mundo olhando”. Mas ninguém se mexeu.

DAISY: No fim, precisei dizer: “Vocês podem me dar um pouquinho de privacidade aqui, por favor?”.

BILLY: Finalmente, o pessoal caiu fora, menos eu, Teddie e Artie.

ARTIE SNYDER: Preparei um microfone para ela numa das cabines com isolamento acústico. Fizemos uns testes e, por alguma razão, o microfone não estava funcionando.

Demorei uns quarenta e cinco minutos para pôr a coisa em ordem. E ela lá parada, cantando uns trechos de músicas, dizendo “Um, dois, três, testando”, essas coisas. Me ajudando a resolver o problema. Dava para sentir que Billy estava cada vez mais tenso. Mas Daisy estava bem tranquila. Eu falei: “Desculpa aí por isso”, e ela respondeu: “Pode demorar o tempo que precisar”.

Daisy sempre me tratou bem. Conversava comigo, perguntava se estava tudo bem. Nesse meio não tinha muita gente que fazia isso, não.

DAISY: Eu tinha lido a letra da música tipo um milhão de vezes. Já estava com uma ideia de como queria fazer a minha parte.

Billy cantava como se estivesse implorando. Fiquei com a impressão de que ele não estava muito certo de que acreditava na própria promessa. E adorei isso. Deixava tudo mais interessante. Então, eu pretendia cantar a minha parte como se *quisesse* acreditar nele, mas no fundo não levava fé. Achei que isso ia proporcionar umas camadas de sentido interessantes.

Quando o microfone funcionou... hã, Artie me deu o sinal e Billy e Teddy se posicionaram para me ouvir... Fui até o microfone e cantei como se não

acreditasse que Billy ia comprar a tal casa que parecia uma colmeia, que aquilo nunca ia acontecer. Era essa a minha visão da coisa.

No refrão, acho que originalmente a letra era assim: *“The life we want will wait for us/ We will live to see the lights coming off the bay/ And you will hold me, you will hold me, you will hold me/ until that day”*.*

Na primeira vez cantei assim, mas na segunda parte mudei um pouco o refrão. Eu cantei: *“Will the life we want wait for us?/ Will we live to see the lights coming off the bay?/ Will you hold me, will you hold me, will you hold until that day?”*.**

Cantei como se fossem perguntas, e não afirmações.

Billy não me deixou nem terminar antes de cortar a gravação e apertar o botão da sala de controle para falar com a cabine.

BILLY: Ela errou a letra. Não fazia sentido deixar que ela continuasse se estava cantando a letra errado.

ARTIE SNYDER: Billy jamais permitiria que alguém interrompesse uma gravação sua daquele jeito. Fiquei surpreso de verdade quando ele fez isso.

BILLY: A música era sobre um final feliz depois de um período de turbulência. Acho que a dúvida não cairia bem naquele contexto.

KAREN: Billy escreveu essa letra para tentar se convencer de que o futuro que imaginava com Camila ia se concretizar. Mas ele e Camila sabiam que ele podia ter uma recaída a qualquer momento.

Tipo, no primeiro mês depois de sair da clínica, ele engordou cinco quilos porque começou a comer chocolate de madrugada. E depois que parou com isso veio a mania de mexer com marcenaria. Quando íamos visitá-los, encontrávamos Billy obcecado com uma mesa de jantar de mogno que estava tentando criar, ao lado de um monte de cadeiras horríveis que ele tinha tentado fazer.

Isso sem falar no tanto de compras que ele fazia. Ah, mas a pior parte eram as corridas. Por uns dois meses, Billy corria vários quilômetros por dia. Saía pela rua de shortinho e regata e ia embora.

ROD: Billy estava se esforçando. Ele sempre passava a impressão de que tudo era muito simples, mas claramente estava sofrendo para se manter sóbrio. Dava para ver que tinha uma tensão acumulada dentro dele.

KAREN: Billy estava escrevendo músicas para se convencer de que estava tudo sob controle, que dali a décadas ainda estaria sóbrio, e teria uma mulher e uma família ao seu lado.

E em questão de minutos Daisy puxou o tapete que estava por baixo daquele cenário.

ROD: Daisy fez mais algumas tomadas, sempre com muita facilidade. Ela não precisava se esforçar. Não precisava arrancar cada nota do peito à força.

Mas quando Billy foi embora do estúdio, deu para ver que ele estava bem tenso. Eu falei: “Não leva as coisas do trabalho para casa com você”. O problema, na verdade, não era ele levar as coisas do trabalho para casa. Era que ele tinha trazido as coisas de casa para o trabalho.

KAREN: “Honeycomb” era para ser uma música sobre segurança e virou uma música sobre insegurança.

BILLY: Naquela noite, conversei com Camila sobre como Daisy tinha cantado, com aquelas perguntas.

Pô, Camila estava com trabalho até o pescoço por causa da Julia, e eu reclamando por causa de uma música. Ela respondeu simplesmente: “Não é a vida real, Billy. É uma música. Não precisa se torturar por isso”. Para ela era muito simples. Eu devia simplesmente desencanar e ceder.

Mas eu não conseguia desencanar. Não gostei de quando Daisy transformou aqueles versos em perguntas e não gostei de ver que ela se sentia no direito de fazer aquilo.

CAMILA: Quando você empresta a sua vida para a sua música, não consegue ter um distanciamento crítico a respeito.

GRAHAM: Acho que Daisy pegou Billy totalmente de surpresa.

ARTIE SNYDER: Quando mixamos a versão com a participação da Daisy, o resultado ficou tão envolvente — juntando as vozes dos dois — que Teddy queria eliminar quase todo o restante do arranjo. Ele me pediu para amenizar o som da bateria, realçar os teclados, tirar uns floreios mais aparentes da guitarra do Graham.

O que sobrou foi uma base de guitarra acústica com uma percussão marcada pelo piano. A maior parte da atenção ficava concentrada nos vocais. Virou uma faixa pautada totalmente no diálogo entre as vozes. Que dizer... tinha *ritmo* — ainda era uma música acelerada, com uma batida marcante. Mas tudo isso era eclipsado pelos vocais. Quem ouvia ficava hipnotizado por Billy e Daisy.

EDDIE: Eles pegaram um rock e transformaram numa música pop! E estavam muito orgulhosos disso.

ROD: Teddy ficou nas nuvens com o resultado. Eu também gostei. Mas dava para ver que Billy se irritou ao ouvir a versão nova.

BILLY: Eu gostei da nova mixagem de som. Mas não dos vocais da Daisy. Eu falei: “É só usar a mixagem nova sem os vocais dela. Essa faixa não precisa ser um dueto”. Mas Teddy insistiu, me dizendo para confiar nele. Falou que eu tinha composto um hit e que era hora de fazer o papel dele como produtor.

GRAHAM: Billy sempre controlou tudo, entende? Billy escrevia as letras, Billy compunha as melodias e fazia os arranjos. Quando Billy se internou para se tratar, a turnê acabou. Quando Billy se sentiu pronto para voltar ao estúdio, todo mundo tinha que estar a postos. Era ele que comandava o show.

Então “Honeycomb” não foi fácil para ele.

BILLY: A gente era uma equipe.

EDDIE: Cara, Billy nunca admitiu que passava como um trator por cima da gente. As coisas sempre eram feitas como Billy queria e, quando Daisy apareceu, isso deixou de acontecer.

DAISY: Eu não entendia o que Billy tinha contra mim. Só o que eu fiz foi melhorar um pouco a canção. Por que ele ficou tão chateado?

Encontrei Billy no estúdio alguns dias depois, para ouvir a mixagem final, e sorri para ele. Falei um oi. Ele respondeu com um aceno de cabeça. Como se estivesse me fazendo o favor de mostrar que notou minha presença. Ele não era capaz de me tratar bem nem por uma questão de etiqueta profissional.

KAREN: Era um mundo totalmente masculino. O mundo inteiro era dominado pelos homens, mas a indústria fonográfica... não era fácil. A gente precisava da aprovação dos homens para fazer qualquer coisa, e parecia só ter duas opções. Ou se comportava como um dos caras — que foi o caminho que resolvi seguir —, ou dava uma de menininha e tentava ganhar todo mundo na base do charme. Eles gostavam disso.

Mas, desde o começo, Daisy meio que se recusava a fazer as coisas assim. Com ela era meio “pegar ou largar”.

DAISY: Eu não estava nem aí se ia ser famosa ou não. Para mim não fazia diferença cantar no disco de um ou de outro. Eu só queria fazer uma coisa interessante, original e bacana.

KAREN: Quando comecei a me interessar por música, lembro que queria tocar guitarra. E meu pai acabou me colocando para fazer aulas de piano. Ele nem pensou duas vezes — simplesmente achava que meninas tocavam piano.

Mas era sempre assim, em tudo o que eu tentava.

Quando fiz o teste para entrar nos Winters, eu tinha um vestidinho lindo que havia acabado de comprar, com um cinto azul-claro. Era meu vestido da sorte. Bom, no dia em que fiz o teste, não usei esse vestido. Porque sabia que, nesse caso, eles não iam ver nada além de uma garota. E eu queria que vissem uma tecladista. Então, coloquei uma calça jeans e uma camiseta da Universidade de Chicago que roubei do meu irmão.

Daisy não era assim. Daisy jamais teria pensado em fazer isso.

DAISY: Eu usava o que quisesse, quando quisesse. Eu fazia o que quisesse, com quem quisesse. E quem não gostasse podia ir à merda.

KAREN: De vez em quando a gente conhece alguém que parece estar acima das coisas mundanas, né? Daisy era meio assim, não queria nem saber como o mundo real funcionava.

Seria natural supor que eu sentia raiva dela por isso, mas não. Eu adorava. Porque significava que ela não precisaria passar por toda aquela merda que eu estava passando fazia tempo. E, com ela por perto, eu também não precisaria.

DAISY: Karen era o tipo de pessoa que tinha mais talento na ponta de um dedo do que a maioria das pessoas no corpo inteiro. Ela estava sendo subestimada pelos Six. Mas deu um jeito de resolver isso. Deu um jeito nisso no próximo álbum.

BILLY: Quando o disco estava prestes a ser prensado, eu falei para o Teddy: “Você me fez detestar minha própria canção”.

E o Teddy me respondeu: “Você vai ter que fazer um esforço e engolir isso. Alguma coisa me diz que chegar ao topo das paradas vai facilitar as coisas”.

NICK HARRIS (*crítico de rock*): Em “Honeycomb”, a interação entre Billy e Daisy deu o pontapé inicial para aquilo que funcionava tão bem em Daisy Jones & The Six.

A química entre essas duas vozes — a vulnerabilidade dele, a fragilidade dela — é uma coisa que prende. A voz dele, mais profunda e suave, e a dela, mais aguda e rouca, de alguma forma se fundiam sem esforço, como se os dois cantassem juntos há anos. Eles criaram um diálogo cheio de sentimento — a história de um futuro romântico idealizado que pode nunca se realizar.

É uma música quase melosa demais. Mas o final quebra um pouco dessa doçura. Ela quase poderia ter sido o tipo de música que os adolescentes põem para tocar na noite da formatura. Em vez disso, temos um testemunho visceral de que as coisas nem sempre dão certo.

SevenEightNine era um bom álbum, até ótimo em certo sentido. Mais romântico que o disco de estreia — com menos alusões a sexo e drogas. Mas ainda era rock. Ainda tinha aquela força no baixo e na bateria, os riffs de guitarra.

Mas “Honeycomb” claramente se destacava. “Honeycomb” mostrou para o mundo que os Six eram capazes de fazer música pop de primeira categoria. Uma mudança de rumo, sem dúvida, mas que marcou o começo da escalada da banda até o topo.

* “A vida que queremos vai esperar por nós/ Vamos viver para ver as luzes brilhando na praia/ E você vai me segurar, vai me segurar, vai me me segurar/ até esse dia chegar.” (N. T.)

** “Será que a vida que queremos vai esperar por nós?/ Será que vamos viver para ver as luzes brilhando na praia?/ Será que você vai me vai me segurar, vai me segurar, vai me segurar até esse dia chegar?” (N. T.)

A turnê The Numbers
(1976-7)

SevenEightNine foi lançado no dia 1º de junho de 1976. “Honeycomb” estreou na posição oitenta e seis das paradas, mas vinha subindo num ritmo acelerado. Numa temporada extraoficial no Whisky, a banda se preparava para uma turnê pelos Estados Unidos.

GRAHAM: Ficamos em LA por um tempo, aprimorando o show. As músicas começaram a soar bem melhor ao vivo. Mas acho que não dá para incluir “Honeycomb” nisso, não. Billy fez uma versão para apresentar no palco sem Daisy. Simplesmente tirou a parte dela e cantou como a música tinha sido composta para o álbum. Ficou boa, mas parecia que tinha um buraco nela. Faltava alguma coisa ali. Mas o resto do disco soava redondinho. A gente estava tocando tudo certo, todas as músicas, todos os compassos. Estava tudo nos conformes. Nosso show ia ser demais.

BILLY: Tinha gente indo ver a gente duas, às vezes até três vezes na semana. E a cada show a plateia era maior.

ROD: Billy deveria ter convidado Daisy para uns dois ou três daqueles shows em LA. Eu falei isso para ele. Mas com o Billy as coisas entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

SIMONE: Daisy ficou incomodada por ter sido excluída. Pelo menos foi a impressão que me deu, conversando com ela. O que aliás não acontecia com tanta frequência, por causa das minhas turnês. Mas eu ainda fazia questão de saber como ela estava. E ela sentia o mesmo em relação a mim.

KAREN: Daisy conhecia todo mundo no Whisky. Tinha mais contatos na Strip que nós. Então era só uma questão de tempo até que ela aparecesse.

DAISY: Eu não estava querendo entrar de penetra no show dos outros nem nada. Se o Billy não queria me chamar para cantar com a banda, tudo bem. Mas eu não ia deixar de ir aos lugares só porque eles estavam tocando minha faixa sem mim.

Além disso, eu comecei a dormir com o Hank — o que não foi uma grande ideia da minha parte, mas, enfim, eu vivia bêbada ou chapada naquela época, então as coisas acabavam ficando meio confusas. Acho que eu nem me sentia atraída pelo Hank, não gostava muito dele. Era um cara meio baixinho, com o queixo quadrado, mas tinha um sorriso bonito, acho. Só não dá para negar que ele estava ali o tempo *todo*.

Enfim, Hank e eu estávamos no Rainbow e, quando saímos, encontramos uns amigos dele na frente do Whisky, então entramos também.

KAREN: Graham apontou com o queixo para mim para onde ela estava, no meio da plateia. E deu para perceber que Billy tinha visto também.

EDDIE: Nessa temporada em que tocamos no Whisky, quase toda noite Billy fazia anotações sobre como eu estava me saindo. Era um puta de um controlador. Mas ele não tinha como controlar Daisy aparecendo naquele show.

E, nossa, ela estava linda. Com um vestidinho minúsculo. As garotas não usavam sutiã nessa época, e é uma pena que essa moda tenha passado.

BILLY: O que eu podia fazer? Deixar de chamar a garota para cantar comigo no palco sabendo que ela estava lá? Eu não tinha escolha.

GRAHAM: Billy falou no microfone: “Senhoras e senhores, Daisy Jones está na plateia hoje à noite. Que tal se ela viesse até aqui cantar uma musiquinha chamada ‘Honeycomb’?”. ”

DAISY: Enquanto eu subia no palco, Billy estava virado para a plateia, e eu pensei: *Será que Billy Dunne tem alguma camisa que não seja jeans?*

BILLY: Ela subiu no palco descalça, e eu pensei: *O que essa menina está fazendo? Vai pôr alguma coisa nesses pés.*

DAISY: Quando a banda começou a tocar, fiquei parada do lado do microfone, esperando. A primeira parte era do Billy, então fiquei olhando para a plateia enquanto ele cantava. Fiquei vendo a reação das pessoas. Ele tinha muita presença de palco.

Não sei se as pessoas reconhecem isso como deveriam. Vivem dizendo que éramos bons juntos, mas eu vi Billy se apresentar sozinho e sei que o cara tem talento. Ele nasceu para estar no palco.

BILLY: Quando chegou a parte da Daisy, me virei para vê-la cantar. A gente não tinha ensaiado, nem cantado junto nenhuma vez. Eu meio que esperava que fosse um desastre. Mas, depois de alguns segundos, só fiquei olhando para ela.

A voz dela era explosão pura. Ela sorria o tempo inteiro enquanto cantava. Acho que dá para perceber isso só de ouvir. A coisa passa para o som. Nisso Daisy era ótima. Dá para ouvir ela sorrindo junto com a música.

DAISY: Na segunda entrada do refrão, pensei em voltar a letra para como era antes. Sabia que Billy detestava o que eu tinha feito, aquela coisa de transformar os versos em perguntas. Mas, pouco antes de chegar a essa parte, eu pensei: *Não estou aqui para ganhar a simpatia do Billy. Estou aqui para mostrar meu trabalho.* E, no fim, cantei como tinha sido gravado.

BILLY: Senti um calafrio ao ouvir ela cantar a música daquele jeito.

KAREN: Daisy e Billy estavam lado a lado, cantando no mesmo microfone. E... o jeito como Billy olhava para ela enquanto cantava... E o jeito como ela olhava para ele... Foi uma coisa intensa.

DAISY: O final nós cantamos juntos, com as duas vozes em harmonia. Não estava assim no disco. Meio que aconteceu naturalmente.

BILLY: Dava para notar, ao longo da música, que a gente tinha conquistado a plateia. Quando a música terminou, a plateia começou a berrar. Literalmente berrar.

DAISY: Nesse show eu percebi que tinha uma coisa especial rolando ali. Simplesmente senti.

E não importava que eu achasse Billy um babaca. Quando você consegue cantar desse jeito junto com alguém, tem uma partezinha sua que entra em conexão com o outro. É uma coisa que entra em você e não é fácil de tirar.

Billy era como uma farpa encravada na minha pele. Exatamente isso.

Depois da performance eletrizante no Whisky, a Runner anunciou que Daisy Jones faria os shows de abertura da turnê mundial dos Six, batizada como The Numbers.

Billy tentou fazer Rod, Teddy e Rich Palentino mudarem de ideia, implorou para tirar Daisy das apresentações, mas, por fim, quando Teddy mostrou a ele que as vendas antecipadas de ingressos vinham subindo rapidamente, foi obrigado a concordar com o novo arranjo. Mais datas e locais foram adicionados ao itinerário.

Quando a banda saiu em turnê junto com Daisy, “Honeycomb” tinha acabado de entrar para o top 20 da parada de sucessos.

BILLY: Não me interessava quem ia abrir os shows. Eu estava preocupado em ficar sóbrio na estrada. Seria minha primeira vez em turnê depois do tratamento de desintoxicação.

CAMILA: Billy falava que ia me ligar três vezes por dia e registrar num diário tudo o que fazia, e eu disse que ele não precisava provar nada para mim. Isso só ia colocar mais pressão em cima dele, que essa era a pior coisa que podia acontecer naquele momento. Billy precisava saber que eu confiava nele. Eu falei: “Me diz o que eu posso fazer para tornar a situação mais fácil, e não mais difícil”.

BILLY: Decidi levar Camila e Julia para a estrada também. Ela estava grávida de dois meses das gêmeas e a gente sabia que, dali para a frente, ia ser mais difícil

ter a família por perto nas turnês. Mas eu queria estar com ela, para poder começar com o pé direito.

DAISY: Eu estava animada com a ideia de cair na estrada. Nunca tinha feito uma turnê antes. Meu disco estava indo bem. Eu estava chamando atenção. E “Honeycomb” estava dando um gás nas vendas do meu álbum também.

GRAHAM: Todo mundo ficou feliz por Daisy vir com a gente. Ela levava as coisas numa boa. Era uma garota bacana.

A gente estava naquela fase de participar de programas de rádio e fazer sessões de fotos para revistas. A música subia nas paradas e o disco estava vendendo bem. Até eu estava sendo reconhecido. As pessoas já reconheciam Billy por aí fazia tempo, mas nessa época começou a aparecer gente que sabia quem eu era, e Karen também. Eu andava pela rua e via gente com camisetas dos Six.

Então não estava nem aí para quem ia participar da turnê, desde que as coisas continuassem daquele jeito.

BILLY: O primeiro show foi em Nashville, no Exit/In. Eu quis que Daisy se sentisse bem recebida, assim como qualquer outro artista que abrisse para nós. A gente já tinha sido uma banda de abertura, e agora era a atração principal. Então eu queria ser receptivo com ela, como as outras bandas tinham sido com os Six. Deixando as questões pessoais de lado.

KAREN: A gente estava no camarim do primeiro show, antes da Daisy entrar no palco. E ela estava cheirando umas carreiras. Warren estava recebendo uma massagem de alguma groupie que tinha conseguido entrar lá. Eddie e Pete estavam fazendo sei lá o quê. Billy tinha ido se isolar em algum lugar. Graham e eu estávamos conversando. Acho que foi nesse show... Graham tinha aparado a barba, e dava para ver como ele era bonito por baixo daquela poluição visual toda.

Aí de repente bateram na porta, e Camila e Julia entraram. Tinham ido dar boa-noite para Billy.

Assim que Daisy viu Camila com Julia, escondeu o pó na gaveta, limpou o nariz e largou o copo de conhaque, uísque ou sei lá o quê. Foi a primeira vez que vi esse tipo de preocupação da parte dela. Uma demonstração de que talvez não vivesse em outro planeta. Ela cumprimentou Camila e acenou para Julia. Lembro que chamou Julia de “fofinha”.

Então chegou a hora de Daisy ir para o palco, e ela falou: “Me desejem sorte!”.

Estava todo mundo entretido demais com suas próprias coisas para prestar atenção, mas Camila não. Camila desejou boa sorte para ela. E com toda a sinceridade do mundo.

CAMILA: Quando vi Daisy Jones, fiquei sem saber o que pensar. Parecia bem doidinha, mas também sabia ser meiga. Eu sabia que Billy não gostava dela, mas não queria que a opinião dele contaminasse a minha.

Mas uma coisa não dava para negar: ela era linda. Tão bonita quanto nas revistas, talvez até mais.

DAISY: Eu entrei no palco primeiro, para abrir aquele show em Nashville, e estava nervosa. Geralmente não fico muito ansiosa, mas naquele dia dava para sentir a tensão no meu corpo, nos meus nervos. E talvez eu tivesse cheirado demais. Fui para o palco esperando encontrar uma plateia que era fã dos Six. Mas uma parte do pessoal ficou bem animada quando eu apareci. Tinha gente que tinha ido lá para me ver também.

Eu estava usando um vestido preto sem mangas, pulseiras e brincos de argola dourados.

Fora os ensaios, era a primeira vez que eu entrava no palco sozinha, só com a banda de apoio que Hank montou. Foi a primeira vez que ouvi uma plateia

vibrar ao me ver. Toda aquela gente gritando junta, como se fosse uma coisa só. Uma coisa viva, explosiva, barulhenta, festiva.

Depois de sentir isso pela primeira vez, queria voltar a sentir o tempo todo.

GRAHAM: Daisy fez um bom show. A voz dela era ótima, e o repertório não era ruim. Ela sabia como esquentar a plateia. Quando entramos no palco, o pessoal já estava animado. As pessoas já estavam se divertindo.

WARREN: Dava para sentir cheiro de maconha por toda parte. Meio que só dava para ver a parte da frente da plateia, por causa da fumaça.

KAREN: Assim que pisamos no palco, deu para ver que o pessoal que estava lá... O público era diferente em relação à primeira turnê. Tinha muito mais gente, para começo de conversa. Os fãs antigos ainda estavam lá, mas agora tinha também adolescentes acompanhados dos pais, e um monte de mulheres.

BILLY: Eu me vi na frente daquela gente toda, totalmente sóbrio, sentindo aquela empolgação, sabendo que “Honeycomb” estava prestes a entrar no top 10. E sabia que aquelas pessoas estavam na minha mão. Sabia que elas *queriam* gostar do show. Porque *já* gostavam de nós. Não precisaria me esforçar para conquistar ninguém. Era só subir no palco e... a plateia já estava ganha.

EDDIE: A gente mandou ver naquela noite, a banda deu o sangue naquele palco.

BILLY: No final do show eu falei: “Que tal a gente chamar Daisy Jones de volta para cantar ‘Honeycomb’ para vocês?”.

DAISY: A plateia enlouqueceu. O lugar inteiro começou a tremer.

BILLY: Dava para sentir o microfone vibrar quando as pessoas começaram a bater os pés no chão, e eu pensei: *Put a merda, nós viramos astros do rock.*

No final de 1976, “Honeycomb” estava na terceira posição da parada Billboard Hot 100. Os Six, junto com Daisy, apresentaram a música na TV, no Don Kirshner’s Rock Concert e no Tonight Show Staring Johnny Carson. A banda já havia cumprido a agenda da América do Norte e estava se preparando para a curta temporada europeia da turnê. Camila Dunne, grávida de seis meses, voltou com Julia para Los Angeles.

BILLY: Não dava para Camila e Julia me acompanharem na turnê para sempre, eu precisava aprender a me controlar.

CAMILA: Eu o conhecia muito bem, então sabia quando precisava ficar e quando podia ir.

BILLY: A primeira noite sem elas foi difícil. Lembro de ter sentado na varanda do hotel depois do show, ouvindo todo o caos do lado de fora, querendo participar daquilo. Tinha uma voz na minha cabeça dizendo: *Você não consegue fazer isso, não vai conseguir ficar sóbrio por muito tempo.*

Acabei ligando para o Teddy em plena madrugada, mas para ele ainda era a hora do jantar. Inventei um motivo para querer falar com ele (*risos*). Lembro que acabamos conversando sobre a relação dele com Yasmine, se os dois deveriam casar. Ele se considerava velho demais para ela. Lá pelo fim do telefonema, o cansaço bateu. Eu sabia que se fosse para a cama ia conseguir dormir. E resistir a mais um dia. Antes de desligar, Teddy perguntou: “Está se sentindo melhor agora, Billy?”. E eu respondi: “Estou, sim”.

Depois dessa primeira noite, comecei a melhorar de verdade. Criei uma rotina. Ficava longe das festas. Quando o show terminava, eu ia direto para o hotel e ouvia música, ou ia até uma lanchonete para jantar e tomar um café descafeinado. Às vezes, Pete ou Graham iam me fazer companhia. Mas, na maior parte do tempo, Graham estava atrás da Karen.

Eu continuei fazendo as coisas do mesmo jeito de quando Camila e Julia estavam comigo. Me mantendo na linha.

GRAHAM: Foi a mesma coisa com Camila por perto e sem a presença dela. Billy acompanhava a banda na hora de trabalhar. E Daisy acompanhava a gente na hora da farra. Era como se os dois vivessem em mundos separados, tentando não se encontrar.

ROD: Um pouco antes da viagem para a Suécia, avisei Billy e Graham que a Runner estava pensando em esticar a turnê depois da passagem pela Europa. Perguntei o que os dois achavam de continuar na estrada por mais algumas semanas nos Estados Unidos.

Não teve nem conversa. O parto de Camila estava previsto mais ou menos para a data da nossa volta. Billy achava que já tinha chegado ao limite de tempo permitido.

GRAHAM: Foi uma conversa de dois segundos. É claro que eu gostaria de ter esticado a turnê. E, sim, o fato de Billy voltar para casa ia colocar a banda em maus lençóis. Mas ele precisava voltar para casa. Ponto-final.

WARREN: Todo mundo queria fazer mais alguns shows, mas sem Billy não tinha como. Às vezes dá para arrumar um guitarrista substituto para umas apresentações, um tecladista. Mas Billy era insubstituível.

DAISY: Os shows estavam sempre lotados. E em boa parte por minha causa.

Nessa época da turnê, o disco deles vendia muito mais que o meu. Era um álbum melhor, então fazia sentido. Mas tinha gente querendo me ver ao vivo. E, inclusive, uma parte do pessoal que nem sabia quem eu era antes do show saía de lá com uma camiseta da Daisy Jones.

Eu estava ficando famosa. E estava trabalhando numas músicas próprias. Eu tinha uma que era uma melodia supersimples, não tinha nada de muito complexo, mas era boa. Chamava “When You Fly Low”. A letra era sobre se subestimar, sobre pessoas que vivem tentando diminuir a gente, sabe? *“They want you humble/ Want to atrophy that muscle/ Want to stunt the hustle/ Get you to call uncle/ To keep you flying low.”**

Eu estava insistindo com o Hank que estava na hora de conversar com o Teddy sobre gravar um disco novo. E o Hank dizia para eu ir com calma. Fiquei com a impressão de que ele achava que eu estava pedindo muito. Como se eu estivesse querendo mais do que merecia.

Nosso relacionamento não estava lá essas coisas. Eu jamais deveria ter me envolvido com um cara como ele.

Tem uma coisa que ninguém diz quando o assunto é ficar longe das drogas. Ninguém diz: “Você vai acabar indo para a cama com um bando de idiotas”. Mas deveria.

E eu deixei que Hank interferisse em todos os aspectos da minha vida: na maior parte do tempo ele fazia a mediação entre mim e Teddy, foi ele que contratou minha banda inteira, todo o dinheiro que eu ganhava passava pelas mãos dele. E ele dormia comigo na mesma cama.

KAREN: Nessa ida para Estocolmo, nós viajamos no jatinho particular da Runner.

DAISY: Hank e uma parte da equipe tinham ido no dia anterior, mas eu esperei para ir com a banda. Ficou parecendo que eu fazia questão de ir no mesmo avião que eles, mas eu só não queria viajar com Hank.

EDDIE: Foi nessa viagem que ouvi o Graham comentando com a Karen sobre a recusa de esticar a turnê. Só assim eu fiquei sabendo, pô. Ninguém me falou nada, nem para o Pete.

A gente tinha um hit e fazia shows com lotação máxima junto com a Daisy. Era uma grana alta entrando para muita gente ali. Para a banda, os roadies, todo mundo que trabalhava na turnê e nos locais dos shows. E todo mundo teve que abrir mão disso porque a mulher do Billy engravidou?

E não fizeram nem uma votação. Era para a gente ficar sabendo só quando a decisão já tivesse sido tomada.

KAREN: Foi uma viagem interessante. Acho que foi quando Warren levou um bofetão da comissária. Eu só ouvi a pancada, não vi o tapa.

WARREN: Eu perguntei se ela era loira lá embaixo também. Foi uma lição aprendida. As mulheres não acham graça nenhuma nisso.

KAREN: Passei a maior parte do voo no fundo do avião junto com a Daisy. Pegamos umas poltronas que ficavam uma de frente para a outra, pedimos uns drinques e ficamos olhando a paisagem pela janela. Lembro de ter visto Daisy pegar uma caixa de remédios e tomar dois comprimidos junto com um gole da bebida.

Ela usava um monte de pulseiras na época, ia enfiando no braço uma atrás da outra até não caber mais. Quando se mexia, aquelas coisas tilintavam sem parar. Então, assim que a Daisy guardou a caixa de volta no bolso, as pulseiras começaram a tilintar, e eu falei brincando que aquilo parecia um instrumento de percussão corporal. E ela gostou da ideia. Pegou uma caneta e anotou na mão.

Quando guardou a caneta de volta, pegou a caixa de remédios de novo e enfiou mais dois comprimidos na boca.

Eu falei: “Daisy, você acabou de tomar dois desses”.

Ela perguntou: “Ah, é?”.

Eu disse: “É”.

Mas ela deu de ombros e engoliu mesmo assim.

Eu falei: “Olha lá, não vai cair nessa”.

DAISY: Aquilo me irritou. Coloquei a caixa de comprimidos na mão dela e falei: “Pode tirar os remédios de mim se está assim tão preocupada. Eu não preciso mesmo”.

KAREN: Ela simplesmente me entregou os comprimidos.

DAISY: Só que, assim que entreguei a caixa para a Karen e vi que ela colocou no bolso, comecei a entrar em pânico. A dexedrina era uma coisa. Não tinha problema. Eu podia cheirar pó em vez de tomar anfetamina.

Mas eu não conseguia dormir sem seconal.

KAREN: Fiquei surpresa com a facilidade com que ela fez isso. Entregar tudo assim e parar de tomar.

DAISY: Quando a gente chegou ao hotel, Hank já estava no meu quarto. Eu falei: “Estou sem comprimidos vermelhos”. Ele simplesmente balançou a cabeça e pegou o telefone. Na hora de dormir, eu já estava com um frasco cheio na mão. Era até deprimente o quanto era fácil descolar aquelas coisas. Claro, eu queria os remédios. Mas era uma coisa tediosa, repetitiva. Eu podia ter as drogas que quisesse a qualquer hora, ninguém fazia nada para me impedir.

Quando fui dormir naquela noite — acho que segurando uma taça de conhaque —, eu me ouvi dizer: “Hank, eu não quero mais continuar com você”. Cheguei até a pensar que tinha outra mulher no quarto dizendo aquelas palavras, mas aí percebi que fui eu quem tinha dito. Hank me mandou ir dormir. E eu senti como se estivesse desaparecendo quando peguei no sono.

Quando acordei de manhã, lembrei do que tinha acontecido. Estava meio envergonhada, mas também era um alívio ter conseguido verbalizar aquilo. Eu falei: “A gente precisa conversar sobre o que eu disse ontem à noite”.

E ele respondeu: “Você não disse nada ontem à noite”.

Eu falei: “Eu disse que não quero mais continuar com você”.

Ele deu de ombros e disse: “Sim, mas você fala esse tipo de coisa o tempo todo antes de dormir”.

Eu não fazia a menor ideia disso.

GRAHAM: Estava na cara para todo mundo que Daisy precisava se livrar do Hank.

ROD: Existe um monte de empresários pilantras por aí, e eles depõem contra a classe. Hank se aproveitava da Daisy, isso estava bem claro. Alguém precisava cuidar dos interesses dela.

Eu falei: “Daisy, se precisar de ajuda, pode contar comigo”.

GRAHAM: Acho que Daisy viu o que Rod fazia por nós — ele sempre garantia que tudo estivesse nos eixos. Rod foi o primeiro a dizer que a gente podia chegar até o topo do mundo. E não dizia isso só para agradar ou para evitar reclamações. E, sem querer ser maldoso, mas... ele não estava dormindo com ninguém da banda nem deixava ninguém o tempo todo chapado a ponto de não entender o que estava rolando.

Eu falei para a Daisy: “Dá um pé na bunda do Hank e contrata o Rod. Ele vai cuidar de você”.

ROD: Eu já estava trabalhando para Daisy, de qualquer forma. Tinha conseguido que um cara da *Rolling Stone* fosse ver o show. A revista ia mandar Jonah Berg para ver a apresentação e conversar com o pessoal mais tarde. Era potencialmente uma matéria de capa. Eu fiz questão de incluir a Daisy em tudo. E não precisava fazer isso. Poderia ter cavado um perfil só para a banda, mas achei que a presença dela poderia ser boa para todo mundo.

KAREN: No dia em que Jonah Berg ia ver o show, a gente estava em Glasgow.

DAISY: Eu fui burra. Arrumei uma briga com o Hank logo depois da passagem de som naquele dia.

KAREN: Graham tinha batido na porta do meu quarto naquela tarde para trazer uma das minhas malas. De alguma forma, minhas coisas sempre acabavam se misturando com as dele. Ele estava parado na frente da minha porta, segurando a bolsa em que eu levava minhas calcinhas e sutiãs. Ele falou: “Acho que isso é seu”.

Peguei a bolsa da mão dele e revirei os olhos. E falei: “Ah, aposto que você adora pegar nas minhas calcinhas”. Estava só brincando, na verdade.

Mas ele sacudiu a cabeça e respondeu: “Se for para eu pegar as suas calcinhas, prefiro conseguir isso à moda antiga”.

Eu dei risada e falei: “Cai fora daqui”.

E ele disse: “Sim, senhorita”.

E voltou para o quarto dele. Mas quando fechei a porta, eu... sei lá.

DAISY: Resolvi terminar com o Hank quando estávamos os dois sozinhos no meu quarto no hotel. Ele estava me abraçando, e eu não aguentava mais aquilo. Fiquei esbravejando, e ele me perguntou qual era o problema, então falei: “Acho que está na hora de cada um seguir o próprio caminho”. Hank tentou me ignorar, dizendo que eu não sabia do que estava falando. Então resolvi ser bem clara: “Hank, você está demitido. Agora vai embora daqui”. Bom, dessa vez ele não teve como não escutar.

GRAHAM: Billy e eu tínhamos combinado de sair para comer. Tinha apostado que ele não ia ter coragem de encarar um prato de *haggis*.

DAISY: Hank partiu para cima de mim. Estava muito puto, e chegou tão perto de mim que, enquanto falava, sentia o cuspe dele respingando no meu ombro. Ele disse: “Você ainda estaria dando para um monte de roqueiros se não fosse por mim”.

Eu não respondi, e ele me encurralou num canto do quarto. Não sabia o que ele iria fazer. Acho que nem *ele* sabia exatamente o que ia fazer.

Quando você está numa situação como essa, sendo ameaçada por um homem, é como se tudo o que você fez para chegar até aquele momento — em que você se vê sozinha com um cara em quem não confia — passasse diante dos seus olhos.

Alguma coisa me diz que não é isso o que acontece com os homens. Quando eles estão ameaçando uma mulher, duvido que revejam o que fizeram para se tornarem uns babacas. Mas deveriam olhar para trás e perceber o que aconteceu.

Eu endireitei bem o meu corpo — me sentindo totalmente sóbria, para minha surpresa — e estendi os braços na minha frente, para manter o espaço que ainda existia entre mim e ele. Hank olhava bem fundo nos meus olhos. Não sei nem se estava respirando, de tão furioso. Mas, então, ele deu um murro na parede e saiu do quarto, batendo a porta com tudo.

Depois que ele foi embora, passei todas as trancas na porta. Ele gritou alguma coisa no corredor, mas não consegui entender o quê. Fiquei lá, sentada na cama. Ele nunca mais voltou.

BILLY: Eu estava saindo para encontrar Graham quando vi Hank Allen saindo do quarto da Daisy, resmungando: “Aquela vadia do caralho”. Parecia que ele ia conseguir se acalmar sozinho, então pensei em deixar pra lá. Mas, em seguida, vi quando ele parou e virou, como se fosse voltar para o quarto da Daisy. Aí sim percebi que ele estava a fim de encrenca. Dá pra perceber isso só pela postura da pessoa, saca? Os punhos fechados, os dentes cerrados, essas coisas. Eu olhei para ele, e ele para mim. A gente ficou se encarando por um momento. Eu sacudi a cabeça, como quem diz: *É melhor não fazer isso*. Ele continuou me encarando. Mas em seguida olhou para o chão e caiu fora.

Quando ele foi embora, bati na porta do quarto da Daisy. Eu disse: “É o Billy”.

Demorou um pouco, mas ela abriu a porta. Estava usando um vestido azul-marinho — do tipo que tem mangas, mas deixa os ombros de fora. Sei que as pessoas sempre comentavam sobre como os olhos da Daisy eram azuis, mas foi a primeira vez que reparei. Eram muito azuis mesmo. Sabe o que parecem? A cor da água em alto-mar. Não na praia. É o azul-escuro do meio do oceano. O tipo de água profunda que você só vê do alto ou estando num barco.

Perguntei: “Você está bem?”.

Ela parecia triste, de um jeito como eu nunca tinha visto antes. E respondeu: “Estou, sim, obrigada”.

Eu falei: “Se quiser conversar um pouco...”. Não sabia como isso poderia ajudar, mas achei melhor oferecer mesmo assim.

Ela disse: “Não, está tudo bem”.

DAISY: Só percebi a barreira que Billy colocava entre nós naquele momento, quando ele tirou esse obstáculo do caminho. Tipo quando você não percebe que tem um carro ligado por perto e só se dá conta disso depois que desligam o motor.

Mas olhei nos olhos dele e vi o verdadeiro Billy.

Percebi que, até então, estava convivendo o tempo todo com uma versão mais fria dele, que vivia na defensiva. Eu pensei: *Seria legal conhecer esse Billy*. Mas ele desapareceu logo em seguida. Depois de um segundo de interação sem restrições, puf, ele não estava mais lá.

GRAHAM: Eu estava esperando Billy quando o telefone do meu quarto tocou.

KAREN: Sei lá por quê... foi nesse dia que decidi.

GRAHAM: Eu disse: “Oi”.

E a resposta dela foi só: “Oi”.

KAREN: A gente ficou em silêncio no telefone por um tempo. Aí eu falei: “Por que você nunca tentou nada comigo?”.

Dava para ouvir que ele estava tomando uma cerveja. Consegui escutar o barulho do gole. Ele disse: “Não gosto de me arriscar quando sei que não tenho chance”.

Quando eu vi já estava respondendo, sem nem me dar conta. Eu falei: “Ninguém nunca disse que você não tem chance, Dunne”.

Assim que terminei de falar, percebi que Graham tinha desligado o telefone na outra linha.

GRAHAM: Nunca corri tão depressa na vida quanto naquele dia, em direção ao quarto dela.

KAREN: Três segundos depois — sem exagero — escutei uma batida na porta. Quando abri, Graham estava todo esbaforido. Uma corridinha daqui até ali e ele já estava sem fôlego.

GRAHAM: Olhei bem para ela. Karen era maravilhosa. Aquelas sobrancelhas grossas. Eu não resisto a garotas com sobrancelhas grossas. Eu perguntei: “O que você está querendo me dizer?”.

KAREN: Eu disse: “Aproveita sua chance, Graham”.

GRAHAM: Eu entrei no quarto, fechei a porta, agarrei aquela mulher e beijei até não poder mais.

Ninguém acorda de manhã pensando: *Ei, hoje pode ser um dos melhores dias da minha vida*. Mas aquele foi. Aquele dia com Karen... foi um dia daqueles.

WARREN: Tem uma coisa que nunca contei para ninguém. Mas é uma coisa boa. Você vai gostar.

No dia do show em Glasgow, logo depois da passagem de som, fui tirar um ronco fermentado — que era como eu me referia ao hábito de tomar uma cerveja

e dar um cochilo à tarde — e acordei porque Karen estava transando no quarto ao lado! O barulho era tão alto que não me deixou dormir.

Nunca descobri quem era, mas depois vi Karen trocar uns sorrisinhos com o iluminador de palco, então eu tinha certeza de que ela estava tendo um caso com o Bones.

BILLY: Depois de falar com Daisy, fui procurar Graham para a gente ir almoçar, mas não o encontrei em lugar nenhum.

GRAHAM: Quando estava perto da hora de ir para o show, Karen me fez sair escondido do quarto dela para ir me trocar, e depois a gente se encontrou no elevador.

KAREN: Eu não queria que ninguém soubesse de nada.

BILLY: Quando a gente chegou no camarim, estava todo mundo pirando porque ninguém sabia por onde andava a banda da Daisy.

EDDIE: Ao que parece, Hank passou no Apollo antes de ir embora e levou os cinco músicos da banda da Daisy junto com ele. Os caras simplesmente caíram fora.

KAREN: Foi um golpe muito baixo.

GRAHAM: A música tinha que estar acima de tudo. Nosso trabalho era subir no palco e nos apresentar para a plateia. Por mais que tivesse algum problema pessoal rolando.

DAISY: Minha banda tinha ido embora. Assim, do nada. Fiquei sem saber o que fazer.

HANK ALLEN (*ex-empresário, Daisy Jones*): Só o que posso dizer é que Daisy Jones e eu tivemos uma relação estritamente profissional entre 74 e 77, que foi

encerrada por discordâncias de ambas as partes sobre o caminho que a carreira dela deveria seguir. Continuo desejando tudo de bom para ela até hoje.

BILLY: Fui atrás do Rod, e ele já estava pensando no que fazer para minimizar o estrago. Eu falei: “Seria tão ruim assim se Daisy deixasse de fazer a apresentação dela só por uma noite?”.

Mas logo em seguida me dei conta de que Rod já devia ter virado o empresário dela àquela altura. Então, sim... para ele seria bem ruim mesmo.

ROD: Jonah Berg estava na plateia. O cara da *Rolling Stone*.

KAREN: Estava todo mundo tentando resolver o que fazer. E, enquanto isso, Graham só pensava em arrumar um jeito de chamar a minha atenção quando ninguém estava olhando. Eu ria sozinha, pensando: *Nós estamos com um problema aqui, sabia?*

GRAHAM: Eu não conseguia parar de olhar para Karen.

KAREN: Graham era o cara com quem eu conversava sobre tudo. E, naquela noite, senti vontade de conversar com ele sobre tudo o que tinha rolado entre nós. Eu queria conversar com ele sobre ele mesmo.

DAISY: Eu disse para Rod: “De repente posso cantar sozinha”. Não queria desistir. *Alguma coisa* eu tinha que fazer.

EDDIE: Rod sugeriu que Graham subisse com Daisy no palco para tocar umas versões acústicas de algumas músicas do disco dela. Mas Graham não estava nem aí. E eu falei: “Pode deixar comigo”.

ROD: Mandeí Daisy e Eddie para o palco sem ter a menor ideia do que ia acontecer, e, enquanto eles se posicionavam, deu para notar que os dois pareciam estar pisando em ovos.

DAISY: Eddie e eu começamos a apresentação. Uma coisa bem simples. Só com ele na guitarra e eu cantando. Acho que fizemos “One Fine Day” e “Until You’re Home”. Ficou legal, mas aquilo não empolgou ninguém. E eu sabia que o cara da *Rolling Stone* estava lá e que precisava causar uma boa impressão. Então, na última música decidi que precisava tentar alguma coisa mais ousada.

EDDIE: Daisy veio até mim, cochichou mais ou menos a batida e o tom que queria e me falou para improvisar uma base na guitarra. Só isso. “Inventa alguma coisa aí.” Eu fiz o que deu, né? Não dá para compor uma melodia assim do nada.

DAISY: Tentei pedir para Eddie tocar alguma coisa em que eu pudesse encaixar a minha música nova. Queria cantar “When You Fly Low”. Ele começou, e eu tentei pegar o ritmo, mas não estava dando certo. Estava na cara. E eu acabei dizendo: “Certo, deixa isso pra lá”. Disse no microfone mesmo. A plateia riu junto comigo. Dava para sentir que eles estavam torcendo por mim, querendo curtir o show. Então, comecei a cantar *a cappella*. Só eu, minha voz e a música composta por mim.

Eu me esforcei enquanto trabalhava nela, ajeitando tudinho do início ao fim. Não tinha nenhuma palavra sobrando ou faltando naquela letra. Só eu, meu pandeiro e meu pé batendo no chão.

EDDIE: Eu comecei a acompanhar, batendo no corpo da guitarra para ajudar a manter o ritmo. O público estava curtindo. Estava todo mundo vidrado na gente.

DAISY: Foi uma sensação incrível cantar assim. Apresentar uma música que vinha do meu coração. Uma letra escrita por mim e mais ninguém.

Percebi que o pessoal da frente da plateia estava escutando, prestando atenção. Pessoas de um outro país, que eu nunca tinha visto, e senti uma conexão com elas como nunca antes na minha vida.

É por isso que eu sempre amei fazer música. Não pelo som, pela fama e pela diversão, e sim pelas palavras que a gente pode deixar fluir enquanto canta — as emoções, as histórias, as verdades.

A música consegue ir *fundo*, saca? É como pegar uma pá e começar a escavar o peito até encontrar alguma coisa. Naquela noite, cantando daquele jeito, eu só reafirmei minha vontade de fazer um disco com as minhas próprias músicas.

BILLY: Eu estava na coxia vendo Daisy e Eddie no palco quando ela começou a cantar “When You Fly Low”. Ela era boa. Muito melhor que... Melhor do que eu pensava.

KAREN: Billy ficou encarando Daisy.

DAISY: Quando terminei de cantar, a plateia começou a gritar e assobiar, e eu senti que tinha conseguido fazer o meu melhor diante das circunstâncias. Senti que tinha conseguido reverter uma situação ruim e fazer uma boa apresentação para aquele público.

BILLY: Depois que acabou, ouvi Daisy agradecendo e se despedindo e pensei: *A gente podia tocar “Honeycomb” agora. Só eu e ela.*

GRAHAM: Fiquei surpreso quando vi Billy entrando no palco.

DAISY: Eu usei minhas frases de sempre: “Essa foi a minha última por hoje! Agora os Six vêm aí! Uma salva de palmas, pessoal”. Mas no meio da minha fala, Billy apareceu.

Billy ganhava um brilho especial quando subia no palco. Tem gente que se encolhe quando está no foco dos holofotes. E tem gente que brilha. Billy era assim. Fora do palco, não. Fora do palco, ele era melancólico, careta e não dava a menor demonstração de ter nenhum senso de humor. Nessa época, eu achava Billy um saco, para ser bem sincera.

Mas, no palco, parecia que Billy não queria estar em mais nenhum outro lugar, só ali, com você.

EDDIE: Eu estava sentado no banquinho com a guitarra, e Billy veio até mim. Eu perguntei: “O que você quer que eu toque?”.

Mas, em vez disso, Billy estendeu a mão, pedindo a guitarra. Porra, o guitarrista ali era eu. E ele queria tomar meu instrumento.

Ele falou: “Empresta aí, cara?”.

E minha vontade foi dizer: “Não, não empresto”. Mas fazer o quê? Tinha milhares de pessoas vendo. Entreguei a guitarra e fui para perto da Daisy, ao lado do microfone. Fiquei lá de mãos abanando, sem motivo nenhum para estar naquele palco. Dei um jeito de sair de fininho.

BILLY: Acenei para a plateia e falei: “O que vocês acharam da Daisy Jones, pessoal?”. E o público vibrou. “Tudo bem se eu pedir uma coisa para ela?”. Cobri o microfone com a mão e perguntei: “Que tal tocar ‘Honeycomb’ agora? Só eu e você?”.

DAISY: Eu falei: “Tudo bem, vamos lá”. Só tinha um microfone montado no palco, então Billy levantou e veio ficar do meu lado. Ele tinha cheiro de desodorante Old Spice e hálito de cigarro e enxaguante bucal.

BILLY: Eu comecei a tocar a base acústica.

DAISY: O andamento estava um pouco mais lento que o normal. Ficou uma coisa mais suave. E aí ele começou a cantar: “*One day things will quiet down/ We’ll pick it all up and move town/ We’ll walk through the switchgrass down the rocks/ and the kids will come around*”.**

BILLY: E Daisy cantou: “*Oh, honey, I can wait/ To call that home/ I can wait for the blooms and the honeycomb*”.***

KAREN: Sabem quando as pessoas falam que tem gente que faz você se sentir a única pessoa que existe no mundo? Billy e Daisy são assim. E faziam isso também um com o outro. Quando estavam cantando, era como se fossem as únicas pessoas no mundo. Era como ver duas pessoas que nem se davam conta de que tinha uma plateia assistindo.

DAISY: Billy tocava muito bem. O jeito como ele tocava era mais delicado, mais complexo.

BILLY: Com um andamento mais lento, a música ficou ainda mais intimista. Mais agradável, mais leve. E fiquei bem impressionado enquanto tocava, porque Daisy conseguia me acompanhar exatamente do jeito que eu queria. Se eu diminuísse o ritmo, ela cantava de um jeito mais afetuoso. Quando acelerava, ela punha mais energia na voz. Era bem *fácil* parecer bom ao lado dela.

DAISY: Quando terminamos, ele segurou a guitarra de um lado e a minha mão do outro. Os dedos dele eram cheios de calos. Arranhavam a sua pele só de encostar em você.

BILLY: Daisy e eu acenamos para a plateia, que estava aplaudindo, gritando e assobiando.

DAISY: Foi quando Billy falou: “Muito bem, senhoras e senhores, nós somos os Six!”. E o resto da banda entrou no palco, e eles foram logo começando a tocar “Hold Your Breath”.

EDDIE: Voltei para o palco, e a minha guitarra estava largada no chão. Eu mesmo tive que pegar. Isso me irritou um bocado. Não satisfeito em me dizer como eu tinha que tocar e em controlar a duração das turnês, ele ainda arrancava meu instrumento da minha mão e tomava o meu lugar no palco, porra. E nem se deu ao trabalho de devolver na minha mão quando eu voltei para lá. Você entende o que eu estou dizendo?

DAISY: Quando eles estavam entrando, perguntei no ouvido do Billy: “É para eu sair?”. Ele fez que não com a cabeça. Então fiquei lá, fazendo umas harmonias no vocal de apoio quando dava, tocando meu pandeiro. Foi muito legal passar o tempo todo com eles no palco.

BILLY: Nem lembro por que Daisy ficou no palco naquele show. Pensei que ela fosse sair, mas, como não saiu, pensei: *Tudo bem, então. Ela vai ficar*. Enfim, estava rolando um monte de coisa de improviso a noite toda mesmo.

WARREN: Juro para você: dava para ver na cara da Karen aquele olhar maroto de quem tinha mandado ver. Eu estava convencido de que só podia ser por causa do Bones.

BILLY: Fui até Eddie entre uma música e outra para agradecer por ter cedido a guitarra naquela hora, mas ele nem olhou na minha cara. Não consegui chamar a atenção dele.

EDDIE: Eu já estava cheio daquela pose de bonzinho do Billy. O cara era um cuzão. Um babaca de marca maior. Desculpa dizer isso, mas era a minha opinião. E, para ser sincero, continua sendo.

BILLY: No fim, dei um tapinha no ombro do Eddie, um pouco antes do encerramento, e falei: “Valeu, cara. Eu queria que o show fosse especial, já que a *Rolling Stone* está aí”.

EDDIE: Ele falou que até me deixaria tocar, mas, como a *Rolling Stone* estava lá, queria que tudo saísse do jeito certo.

GRAHAM: Pete me lançou um olhar durante uma pausa, e fiquei tentando entender qual era o problema. Depois, ele apontou com o queixo para o Eddie.

Olha, eu entendo. Com o Billy por perto, não era muito difícil alguém se sentir diminuído. Mas isso não muda o fato de que a plateia pagava ingresso

para ver o Billy. As pessoas gostavam das músicas, e as composições eram dele. Gostavam de ver ele no palco. Billy fez o certo quando entrou lá e pegou a guitarra do Eddie. Não foi uma atitude respeitosa. Nem exatamente simpática. Mas o show foi melhor por causa disso.

A banda funcionava num esquema de meritocracia na maior parte do tempo, apesar de ser um regime ditatorial. Billy não era o líder por ser um babaca, e sim por ser o mais talentoso.

Eu já tinha conversado sobre isso com o Eddie... Tentar competir com o Billy é uma batalha perdida. É por isso mesmo que nem tento. Eddie não entendeu isso.

KAREN: Encerramos o show tocando “Around to You”. Daisy acompanhou o Billy no vocal a música toda. A gente nunca tinha feito uma harmonia vocal de verdade numa música antes. Ficou bom.

Parecia que Daisy e Billy tinham uma língua secreta que só os dois compreendiam, um sacava o que o outro queria bem depressa.

BILLY: Quando a música acabou, fiquei com a sensação de que aquele era o melhor show que a gente já tinha feito. Virei para a banda e falei: “Bom trabalho, pessoal”.

WARREN: Eddie estava bem puto e não conseguiu se segurar. “Fico feliz de agradar você, chefe.”

BILLY: Eu deveria ter entendido melhor a situação e ficado na minha. Mas não consegui. Não lembro bem o que falei, mas, o que quer que fosse, não deveria ter dito.

EDDIE: Billy chegou perto de mim e falou: “Não precisa dar uma de escroto só porque você teve uma noite ruim”. E isso foi a gota d’água. Sabe por quê? Porque a minha noite tinha sido *ótima*. Eu toquei *muito* bem naquele show.

Ah, vai se foder. E foi bem isso que eu falei. Eu disse: “Cara, vai se foder”.

E Billy respondeu: “Ei, pega leve aí, beleza?”.

BILLY: Eu devo ter pedido para ele se acalmar ou alguma coisa assim.

EDDIE: Só porque o Billy não se importava com alguma coisa, não significava que não tinha importância para mim. E eu estava de saco cheio de ter que concordar com a opinião dele sobre tudo.

BILLY: Virei para a plateia, achando que estava tudo bem. E falei: “Obrigado, pessoal! Nós somos os Six!”.

KAREN: Um pouco antes de apagarem as luzes, olhei para o Eddie e vi que ele estava levantando a guitarra, então deu para prever o que ia acontecer.

DAISY: Eddie tirou a guitarra do ombro e jogou ela para o alto.

GRAHAM: Ele desceu a guitarra com tudo.

EDDIE: Eu arrebentei minha guitarra no chão e saí andando. Me arrependi na hora. Imediatamente. Eu adorava aquela guitarra. Era uma Les Paul 1968.

WARREN: O braço da guitarra quebrou, e Eddie simplesmente jogou no chão e saiu fora. Pensei em dar uns chutes na minha bateria só para entrar na brincadeira. Mas era uma Ludwig. Não dá para sair chutando uma Ludwig.

ROD: Quando eles saíram do palco, eu só conseguia pensar em duas coisas. A primeira era que o show tinha sido sensacional. A outra era que Eddie poderia voar no pescoço do Billy a qualquer momento. E Jonah Berg ia aparecer no camarim naquela noite.

Então, quando vi o Eddie, fui até lá, levei um copo de água e pedi para ele se acalmar um pouco.

EDDIE: Rod veio me pedir para não criar caso. Eu disse: “Fala isso para o Billy”.

ROD: Tem dias em que a gente só quer fazer com que as coisas saiam como o planejado. E os músicos podem tornar isso muito divertido ou um tormento.

Billy saiu do palco por último. Eu disse para ele: “Nem começa, certo? Esquece essa história. Jonah Berg vai vir para cá, e vocês precisam continuar causando uma boa impressão”.

DAISY: Foi um show incrível. Incrível. Meu nível de empolgação estava a mil depois daquela apresentação.

* “Eles querem você bem humilde/ Querem atrofiar sua musculatura/ Querem podar sua vontade/ Obrigar você a pedir ajuda/ para manter você voando baixo.” (N. T.)

** “Um dia as coisas vão sossegar/ Vamos pegar nossas coisas e mudar/ Vamos caminhar pela relva junto às pedras/ e as crianças vão estar lá.” (N. T.)

*** “Ah, querido, eu posso esperar/ Para poder chamar esse lugar de lar/ Posso esperar pelas flores e pela casa em formato de colmeia.” (N. T.)

JONAH BERG (*jornalista musical*, Rolling Stone, 1971-83): Quando fui conhecer a banda no camarim depois do show de Glasgow, fiquei surpreso com o nível de camaradagem que encontrei. Eles mandaram ver no palco, pegaram pesado, quebrando guitarras e tudo mais. Só que nos bastidores estava tudo tranquilo. Eles pareciam... completamente normais. O que é bem estranho no caso de astros do rock.

Mas os Six eram sempre uma surpresa.

KAREN: Foi fingimento demais.

Billy e Daisy fingindo que conversavam depois dos shows, coisa que nunca faziam. Eddie fingindo que não estava morrendo de raiva do Billy. Enfim, claro que estava *todo mundo* preocupado com outras coisas naquela noite, mas a gente teve que deixar tudo de lado e entreter Jonah Berg como deveria.

BILLY: Jonah era um cara bacana. Com um visual meio descolado e tal. Depois de uns minutinhos de conversa no camarim, ofereci uma cerveja para ele. E peguei um refrigerante para mim.

Ele perguntou: “Não vai tomar uma também?”.

Eu respondi: “Hoje não”.

Não queria falar da minha vida pessoal para jornalista nenhum. Eu tomava muito cuidado com isso. Com o tipo de situação a que ia expor minha família. Não havia necessidade nenhuma de lavar roupa suja em público.

WARREN: Por algum motivo, fomos parar num piano-bar a alguns quarteirões de lá. Era a primeira vez que todo mundo saía junto. Os seis da banda e Daisy também.

Daisy estava usando um casaco por cima do short e da camisa. O casaco era mais comprido que o short e tinha uns bolsos enormes. Quando chegamos ao bar, ela tirou uns comprimidos do bolso e mandou ver junto com a cerveja.

Eu perguntei: “O que é que você tem aí?”.

Jonah estava no balcão, pedindo uns drinks.

Daisy falou: “Não conta pra ninguém. Não quero levar sermão da Karen. Ela pensa que eu parei”.

Eu respondi: “Não estou perguntando pra dedurar ninguém. Só quero saber porque ia pedir para tomar um também”.

Daisy sorriu e tirou mais um comprimido do bolso para mim. Quando colocou na minha mão, vi que tinha fiapos grudados. Eles estavam largados naqueles bolsos enormes. Nessa época, ela tinha comprimidos soltos nos bolsos de todos os casacos.

BILLY: Eu estava conversando com Jonah, porque ele tinha me perguntado sobre como a banda tinha começado, o que a gente estava planejando, essas coisas.

JONAH BERG: Quando você entrevista uma banda, é interessante conversar com todo mundo. Porque as boas histórias podem vir de qualquer um. Mas também dá para saber que os leitores estão interessados em gente como Billy e Daisy — e talvez Graham ou Karen.

EDDIE: Obviamente, Billy grudou no cara. Ficou sugando a atenção dele. Pete me mandou acender um baseado e relaxar.

KAREN: Quando o resto do pessoal estava conversando com o cara do piano, eu puxei Graham para o banheiro feminino.

GRAHAM: Eu me recuso a falar em público sobre quem fez o quê.

BILLY: Para minha surpresa, eu estava me divertindo. Quer dizer, sabia que Eddie estava morrendo de raiva de mim, mas o resto do pessoal estava tranquilo, e foi legal ver todo mundo saindo junto de novo. E a gente tinha acabado de fazer um puta show.

DAISY: Algumas das melhores noites nessa época eram quando eu acertava na dose das drogas. A quantidade perfeita de pó, o momento perfeito para tomar os comprimidos e champanhe suficiente para me deixar só alegrinha.

KAREN: Depois que Graham e eu voltamos para a mesa, sentei com Daisy e dividi uma garrafa de vinho com ela. Ou será que cada uma tomou uma garrafa?

BILLY: Uma coisa levou à outra.

JONAH BERG: Acho que fui eu que sugeri que eles fizessem um som.

DAISY: Acabei em cima do piano cantando “Mustang Sally”.

GRAHAM: Você acha que já viu de tudo na vida até dar de cara com Daisy Jones dançando sobre um piano, de casaco de pele, descalça e cantando “Mustang Sally”.

BILLY: Não lembro de como eu fui parar em cima do piano.

WARREN: Daisy puxou Billy para cima do piano.

BILLY: Quando fui ver, estava cantando com ela.

KAREN: Billy teria topado subir num piano para cantar com Daisy Jones se Jonah Berg não estivesse lá? (*encolhe os ombros*)

EDDIE: Não era um bar de gente descolada. Na maioria dos lugares nessa época, depois de alguns compassos de “Honeycomb”, você ouvia: “Ah, nossa! São vocês?”. Mas com esse pessoal não foi assim.

KAREN: Quando a música terminou, Billy ia descer do piano, mas Daisy segurou a mão dele, não deixou ele sair dali. Fui falar com o pianista e perguntei: “Você conhece ‘Jackie Wilson Said’?”. Ele fez que não com a cabeça, então perguntei: “Posso?”.

Ele levantou, me deixando assumir o piano. Foi quando comecei a tocar.

GRAHAM: Daisy e Billy arrasaram. O bar inteiro ficou empolgado e começou a dançar e cantar junto. Até o cara que Karen tinha expulsado do piano estava acompanhando o refrão. “Dang a lang a lang”, você sabe como é.

JONAH BERG: Eles eram magnéticos. Essa é a palavra para o que eles tinham. *Magnetismo.*

BILLY: Quando o bar começou a fechar, Daisy e eu descemos do piano, e um cara falou: “Vocês deveriam pensar em se apresentar em público, sabiam?”.

Daisy e eu trocamos olhares e caímos na risada. Eu respondi: “Ótima ideia. Vou pensar nisso”.

KAREN: Nós voltamos todos juntos para o hotel, a pé.

DAISY: Acabei ficando para trás do resto do pessoal porque estava descalça. Pensei que estava sozinha, mas aí vi que Billy diminuiu o passo para me acompanhar. Ele estava com as mãos nos bolsos, com os ombros curvados, me esperando enquanto eu calçava as sandálias de novo. Ele disse: “Queria dar um tempo para os outros falarem com Jonah também”.

Nós fomos andando um pouco mais devagar, conversando sobre o quanto a gente gostava do Van Morrison.

BILLY: No saguão do hotel, a gente se despediu do Jonah.

JONAH BERG: Eu disse que precisava ir e voltei para o meu hotel. Já sabia sobre o que ia escrever, e mal podia esperar para começar.

KAREN: Eu falei para todo mundo que ia dormir.

GRAHAM: Saí do elevador e fingi que estava indo para o meu quarto, mas fui para o da Karen.

DAISY: Billy e eu subimos para os quartos, ainda conversando.

KAREN: Deixei uma fresta da porta do meu quarto aberta para Graham.

EDDIE: Fiquei feliz de me livrar do Jonah e não precisar mais fingir que ainda suportava olhar para a cara do Billy. Fumei um com Pete e fui dormir.

DAISY: Billy e eu atravessamos o corredor juntos e, quando chegamos à porta do meu quarto, falei: “Quer entrar?”.

Eu só estava gostando da conversa. Finalmente a gente estava se conhecendo. Mas, quando falei isso, Billy olhou para o chão e falou: “Não acho uma boa ideia”.

Quando fechei a porta do quarto, me senti uma idiota. Estava na cara que Billy achou que eu estava dando em cima dele, e isso me deixou puta da vida.

BILLY: Quando Daisy tirou a chave do bolso, veio junto um pacotinho de pó. Ela ia entrar no quarto e, no mínimo, cheirar uma carreirinha. E eu... eu não queria estar lá quando isso acontecesse.

Não podia entrar naquele quarto.

DAISY: Por um momento eu pensei que a gente podia ser bons amigos, que Billy era capaz de me ver como uma igual. Em vez disso, eu era uma mulher com a qual ele evitava ficar sozinho.

BILLY: Eu me conhecia muito bem. E aquilo não era uma opção para mim. Então a coisa precisava parar por ali.

Daisy e eu tínhamos feito um show incrível juntos. E tivemos uma noite divertida depois disso. Ela era muito gata. Era mesmo. Não adianta negar. Tinha aqueles olhos grandes, uma voz maravilhosa. Umas pernas compridas. Um sorriso que era... era contagiante. Quando ela sorria, as pessoas ao redor sorriam junto, como se fosse um vírus se espalhando.

Ela era uma companhia divertida.

Mas também era...

Enfim, Daisy andava descalça quando estava frio, saía de jaqueta no calor, estava sempre transpirando, independentemente da temperatura dos lugares. Ela nunca pensava antes de falar. Parecia um pouco descontrolada e desconectada com a realidade às vezes.

Era viciada em drogas. O tipo de viciada que pensa que os outros não percebem, o que talvez seja ainda pior.

De jeito nenhum — não importava o que acontecesse, mesmo se estivesse a fim — eu poderia começar a andar com Daisy Jones.

DAISY: Não sei por que ele fazia tanta questão de me rejeitar o tempo todo.

BILLY: Quando a presença de uma pessoa traz uma energia, isso mexe com você — Daisy fazia isso comigo —, e essa energia pode se transformar em tesão, amor ou ódio.

Eu me sentia mais à vontade sentindo ódio dela. Não havia outra escolha.

JONAH BERG: A meu ver, o principal elemento que tornava aquela banda original e de alto nível era a combinação de Daisy com Billy. O disco solo da Daisy não era nada em comparação ao que os Six estavam fazendo. E os Six sem Daisy não chegavam nem *perto* do que eram com ela no palco.

Daisy era uma parte integrante, necessária e indispensável dos Six. O lugar dela era naquela banda.

Então foi isso que escrevi.

DAISY: Rod mostrou a matéria para nós antes da revista sair, e quando vi a manchete fiquei toda animada. Eu adorei.

JONAH BERG: Eu já sabia qual ia ser a manchete antes mesmo de terminar: “Os seis que deveriam ser sete”.

ROD: A capa era ótima. Uma foto bem nítida deles no palco juntos, Billy e Daisy cantando no mesmo microfone, Graham e Karen trocando olhares. O resto do pessoal mandando ver nos instrumentos. Mais abaixo, quatro ou cinco pessoas com isqueiros acesos na plateia. E aí tinha aquela manchete.

WARREN: A gente estava na capa da *Rolling Stone*. Da *Rolling Stone*, caralho. Enfim, as pessoas podem ficar incomodadas com uma série de coisas no caminho que leva até o sucesso. Mas não com isso.

BILLY: Eu arranquei a revista da mão do Rod.

GRAHAM: Billy não parecia ter ficado muito satisfeito.

BILLY: “Os seis que deveriam ser sete”.

ROD: Acho que as palavras exatas do Billy foram: “Porra, isso só pode ser brincadeira”.

BILLY: Porra, aquilo *só podia* ser brincadeira.

DAISY: Sabia que era melhor não dizer nada sobre aquela matéria. Ninguém falava a respeito, a não ser Rod, e quando estávamos só nós dois. Ele me falou que, se quisesse fazer parte dos Six oficialmente, precisava aguentar firme que a oportunidade ia aparecer.

ROD: Billy começou a se acalmar depois de alguns dias. Quando subimos no avião para voltar a LA, ele já estava numa boa.

BILLY: Eu não estava querendo ser... ignorante. Sabia que nosso maior hit era uma parceria com a Daisy. E que o Teddy tinha a intenção de fazer a gente gravar mais uma ou outra canção com ela no futuro. Sabia que com a Daisy a gente virava uma banda mais comercial, com mais apelo para o público em geral — obviamente, eu tinha consciência disso. Mas fui pego de surpresa pela ideia de ter Daisy como membro oficial da banda... Ainda mais com aquela sugestão feita da forma mais pública possível.

GRAHAM: A matéria falava que a gente mandava muito bem com a Daisy. Claro, tinha essa parte, *com a Daisy*, mas preferi me concentrar na constatação de que a gente *mandava muito bem*.

EDDIE: Quando a matéria saiu, a turnê tinha acabado. Nós sete, o Rod, a equipe de palco, os roadies... estava todo mundo indo para casa.

WARREN: A gente teve que voltar num voo comercial para os Estados Unidos. Fiquei me sentindo um pé-rapado.

BILLY: Levantei da minha poltrona logo depois da decolagem. Fui falar com Graham e Karen. Perguntei: “Como seria, o que vocês acham? Se Daisy fizesse parte da banda?”.

KAREN: Eu achava que a matéria estava certa. Ela já fazia parte da banda, de forma honorária, pelo menos. Por que não oficializar a coisa? Ter a participação dela em todas as músicas?

GRAHAM: Eu disse para Billy convidar Daisy para fazer parte da banda.

BILLY: Eles não ajudaram em nada.

WARREN: Em algum momento do voo, Billy estava sentado do meu lado, fazendo uma lista de prós e contras sobre deixar Daisy entrar na banda ou não. E aí vi Karen saindo do banheiro como se tivesse acabado de ter sido devorada. Toda vermelha e descabelada. Aí me virei, e a poltrona de quem estava misteriosamente vazia? Do Bones.

EDDIE: Meu lugar era mais no fundo do avião, e dava para ver Graham levantando da poltrona, Karen andando de um lado para o outro, Billy conversando com eles. Fiquei só olhando, tentando entender que diabo estava acontecendo. Aí virei para Daisy e perguntei: “O que você acha que eles estão fazendo ali, hein?”.

Mas ela enfiou a cara no livro que tinha na mão e disse: “Fica quieto, eu estou lendo”.

WARREN: Dei uma olhada quando Billy estava escrevendo sua lista de prós e contras sobre Daisy entrar na banda, e ele parecia estar tendo dificuldades para arrumar argumentos contrários.

Eu falei: “Escreve aí ‘Deixa a gente de pau duro em momentos impróprios’ na seção de contras”.

Ele me disse que aquilo não fazia o menor sentido, e eu disse: “Beleza, está na cara que você não quer a minha opinião”.

Ele respondeu: “Quero, sim”. Dei uma boa encarada nele, que falou em seguida: “É verdade, não quero mesmo”.

Então me recostei, dei um gole no meu bloody mary e voltei a ler as instruções do saquinho de vômito.

KAREN: Billy voltou com a tal lista para onde Graham e eu estávamos. Aos poucos, ele foi chegando à conclusão de que queria mais hits e que Daisy traria isso.

Eu falei: “Existe a chance de ela não aceitar, você sabe”. Pelo jeito, isso nem tinha passado pela cabeça de Billy e Graham. Mas Daisy estava chamando mais atenção que a gente.

GRAHAM: Nós decidimos fazer um disco com Daisy. Para ver como a coisa funcionava.

BILLY: Era uma decisão que afetava muita gente. O que era bom para mim não necessariamente seria bom para todos. Eu precisava pensar nisso também. Warren, Graham, Karen, Rod. Todo mundo queria crescer, chegar ao topo das paradas. Nós todos. Isso tinha que ser levado em conta.

Não importava se eu preferia manter uma distância saudável dela em termos pessoais.

WARREN: Não entendi por que Billy esquentou tanto a cabeça com isso. No fim ele ia fazer o que Teddy mandasse mesmo.

KAREN: As pessoas diziam que Billy não queria Daisy na banda para não dividir os holofotes, mas acho que não era isso. Billy não era inseguro nesse sentido. Esse problema ele não tinha, na verdade. Não se sentia *intimidado* pelo talento de ninguém.

Só acho que ela deixava Billy... desconfortável. Interprete isso como quiser.

BILLY: Quando o avião pousou no LAX, achei que seria uma boa ideia dar pelo menos uma sondada no Teddy a respeito. Se ele achasse que a gente deveria gravar um disco com a Daisy, aí eu faria o convite.

ROD: Depois que o avião pousou, fui falar com o Billy, perguntar o que ele estava pensando. Ele disse que queria conversar com o Teddy sobre a possibilidade da Daisy entrar na banda. Então, puxei o Billy até um orelhão, liguei para o Teddy e falei: “Teddy, conta para o Billy o que você me falou hoje de manhã”.

GRAHAM: Claro que Teddy queria que Daisy entrasse para a banda!

BILLY: Teddy me lembrou que, quando a gente se conheceu, eu disse que queria fazer parte da maior banda do mundo. E eu respondi que lembrava muito bem disso. Ele falou: “Isso vai acontecer com vocês dois cantando juntos”.

EDDIE: Depois que o avião pousou, eu e Pete encontramos com Warren, Graham e Karen, e eles me disseram: “Vamos convidar Daisy para fazer parte da banda”. Eu não conseguia acreditar.

De novo, ninguém se deu ao trabalho de pedir a porra da minha opinião.

DAISY: Estava todo mundo cochichando, fazendo rodinhas, e quando olhei para o Rod, ele piscou para mim. Foi quando entendi tudo.

BILLY: Desliguei o telefone depois de conversar com o Teddy e falei para o Rod: “Certo, pode falar que ela está dentro”. Depois peguei um táxi e fui direto para casa ver minhas meninas.

KAREN: Depois de sair do aeroporto naquele dia, cada um seguiu seu caminho. Foi como o início das férias escolares.

BILLY: Assim que entrei em casa, foi como se Daisy, a banda, a música, os equipamentos, a turnê... tudo isso deixasse de existir. Eu estava a fim de ir comprar sorvete de morango para a Camila na hora que ela quisesse e brincar de casinha com a Julia até ela cansar. Minha família era o que importava.

CAMILA: Billy voltou para casa e precisou de um dia ou dois para se readaptar. Mas ele estava lá. Com a gente, e dando atenção só para a gente. E feliz. E eu pensei: *Beleza. Estamos conseguindo. Estamos fazendo tudo certo.*

ROD: Esperei alguns dias. Deixei a poeira baixar, para ter certeza de que Billy não ia mudar de ideia. Então liguei para Daisy.

DAISY: Eu estava morando de novo no meu chalé favorito no Marmont.

SIMONE: Quando Daisy voltou da turnê, eu também já estava de volta. E acho importante mencionar que, depois daquela viagem, Daisy estava empolgadíssima. Estava alto-astral o tempo inteiro. Eu pensei: *O que aconteceu com você na estrada?* Ela não queria mais ficar sozinha. Sempre ligava para chamar alguém para ir até lá, sempre me pedia para não desligar o telefone quando a gente estava conversando. Ela não gostava de ficar em casa sem ninguém. Não gostava de sossego.

DAISY: Eu estava recebendo umas pessoas quando o Rod me ligou. Foi no dia da capa da *Cosmopolitan*. Tinha dado a entrevista na Europa e naquela tarde tinha sido a sessão de fotos.

Algumas meninas que estavam trabalhando comigo nas fotos foram até meu chalé depois. A gente estava bebendo champanhe rosé e pensando em entrar na piscina, aí o telefone tocou. Eu atendi e disse: “Lola La Cava falando”.

ROD: O pseudônimo da Daisy era “Lola La Cava”. Sempre tinha um monte de caras atrás dela. A gente precisava esconder o lugar onde ela estava o tempo todo.

DAISY: Lembro do telefonema como se fosse hoje. Eu estava com a garrafa de champanhe na mão, e tinha duas meninas no sofá e outra cheirando uma carreira na minha penteadeira. Lembro de ter ficado irritada porque ela estava sujando de pó a lombada do meu diário.

Mas aí Rod falou: “É oficial!”.

ROD: Eu disse: “Eles querem que você grave um disco com a banda”.

DAISY: Eu pulei tão alto que fui parar no teto.

ROD: Dava para ouvir que Daisy estava cheirando do outro lado da linha. Isso sempre me incomodou nos meus músicos — nunca era uma coisa fácil de lidar. Eu deveria monitorar esse uso de drogas ou não? Isso era da minha conta? Mesmo sabendo que eles usavam, era minha função determinar o que era ou não exagero? Se fosse, *sim*, minha função, como determinar o que era *mesmo* exagero?

Nunca consegui encontrar uma resposta.

DAISY: Quando desliguei o telefone e comecei a gritar no meio da sala, uma das meninas perguntou qual era o motivo de tanta empolgação, e falei: “Vou entrar para os Six!”.

Nenhuma delas deu muita bola. Em geral, quando você tem drogas de sobra e um lugar legal para usar, provavelmente não vai atrair gente muito preocupada com a *sua* vida.

Mas eu fiquei muito feliz naquela noite. Dancei pela sala um pouquinho. Abri outra garrafa de champanhe. Chamei mais gente para ir para lá. E, lá pelas três da manhã, quando a festa acabou, eu ainda estava pilhada demais para ir para a cama. Liguei para a Simone e dei a notícia.

SIMONE: Fiquei preocupada. Não sabia se fazer parte da cena do rock ia ser bom para ela.

DAISY: Falei para a Simone que ia passar na casa dela e que a gente ia sair para comemorar.

SIMONE: Isso foi no meio da madrugada. Eu estava dormindo. Com touca nos cabelos, máscara de dormir. Não estava disposta a ir a lugar nenhum.

DAISY: Ela falou que ia me visitar de manhã para tomar café, mas continuei insistindo. E, no fim, ela acabou dizendo que eu não parecia estar em condições de dirigir. Fiquei irritada e desliguei o telefone.

SIMONE: Pensei que ela fosse para a cama depois disso.

DAISY: Eu estava pilhada demais. Tentei ligar para a Karen, mas ela não atendia. Acabei decidindo que precisava contar para os meus pais. Por algum motivo, pensei que eles fossem ficar orgulhosos de mim. Sei lá por quê. Afinal, uma música minha tinha chegado ao terceiro lugar nas paradas alguns meses antes, e eles não me procuraram nem para mandar um bilhete. Os dois nem sabiam que eu estava na cidade.

Então, nem preciso dizer que ir até a casa deles às quatro da manhã não era uma ideia das mais inteligentes. Mas ninguém tem ideias geniais quando fica chapado.

A casa deles não era longe — coisa de um quilômetro e meio —, então decidi ir a pé. Peguei a Sunset Boulevard e depois comecei a subir as ladeiras. Cheguei lá mais ou menos uma hora depois.

Então lá estava eu, diante da casa onde passei minha infância, e por algum motivo cheguei à conclusão de que o meu antigo quarto parecia meio abandonado. Então pulei o portão, escalei a parede pelo condutor da calha, quebrei o vidro da janela e fui deitar na minha cama.

Acordei com policiais parados do meu lado.

ROD: Fico me perguntando o que eu poderia ter feito diferente no caso da Daisy.

DAISY: Meus pais não sabiam que era eu lá na cama. Ouviram alguém entrar e chamaram a polícia. Quando tudo foi esclarecido, eles disseram que não iam prestar queixa. Mas a essa altura, com o saquinho de pó no meu sutiã, os baseados guardados na minha bolsinha de moedas — a coisa acabou se complicando.

SIMONE: Naquela manhã Daisy me ligou da delegacia. Eu paguei a fiança e falei: “Daisy, você precisa parar com tudo isso”. E o que eu disse entrou por um ouvido e saiu pelo outro.

DAISY: Eu não fiquei muito tempo presa.

ROD: A gente conversou uns dias depois, e ela estava com um corte na mão direita, que ia do dedinho até o pulso. Eu perguntei: “O que foi isso?”.

Parecia que era a primeira vez que ela estava vendo o machucado. Ela respondeu: “Não faço ideia”. E depois começou a falar sobre outra coisa. E aí, do nada, uns dez minutos depois, disse: “Ah! Deve ter sido quando quebrei a janela para entrar na casa dos meus pais”.

Eu falei: “Daisy, está tudo bem com você?”.

Ela respondeu: “Está sim, por quê?”.

BILLY: Algumas semanas depois do fim da turnê, acordei um dia de manhã com a Camila me sacudindo pelo ombro e avisando que estava em trabalho de parto. Tirei a Julia da cama, e a gente foi correndo para o hospital.

Enquanto a Camila estava deitada naquele leito, suando e gritando, segurei a mão dela, coloquei um pano frio na testa, dei uns beijos no seu rosto e ajudei a manter suas pernas para cima. Mas aí falaram que ela ia ter que passar por uma cesariana, e eu fiquei lá — o mais próximo que me deixaram —, segurando a mão dela enquanto ia para a sala de cirurgia, dizendo que não tinha motivo para se preocupar, que ia ficar tudo bem.

E depois elas chegaram. Minhas gêmeas. Susana e Maria. Com os rostinhos amassados, as cabecinhas cheias de cabelo. Mas eu consegui diferenciar uma da outra na hora.

E olhando para elas percebi... *(pausa)* Eu me dei conta de que nunca tinha visto bebês recém-nascidos. Não tinha ido ver a Julia assim que ela nasceu.

Entreguei Maria para a mãe da Camila segurar um pouco, fui até o banheiro, tranquei a porta e desmoronei. Eu... eu precisava de um tempo para lidar com a minha própria vergonha.

Mas consegui lidar. Não tentei enterrar aquilo dentro de mim para sempre. Fui até o banheiro, me olhei no espelho e encarei o que estava sentindo.

GRAHAM: Billy era um bom pai. Sim, ele era um viciado em drogas que perdeu os primeiros meses de vida da filha mais velha. E isso é uma vergonha, claro. Mas ele estava progredindo. Pelas meninas. Estava compensando as besteiras e melhorando a cada dia. Isso era muito mais que qualquer homem na nossa família já tinha feito.

Ele estava sóbrio, sempre punha as filhas em primeiro lugar e fazia de tudo pela família. Era um homem decente.

Acho que o que estou querendo dizer é que... se você se redimiou, tem mais é que acreditar na própria redenção.

BILLY: Teve um momento no hospital, quando estávamos só eu, Camila e as meninas, em que eu pensei: *Como posso passar tanto tempo na estrada?*

Fiz um baita discurso para Camila, dizendo: “Vou desistir de tudo, querida. Não quero nada além da nossa família. Só nós cinco. É isso que eu quero e preciso”. E estava sendo sincero. Fiquei falando por uns dez minutos. Eu disse: “Não preciso do rock ‘n’ roll. Só preciso de vocês”.

E Camila — é preciso lembrar que ela estava exausta e tinha acabado de passar por uma cesariana —, eu nunca vou esquecer, ela falou: “Ah, cala essa boca, Billy. Eu casei com um músico. E você vai continuar sendo um. Se eu

quisesse ser dona de casa e só ter que me preocupar em preparar o jantar às seis da tarde, teria casado com alguém como o meu pai”.

CAMILA: Billy, às vezes, fazia uns discursos grandiloquentes. E eram legais de ouvir, porque ele é um artista. Sabe como evocar uma imagem. Mas quase sempre é por causa de alguma empolgação passageira. E eu precisava dizer: “Ei, olá, vamos voltar para o planeta Terra, por favor”.

KAREN: Camila conhecia Billy muito bem, melhor que o próprio Billy. Qualquer outra mulher poderia ter dito: “Você teve sua cota de diversão, mas agora tem três filhas para criar”. Camila amava Billy do jeito como ele era. Eu admirava muito isso nela.

E acho que Billy a amava do mesmo jeito. Dava para ver que ele era apaixonado pela Camila. Quando os dois estavam no mesmo lugar, a gente percebia o quanto ele era fascinado por ela. Ficava em silêncio, deixava que ela falasse. E sempre espremia um limão na bebida antes de entregar para ela, em qualquer lugar. E pegava o limão da própria bebida para espremer no copo dela também. E depois ainda colocava gelo. Parecia uma coisa linda ter alguém para fazer isso pela gente. Bom, na verdade eu detesto limão. Mas você entendeu o que eu quis dizer.

GRAHAM: Karen detestava frutas cítricas porque dizia que deixava os dentes ásperos. Era por isso que odiava refrigerante também.

BILLY: Teddy foi visitar a gente no hospital. Trouxe um buquê de flores enorme para a Camila e bichinhos de pelúcia para as meninas. Quando foi embora, fui com ele até o elevador. Ele disse que estava orgulhoso de mim. Que eu tinha conseguido virar o jogo da melhor maneira possível. Eu falei: “Fiz tudo isso pela Camila”.

E Teddy respondeu: “E eu acredito nisso”.

CAMILA: Quando as gêmeas ainda eram bebezinhas, minha mãe saiu para dar uma volta com elas, e Billy me pediu para ficar um pouco com ele. Tinha composto outra música para mim.

BILLY: O nome era “Aurora”. Porque Camila... ela era minha aurora. Meu nascer do sol, minha alvorada, meu sol aparecendo no horizonte. Ela era tudo isso.

Era só uma melodia simples no piano àquela altura, mas a letra estava pronta. Então sentei ao piano e toquei para ela.

CAMILA: Na primeira vez em que ouvi, eu caí no choro. Enfim, você conhece a música. Teria sido impossível para mim não me emocionar com aquelas palavras. Ele já tinha feito outras músicas para mim, mas... aquela... Eu amei, e me senti amada ouvindo aquela letra.

E era uma melodia bonita também. Eu teria adorado mesmo se não tivesse sido feita para mim. Era muito boa mesmo.

BILLY: Ela ficou toda chorosa, e depois disse: “Você precisa da Daisy nessa música. E sabe disso”.

E quer saber? Sabia mesmo. Até enquanto compunha, tinha isso em mente. Foi uma música feita para piano e harmonia vocal. Mesmo antes de entrar no estúdio, eu já estava compondo para Daisy.

GRAHAM: Nesse período, quando Billy estava com as meninas e Daisy entrando na banda... Bom, era uma grande oportunidade para tomar a frente de mais coisas e ter um papel mais central nas decisões. Eu estava coordenando nossa volta e o planejamento do disco novo. Comecei a conversar sobre um cronograma com Rod e Teddy. Foi divertido.

Na verdade, não foi tão divertido assim, é que eu estava feliz. Tudo parece divertido quando a gente está feliz.

KAREN: Estava entrando uma boa grana para a gente. Eu não queria gastar com besteiras, então procurei um corretor de imóveis um dia, encontrei um lugar legal em Laurel Canyon e comprei.

Logo em seguida, Graham meio que se mudou para lá não oficialmente. Passamos a primavera e o verão juntos, só nós dois. Fazendo churrasco no quintal para o jantar, saindo para ver shows todas as noites e dormindo até tarde de manhã.

GRAHAM: Karen e eu passávamos o fim de semana doidaços, cheios da grana, tocando juntos, sem dizer para ninguém o que estava rolando entre nós. Era um segredinho nosso. Não contei nem para o Billy.

As pessoas dizem que a vida segue em frente, mas esquecem de contar que às vezes o tempo congela só para você. Só para você e a sua garota. O mundo deixa de girar e vocês ficam lá, tranquilos. Pelo menos é essa a sensação. Às vezes. Se você tiver sorte. Pode me chamar de romântico, se quiser. Melhor ser chamado disso do que de várias outras coisas.

BILLY: Eu confiava no Graham para resolver todos os assuntos da banda. Sabia que tudo estava em boas mãos e podia me concentrar em outras coisas.

DAISY: Simone viajou para começar uma nova turnê.

SIMONE: Eu estava caindo na estrada para os shows do álbum *Superstar*. E, entre um show e outro, ia passar mais tempo em Nova York do que em LA. A cena disco estava bombando no Studio 54. Então era pra lá que eu ia.

DAISY: Ela parecia preocupada comigo. Eu disse: “Pode ir. A gente se vê em breve”. Eu estava empolgada com o futuro que se abria para mim. Estava prestes a fazer parte de uma banda.

GRAHAM: Deixei tudo acertado. Conversei com Rod e Teddy. Billy falou que estava pronto para começar. E eu montei um cronograma razoável para fazer um disco. Aí convoquei uma reunião.

WARREN: Eu estava começando a viver no luxo com a grana que estava entrando. Já tinha comprado meu barco, um Gibson de um quarto que ficava ancorado em Marina del Rey. Um monte de garotas bacanas aparecia por lá nessa época. Deixei a bateria em Topanga e passava as noites e os fins de semana bebendo cerveja no barco.

EDDIE: Pete passou esse intervalo de tempo com Jenny em Boston. A coisa entre eles estava ficando séria.

Já eu não gostava de ficar em casa. Gostava de ir para a estrada, entende? Então estava pronto para voltar ao trabalho. Tanto que nem ligava mais para a ideia de ter que conviver com Billy. Ei, isso não é pouca coisa.

Quando Graham entrou em contato para avisar que estava na hora de todo mundo se juntar de novo, eu mal podia esperar para começar. Liguei para Pete e falei: “Sobe no primeiro avião pra cá. Acabaram as férias”.

DAISY: A gente se encontrou no Rainbow — a banda, eu, Rod, Teddy — e todo mundo começou a conversar. Warren falando do barco, Pete falando de Jenny Manes e Billy mostrando para Rod as fotos das gêmeas. Todo mundo conversando numa boa. Tipo, até Eddie e Billy pareciam estar se dando bem. Rod levantou, ergueu a cerveja que tinha na mão e fez um brinde à minha entrada na banda.

ROD: Acho que eu disse: “Vocês sete estão destinados a crescer cada vez mais”, alguma coisa assim.

BILLY: Eu pensei: *Pô, sete pessoas numa banda parece gente demais.*

DAISY: Todo mundo aplaudiu, Karen me abraçou, e eu me senti muito bem recebida, de verdade. Então fiquei de pé enquanto todos conversavam, peguei meu conhaque, levantei para fazer um brinde e disse: “Fico feliz por terem me convidado para me juntar a vocês nesse disco”.

GRAHAM: Daisy ia fazer um discursinho, e no começo pensei que não ia ser nada de mais.

DAISY: Não era fácil saber como Billy estava se sentindo. Ele não tinha me ligado desde que fui convidada para a banda. Ninguém tinha me falado nada sobre como as coisas iam ser, nem sobre o que ele estava achando. Eu simplesmente quis saber se estava tudo em pratos limpos. E falei: “Estou entrando oficialmente na banda porque quero ser membro dessa equipe. Um membro importante. Espero que vocês considerem que esse álbum vai ser meu tanto quanto de qualquer um. Do Graham, ou do Warren, ou do Pete, ou do Eddie, ou da Karen...”.

KAREN: “Ou do Billy”, ela continuou. Olhei para Billy para sacar sua reação. Ele estava bebendo refrigerante numa caneca de cerveja.

BILLY: Eu pensei: *Por que ela precisa começar a criar caso logo de cara?*

DAISY: Eu disse: “Vocês me convidaram porque, quando trabalhamos juntos, somos melhores do que separados. Então quero dar minha contribuição para as músicas que vamos lançar. Quero compor esse álbum junto com você, Billy”.

Teddy tinha me falado que eu poderia compor para o meu segundo disco, e senti que aquela era minha chance. Também queria que ficasse claro que eu estava atrás disso. Queria me revelar para o público, como tinha feito quando cantei “When You Fly Low” *a cappella*. Queria cantar músicas que viessem do meu coração para as pessoas que iam me ver.

Se os Six não me quisessem para isso, eu também não ia querer o prêmio de consolação que eles iam me oferecer, fosse qual fosse.

GRAHAM: Daisy não queria ver Billy tendo um chique toda vez que tentasse contribuir para o grupo. E já estava mostrando qual era a sua posição desde o começo. Provavelmente, era o que todo mundo deveria ter feito lá no início. Se a gente quisesse que nossa opinião fosse ouvida.

Com certeza, se Eddie tivesse metade da coragem da Daisy, ele já teria resolvido as suas questões com Billy muitos anos antes.

BILLY: Eu falei: “Tudo bem, Daisy. Estamos juntos nessa”.

WARREN: Prefiri nem esquentar a cabeça, porque de que adiantava? Mas Billy estava agindo como se a banda fosse uma grande comunidade hippie em que todo mundo dava sua colaboração. E isso era uma grande mentira.

KAREN: Billy tinha um jeito de fazer as pessoas acharem que estavam loucas só de *pensar* que as coisas eram injustas dentro da banda quando, na verdade, eram totalmente injustas. Nem sequer percebia que todos giravam ao redor dele.

ROD: Os eleitos nunca percebem que são os eleitos. Pensam que todo mundo tem um tapete vermelho enrolado e prontinho para estender para eles.

GRAHAM: Pete interferiu em determinado momento e falou: “Já que é para pôr as cartas na mesa, vou assumir o controle total das minhas linhas de baixo daqui em diante”.

BILLY: Eu falei para Pete que por mim tudo bem se ele compusesse todas as linhas de baixo. Ele já vinha fazendo isso há um bom tempo.

KAREN: Eu disse: “Eu queria participar um pouco mais. Acho que posso ser mais aproveitada nos arranjos das músicas. De repente, pode ter uma música só com teclado e voz”.

EDDIE: Eu queria determinar o que ia tocar. Pelo que todo mundo estava falando, Billy tentava controlar tudo — e era verdade. Mas quem ele controlava mesmo era eu. Então falei: “Vou compor meus próprios riffs de agora em diante”.

BILLY: Eu fiquei pensando: *Minha nossa, é claro que Eddie não vai perder a chance de dar um showzinho*. Comecei a responder, mas Teddy levantou a mão e me lançou um olhar de quem diz: *Não fala nada agora. Só escuta*.

Teddy e eu sabíamos que certas pessoas precisam se sentir ouvidas, mesmo que a gente não dê a mínima para o que elas estão falando.

EDDIE: Olha só, eu gostava muito da Daisy. E gostava da Karen, queria que ela contribuísse mais. Mas um álbum inteiro com uma vocalista mulher e mais teclados? Mesmo antes disso, a participação da Karen já deixava nosso som bem menos pesado, na minha opinião.

Eu disse: “Só quero ter certeza de que a gente ainda é uma banda de rock”.

Graham perguntou: “Como assim?”.

Eu falei: “Não quero fazer parte de uma bandinha pop. Nosso lance não é tipo Sonny & Cher”. Billy ficou bem irritado ao ouvir isso.

BILLY: Eu estava ouvindo desaforo a noite toda. E pensando: *O que foi que eu fiz para esse pessoal além de trazer a banda até aqui?*

GRAHAM: Achei que Eddie tinha razão no que dizia. Quais seriam as mudanças no nosso som com a entrada da Daisy? Ainda mais considerando que ela ia compor. Mas, obviamente, Billy achou que fosse um ataque pessoal contra ele.

Quando você tem tudo e vê outra pessoa conquistando qualquer coisinha, você fica com a sensação de que está sendo roubado.

KAREN: Mesmo com tudo aquilo acontecendo, na verdade as coisas estavam meio que no ar. Daisy ia fazer parte dos Six de forma *permanente*? Eu não sabia. E sabia que Daisy também não sabia. Acho que nem Billy sabia.

DAISY: Eu vinha pensando naquilo fazia um tempo, sobre como os créditos iam funcionar, para eu poder passar a mensagem que eu queria.

Eu disse: “Se vocês chegarem a um consenso e me quiserem como membro dos Six, então vou entrar na banda e pronto. Meu nome não precisa ser citado. Mas, se for uma coisa temporária, precisamos discutir como serão os créditos”.

GRAHAM: Deu para sentir que Daisy estava esperando que a gente dissesse que ela ia fazer parte dos Six.

KAREN: Billy falou: “Que tal The Six com participação especial de Daisy Jones?”.

ROD: Foi assim que saíram os créditos de “Honeycomb”. Então estava na cara o que Billy estava propondo.

DAISY: Eu pensei: *Uau, ele nem pensou na outra possibilidade.*

BILLY: Ela me deu duas opções. Se não quisesse que eu tivesse escolha, não teria me dado duas opções.

WARREN: Eu só pensei: *Deixa a garota entrar na banda, cara.*

ROD: Teddy percebeu que a conversa estava caminhando para um clima de tensão. Tinha ficado em silêncio na maior parte da conversa, mas finalmente interferiu e disse: “O nome vai ser Daisy Jones & The Six”. E ninguém ficou muito contente, mas também não teve ninguém que tenha ficado muito insatisfeito.

DAISY: Acho que Teddy quis fazer questão que o meu nome fosse destacado. Eu trazia notoriedade para a banda. Meu nome precisava vir primeiro, ocupar um ponto central.

BILLY: Teddy tentou manter a integridade dos Six. A gente não queria prometer nada para Daisy.

DAISY: Acho que Billy não se incomodou de verdade com nada do que pedi. Era uma proposta razoável. Ele só ficou puto porque eu sabia o poder que tinha nas mãos, e para ele seria melhor se não eu soubesse disso ou se não tirasse proveito da situação. Desculpa aí, mas esse não é o meu estilo. E, tipo, não deveria ser o de ninguém, na verdade.

Billy estava confortável demais ali, com todo mundo deixando ele fazer o que quisesse. E eu fui a primeira pessoa a dizer: “Você só vai impor as coisas para mim se eu puder impor algumas coisas em troca”. E isso abriu as portas para Pete, Eddie e, enfim, o pessoal todo.

ROD: Teddy avisou a banda que a Runner queria o disco para o começo de 78. A gente já estava em agosto. Estava na hora de deixar as divergências criativas e os egos de lado e começar a ralar.

KAREN: Quando a gente foi embora naquela noite, eu pensei: *Put a merda*. Daisy tinha acabado de entrar na banda, colocado o nome dela em destaque e na prática alterado a dinâmica do grupo de um jeito que ninguém havia feito antes.

BILLY: Todo mundo dizia que eu era um cara difícil. Mas Daisy pediu poder de decisão e destaque para o nome dela, e eu concedi as duas coisas. O que mais ela queria?

Pô, eu não sabia nem se era a coisa certa a fazer. Mas fiz mesmo assim, para que ela ficasse feliz, para deixar todo mundo feliz.

GRAHAM: Nós viramos uma democracia, em vez de uma autocracia. E a democracia é um ótimo conceito, mas bandas não são países.

BILLY: Para ser sincero, não pensei que Daisy fosse ter gás para compor um álbum tão depressa. Eu subestimei a garota.

Vou te falar uma coisa: jamais duvide de Daisy Jones.

Aurora
(1977-8)

Em agosto de 1977, os sete membros da banda entraram no Studio 3 de Wally Heider para começar a gravar seu terceiro álbum.

GRAHAM: Karen e eu saímos naquela manhã para ir até o estúdio do Heider. Enquanto a gente fechava a porta, eu falei: “Não dá mesmo para a gente ir no mesmo carro?”.

Ela disse que não queria que as pessoas pensassem que a gente estava dormindo junto.

Eu falei: “Mas a gente está”.

Mesmo assim, fomos em carros separados.

KAREN: Você tem ideia do quanto sua vida pode ficar complicada quando dorme com um cara da sua própria banda?

EDDIE: Pete e eu fomos juntos àquela reunião. A essa altura, acho que nós dois éramos os únicos ainda morando na casa de Topanga Canyon. Quando ele foi para a Costa Leste, fiquei com a casa toda só para mim.

No caminho para lá, eu disse: “Isso vai ser interessante”.

E ele me falou para não levar as coisas tão a sério. Pete comentou: “É só um disco de rock. Não é tão importante assim”.

DAISY: Para a reunião no estúdio naquele primeiro dia, levei uma caixa com bolos que alguém tinha mandado entregar no meu chalé no Marmont e um caderno cheio de anotações. Eu estava pronta.

EDDIE: Daisy apareceu com uma blusinha fina e um shortinho minúsculo, que não cobriam quase nada.

DAISY: Eu sinto muito calor, sempre senti. Não vou ficar derretendo de suor só para não constranger os homens. Não é minha responsabilidade controlar o tesão de ninguém. É responsabilidade de cada um não ser um babaca.

BILLY: Eu tinha composto umas dez ou doze músicas. Todas estavam muito boas. Mas não podia chegar lá dizendo que já tinha um álbum pronto, como fiz nas duas outras vezes. Não dava para fazer isso.

GRAHAM: Foi até engraçado, na verdade, ver o Billy fingir que estava interessado na opinião de alguém sobre o álbum. Coitado. Dava para ver que estava se esforçando. Falando devagar, medindo as palavras.

DAISY: Eu estava lá sentada e mostrei meu caderno, dizendo: “Tenho um monte de coisa boa aqui para servir como ponto de partida”. Pensei que todo mundo fosse ler, e depois a gente podia discutir a respeito.

BILLY: Eu estava escondendo o jogo sobre minhas doze músicas novas, para ninguém pensar que estava querendo controlar o processo, e Daisy chega numa banda em que acabou de entrar esperando que todo mundo lesse um diário inteiro, cheio de anotações.

DAISY: Ele nem se deu ao trabalho de folhear.

BILLY: Se o álbum ia ser composto por mim e pela Daisy, então precisava ser só nós dois. Não dá para sete pessoas mexerem nas letras. Alguém precisa assumir o comando e direcionar o processo.

Eu falei: “Então, eu compus uma música chamada ‘Aurora’. De tudo o que pensei para o novo disco, é a única em que boto fé de verdade. O resto pode ser repensado com a ajuda da banda. Daisy e eu vamos escrever as letras, e todo

mundo vai participar dos arranjos. Quando a gente tiver músicas suficientes que agradem a todos, vamos escolher as melhores entre as melhores”.

KAREN: Pode parecer um comentário nostálgico, mas, quando Billy tocou “Aurora”, ficou uma sensação de que um álbum inteiro podia ser criado em torno daquela faixa.

GRAHAM: Todo mundo concordou que “Aurora” era um ótimo ponto de partida — uma puta música. Depois disso, Daisy começou a dar ideias para o álbum como um todo.

WARREN: Eu não tinha o menor interesse em escrever letras de música. Aquela manhã me pareceu uma perda de tempo. Então acabei dizendo: “Que tal Daisy e Billy escreverem as letras e a gente entrar no processo quando essa parte já estiver pronta?”.

KAREN: A postura do Teddy foi decisiva nesse momento. Ele entregou para Billy a chave da edícula da casa dele e falou: “Vocês podem ir lá para casa, se instalar na edícula e começar a escrever. O resto do pessoal vai ficar trabalhando na música nova”.

EDDIE: Billy não queria que a gente criasse nada para aquela música sem ele. Mas também não queria que Daisy escrevesse as letras sozinha. Então, precisava escolher se ficava com Daisy para trabalhar nas letras ou se ficava com a gente no estúdio para criar o arranjo da música nova.

E ele escolheu a Daisy.

BILLY: Cheguei primeiro na edícula da casa do Teddy e me preparei para trabalhar. Fiz um café, sentei, dei uma olhada nas minhas anotações e tentei escolher o que ia mostrar para Daisy.

DAISY: Quando abri a porta, Billy já estava com o caderno prontinho para me mostrar. Não falou nem oi. Foi logo dizendo: “Toma aqui, lê o que eu escrevi”.

BILLY: Eu abri o jogo e falei: “Tenho letras suficientes para um disco inteiro. Quer dar uma olhada para ver se podemos ajustar algumas coisas juntos? Para ver se tem umas aberturas para colocar coisas novas ou versos que você já escreveu?”.

DAISY: Não deveria ter ficado surpresa. As coisas nunca iam ser fáceis com ele, né? Acho que peguei um vinho que encontrei no balcão da cozinha, abri, me joguei no sofá e comecei a beber. Eu falei: “Billy, é ótimo que você já tenha escrito várias letras. Eu também fiz isso. Mas nós vamos compor as músicas desse disco juntos”.

BILLY: A mulher já estava bebendo vinho branco sem gelo antes mesmo da hora do almoço e ainda queria me dar sermão sobre como as coisas tinham que ser feitas. E nem tinha lido minhas letras ainda. Entreguei meus papéis para ela e falei: “Leia primeiro antes de me dizer que é melhor jogar tudo fora”.

DAISY: Eu disse: “Então, tá”. E empurrei meu caderno para ele. Dava para ver que ele não estava a fim de ler. Mas sabia que era obrigado a fazer isso.

BILLY: Li as coisas dela e não achei ruins, mas na minha opinião não combinavam com os Six. Ela era cheia de metáforas bíblicas. Então, quando pediu minha opinião, foi isso que eu disse. Eu falei: “A gente pode usar as minhas letras como base. E refinar as músicas juntos”.

Daisy estava sentada no sofá com os pés na mesinha de centro, isso me irritou. E respondeu: “Eu não vou cantar um disco inteiro sobre a sua mulher, Billy”.

DAISY: Eu gostava muito da Camila. Mas “Señora” era sobre ela. “Honeycomb” era sobre ela. “Aurora” era sobre ela. Tédio total.

BILLY: Eu falei: “Você também só tem um tema. Nós dois sabemos que todos os versos desse caderno são sobre a mesma coisa”. Aí ela se irritou. Ficou toda indignada, pôs as mãos na cintura e questionou: “Do que você está falando?”.

E eu respondi: “Todas as letras aqui têm a ver com esses comprimidos que você leva nos bolsos”.

DAISY: Billy tinha uma expressão pretensiosa estampada no rosto — como se soubesse mais que todo mundo. Juro que já tive até pesadelos com essa cara dele. Eu falei: “Você acha que tudo tem a ver com drogas só porque não pode usar”.

E ele respondeu: “Então continua tomando esses comprimidos e escrevendo músicas sobre isso. Vê até onde você consegue chegar assim”.

Joguei os papéis com as letras compostas por Billy em cima dele. Eu disse: “Desculpa aí se nem todo mundo pode ficar sóbrio e escrever letras tão tediosas quanto comprar papel de parede. Ah, olha aqui, uma música sobre o quanto eu amo a minha mulher. E mais outra! E mais outra!”.

Ele tentou me contestar, mas eu falei: “Todas essas letras são sobre a Camila. Você não pode continuar fazendo músicas para limpar a barra com a sua mulher e forçar uma banda inteira a tocar só isso”.

BILLY: A coisa passou totalmente dos limites.

DAISY: Eu disse: “Que bom que você encontrou outra coisa para se viciar. Mas isso não é problema meu nem da banda, e ninguém quer ficar ouvindo isso”. Dava para ver na cara dele. Billy sabia que eu tinha razão.

BILLY: Ela ficou se achando um gênio por ter percebido que eu tinha substituído meus vícios. Como se eu já não soubesse que me agarrava à minha família para conseguir continuar sóbrio. Isso só me deixou ainda mais irritado, ela achar que me conhecia melhor que eu mesmo.

Eu falei: “Sabe qual é o seu problema? Você se acha uma poeta, mas não tem nada para dizer que não seja sobre ficar doidona”.

DAISY: Billy é do tipo que tem uma língua afiada. Te joga pra baixo com a mesma facilidade com que te põe pra cima.

BILLY: Ela disse: “Eu não sou obrigada a ficar ouvindo esse tipo de merda”. E foi embora.

DAISY: Fui pegar meu carro pra cair fora — e estava ficando mais furiosa a cada passo que dava. Eu tinha uma Mercedes vermelha na época. Adorava aquele carro, mas acabei destruindo sem querer, deixando o câmbio desengatado numa vez que estacionei numa ladeira.

Enfim, naquele dia com Billy, eu estava indo para a minha Mercedes, já com a chave na mão, para ficar o mais longe possível, mas percebi que, se fizesse isso, Billy ia escrever todas as letras do disco sozinho. Aí eu me virei de volta e falei: “Ah, não vai, não, seu cretino”.

BILLY: Eu fiquei bem surpreso por ela ter voltado.

DAISY: Voltei para a edícula, sentei no sofá e falei: “Não vou abrir mão da chance de fazer um disco legal só por sua causa. Então, vamos fazer o seguinte: você odiou minhas letras, eu odiei as suas. Por isso, vamos descartar tudo e começar do zero”.

Billy falou: “Eu não vou abrir mão de ‘Aurora’. Essa vai entrar no disco”.

Eu respondi: “Tudo bem”. Depois, peguei as folhas que tinha jogado no chão, sacudi na cara dele e disse: “Mas essa merda toda não”.

BILLY: Acho que essa foi a primeira vez que eu percebi que... que não existe ninguém mais apaixonado pelo que faz do que a Daisy. Para ela, aquilo era mais importante do que tudo. Ela estava disposta a mergulhar naquele trabalho de corpo e alma. Por mais que eu tentasse dificultar as coisas.

E lembrei também do que Teddy vinha me falando, que a gente ia conseguir lotar estádios inteiros. Então estendi a mão e disse: “Certo”. E a gente fechou o acordo com um aperto de mãos.

DAISY: Simone vivia dizendo que usar drogas envelhece as pessoas, mas, quando apertei a mão do Billy — vendo as rugas nos cantos dos olhos dele, a pele toda cheia de manchas —, percebi que ele parecia bem acabado, e devia ter só uns vinte e nove ou trinta anos. Eu pensei: *Não são as drogas que envelhecem as pessoas, é largar tudo e ficar sóbrio.*

BILLY: Não foi nada fácil encarar a ideia de trabalhar com ela depois de a gente ter falado tudo aquilo um para o outro.

DAISY: Falei que, antes de qualquer coisa, eu queria almoçar. Não dava para encarar a dor de cabeça que seria tentar escrever junto com ele sem um hambúrguer primeiro. Então disse para a gente ir até o Apple Pan.

BILLY: Peguei a chave da mão da Daisy quando ela ia entrar no carro e disse que ela não estava em condições de dirigir para lugar nenhum. Ela já tinha tomado uns bons goles a essa altura.

DAISY: Peguei a chave de volta e falei que, se ele quisesse ir dirigindo, então que fosse no carro dele.

BILLY: Entramos no meu Firebird e eu disse: “Vamos no El Carmen. É mais perto”.

E ela respondeu: “Eu vou comer no Apple Pan. Você pode ir no El Carmen sozinho, se quiser”.

Não dava para acreditar no quanto ela era difícil.

DAISY: Teve um tempo em que eu me incomodava de ser chamada de difícil pelos homens. De verdade. Mas aí desencanei. Melhor assim.

BILLY: No caminho, eu liguei o rádio. Daisy mudou de estação na hora. Eu troquei de volta. Ela mudou de novo. Eu falei: “Pô, o carro é meu”.

Ela respondeu: “Os ouvidos são meus”.

No fim, acabei colocando uma fita do Breeze. Na música “Tiny Love”. Daisy caiu na risada.

Eu perguntei: “Qual é a graça?”.

Ela falou: “Você gosta dessa música?”.

Por que eu colocaria uma música para tocar se não gostasse?

DAISY: Eu falei: “Você não sabe nada sobre essa música!”.

Billy falou: “Como assim?”. Ele sabia que era uma composição do Wyatt Stone, claro. Mas não conhecia o resto da história.

Eu disse: “Eu namorei o Wyatt Stone. Essa música é minha”.

BILLY: Eu perguntei: “‘Tiny Love’ é sobre você?”. E Daisy contou a história sobre ela e Wyatt, e explicou como escreveu aqueles versos: “*Big eyes, big soul/ Big heart, no control/ But all you got to give is tiny love*”. Eu adorava esse refrão. Sempre adorei.

DAISY: Billy começou a me escutar. No caminho até o restaurante, enquanto dirigia, ele estava escutando. Acho que pela primeira vez desde que a gente tinha se conhecido.

BILLY: Se eu escrevesse um refrão assim tão bom e outra pessoa agisse como se tivesse feito tudo sozinha, ia ficar bem puto.

Comecei a entender Daisy melhor depois disso. E, para ser sincero, estava ficando cada vez mais difícil convencer a mim mesmo de que ela não tinha talento. Porque claramente tinha. Foi o momento em que caí na real. Quando aquela vozinha que fica no fundo da mente falou: *Você está sendo um babaca*.

DAISY: Eu achei engraçado. Para Billy, eu precisava de um motivo para querer ter direito de interferir numa obra de que ia fazer parte. Eu falei: “Agora que você me entende, vê se para de ser tão cabeça-dura”.

BILLY: Daisy sabia como colocar você no seu lugar. E se você conseguisse entender o espírito da coisa... ela não era tão ruim.

DAISY: A gente sentou no balcão, fiz o pedido para nós dois e guardei os cardápios. Só queria baixar um pouco a bola do Billy. Para ele se acostumar um pouco comigo tomando decisões.

Mas ele não deu o braço a torcer, claro, tanto que disse: “Eu ia pedir esse hambúrguer mesmo”. Acho que revirei os olhos umas cinco mil vezes na vida por culpa do Billy Dunne.

BILLY: Depois que pedimos os sanduíches, decidi arriscar um joguinho. Eu falei: “Que tal eu te fazer uma pergunta, e aí você me faz uma pergunta? Ninguém pode fugir da resposta”.

DAISY: Eu disse que era um livro aberto.

BILLY: Eu perguntei: “Quantos comprimidos você toma por dia?”.

Ela olhou ao redor e ficou remexendo o canudo da bebida. Aí se virou para mim e disse: “Ninguém pode fugir da resposta?”.

E eu falei: “A gente precisa aprender a falar a verdade um para o outro, com toda a sinceridade. Caso contrário, como vamos conseguir escrever alguma coisa?”.

DAISY: Ele estava aberto à ideia de escrever comigo. Foi isso o que tirei daquilo tudo.

BILLY: Eu fiz a pergunta de novo: “Quantos comprimidos você toma por dia?”.

Ela baixou os olhos, mas em seguida se virou para mim de novo e falou: “Sei lá”.

Fiquei meio irritado, mas ela levantou as mãos e disse: “Não, é sério. A verdade é essa. Eu não sei. Não fico contando”.

Eu falei: “Você não acha que isso é um problema?”.

Ela disse: “Agora é a minha vez, né?”.

DAISY: Eu perguntei: “O que Camila tem de tão especial que você não consegue escrever sobre nada além dela?”.

Ele ficou em silêncio por um tempão.

Eu falei: “Ah, cara, você me obrigou a responder. Não pode pular fora”.

Ele disse: “Espera um pouco, beleza? Não estou pulando fora coisa nenhuma. Só tentando pensar numa resposta”.

Depois de um minuto ou dois, ele falou: “Acho que eu não sou a pessoa que Camila acredita que sou. Mas quero muito ser. E se eu ficar com ela, se me esforçar todos os dias para ser esse cara que ela vê, acho que tenho chance de chegar perto disso”.

BILLY: Daisy me olhou e disse: “Ah, vai para a puta que pariu”.

E eu perguntei: “O que eu fiz para te irritar agora?”.

E ela disse: “Eu tenho a mesma quantidade de motivos para te detestar e para gostar de você. E isso é irritante”.

DAISY: Aí ele falou: “Minha vez”.

E eu disse: “Vai em frente”.

BILLY: “Quando você vai largar os comprimidos?”.

DAISY: Eu disse: “Porra, por que você está tão obcecado com esses comprimidos?”.

BILLY: Eu contei a verdade. Disse: “Meu pai era um bêbado que abandonou a nossa família. E essa era uma coisa que jurei que nunca seria. Mas a primeira coisa que fiz depois que virei pai foi foder tudo com essas porcarias que você está usando — e heroína também, confesso. Deixei minha filha na mão. Perdi até o parto. Me tornei exatamente o que sempre odiei. Se não fosse pela Camila, acho que ainda estaria nessa. Meus maiores pesadelos teriam virado realidade. Esse sou eu”.

DAISY: Eu falei: “Às vezes parece que alguns de nós estão correndo atrás de nossos pesadelos da mesma forma que as outras pessoas correm atrás dos seus sonhos”.

Ele respondeu: “Está aí um bom tema para uma música”.

BILLY: Não era um assunto superado. Meu vício. Eu tinha esperança de que fosse. Para não precisar continuar me precavendo o tempo todo. Mas isso é impossível. Pelo menos para mim. É uma luta constante, às vezes mais fácil, às vezes menos. Daisy tornava isso mais difícil. Simples assim.

DAISY: Eu entendi que estava pagando o preço pelas coisas de que ele não gostava nele mesmo.

BILLY: Ela disse: “Se eu fosse uma abstinência, você ia gostar mais de mim, então?”.

E eu respondi: “Eu ia gostar de andar com você. É, acho que sim”.

E Daisy falou: “Bom, pode esquecer. Eu é que não vou mudar por causa de ninguém”.

DAISY: Terminei meu hambúrguer, deixei o dinheiro no balcão e levantei para ir embora. Billy perguntou: “O que você está fazendo?”. E eu falei: “Nós vamos voltar para a casa do Teddy. E escrever aquela música sobre os nossos pesadelos”.

BILLY: Peguei a chave do carro e fui atrás dela.

DAISY: No caminho de volta para a casa do Teddy, Billy cantou uma melodia que tinha na cabeça. A gente estava num sinal vermelho, e ele ficou batucando no volante e cantarolando.

BILLY: Eu estava pensando numa batida no estilo Bo Diddley. Era uma coisa que eu queria tentar.

DAISY: Ele falou: “Você consegue pensar em alguma coisa a partir disso?”.

Eu respondi que conseguia trabalhar a partir de qualquer coisa. Então, quando a gente voltou para a edícula do Teddy, comecei a anotar umas ideias. E ele também. Depois de meia hora, eu já tinha umas coisas para mostrar, mas ele precisava de mais tempo. Então fiquei por lá, esperando que ele terminasse.

BILLY: Ela começou a andar de um lado para o outro, querendo me mostrar o que tinha escrito. No fim, acabei tendo que falar: “Ô caralho, por que você não sai um pouco daqui?”.

E eu... como já tinha sido bem grosseiro com ela antes, percebi que precisava explicar que era a mesma coisa que eu diria para Graham ou Karen, sabe? Aí falei: “Por favor, cai fora daqui um pouco. Vai comer alguma coisa”.

Ela respondeu: “Eu já comi um hambúrguer hoje”. Foi quando descobri que Daisy só fazia uma refeição por dia.

DAISY: Arrombei a fechadura da casa do Teddy e peguei umas coisas da Yasmine, a namorada dele. Só um maiô e uma toalha, para tomar um banho de piscina. Entrei na água para matar o tempo. Depois voltei, pus o maiô na máquina de lavar, tomei uma ducha e voltei para a edícula, onde Billy ainda estava sentado escrevendo.

BILLY: Ela me contou o que tinha feito, e eu disse: “Isso é esquisito, Daisy. Você pegar o maiô da Yasmine desse jeito”. E Daisy simplesmente deu de ombros.

Ela falou: “Você queria que eu fizesse o quê, nadasse pelada?”.

DAISY: Peguei os papéis dele e entreguei os meus.

BILLY: Ela criou toda uma imagem de escuridão, correr na penumbra, perseguir as trevas.

DAISY: Em termos de estrutura das estrofes, ele tinha se saído melhor que eu. Mas não tinha um refrão legal, e eu achava que tinha feito um. Mostrei a parte da minha letra de que mais tinha gostado e cantei na melodia que ele me passou. Dava para ver na cara dele que eu estava agradando.

BILLY: Nós trabalhamos bastante nessa música. Foram horas de conversa, elaborando a melodia na guitarra.

DAISY: Acho que nenhum dos primeiros versos que escrevemos entraram na versão final.

BILLY: Mas quando nós cantamos — quando trabalhamos a letra de novo e definimos quem ia cantar qual parte, refinamos a melodia dos vocais e acertamos as passagens entre as colaborações de um e do outro —, começamos a tocar juntos para fazer os ajustes finos. E quer saber? Dava para ver que ia ser uma musiquinha bem legal.

DAISY: Teddy apareceu na porta e falou: “Que diabos vocês estão fazendo aqui ainda? Já é quase meia-noite”.

BILLY: Eu não sabia que já era tão tarde.

DAISY: Teddy falou: “E você ainda invadiu minha casa e usou o maiô da Yasmine?”.

Eu falei: “Foi”.

Ele respondeu: “Eu agradeceria muito se você não fizesse isso de novo”.

BILLY: Eu já estava me preparando para ir embora, mas aí pensei: *Quer saber, vamos mostrar para o Teddy o que nós fizemos*. Então pedi para ele sentar no sofá, e nós dois nos acomodamos na frente dele.

Eu falei: “Ainda não é a versão final”, e “A gente acabou de terminar”. Essas coisas.

DAISY: Eu disse: “Para com isso, Billy. A música ficou boa. Não precisa ficar se justificando assim”.

BILLY: Nós tocamos para Teddy e, quando terminamos, ele perguntou: “É isso que vocês podem fazer quando trabalham juntos?”.

A gente se olhou, e eu respondi: “É”.

E ele disse: “Bom, então eu sou um gênio”. Ele começou a rir, todo orgulhoso de si mesmo.

DAISY: Existia um acordo silencioso para não tocar na questão de que Billy precisava da aprovação do Teddy assim como um filho precisa da bênção do pai.

BILLY: Saí da edícula do Teddy e fui correndo para casa, porque era tarde, e eu estava com peso na consciência. Quando entrei, as crianças estavam dormindo, e Camila, sentada na cadeira de balanço, vendo TV com o volume bem baixinho. Ela virou para mim. Comecei a pedir desculpas, e ela perguntou: “Você está sóbrio, né?”.

E eu respondi: “Sim, claro. Estou. É que eu estava compondo uma música nova e perdi a noção do tempo”.

Não precisei falar mais nada. Camila não ficou brava por eu não ter ligado. Só não queria que eu tivesse uma recaída. Isso bastava.

CAMILA: É difícil de explicar, porque é uma coisa que, de verdade, eu sei que não é racional. Mas eu conhecia Billy o suficiente para poder confiar nele. E sabia que, por mais erros que eu e ele cometêssemos, a gente ia ficar bem.

Não sei se eu acreditaria que esse tipo de confiança existe se não tivesse vivido isso. Se não tivesse decidido confiar no Billy. E, confiando nele, eu pude confiar em mim mesma também. Isso de dizer para alguém: “Não importa o que você faça, a gente vai continuar junto...”. Sei lá. Era uma coisa que me tranquilizava.

BILLY: Durante semanas, Daisy e eu trabalhamos na composição das músicas, até a hora em que estivesse tudo pronto. Eu ficava com a Daisy o tempo que fosse necessário. E todas as noites, quando chegava em casa, Camila estava naquela cadeira. Aí ela levantava, eu sentava, e ela vinha sentar no meu colo. Ela deitava a cabeça no meu peito e perguntava: “Como foi seu dia?”.

Eu fazia um resumo do que tinha acontecido e ouvia enquanto ela contava sobre as meninas. Aí eu começava a balançar a cadeira até a gente dormir.

Uma noite, levantei da cadeira de balanço carregando ela no colo para colocá-la na cama e falei: “Não precisa me esperar acordada todo dia”.

Ela estava meio que dormindo, mas respondeu mesmo assim: “Eu quero. Eu gosto”.

E quer saber... aplauso nenhum e capa de revista nenhuma eram capazes de fazer com que eu me sentisse mais importante do que quando estava com a Camila. E acho que o mesmo vale para ela. De verdade. Camila gostava de ter um homem que compunha músicas sobre ela e de ser carregada até a cama.

GRAHAM: Enquanto o Billy escrevia as letras com a Daisy, foi a primeira vez que o resto da banda pôde compor do jeito que queria.

KAREN: “Aurora” era uma música muito boa, com uma ótima estrutura básica, e foi bem divertido desenvolver a melodia a partir disso.

Billy tinha uma tendência a querer um trabalho mais espartano no teclado. Mas eu queria criar uma atmosfera mais complexa, elaborada. Então, quando começamos a trabalhar em “Aurora”, inseri uns sustenidos e umas quintas. Dei uma quebrada nos acordes melódicos para manter o dinamismo. Mas isso interferia bastante nas notas do baixo. Mudava de staccato para legato.

Como a parte do teclado tinha sido alterada, o Pete teve que adaptar o trabalho no baixo. É o baixo que faz a gente bater o pé no ritmo, e a guitarra base é o que conduz a melodia.

EDDIE: Eu queria fazer uma coisa mais rápida, com um pouco mais de gás. Tinha curtido muito o novo disco dos Kinks. Estava a fim de seguir naquela direção. Achava que Warren precisava bater mais forte na bateria, para criar um diálogo de verdade com o baixo. Além disso, tive uma ideia de uma batida para a introdução.

O que a gente fez tinha ficado muito bom.

GRAHAM: Quando Billy apareceu no estúdio um dia, disse que queria ouvir o que a gente tinha feito até então com “Aurora”.

EDDIE: Nós tocamos para ele. Tipo, ainda não tinha rolado nada no estúdio. O arranjo não estava gravado. Mas a gente se juntou e tocou para ele.

BILLY: Eu jamais teria criado o que eles criaram, em hipótese alguma. Não consegui esconder minha reação enquanto ouvia. Estava estranho, desconfortável, tudo errado. Como usar um sapato que não era seu.

Tudo dentro de mim dizia: *Isso não sou eu. Não está certo. Preciso consertar essa coisa agora mesmo.*

GRAHAM: Estava na cara que ele tinha detestado.

KAREN: Ah, ele detestou (*risos*). Sem dúvida nenhuma.

ROD: Teddy puxou Billy de lado e saiu para dar uma volta de carro com ele.

BILLY: Teddy me fez entrar no carro dele, e a gente saiu para almoçar, talvez jantar. E eu estava perdido nos meus pensamentos, a cabeça ficava ouvindo sem parar a minha música ser estragada.

Comecei a falar assim que a gente sentou, mas Teddy levantou a mão para me impedir. Fez questão de pedir a comida primeiro. Pediu praticamente todas as coisas fritas do cardápio. Se fosse empanado, Teddy comia qualquer coisa.

Quando a garçonete se afastou, ele disse: “Certo, vai em frente”.

Eu falei: “Você acha que ficou bom?”.

E ele respondeu: “Achei, sim”.

Eu perguntei: “Não acha que deveria ser um pouco menos... exagerado?”.

E Teddy falou: “Eles são músicos talentosos. Assim como você. E podem mostrar coisas que você não consegue ver nas suas composições. Deixe que eles façam os arranjos de todas as músicas. Depois eu e você entramos em cena, cortamos os exageros e amenizamos um pouco a coisa. Se for preciso mandar todo mundo voltar e regravar os instrumentais, podemos fazer isso. Podemos mudar faixa por faixa, pedacinho por pedacinho, se for necessário. Mas, em

termos da estrutura da música, sim, eu acho que eles fizeram um ótimo trabalho”.

Eu pensei a respeito. E senti um aperto no peito. Mas falei: “Certo. Eu confio em você”.

E ele falou: “Que bom. Mas pode confiar neles também”.

ROD: Quando Billy voltou, veio com umas modificações bem simples. E todas muito boas.

KAREN: Billy mudou uma oitava, me fez alterar um andamento ou outro. Mas, em geral, me apoiou.

GRAHAM: A primeira versão dessa música é uma coisa que jamais teria existido se a gente fizesse do jeito do Billy. Com todo mundo se envolvendo na composição, a banda estava evoluindo.

BILLY: Decidi que, em todas as músicas do disco, só ia opinar quando fosse realmente necessário. Porque eu participaria da mixagem com Teddy, e então um refinamento de verdade poderia ser feito.

DAISY: Fui até o estúdio para ouvir a banda tocar “Aurora” pela primeira vez e fiquei boquiaberta. Animadíssima. Billy e eu brincamos um pouco com os vocais e encontramos um equilíbrio bem bacana.

ARTIE SNYDER: Montamos o estúdio e refizemos o posicionamento de tudo várias vezes para deixar redondo. Karen e Graham de um lado, Pete e Warren mais atrás, Eddie mais à frente, e Billy e Daisy nas cabines com isolamento acústico, mas de um jeito que podiam ver todo mundo.

Sentei do lado de Teddy na sala de controle. Ele não parava de fumar aqueles cigarros e deixava as cinzas caírem em cima das mesas de som. Por mais que eu limpasse, ele continuava sujando.

Quando todo mundo estava posicionado, eu falei: “Muito bem. ‘Aurora’, tomada um. Alguém faça a contagem”.

DAISY: Tocamos a música toda até o fim. Todo mundo junto. Um monte de vezes. Como uma banda. Uma banda de verdade.

Olhei para Billy uma hora, a gente sorriu, e eu pensei: *Está acontecendo de verdade*. Eu estava na banda. Fazia parte daquilo. Nós sete, fazendo um som.

BILLY: Enquanto Daisy e eu cantávamos, eu precisava fazer algumas tomadas para aquecer, mas ela acertava logo de cara. Ela era mesmo... Daisy tinha um talento natural. Se você quiser confrontar alguém como Daisy, vai ter motivo de sobra para se irritar. Mas se ela estiver do seu lado... uau. Era uma potência.

ARTIE SNYDER: Eu ainda estava entendendo como ia ser o som daquele disco, e a minha equipe ainda estava preocupada em fazer os ajustes finos. As primeiras tomadas ainda não tinham muita amplitude, e era nisso que eu estava concentrado. No início do trabalho de gravação de um álbum, com pessoas e sons diferentes, num estúdio novo e tudo mais... é preciso ajustar os comandos, equalizar os microfones. Eu era obcecado por esse tipo de coisa. Enquanto o som não saísse limpinho, eu não queria saber de mais nada.

Mas, mesmo sabendo que eu era assim, olhando para trás, não consigo acreditar que nem cheguei a desconfiar. A gente estava fazendo um disco que seria um sucesso monstruoso. E eu não fazia a menor ideia.

DAISY: Eu sabia que a gente ia estourar. De verdade, acho que já sabia desde o começo.

DAISY: Alguns dias depois, eu estava folheando meu diário no chalé. Acho que era um fim de semana, talvez. E encontrei uma letra do Billy lá no meio. Uma das que ele tinha escrito para pôr no álbum. “Midnights”. Acho que na época chamava “Memories”. Eu devo ter colocado sem querer no meio das minhas coisas quando saímos da casa do Teddy. Então, comecei a reler. Devo ter lido umas dez vezes seguidas.

Era uma coisa tão melosa que embrulhava o estômago. Sobre as lembranças felizes do Billy com Camila. Mas tinha uns versos interessantes lá. Então, comecei a fazer umas anotações com base naquilo. A brincar com aquelas palavras.

BILLY: Quando a gente se reuniu de novo na casa do Teddy, Daisy me mostrou “Midnights”, que eu tinha escrito durante o verão. Era uma letra simples e direta. Mas quando ela me devolveu, tinha anotações à caneta na folha inteira, e mal dava para ler. Estava praticamente ilegível. Peguei o papel na mão e perguntei: “O que você fez com a minha música?”.

DAISY: Eu falei que, na verdade, a música era legal. E completei: “Só precisava de um clima mais sombrio, sabe?”.

BILLY: Eu respondi: “Entendo o que você está me dizendo, mas não consigo ler o que está escrito aqui”. Ela se irritou e arrancou o papel da minha mão.

DAISY: Eu ia ter que ler em voz alta para ele. Comecei a ler a primeira estrofe, mas aí percebi que era perda de tempo. Eu pedi: “Toca a música da maneira

como você compôs”.

BILLY: Peguei a guitarra e comecei a cantar a letra como tinha escrito.

DAISY: Eu interrompi quando peguei a melodia.

BILLY: Ela pôs a mão no braço da guitarra para me interromper. E falou: “Já entendi como é. Começa de novo e me escuta”.

DAISY: Eu cantei a música para ele, dessa vez com as minhas alterações.

BILLY: De uma música sobre boas lembranças passou a ser sobre as coisas que são lembradas e as que são esquecidas. Fui obrigado a admitir que ficou mais sutil, mais complexa. Dava muita abertura para interpretações.

Era uma coisa bem parecida com o que tinha em mente quando escrevi, mas... (*risos*) melhor do que aquilo que consegui colocar no papel, para ser bem sincero.

DAISY: Não mudei muita coisa nessa música, na verdade. Só acrescentei a ideia das coisas que são esquecidas para realçar as que são lembradas. E aí refiz a estrutura, para incluir uma segunda voz.

BILLY: Quando ela terminou de cantar, fiquei bem empolgado.

DAISY: Billy começou a escrever imediatamente. Tomou o papel da minha mão, pegou uma caneta e começou a reordenar algumas coisas. Era assim que eu sabia que ele tinha gostado.

No fim das contas, a gente tinha pegado uma letra que Billy escreveu sobre Camila e transformado numa coisa muito mais ampla.

BILLY: Tocamos para o pessoal lá no estúdio. Só ela e eu, com o acompanhamento da guitarra, na sala de descanso onde ficavam os sofás.

GRAHAM: Eu curti a música. Billy e eu começamos a pensar num solo para colocar entre a primeira e a segunda parte. A gente estava na mesma sintonia.

EDDIE: Eu disse para o Billy: “Ficou bom, já vou começar a trabalhar na minha parte”.

E o Billy falou: “Bom, sua parte já está feita. É só gravar a guitarra do jeito como eu toquei”.

Eu disse: “Eu vou elaborar um pouco mais”.

Ele respondeu: “Não tem nada o que elaborar. Daisy e eu já trabalhamos um tempão nessa música. Estou dizendo, é só tocar como eu toquei”.

Eu falei: “Não quero tocar como você tocou”.

Aí ele me deu um tapinha nas costas e falou: “Está tudo certo. É só tocar como eu toquei”.

BILLY: A guitarra base da música já estava pronta. Mas eu falei: “Beleza, cara. Vai lá e vê o que você faz”. Quando a gente gravou, foi exatamente do jeito como eu tinha tocado da primeira vez.

EDDIE: Eu fiz umas mudanças. Ele não tinha achado a melhor solução. Não existia só um jeito de tocar aquela música. Por isso, fiz umas mudanças. E foi para melhor. Eu sabia o que fazer com os meus riffs. Sabia o que funcionava e o que não dava certo. O combinado era que cada um daria sua colaboração. E eu dei a minha.

BILLY: É frustrante você saber como a coisa deve ser feita, mas precisar fingir que outra pessoa teve uma ideia boa, mesmo sabendo que no fim o seu ponto de vista vai prevalecer. Só que esse é o preço a ser pago por trabalhar com alguém como Eddie Loving. Ele precisa achar que tudo foi ideia dele, caso contrário se recusa a fazer.

E, olha só, é tudo culpa minha. Eu falei para o pessoal que todo mundo ia ter um status igual na banda. E não devia ter feito isso. Porque não é um sistema

viável. É só ver o Springsteen. Ele soube como conduzir a coisa. Mas eu? Eu precisava fingir que um cara como Eddie Loving sabia como tocar guitarra melhor que eu nas músicas que criei tocando guitarra.

KAREN: Eu não saquei a tensão entre Billy e Eddie no caso dessa música. Só fiquei sabendo depois, ouvindo os dois falarem a respeito, mas naquela hora eu estava... ocupada.

GRAHAM: Sabe o que é realmente divertido? Transar com sua garota num armário do estúdio enquanto está todo mundo gravando, e você precisa fazer silêncio total, a ponto de conseguir ouvir até um alfinete caindo no chão.

Isso é fazer amor. Parecia ser amor. Era como se só existissem duas pessoas no mundo. Eu e Karen. Eu podia mostrar o tamanho do meu amor por ela naquele espaço minúsculo, sem precisar dizer uma palavra.

WARREN: Enquanto a gente trabalhava naquela música, “Midnights”, Daisy chegou até mim e sugeriu que eu fizesse uma paradinha na bateria entre a primeira parte e a segunda, e eu pensei um pouco e falei: “É, gostei da ideia”. Eu me dava bem com Daisy, nesse sentido. Acho que nós éramos as duas únicas pessoas da banda que conseguiam deixar o ego de lado na hora de conversar um com o outro.

Uma vez falei que parecia que ela estava cantando “Turn It Off” como se estivesse no cio, e ela respondeu: “Eu entendo o que você está querendo dizer. Acho que vou me segurar um pouco mais no refrão”. Simples assim.

Algumas pessoas não são uma ameaça para as outras. Mas tem casos em que uma pessoa significa uma ameaça para a outra em todos os sentidos. É assim que as coisas são.

ROD: Comecei a cogitar algumas possibilidades. Daria para substituir Eddie se fosse necessário? Pete sairia da banda também? O que isso significaria para nós?

Não vou mentir para você. Comecei a sondar outros guitarristas por aí. E pensei em colocar Billy para cobrir a parte do Eddie. Os sinais estavam lá.

No fim, descobri que eu não estava lendo direito. Mas os sinais estavam lá.

WARREN: Se gabar de prever a saída do Eddie da banda é como dizer: “Eu previ que ia fazer sol hoje” na véspera de um desastre nuclear. Pois é, cara. Parabéns pela intuição. Mas você não sacou que o mundo inteiro estava prestes a acabar, né?

DAISY: No fim daquele dia, antes de ir para casa, Billy falou: “Obrigado pelo que você fez com essa música”.

E eu falei alguma coisa do tipo: “Claro, imagina”.

Mas aí ele deteve o passo e pôs a mão no meu braço. Fez questão de dizer: “É sério. A música ficou melhor por sua causa”.

E eu... Isso foi muito importante para mim. Muito mesmo. Talvez até demais.

BILLY: Eu estava começando a entender, como Teddy vinha insistindo tanto, que às vezes é possível criar coisas mais complexas em termos artísticos quando se tem mais gente envolvida. Isso nem sempre é verdade. Mas no meu caso com Daisy... era verdade.

Eu precisava reconhecer isso. Com ela, era verdade.

DAISY: Eu sentia que entendia o Billy. E achava que ele me entendia também. E sabe como são essas coisas, esse tipo de ligação com as pessoas, é meio como que brincar com fogo. Porque é bom ser compreendida. Se sentir em sintonia com alguém, num nível em que ninguém mais está.

KAREN: Acho que pessoas que são parecidas demais... elas não se dão muito bem. Eu costumava achar que almas gêmeas eram duas pessoas iguais. Pensava que precisava procurar alguém que fosse exatamente como eu.

Hoje não acredito mais em almas gêmeas e não estou à procura de nada. Mas se fosse para acreditar nisso, diria que sua alma gêmea seria alguém que tem tudo o que você não tem e que precisa de tudo o que você tem a oferecer. Não alguém que sofra pelas mesmas coisas que você.

ROD: A banda estava gravando “Chasing the Night”. Eles estavam trabalhando desde cedo, e na parte da tarde não iam mais precisar da Daisy, então ela foi para casa.

DAISY: Decidi convidar um pessoal para ir até o meu chalé. Umas amigas atrizes e uns caras da Strip. A gente ia ficar um pouco na piscina.

ROD: Eu tinha pedido para Daisy voltar mais tarde. A gente ia gravar os vocais dela e do Billy naquela noite. Eu deveria ter feito melhor o meu trabalho e deixado mais claro para os músicos quando eles estavam trabalhando e quando não estavam. A gente não estabelecia horários, na verdade. Cada um meio que fazia o que queria.

Mas ela precisava voltar para o Heider às nove.

BILLY: Graham e eu estávamos trabalhando nuns fraseados de guitarra. Tocando e repassando algumas coisas para ver do que a gente gostava mais.

ARTIE SNYDER: Era divertido trabalhar com Billy e Graham quando estavam só os dois. Tinham uma linguagem meio que só deles, às vezes. Mas eu sentia que dava para entender onde queriam chegar. Só que, na época, eu ficava pensando... não sei como eles aguentavam. Se eu tivesse que trabalhar com meu irmão, ia acabar ficando louco.

BILLY: Eu sempre senti que era uma sorte ter alguém tão bom como Graham do meu lado. Talentoso, cheio de boas ideias. Ele tornava tudo mais fácil. As

pessoas sempre perguntavam: “Não sei como você consegue trabalhar com seu irmão”. Mas com a gente sempre foi assim.

DAISY: A noite foi passando, e por algum motivo Mick Riva apareceu. Ele estava hospedado no Marmont também. Estava com uns quarenta e poucos anos na época, acho. Foi casado sabe-se lá quantas vezes, tinha cinco filhos. Mas caía na farra como se tivesse dezenove anos. Ainda estava no topo das paradas na época. As pessoas ainda curtiam muito ele.

Eu já tinha me encontrado com ele em festas por aí. Ele sempre me respeitou. Mas o cara era um... Sempre tinha um monte de groupies ao redor do Mick. Com ele por perto, era bem fácil uma festa sair do controle.

ROD: Billy e Graham terminaram o que estavam fazendo, e Graham foi embora lá pelas oito. Então, Billy e eu resolvemos sair para jantar. Voltamos logo depois das nove, e Daisy não estava lá.

DAISY: Quando fui ver, o lugar estava lotado. Mick tinha convidado praticamente todo mundo que conhecia. Pegou um monte de garrafas no bar do hotel, pagou tudo do próprio bolso.

Eu perdi a noção da hora. Esqueci o que tinha que fazer. Estava muito louca de sei lá o quê. Lembro de ter bebido champanhe e cheirado. Estava rolando meio que uma festinha particular. Essas festas são as melhores. Champanhe, pó, biquínis, piscina e ninguém se dando conta de que as drogas estavam acabando com a gente e que o sexo também ia cobrar seu preço.

BILLY: A gente esperou uma hora sem maiores preocupações. Porque, sabe como é, Daisy aparecer na hora certa é uma coisa que só acontece se for por acaso.

SIMONE: Eu estava na cidade para participar do *American Bandstand*. Daisy e eu tínhamos combinado de nos encontrar. Cheguei lá umas dez horas. E o lugar estava lotado. Mick Riva estava lá, beijando umas garotas que não deviam ter

mais de dezesseis anos. Daisy estava deitada numa cadeira de piscina com um biquíni branco, usando óculos escuros como se estivesse tomando sol, apesar de já ser noite.

DAISY: Não lembro de nada do que aconteceu depois que Simone chegou.

ROD: Teddy e Artie resolveram ir para casa. Não deram muita bola para o assunto. Mas eu me sentia responsável por ela. E aquilo não era do feitio da Daisy. Perder uma sessão de gravação.

SIMONE: Eu falei: “Daisy, chega por hoje”. Mas ao que parece ela nem me ouviu. Sentou na cadeira, olhou para mim e falou: “Eu já mostrei a túnica que o pessoal da Thea Porter me mandou?”.

E eu respondi: “Não”.

Ela levantou e foi correndo para o chalé, que estava cheio de gente fazendo só Deus sabe o quê. Ninguém deu a menor bola para ela. Entramos no quarto e tinha dois caras se beijando na cama. Era como se a casa não fosse dela. Ela passou por eles, abriu a porta do closet e pegou o vestido, a túnica. Tinha tons de dourado, rosa, verde-petróleo e cinza. Era lindo. De cortar o coração de tão lindo. De veludo com bordados, chiffon e seda.

Eu falei: “É deslumbrante”.

Aí ela tirou o biquíni na frente de todo mundo.

E eu perguntei: “O que você está fazendo?”.

Ela pôs a roupa, deu uma voltinha e falou: “Fico me sentindo incrível com ele. Como se fosse uma ninfa do mar”.

E depois... Não sei nem como falar. Num instante ela estava lá e, no minuto seguinte, tinha passado por mim e voltado correndo para a piscina e entrado na água, um passo de cada vez, vestindo aquela túnica maravilhosa. Me deu vontade de matar a Daisy. Aquele vestido era uma obra de arte.

Quando cheguei, ela estava boiando sozinha na piscina, com um monte de gente olhando. Não sei quem tirou a foto. Mas é minha foto favorita dela, eu

acho. É simplesmente a cara da Daisy. Boiando com os braços abertos, com o vestido flutuando ao redor. Estava de noite, mas a piscina era iluminada, então o corpo dela e a túnica aparecem em destaque. E tem também o olhar no rosto dela, sorrindo para a câmera. Fico encantada toda vez que vejo.

ROD: Liguei no Marmont umas dez vezes, e ela não atendeu, então falei para o Billy: “Vou dar um pulo lá. Só para ver se está tudo bem”.

BILLY: Daisy adorava esse trabalho de gravar um álbum. Eu sabia disso. Estava vendo. Ela só perderia a oportunidade de gravar uma música sua se estivesse drogada a ponto de perder a noção do tempo e do espaço.

É difícil se preocupar com uma pessoa que não se preocupa consigo mesma. E eu posso falar isso a partir dos dois pontos de vista.

Então, Rod e eu fomos até lá. Chegamos ao chalé dela no Marmont em quinze minutos, não era longe do estúdio. E começamos a perguntar onde estava Lola La Cava — ela usava um pseudônimo, claro. No fim, alguém falou para a gente ir procurar na piscina.

E, quando a gente chegou lá, Daisy estava sentada num trampolim com um vestido rosa, toda ensopada. O cabelo estava jogado para trás, e o vestido todo colado no corpo.

Rod foi até lá, falando não sei o quê, mas, assim que bateu os olhos nele, deu para ver que ela caiu em si. Só lembrou de onde deveria estar quando ele apareceu. Era exatamente o que a gente pensava. Ela estava doidona. Pois é, a única coisa que vinha na frente da música para ela eram as drogas.

Enquanto os dois conversavam, Rod apontou para mim, e quando os olhos da Daisy se voltaram para mim... ela pareceu triste. Por me ver lá. Olhando para ela naquele estado.

Tinha um cara do meu lado que parecia ser um velhote, mas provavelmente tinha uns quarenta anos. Dava para sentir o cheiro do uísque no copo dele, aquele aroma amadeirado e antisséptico. Para mim o gatilho sempre foi o

cheiro. De tequila, de cerveja. Até de cocaína. O cheiro de qualquer coisa. Isso me trazia de volta a sensação de que a noite estava começando e que ia ser boa. No começo era tão bom.

E então ouvi a voz de novo, dizendo que eu não ia conseguir continuar sóbrio pelo resto da vida. *De que adianta parar de beber se eu sei que não dá para ficar assim para sempre? Se eu sei que algum dia tudo vai por água abaixo? Por que não me jogar logo de uma vez? Desistir de mim mesmo? Poupar a Camila e as meninas da decepção no futuro e admitir quem eu realmente sou.*

Olhei para Daisy, que estava descendo do trampolim. O copo que estava na mão dela caiu do lado da piscina. Vi quando ela pisou no vidro quebrado, sem nem perceber que estava machucando os pés.

ROD: Os pés da Daisy começaram a sangrar.

SIMONE: Tinha sangue misturado com água da piscina no chão. E Daisy nem percebeu. Continuou andando e conversando.

DAISY: Eu não senti os cortes no pé. Não estava em condições de sentir muita coisa, acho.

SIMONE: Nesse momento, eu pensei: *Essa menina vai sangrar até a morte usando esse vestido lindo.*

Eu me senti... perdida, triste, deprimida, abalada. Me senti sem esperança, mas não podia me dar ao luxo de desistir. Eu precisava lutar por ela — e contra ela — até finalmente ser derrotada. Porque era uma luta que eu não tinha como vencer. Eu não via como vencer aquela guerra.

BILLY: Eu não podia ficar lá. Porque, quando olhei para Daisy, toda molhada, sangrando e se mantendo de pé sei lá como, eu não pensei: *Graças a Deus que parei com isso.*

Eu pensei: *Essa aí sabe se divertir.*

ROD: Quando estava indo pegar uma toalha para Daisy se secar, vi que Billy virou as costas e foi embora. A gente tinha ido até lá no mesmo carro, então não entendi direito o que ele estava fazendo. Tentei chamar a atenção dele, mas Billy só me viu no último instante, quando já estava quase lá fora. Ele fez só um aceno de cabeça. E eu entendi tudo. Fiquei bem agradecido de Billy ter ido comigo.

Ele sabia se cuidar, e era isso que estava fazendo.

BILLY: Avisei para Rod que estava indo embora e perguntei se ele se importava de voltar para casa de táxi, porque a gente tinha ido no meu carro. Ele foi muito compreensivo. Conseguiu entender por que eu precisava dar o fora dali.

Quando cheguei em casa, deitei na cama ao lado da Camila, muito feliz por estar lá. Mas não conseguia dormir. Fiquei me perguntando o que estaria fazendo naquele momento se tivesse pedido uma dose de uísque para aquele cara. Se tivesse colocado tudo para dentro.

Eu estaria rindo, tocando, cantando para o pessoal da festa? Nadando pelado com um monte de desconhecidos? Vomitando até as tripas enquanto alguém injetava heroína no banheiro?

Em vez disso, estava deitado no escuro e no silêncio, ouvindo a minha mulher roncar.

Acho que sei sobreviver, apesar dos meus instintos falhos. Meus instintos me mandaram abraçar o caos. Mas meu cérebro me levou para casa, para a minha mulher.

DAISY: Eu não lembro de ter visto Billy por lá. Nem Rod. Não sei nem como fui parar na minha cama.

BILLY: Eu sabia que não ia conseguir dormir naquela noite. Então levantei da cama e fui escrever uma música.

ROD: Quando Billy chegou ao estúdio no dia seguinte, todo mundo estava lá, pronto para gravar. Levei inclusive Daisy, relativamente sóbria, depois de beber um café.

DAISY: Fiquei me sentindo mal. Não queria ter atrapalhado as sessões de gravação, claro.

Por que eu fazia tão mal para mim mesma? Não sei explicar. Gostaria de saber. Eu detestava isso em mim. Eu detestava isso, mas continuava fazendo, o que me deixava ainda com mais raiva de mim mesma. Não existe uma resposta certa para esse assunto.

ROD: Billy apareceu e mostrou uma música nova que tinha feito: “Impossible Woman”.

Eu perguntei: “Você escreveu essa letra ontem à noite?”.

Ele respondeu: “Foi”.

BILLY: Daisy leu e comentou: “Legal”.

GRAHAM: Ficou bem claro, pelo clima que se estabeleceu no estúdio, que ninguém, nem mesmo Billy e Daisy, ia mencionar que aquela música era sobre a Daisy.

BILLY: Não é sobre a Daisy. É sobre quando você fica sóbrio e tem coisas que não pode mais tocar, coisas que não pode mais ter.

KAREN: Depois que ouvimos Billy tocar pela primeira vez, eu comentei com Graham: “Essa música...”.

E Graham disse: “Pois é”.

DAISY: É uma puta música.

WARREN: Não fez diferença para mim na época e continua não fazendo hoje.

KAREN: “*Dancing barefoot in the snow/ Cold can’t touch her, high or low*”.*
Essa é Daisy Jones.

BILLY: Decidi fazer uma música sobre uma mulher que parece com um punhado de areia escorrendo entre os dedos, como se nunca pudesse pegá-la de verdade. Como uma metáfora para as coisas que eu não podia ter, que não podia fazer.

DAISY: Eu perguntei: “Essa música é para a gente cantar junto?”.

Billy falou: “Não, acho que você podia fazer essa sozinha. Eu compus pensando no seu tom de voz”.

Eu comentei: “Parece fazer mais sentido um homem cantando isso sobre uma mulher”.

Billy respondeu: “É mais interessante uma mulher cantando. Fica uma coisa mais sombria”.

Eu disse: “Certo, vou tentar”.

Demorou alguns dias até cada um da banda trabalhar direito a sua parte. Uns dias depois, chegou o dia. Ouvi todo mundo gravar os instrumentais. Mas ainda estava tentando entender como cantar.

Quando chegou a minha vez, dei o meu melhor. Tentei deixá-la um pouco triste, talvez. Como se estivesse sentindo falta daquela mulher. Eu pensei: *Talvez essa mulher seja minha mãe, ou minha irmã perdida, talvez eu precise de alguma coisa que só ela pode me dar*. Entende?

Eu pensei: *É um lance intangível, etéreo*. Esse tipo de coisa. Mas gravei diversas vezes e percebi que não estava funcionando.

E eu olhava para o pessoal, pensando: *Alguém me tira dessa. Estou me afundando aqui*. E fiquei sem saber o que fazer. Comecei a me irritar.

KAREN: Daisy não tem nenhuma educação formal em música. Não sabe os nomes dos acordes, não estudou nenhuma técnica vocal. Se Daisy não se adaptar naturalmente ao estilo da música, é melhor que ela nem cante.

DAISY: Eu estava esperando que alguém me salvasse, saca? Então disse que queria fazer uma pausa. Teddy sugeriu que eu desse uma caminhada para espairer. Dei uma volta no quarteirão, mas isso piorou as coisas, porque eu só pensava que não ia conseguir. *Eu não consigo, e claro que não vai dar certo*, essas coisas. E no fim acabei desistindo. Entrei no carro e fui embora. Não consegui lidar com a situação, então fui embora.

BILLY: Eu compus a música para ela. Era uma letra feita para a Daisy cantar. Por isso fiquei muito irritado quando ela pulou fora.

Eu entendia a frustração dela, claro. Tipo, o talento da Daisy é surpreendente. Você leva até um susto quando vê. Mas ela não tinha controle sobre nada. Não sabia como trazer à tona esse dom, sabe? Precisava torcer para ele estar ali, disponível.

Mas desistir não era legal. E ainda mais depois de ter tentado por algumas horas, no máximo. Esse é o problema das pessoas que nunca precisaram batalhar para ter as coisas. Elas não sabem dar duro para conseguir o que querem.

DAISY: Naquela noite, bateram na porta do meu chalé. Eu estava com Simone, preparando o jantar. Quando abri a porta, era Billy Dunne.

BILLY: Fui lá com o único propósito de fazer com que ela cantasse a porra da música. Você acha que eu queria voltar ao Chateau Marmont? Não, não queria. Mas era o que eu precisava fazer, então fui até lá.

DAISY: Ele sentou para falar comigo, e Simone estava preparando uns drinques na cozinha, com vodca e suco de laranja, e ofereceu um para Billy.

BILLY: Daisy pulou na minha frente na hora e disse: “Não!”. Como se eu fosse pegar o copo da mão da Simone.

DAISY: Fiquei com vergonha pela Simone ter oferecido bebida para ele, porque sabia que Billy já achava que eu era uma viciada e uma bêbada de merda. Então,

se ele achava que ia desandar por minha causa, eu tinha que fazer tudo que estivesse ao meu alcance para mostrar que isso não ia acontecer.

BILLY: Isso... Eu fiquei surpreso. Percebi que ela me escutava de verdade.

DAISY: Billy me disse: “Você precisa cantar essa música”. Eu falei que não tinha a voz certa para aquilo. Conversamos mais um pouco a respeito, sobre o que a música significava, se tinha uma abordagem diferente que eu podia usar, e no fim Billy acabou falando que a letra era sobre mim. Que ele tinha escrito pensando em mim. Que eu era a mulher impossível. “*She’s blues dressed up like rock ‘n’ roll/ Untouchable, she’ll never fold*”.** Essa era eu. Foi quando deu o estalo na minha cabeça.

BILLY: Eu não falei para Daisy que a música era sobre ela, de jeito nenhum. Jamais falaria isso, porque não era.

DAISY: Essa foi a reviravolta para mim. Mas eu ainda não sabia se tinha a voz certa para aquela melodia.

BILLY: Eu falei que a música precisava de uma energia mais bruta. Que o disco precisava estalar debaixo da agulha quando a faixa fosse tocada. Tinha que ser uma coisa repleta de eletricidade. Ela precisava cantar como se sua vida dependesse disso.

DAISY: A minha voz não é assim.

BILLY: Eu falei: “Você precisa ir até o estúdio amanhã e tentar de novo. Promete que vai tentar de novo?”. E ela concordou.

DAISY: Quando cheguei ao estúdio na manhã seguinte, estava tudo vazio. O resto da banda não estava lá. Só Billy, Teddy, Rod, Artie e as mesas de som. Eu entrei lá e... sabia que daquela vez ia ser diferente.

ROD: Quando Billy foi com Daisy até a cabine, para bater um papo com ela, saí para fumar um cigarro.

BILLY: Eu sabia como a música tinha que ser e estava tentando arrumar uma forma de explicar para ela. E, no fim das contas, percebi que o lance da Daisy era fazer as coisas sem esforço. E aquela tinha que ser uma música dolorida de se ouvir, como se estivesse drenando todas as energias do corpo dela. Depois de cantar, queria que Daisy se sentisse como se tivesse acabado de correr uma maratona.

DAISY: Minha voz tinha uma aspereza, mas não era aquela coisa visceral. E era isso o que Billy queria.

BILLY: Eu falei mais ou menos assim: “Canta bem forte e bem alto, para perder a voz mesmo. Pode deixar a voz esganiçar. Pode perder o controle”.

Dei permissão para ela cantar mal. Tipo, é só comparar o jeito que você canta quando está acompanhando uma música no rádio no último volume. Quando você não consegue se ouvir, não tem medo de soltar a voz, porque não faz diferença se sua garganta falhar ou se rolar uma desafinada. Daisy precisava desse tipo de liberdade. Isso exige uma confiança tremenda. E Daisy não tinha essa confiança. Ela sempre se saía *bem*. E ter confiança é ficar bem quando você se sai mal, e não apenas se sentir bem por ter acertado.

Eu falei: “Se você cantar essa música de um jeito redondinho o tempo inteiro, não vai dar certo”.

DAISY: Ele me falou: “Essa música não foi feita para ser bonita. Então não cante como se fosse”.

ROD: Quando voltei, Billy tinha posicionado Daisy na cabine com as luzes bem baixinhas, um inalador Vick, uma caneca de chá quente, uma embalagem de

pastilhas para a garganta, uns lenços de papel, um jarro de água e, sei lá, qualquer outra coisa que ela pudesse querer.

Mas aí Daisy sentou numa cadeira, então Billy saiu correndo da sala de controle e voltou para a cabine. Ele tirou a cadeira de lá, pôs o microfone mais alto e falou: “Você precisa estar de pé e cantar com toda a energia, até ficar com as pernas bambas”.

Daisy parecia apavorada.

DAISY: Ele queria que eu deixasse de lado todas as minhas inibições. Billy me disse que eu não podia ter medo de fracassar completamente na frente dele — e de Teddy e Artie. Mas eu sabia que não ia deixar de lado meu ego estando sóbria.

Eu falei: “Que tal trazerem um vinho aqui?”.

Billy respondeu: “Você não precisa”.

E eu disse: “Não, quem não precisa é *você*”.

BILLY: Rod levou uma garrafa de conhaque pra lá.

ROD: Eu não ia tirar as coisas mais leves para depois ela querer correr atrás das mais fortes.

DAISY: Dei alguns goles, olhei para o Billy pela janela e falei no microfone: “Certo, então você quer que fique meio feinho, né?”. Ele fez que sim com a cabeça. E eu perguntei: “E ninguém vai ficar me julgando se eu soar como uma gata sendo esganada?”.

E, nunca vou esquecer, Billy apertou o botão do microfone e falou: “Se você fosse uma gata, ia fazer todos os outros gatos do quarteirão te seguirem para onde quisesse”. E eu gostei disso. A ideia de que, simplesmente sendo eu mesma, ia conseguir me sair bem.

Então, abri a boca, respirei fundo e mandei ver.

BILLY: Nenhum de nós falou nada para Daisy, e eu... Fico meio assim de falar isso inclusive hoje, mas... as primeiras duas tomadas foram um horror. Tipo, nossa. Comecei a me arrepender do que tinha pedido. Mas a gente continuou incentivando ela.

Quando alguém se coloca numa situação como aquela, principalmente se foi ideia sua, você não tem o direito de dizer nenhuma palavra negativa.

Então, eu falei: “Legal, legal”. E no fim, acho que depois da terceira tomada, pedi: “Agora tenta cantar uma oitava acima”.

ROD: Foi na quarta ou quinta tomada da Daisy. Acho que na quinta. E, porra, pareceu um passe de mágica. Tipo, magia pura. Não estou usando essa palavra só por usar. Parecia que a gente estava testemunhando uma coisa que só acontecia algumas poucas vezes na vida. Ela simplesmente acertou em cheio. Isso que você ouve no disco foi a quinta tomada feita pela Daisy, do início ao fim.

BILLY: Ela começou a primeira estrofe pegando mais leve, não exatamente tranquila, mas controlada. *“Impossible woman/ Let her hold you/ Let her ease your soul”*.

Aí ela esquentou um pouco mais, colocando mais intensidade de um jeito bem sutil nos versos seguintes: *“Sand through fingers/ Wild horse, but she’s just a colt”*. E depois de dizer *“colt”* ela começou a colocar mais potência na voz.

Daisy passou para a outra estrofe e, na primeira vez que cantou o refrão, deu para ver nos olhos dela, porque estava olhando diretamente para mim... Eu senti que ela deixou as palavras explodirem de dentro do peito: *“She’ll have you running/ in the wrong direction/ Have you coming/ for the wrong obsessions/ Oh, she’s gunning/ for your redemption/ Have you headed/ back to confession”*. E, depois de repetir *“confession”*, foi aí que a coisa virou uma loucura mesmo.

A voz dela engasga e fica um pouco rouca no meio da palavra. E ela parte para as outras estrofes. Quando chegou o refrão de novo, Daisy soltou a voz com

todas as forças. De um jeito pesado, agressivo, áspero, mas com sentimento de sobra. Como se estivesse implorando.

E depois veio o encerramento. Ela cantou: “*Walk away from the impossible/ You’ll never touch her/ never ease your soul*”. E no fim ainda acrescentou dois versos. Ficou perfeito. Ela cantou. “*You’re one more impossible man/ running from her/ clutching what you stole*”.***

Ela cantou a música toda como um lamento que vinha do fundo do coração. Transformou a composição numa coisa muito maior do que o que eu tinha feito.

DAISY: Eu abri os olhos depois daquela tomada sem saber direito o que tinha feito. Só lembro de ter pensado: *Agora consegui*.

Lembro de ter percebido que tinha muito mais potência vocal do que pensava. Que tinha mais a oferecer, mais profundidade e alcance do que imaginava.

ROD: Ela ficou olhando para Billy o tempo todo enquanto cantava. E ele encarando de volta, balançando a cabeça. Quando ela terminou de cantar, Teddy começou a aplaudir. E a expressão no rosto dela, a satisfação estampada lá, parecia uma criança no dia de Natal. Sério mesmo. Ela estava muito orgulhosa de si mesma.

Arrancou o fone, jogou no chão, saiu correndo da cabine e — juro para você — se atirou nos braços do Billy. Ele deu um abraço na Daisy que tirou os pés dela do chão, e os dois ficaram assim por um tempo, balançando de um lado para o outro. E sou capaz de garantir que Billy cheirou o cabelo dela antes de colocar Daisy de volta no chão.

* “Dançando descalça na neve/ O frio não é capaz de atingi-la, por cima ou por baixo”. (N. T.)

** “Ela é blues em roupa rock ‘n’ roll/ Intocável, ela nunca vai se dobrar”. (N. T.)

*** “Mulher impossível/ deixe que ela abraça você/ que acalente sua alma// Areia por entre os dedos/ cavalo selvagem, mas ela é só um potro// Ela vai fazer você correr/ na direção errada/ fazer você se aproximar/ das obsessões erradas/ ah, ela está mirando/ a sua redenção/ fazer você voltar atrás/ e se confessar// Se afaste do impossível/ você nunca vai tocá-la/ nunca vai acalantar sua alma// Você é mais um homem impossível/ fugindo dela/ agarrado ao que conseguiu roubar.” (N. T.)

DAISY: A gente estava gravando no estúdio uma tarde, e Camila apareceu com as meninas.

GRAHAM: Falei para a Camila: “Por que vocês não aparecem aqui mais vezes?”. Porque ela passava lá de vez em quando, mas só para entregar alguma coisa para o Billy, ia embora rapidinho. Nunca passava um tempo com a gente lá. Apesar de que nunca faltavam visitas no estúdio.

Obviamente, assim que ela decidiu ficar mais um pouco, uma das gêmeas começou a chorar aparentemente do nada. E não parava. Não lembro se era Susana ou Maria, mas Billy pegou a bebê no colo para dar uma tranquilizada, mas ela não se acalmou. Eu peguei a menina no colo, Karen também. Nada adiantou.

Camila acabou levando as duas lá pra fora.

CAMILA: Bebês e rock ‘n’ roll são duas coisas que não combinam.

KAREN: Fui dar uma volta com a Camila e as meninas num dia em que elas apareceram no estúdio. Perguntei: “Como estão as coisas?”.

E ela... simplesmente abriu o coração. Começou a falar sem parar, como se não conseguisse mais se segurar. As gêmeas não estavam dormindo bem, Julia estava tendo crises de ciúme e Billy nunca estava em casa. Mas aí ela deteve o passo, parando de empurrar as meninas no carrinho e disse: “Por que estou reclamando? Eu adoro a minha vida”.

CAMILA: Como é aquela frase mesmo? Os dias são longos, mas os anos são curtos? Quem disse isso devia ser uma mãe com três filhos com menos de três anos de idade. Cansada e mal-humorada o tempo todo, ficando feliz só de poder encostar a cabeça no travesseiro por algumas horas. Criar filhos é um trabalho duro. Mas que eu gostava de fazer.

Todo mundo é bom em alguma coisa. Eu era uma boa mãe.

KAREN: Camila me falou um dia uma coisa do tipo: “Estou levando a vida que quero viver”. E disse isso com uma tranquilidade total.

GRAHAM: Enquanto Camila estava lá fora com as gêmeas, Billy levou Julia para a sala de controle. Ela ficou lá com Artie, Teddy e o resto do pessoal enquanto a gente gravava.

Julia se divertiu muito por lá. Estava uma gracinha, com fones nos ouvidos e aquele vestidinho de criança. O cabelo dela ainda era loiro na época. As pernas eram tão curtinhas que nem dobravam quando ela sentava na cadeira.

KAREN: Decidi contar sobre Graham para Camila. Precisava da ajuda dela para decidir o que fazer.

Eu tinha... Bom, nunca contei isso para ele, mas vi uma carta da mãe dele no criado-mudo da cama uma vez. Não queria ser intrometida nem nada, mas o papel estava largado lá, e algumas frases chamaram a minha atenção. A mãe dele recomendou que, se ele estivesse de verdade apaixonado pela tal garota sobre quem havia falado, deveria oficializar a relação. E isso me deixou apavorada.

GRAHAM: Eu queria uma família. Não naquele momento. Mas com certeza. Queria o que o meu irmão tinha.

KAREN: Eu disse para a Camila: “O que você acharia se eu estivesse transando com Graham?”.

Ela tirou os óculos de sol e me olhou bem nos olhos. Aí perguntou: “Se você estivesse transando com Graham?”.

Eu falei: “É, *se* eu estivesse”.

CAMILA: Ele era apaixonado por ela há sabe-se lá quanto tempo.

KAREN: Nós continuamos falando em termos hipotéticos. Camila disse que eu precisava levar em consideração que Graham gostava de mim fazia um bom tempo. Uma coisa que... eu sabia, mas ao mesmo tempo não sabia, acho.

CAMILA: Eu falei que se ela estivesse transando com Graham e não sentisse por ele o mesmo que ele sentia por ela... bom, então era melhor parar.

KAREN: Acho que ela falou: “Se Graham ficar com o coração partido por sua causa, eu mato você”.

Eu respondi: “Quem garante que não serei eu quem vai ficar com o coração partido?”.

E ela disse: “Se Graham fizesse isso com você, eu acabaria com a raça dele também. Você sabe disso. Mas nós duas sabemos que Graham não vai partir seu coração. Nós duas sabemos onde isso vai parar”.

Fiquei meio na defensiva, mas Camila não se deixou intimidar. Ela era muito boa em dizer para as pessoas o que fazer, e não tinha medo de falar na cara. Era uma coisa bem irritante. Porque ela estava sempre certa. E ainda dizia: “Eu avisei”. Se você fizesse alguma coisa contra a recomendação dela e depois saísse tudo errado, podia esperar que Camila estaria lá... só esperando para dizer: “Eu avisei”. E ela sabia o momento certo de pegar a gente desprevenida.

CAMILA: Se você viesse pedir meu conselho, fizesse tudo ao contrário e desse tudo errado exatamente do jeito como falei... O que eu podia dizer?

KAREN: Eu disse para ela: “Graham é um homem adulto. Sabe se cuidar muito bem sozinho. Não é meu papel tomar decisões por ele”.

Camila respondeu: “É, sim”.

E eu retruquei: “Não é, não”.

CAMILA: Eu disse para ela: “É, sim”.

KAREN: E a gente ficou nesse vaivém, até que eu desisti.

DAISY: A gente estava gravando, e Julia estava na cabine. A família do Billy tinha ido fazer uma visita naquele dia. Deu um problema no meu microfone, então fiquei esperando enquanto o pessoal consertava.

Fui até a sala de controle e perguntei para Julia se ela queria um biscoitinho. Ela tirou o fone do ouvido e perguntou: “O papai deixou?”. Uma gracinha.

Teddy apertou o botão para falar com o estúdio e disse: “Julia quer saber se tudo bem se ela comer um biscoitinho”.

Billy chegou perto do vidro e falou: “Tudo bem, sim”. E depois acrescentou: “Só vejam antes se é... um biscoitinho normal”.

Peguei Julia pela mão, e a gente foi até a cozinha comer uns cookies de amendoim. Ela falou que gostava de abacaxi. Lembro disso porque também adorava, e contei isso para ela. Julia ficou toda empolgada porque a gente tinha uma coisa em comum. Eu falei que a gente podia comer juntas um dia. Logo em seguida, Karen entrou na cozinha, e Camila estava chamando Julia, então fui devolver a menina para a mãe. Julia me deu tchau acenando com a mãozinha, e Camila me agradeceu por cuidar dela.

CAMILA: Foi o caminho todo de volta para casa [com Julia] dizendo: “A minha melhor amiga pode ser a Daisy Jones?”.

DAISY: Assim que elas foram embora, o Eddie me chamou, e a Karen voltou lá para dentro do estúdio. E alguém, não lembro quem, disse que eu levava jeito com crianças. E aí o Eddie comentou: “Aposto que você seria uma tia incrível”.

Você não diz para uma mulher que ela seria uma tia legal se achasse que poderia ser uma boa mãe. E eu sabia tão bem quanto todo mundo que não seria uma boa mãe. Não estava nem em condições de pensar em ter filhos.

Escrevi a letra de “A Hope Like You” logo depois disso.

BILLY: Quando Daisy me mostrou “A Hope Like You”, eu pensei: *Isso pode ficar bom como uma balada para piano*. Era uma música de amor bem triste. Sobre querer alguém que não pode ter, sabendo que vai continuar querendo mesmo assim.

Eu disse: “O que você pensou para a melodia?”.

Ela cantou um pouquinho e aí... me veio na cabeça. Me veio na cabeça como deveria ser.

DAISY: Billy falou: “Essa é a sua música no disco. Tem que ser só você acompanhada por um piano, mais nada”.

KAREN: Foi muito legal gravar essa música. Fiquei bem orgulhosa. Era só Daisy cantando com o meu acompanhamento no teclado. Mais nada. Duas mulheres foderas fazendo rock ‘n’ roll.

BILLY: Daisy e eu criamos um monte de coisas legais depois disso. A gente ficava trabalhando na sala de descanso do estúdio, ou então na edícula do Teddy se precisasse de mais silêncio e tranquilidade.

Eu mostrava uma coisa que vinha fazendo, e Daisy me ajudava a refinar tudo. Ou vice-versa. A gente trabalhava numa das ideias da Daisy.

ROD: Teve uma época em que Daisy e Billy chegavam com coisas novas quase todos os dias.

GRAHAM: É muito empolgante essa coisa de criar sem parar. Enquanto a gente trabalhava nos instrumentais de “Midnights” ou acrescentava coisas ao arranjo de “Impossible Woman”, Daisy e Billy mostravam um som novo e deixavam todo mundo na maior empolgação.

KAREN: Eu estava sempre a mil por hora nessa época. Tinha um monte de gente no estúdio. Várias músicas sendo apresentadas e trabalhadas. Gravações em cima de gravações. Tomadas feitas milhares de vezes, tentando deixar tudo cada vez melhor.

Tinha sempre alguma coisa para fazer, muita coisa com que se ocupar. Mas todo mundo chegava no estúdio de manhã de ressaca da noite anterior. Parecia um bando de zumbis às dez da manhã. Antes do café e do pó começarem a bater.

ROD: As primeiras faixas estavam ficando ótimas.

ARTIE SNYDER: Quando as primeiras músicas foram ficando prontas, fomos percebendo que a gente tinha uma coisa bem especial nas mãos.

Billy e Teddy ficavam até tarde ouvindo o que já tinha sido gravado. Escutando sem parar. A sala de controle ficava bombando nessas noites. Silêncio total no resto do estúdio, noite fechada lá fora. Só nós três ouvindo o rock tomar forma.

Eu estava me divorciando na época, então não ligava de ficar lá o quanto eles quisessem. A gente saía do estúdio às três da manhã às vezes. Teddy e eu tínhamos travesseiros guardados num armário lá. Dava para dormir no estúdio se fosse o caso. Billy sempre ia para casa. Mesmo se fosse para voltar duas horas depois.

ROD: Estava ficando mesmo uma coisa de outro mundo. Eu queria convencer a Runner a promover a banda com uma verba pesada de divulgação. Aquele álbum merecia um lançamento em grande estilo.

Estava negociando com Teddy um número altíssimo para a primeira prensagem. Queria lançar uma música de trabalho que fosse um grande hit. Queria tocar em rádios com pegada mais pop e também nas estações de rock. Queria uma turnê imensa. Eu estava ficando bem ambicioso. Queria que o álbum chegasse com tudo.

Todo mundo sabia que uma turnê com Daisy e Billy lotaria arenas e venderia muitos discos. Dava para sentir isso no ar. E Teddy conseguiu convencer o pessoal disso. Na Runner Records, o clima era de empolgação total.

DAISY: Billy e eu fizemos umas quatro músicas num impulso criativo maluco de uma ou duas semanas. Quer dizer, na verdade foram sete canções. Mas só quatro entraram no disco.

ROD: Eles apareceram com “Please”, “Young Stars”, “Turn It Off” e “This Could Get Ugly”. Tudo mais ou menos na mesma semana.

BILLY: O conceito do álbum tomou forma naturalmente. A gente — eu e Daisy — percebeu que as letras eram sobre o cabo de guerra entre a tentação e o esforço para se manter no caminho certo. Eram sobre drogas, sexo, amor, negação e mais um monte de coisas complicadas.

Foi daí que surgiu “Turn It Off”. Nós dois escrevendo sobre como a gente acha que resolveu uma coisa, mas aí tudo volta e explode na sua cara.

DAISY: “Turn It Off” é minha e do Billy, composta naquela edícula, com ele na guitarra e eu cantando os versos “*I keep trying to turn it off,/ but, baby, you keep turning me on*”,* e a coisa evoluiu a partir daí.

Eu criava um verso, ele vinha com outro. A gente rasurava as palavras um do outro, escrevendo por cima. Tudo para tentar chegar à melhor versão possível da música.

BILLY: Daisy e eu chegamos a um ponto em que dava para trabalhar nas composições novas por um bom tempo. A gente acreditava um no outro o suficiente para continuar insistindo mesmo quando o processo demorava um pouco. “Young Stars” surgiu assim.

DAISY: Trabalhamos em “Young Stars” aos trancos e barrancos. Às vezes a gente deixava ela de lado e retomava alguns dias depois. Acho que foi Billy que sugeriu os versos “*We only look like young stars/ because you can’t see old scars*”. Eu achei legal. No fim a gente estruturou a letra em cima disso.

BILLY: A gente usou muitas palavras que remetiam ao sofrimento físico. Dores, nós, fraturas, pancadas, essas coisas. E a coisa se encaixou bem no restante do álbum — falar sobre a dor que é lutar contra os próprios instintos.

DAISY: “*Tell you the truth just to watch you blush/ You can’t handle the hit so I hold the punch*”. Essa música falava direto com o coração em vários sentidos.

Talvez direto até demais. *“I believe you can break me,/ but I’m saved for the one who saved me.”***

BILLY: Enfim, às vezes é bem difícil definir sobre o que é uma música. Às vezes você nem sabe por que escreveu determinado verso, ou como aquilo surgiu na sua cabeça, ou até o significado dele.

DAISY: As músicas que a gente estava compondo... *(pausa)* Comecei a sentir que muita coisa do que Billy escrevia era sobre o que ele sentia de verdade. Estava claro para mim que algumas coisas que ele ignorava começaram a vir à tona no nosso trabalho em conjunto.

BILLY: São letras de músicas. Você coloca elas pra fora quando dá. A gente pode mudar os significados para se encaixar em determinadas situações. Algumas músicas vieram mais do fundo do meu coração do que outras, acho.

DAISY: É estranho como o silêncio de uma pessoa, a insistência em afirmar que nada está acontecendo, pode ser sufocante. E pode mesmo. Sufocante é exatamente a palavra certa para definir isso. Parece que a gente não consegue nem respirar.

KAREN: Acho que fui a primeira pessoa para quem Daisy mostrou “Please”. Achei uma música bem legal. E perguntei: “O que o Billy achou?”.

Ela respondeu: “Ainda não mostrei para ele. Quis mostrar para você primeiro”.

Achei isso esquisito.

BILLY: Daisy me entregou a letra, e senti que ela estava meio apreensiva, mas eu gostei logo de cara. Acrescentei uns versos meus, tirei alguns outros.

DAISY: É uma sensação de vulnerabilidade total para uma artista dizer a verdade desse jeito, como estamos fazendo agora. Quando você está simplesmente

vivendo sua vida, fica tão imersa na própria mente, envolvida com seus sofrimentos, que é difícil ver o quanto isso se torna óbvio para as pessoas ao redor. Eu escrevia letras achando que eram cifradas e cheias de segredos escondidos, mas no fim não eram nada disso.

BILLY: “This Could Get Ugly”... Essa foi uma faixa em que a melodia veio antes da letra. Graham e eu inventamos um riff de guitarra, achamos que ficou legal e a música nasceu daí. Fui até a Daisy e perguntei: “Você tem alguma coisa que se encaixa nisso?”.

DAISY: Tinha uma ideia que sempre me passava pela cabeça, sobre as coisas “feias” na verdade serem boas. Queria escrever uma letra sobre ser capaz de manipular alguém sem que a pessoa percebesse.

BILLY: Daisy e eu nos encontramos na casa do Teddy um dia de manhã, toquei de novo a melodia, e ela escreveu algumas coisas, sobre um cara com quem estava saindo, não lembro quem era. E tinha uns versos que calaram fundo em mim. Eu gostei de verdade. “*Write a list of things you’ll regret/ I’d be on top smoking a cigarette*”.*** Eu adorei.

Perguntei para ela: “O que está rolando com esse cara para você escrever uma coisa dessas?”.

DAISY: Mesmo nessa época, não sabia se Billy e eu estávamos falando a mesma língua.

BILLY: Ela era ótima com jogos de palavras. Em alterar o sentido das coisas, minimizar sentimentos. Eu adorava o que ela estava fazendo nesse sentido e fiz questão de dizer para ela.

DAISY: Quanto mais eu trabalhava como compositora, quanto mais me esforçava, melhor ficava. Não de uma forma linear, na verdade. Meio que em zigue-zague. Mas eu estava melhorando, ficando boa mesmo naquilo. E sabia disso. Tinha

isso em mente quando mostrava uma música para ele. Mas reconhecer suas próprias qualidades só faz você chegar até certo ponto. Em algum momento, você precisa que outra pessoa veja isso também. A aprovação, o reconhecimento das pessoas que você admira muda a forma como a pessoa enxerga a si mesma. E Billy me via como eu queria ser vista. Não existe nenhuma sensação mais poderosa que essa. Tá uma coisa em que eu acredito.

Todo mundo quer alguém que segure um espelho que mostre a imagem certa de você.

BILLY: “This Could Get Ugly” foi ideia dela, e a execução foi... excelente.

Ela escreveu uma coisa que eu gostaria de ter escrito, mas não sabia como. Não teria sido capaz de criar uma letra assim. É isso o que todo mundo quer da arte, não? Ver alguém expor os sentimentos que existem dentro de nós. Arrancar um pedaço do seu coração e mostrar para você. É como ser apresentado a uma nova faceta sua. E foi isso que Daisy fez nessa letra. Pelo menos para mim.

Não havia nada a fazer a não ser elogiar. Não mudei uma única palavra.

EDDIE: Quando eles apareceram no estúdio com “This Could Get Ugly”, pensei: *Que ótimo, mais uma música sem espaço para eu contribuir com alguma coisa.*

O rumo que as coisas estavam tomando não me agradava. Não sou uma pessoa amarga. Em quase todos os outros aspectos da vida não sou assim, entende o que estou dizendo? Mas estava ficando de saco cheio. Ia trabalhar todo dia me sentindo um cidadão de segunda classe. Essa coisa mexe com a cabeça da gente. Não importa quem você seja. Isso mexe com a cabeça da gente.

Eu falei para o Pete, disse bem assim: “Cidadão de segunda classe. Trabalho de primeira linha”.

KAREN: Com certeza virou um clubinho a que ninguém mais tinha acesso. Só Daisy e Billy. Mesmo na sede Runner Records o pessoal só pensava em deixar Daisy e Billy felizes. Em manter a estabilidade entre os dois.

WARREN: A Daisy vivia se esquivando das coisas que não queria fazer. Estava sempre bem louca. Mas era tratada por todo mundo como a galinha dos ovos de ouro.

DAISY: Eu achava com toda a sinceridade que estava sabendo equilibrar bem as coisas. Mas não estava. Apesar de ter certeza que sim.

KAREN: Pensei que o lance dos comprimidos estava sob controle, mas em algum momento da gravação do disco percebi que ela só tinha aprendido a esconder melhor o que fazia.

ROD: Billy e Daisy pareciam estar a todo o vapor, mas aí Daisy chegava atrasada, ou saía com alguém e sumia, e Billy ficava puto.

EDDIE: Daisy e Billy iam lá pra fora, achando que ninguém ia ouvir nada, e começavam a gritar um com o outro.

KAREN: Billy ficava muito irritado quando Daisy dava mancada.

BILLY: Eu não brigava tanto assim com Daisy na época. Nada além do normal. Tanto quanto com Graham ou Warren.

DAISY: Billy achava que sabia o que era melhor para mim mais do que eu mesma. E não estava exatamente errado. Mas eu não queria que ninguém me dissesse o que fazer.

Me deixei levar pelo meu ego. Tinha conseguido o reconhecimento que buscava fazia tempo. Por outro lado, eu acumulava insatisfações pessoais.

Nessa época, eu me achava superimportante, mas ao mesmo tempo não me valorizava nem um pouco. Por mais bonita que eu fosse, ou por melhor que fosse minha voz, ou por mais famosas que fossem as revistas em que aparecia na capa. Tipo, tinha um monte de adolescentes que queriam ser como eu no fim dos

anos 70. Eu sabia muito bem disso. Mas o único motivo para as pessoas pensarem isso era que eu tinha tudo o que é possível ver.

Só que não tinha nada do que não é possível ver.

As drogas certas são capazes de disfarçar o fato de que você não sabe se está feliz ou não. Fazem você pensar que ter companhia é a mesma coisa que ter amigos.

Eu sabia que me chapar não era uma boa solução longo prazo. Mas, nossa, era tão fácil. Muito, muito fácil.

Mas, ao mesmo tempo, também não é nada fácil. Porque num momento você está tentando curar uma ferida. E no instante seguinte está tentando desesperadamente esconder que, na verdade, só está mascarando seu problema com uma gambiarra, e que a ferida a ser curada vai acabar virando uma porra de uma grande infecção.

Mas eu era magra e linda, então que diferença fazia, né?

ROD: Teddy fazia de tudo para deixar Billy e Daisy tranquilos. Eles eram... Billy e Daisy juntos eram como uma fogueira acesa. Uma coisa ótima, se você soubesse tomar cuidado. Era só manter o querosene bem longe.

EDDIE: Era um trabalhão danado manter Billy sóbrio e Daisy controlada. Duvido que Teddy Price viesse correndo atrás de mim todo esbaforido para impedir que eu entrasse num bar.

GRAHAM: Nós começamos a chamar os dois de os eleitos. Nem sei se eles sabem disso. Mas enfim... era isso o que eles eram.

* “Eu vivo tentando me desligar,/ mas, baby, você continua me deixando ligado.” (N. T.)

** “Nós só parecemos astros jovens/ porque você não tem como ver as cicatrizes velhas// Digo a verdade só para ver você corar/ mas você não aguenta a pancada, então amenizo o golpe// Acho que você tem como me dobrar,/ mas vou me guardar para quem me salvou.” (N. T.)

*** “Escreva uma lista das coisas de que você vai se arrepender/ Eu apareceria em primeiro lugar, fumando um cigarro.” (N. T.)

ROD: A gente estava trabalhando na gravação das músicas que Daisy e Billy tinham apresentado. Acho que todas as faixas do álbum já tinham sido compostas a essa altura. O pessoal já estava discutindo o que ia entrar no disco e o que ia ficar de fora.

Hoje as pessoas não se preocupam com isso porque a tecnologia é outra, mas naquela época a coisa era bem restrita. Cada lado de um disco podia ter no máximo vinte e dois minutos, mais ou menos.

KAREN: Graham compôs uma música chamada “The Canyon”.

GRAHAM: Era uma composição minha, a única letra de música que escrevi e achei que tinha ficado legal. Eu não era compositor. Billy sempre se encarregou dessa parte. Mas eu rabiscava algumas coisinhas de vez em quando. E, finalmente, tinha feito uma música que me deixava orgulhoso.

O tema era que, apesar de Karen e eu termos uma vida luxuosa àquela altura, eu seria feliz mesmo morando num lugar todo fodido, desde que estivesse com ela. Era baseada na casa velha que a banda toda morou em Topanga Canyon. Onde Pete e Eddie ainda moravam.

O sistema de aquecimento não funcionava direito, quase nunca tinha água quente, uma janela estava quebrada e por aí vai. Mas isso não fazia diferença se nós estivéssemos juntos. “*There’s no water in the sink/ and the bathtub leaks/ But I’ll hold your warm body in a cold shower/ Stand there with you and waste the hours.*”*

KAREN: Eu fiquei meio preocupada. Nunca tinha feito nenhuma promessa de futuro com Graham. E parecia que ele estava sonhando com isso. Mas, infelizmente, nessa época eu tinha a tendência de evitar os problemas que não queria enfrentar.

WARREN: Graham compôs uma música e pediu para Billy pensar em colocar no álbum, mas Billy ignorou.

BILLY: Quando Graham apareceu com a música que queria incluir no disco, o álbum estava quase todo definido pela Daisy e por mim. E eram músicas complexas, sutis e com um toque sombrio.

Daisy e eu combinamos de compor mais uma ou duas faixas, e a gente queria que pelo menos uma fosse uma coisa mais pesada, menos romântica.

O que Graham me mostrou... Graham compôs uma canção de amor. Uma musiquinha de amor qualquer. Não tinha a complexidade que Daisy e eu estávamos querendo.

GRAHAM: Foi a primeira música que fiz e para a mulher que eu amava. Billy estava tão distraído com o próprio umbigo que nem sabia sobre quem era aquela letra, e nunca se deu ao trabalho de perguntar. Ele leu em uns trinta segundos e falou: “Quem sabe no próximo, cara. Esse já está pronto”.

Eu sempre apoiei Billy. Sempre fiquei do lado dele. Em todo tipo de situação.

BILLY: Nesse disco, ficou combinado que eu não ia interferir no trabalho de ninguém. Então, não queria que ninguém dissesse para mim e para Daisy o que a gente ia cantar. Se era para cada um fazer sua parte, então que cada um fizesse a sua parte.

KAREN: Graham vendeu a música para os Stun Boys, e no fim virou um grande sucesso. Fiquei feliz com isso. Com o rumo que as coisas tomaram. Não ia querer tocar essa música todas as noites.

Nunca entendi essa ideia de colocar sentimentos reais em coisas que a gente ia ter que tocar toda hora durante a turnê.

* “Não tem água na pia/ e a banheira tem vazamento/ mas eu vou abraçar seu corpo quente debaixo do chuveiro frio/ e deixar as horas passarem.” (N. T.)

ROD: Foi mais ou menos nessa época que Daisy e Billy começaram a gravar os vocais juntos. Em várias faixas, eles dividiam a cabine, cantando no mesmo microfone, fazendo as harmonias.

EDDIE: Billy e Daisy dividiam o microfone naquelas cabines minúsculas... Aposto que qualquer um ali faria de tudo para ficar assim tão perto da Daisy.

ARTIE SNYDER: Seria bem mais fácil para mim se eles estivessem em cabines separadas, para eu poder isolar os vocais. Ter os dois cantando no mesmo microfone tornava meu trabalho dez vezes mais difícil.

Se a voz da Daisy saísse mais fraca em alguma parte, eu não podia substituir sem perder o vocal do Billy. Isso tornava o trabalho de cortar e juntar as partes de diferentes tomadas quase impossível.

A gente teve que gravar uma porção de vezes até conseguir uma tomada em que os dois acertassem tudo ao mesmo tempo. A banda ia embora, e Daisy, Billy, Teddy e eu continuávamos lá, trabalhando noite adentro. Isso limitou muito a finalização das faixas. Na verdade, fiquei puto por eles quererem trabalhar desse jeito. Mas Teddy não quis ficar do meu lado nessa.

ROD: Achei que Teddy tomou a decisão certa. Porque fazia diferença na gravação. Dava para sentir que os dois estavam respirando o mesmo ar enquanto cantavam. Aquilo era... Bom, não tem uma palavra para isso. Era intimidade pura.

BILLY: Hã, quando a gravação tem todas as pontas amarradas e as arestas aparadas... onde fica o sentimento?

ROD: Eu não estava lá quando aconteceu, ouvi da boca do Teddy. Então não garanto que seja tudo verdade. Mas teve uma noite em que Billy e Daisy vararam a madrugada gravando “This Could Get Ugly”.

Teddy contou que, durante uma tomada, já no meio da noite, Billy cantou com os olhos grudados na Daisy o tempo todo. E quando terminaram, Billy percebeu que Teddy tinha notado aqueles olhares. E virou a cara na hora. Tentou fingir que não estava rolando nada.

DAISY: Qual é o nível de sinceridade que a gente precisa ter aqui? Sei que falei que ia contar tudo, mas quanto de “tudo” você quer mesmo saber?

BILLY: Foi lá na edícula da casa do Teddy. Daisy estava usando um vestido preto de alças fininhas. Como é o nome desse modelo mesmo?

A gente estava trabalhando numa música chamada “For You”. No começo não estava rendendo muita coisa, mas falava sobre eu ficar sóbrio por causa da Camila. Na verdade, nunca afirmei isso com todas as letras, porque sabia que a Daisy ia me encher o saco por estar escrevendo sobre a Camila de novo. Então falei que era sobre desistir de uma coisa por alguém.

Daisy lembrou da ideia de escrever uma letra mais pesada, mas eu falei que a gente podia fazer isso mais tarde. Porque achava essa ideia muito boa. Devo ter falado: “É uma coisa que não sai da minha cabeça”.

DAISY: Eram só onze da manhã, mas eu já estava meio bêbada. Billy começou a tocar uma música no teclado, e eu sentei do lado dele. Ele estava me mostrando as notas, e eu toquei um pouco também. Para encontrar o tom certo. Os poucos versos que o Billy já tinha escrito... Eu lembro direitinho. “*Nothing I wouldn’t do/ to go back to the past and wait for you.*”* Ele cantou isso sentado do meu lado.

BILLY: Daisy segurou minha mão, para eu parar de tocar. Quando virei o rosto, ela disse: “Eu gosto de compor com você”.

E eu respondi: “Gosto de compor com você também”.

E aí falei uma coisa que não deveria.

DAISY: Ele disse: “Eu gosto de um monte de coisas em você”.

BILLY: Daisy sorriu quando falei isso, o rosto dela se acendeu todo. Um sorriso largo, uma risadinha de menina, e deu para ver que os olhos dela até ficaram um pouco marejados. Ou talvez tenha sido só a minha imaginação. Sei lá. É que... é gratificante fazer Daisy sorrir. É uma coisa que... *(pausa)* Sei lá. Não sei bem o que estou tentando dizer.

DAISY: *Eu gosto de um monte de coisas em você.*

BILLY: Ela era perigosa. E eu sabia disso. Mas acho que não percebi que, quanto mais se sentia segura comigo, mais perigosa ela se tornava.

DAISY: Antes de me dar conta do que estava fazendo, eu me inclinei para a frente para dar um beijo nele. Cheguei tão perto que dava para sentir o hálito dele. Quando abri os olhos, vi que os dele estavam fechados. E pensei: *Isso faz todo o sentido.* E foi uma sensação profundamente gratificante.

BILLY: Acho que perdi a cabeça. Por um instante, pelo menos.

DAISY: A minha boca mal encostou na dele. Ficou só aquela sensação de *quase* ter rolado um beijo. Mas ele logo recuou.

Billy me encarou. E ele tinha um olhar tão gentil quando falou.

Ele disse: “Não posso”.

Senti um aperto no peito. E não no sentido figurado. Meu coração estava se contraindo mesmo.

BILLY: Não gosto nem de pensar nisso. Nesse momento. Um erro pequeno como aquele teria acabado com a minha vida.

DAISY: Depois que ele me rejeitou, olhou de novo para o teclado e... Dava para ver que estava querendo arrumar um jeito de mudar de assunto, de fingir que nada tinha acontecido. Provavelmente para me preservar. Mas um pouco para se preservar também, acho. Foi uma coisa horrorosa. Aquela mentira que ele estava

tentando colocar entre nós. Prefiro ter alguém gritando comigo do que parado do meu lado, imóvel e tenso.

BILLY: Quando eu e Graham éramos crianças, minha mãe nos levava para brincar numa piscina pública no verão. E teve um dia que Graham sentou na beirada da parte mais funda. Nessa época ele ainda não sabia nadar.

Eu estava de pé do lado dele, e ouvi uma voz na minha cabeça dizer: *Não tem nada que me impeça de dar um empurrão nele*. E esse pensamento me deixou apavorado. Não porque eu queria empurrá-lo. Eu nunca faria isso, mas... o mais assustador era que a única coisa que separava um momento de tranquilidade da maior tragédia da minha vida era uma simples escolha de não fazer aquilo. Isso me deixou atordoado, a precariedade do equilíbrio da vida. Não existia nenhuma força todo-poderosa para impedir coisas que *não deveriam* acontecer de acontecerem.

Isso sempre foi uma coisa assustadora para mim.

E era assim que me sentia quando estava com Daisy Jones.

DAISY: Eu falei: “Acho que vou indo nessa”.

E ele disse: “Daisy, está tudo bem”.

BILLY: Os dois queriam fingir que nada tinha acontecido. Mas eu estava torcendo desesperadamente para um de nós tomar a iniciativa de levantar e ir embora.

DAISY: Peguei meu casaco, minha chave e falei: “Me desculpa, de verdade”. E fui embora.

BILLY: No fim, eu tive que tomar uma atitude e ir embora. Disse para Daisy que a gente se falava outro dia, entrei no meu carro e fui para casa ver a Camila.

Ela comentou: “Você chegou cedo hoje”.

E eu respondi: “Queria ficar com você”.

DAISY: Fui dirigindo até a praia. Não sei por quê. Eu precisava ir para algum lugar, então fui até onde a rua terminava. Até chegar à areia.

Estacionei o carro, me sentindo envergonhada, burra, sozinha, patética, suja e horrível. E então... fiquei bem puta da vida.

Por causa dele. Por ele ter recuado, por ter me feito passar vergonha, por não sentir o que eu queria que sentisse. Ou talvez porque eu achasse que na verdade ele sentia, sim, mas se recusava a admitir... Enfim, eu estava furiosa. Não estava sendo racional. Afinal, o que é ser racional neste mundo? Mesmo assim, por mais irracional que fosse, eu estava passada. Putíssima. Só existia raiva dentro do meu peito.

Aquele talvez tenha sido o primeiro homem na minha vida que me via como eu realmente era, que me entendia de verdade, com quem eu tinha tanto em comum... e que mesmo assim não me amava.

Quando você encontra uma pessoa que te entende de verdade e mesmo assim ela não te ama...

Eu estava morrendo de raiva.

BILLY: Ainda era bem cedo, e eu olhei para a Camila e falei: “E se a gente pegar o carro e for para algum lugar?”.

E a Camila perguntou: “Para onde?”.

Eu me virei para a Julia e falei: “Se você pudesse ir para qualquer lugar agora, onde seria?”.

E ela nem hesitou. Foi logo gritando: “Disney!”. Então a gente pôs as coisas no carro e levou as crianças para a Disney.

DAISY: Com o carro estacionado na estrada, ouvi umas palavras na minha cabeça. *Se arrependa de mim.*

Só o que tinha no meu carro para anotar era o verso do documento do meu carro e um guardanapo de posto de gasolina. Procurei por toda parte por alguma caneta. Não tinha nada no compartimento da porta. Nem no porta-luvas. Saí do

carro e procurei debaixo dos bancos, e debaixo do assento do passageiro tinha um lápis de olho.

Comecei a escrever. Bem depressa, acho que em uns dez minutos. No fim, eu tinha uma letra de música pronta.

BILLY: Eu fiquei olhando para a Julia no brinquedo das xícaras com a Camila, girando sem parar. E as gêmeas estavam dormindo no carrinho. Fiquei tentando tirar da cabeça o que tinha acontecido de manhã. Mas estava pirando porque... bom, era complicado, obviamente.

Então sabe o que percebi? Que não fazia muita diferença. Como eu me sentia em relação a Daisy. O que fica na história é o que você fez, não o que quase fez, não o que pensou em fazer. E fiquei orgulhoso do que fiz.

DAISY: Se as atitudes do Billy justificam a música? Provavelmente não. Quer dizer, não. Não mesmo. E a questão é bem essa. A arte não deve nada a ninguém.

As músicas evocam sensações, não fatos. A autoexpressão diz respeito ao sentimento de viver, e não se alguma emoção despertada em determinado momento era justa ou não. Eu tinha o direito de estar brava com Billy? Ele fez alguma coisa errada? Não importa! Quem se importa? Eu estava magoada. Então escrevi sobre isso.

BILLY: Saímos da Disney bem tarde. Tipo, o parque já estava fechando.

Julia dormiu no caminho de casa. As gêmeas já tinham pegado no sono fazia tempo. Enquanto a gente seguia pela 405, coloquei a KRLA num volume bem baixinho, e a Camila apoiou os pés no painel e a cabeça no meu ombro. Foi tão bom sentir a cabeça dela no meu ombro. Me ajeitei melhor e não me mexi mais, para ela continuar ali.

Tinha umas coisas entre nós na época que nem precisavam ser ditas.

Tipo, ela sabia que Daisy era... Ela sabia que as coisas... *(pausa)* O que estou querendo dizer é que num casamento a gente não precisa falar tudo o que sente.

Acho que dizer tudo o que você pensa e sente... Bom, tem gente que é assim. Eu e Camila não éramos. No nosso caso, era bem mais... a gente confiava um no outro para lidar com o resto dos detalhes.

Não sei bem como explicar. Porque falando agora parece loucura que nunca conversei com a Camila sobre... Parece loucura eu e a Camila nunca termos falado abertamente sobre Daisy Jones. Porque ela era um fator importante na nossa vida, era óbvio.

Sei que pode parecer meio que falta de confiança. Que eu não confiava nela para contar o que estava rolando com Daisy, ou que ela não confiava em mim a ponto de se sentir à vontade para tocar no assunto. Mas, na verdade, é o contrário.

Mais ou menos nessa época — ou um pouco antes ou depois, não lembro —, um sujeito da época do colégio ligou para a Camila. Um cara que era do time de beisebol da escola e que foi par dela num baile e tudo mais. Acho que o nome dele era Greg Egan... ou será que era Gary Egan? Bom, alguma coisa assim.

Ela me disse: “Eu vou sair para almoçar com Gary Egan”. E eu disse: “Beleza”. E ela foi almoçar com o cara e só voltou quatro horas depois. Almoço nenhum dura quatro horas.

Quando ela voltou, me deu um beijo e foi cuidar da roupa suja ou fazer algum outro trabalho da casa, e eu perguntei: “Como foi o seu almoço com Greg Egan?”. E ela respondeu: “Legal”. E não disse mais nada.

Nesse momento, eu percebi que o que aconteceu entre ela e Gary Egan — o que ainda sentiam um pelo outro, o que quer que possa ter rolado — não era da minha conta. Não era uma coisa que ela quisesse conversar comigo. Era um assunto pessoal dela, eu não tinha nada a ver com aquilo.

Não estou dizendo que não ligava. Claro que eu ligava, e muito. Só estou falando que, quando você ama alguém de verdade, às vezes a pessoa pode querer coisas que vão te magoar, mas vale a pena se magoar mesmo assim.

Eu magoei Camila. Só Deus sabe o quanto. Mas o amor não se resume a perfeição, diversão, risos e sexo. Amar é perdoar, ter paciência e fé, e de vez em

quando levar um murro no estômago. É por isso que é uma coisa perigosa se apaixonar pela pessoa errada. Amar alguém que não merece ser amado. Precisa ser alguém que mereça sua confiança, e você precisa merecer a confiança da outra pessoa. Isso é uma coisa sagrada.

Não tenho tolerância nenhuma para pessoas que não fazem valer a fé que os outros depositam nelas. Nenhuma consideração mesmo.

Camila e eu prometemos colocar nosso casamento em primeiro lugar. Colocar nossa família em primeiro lugar. E prometemos confiar um no outro para que cada um fizesse isso do seu jeito. Sabe o que você precisa fazer com um nível de confiança como esse? Quando alguém diz: “Confio tanto em você que permito que guarde segredos de mim”?

Você precisa valorizar até o fim. Precisa ter em mente todos os dias a sorte que teve por ganhar esse voto de confiança. E às vezes, se você se pegar pensando *Estou com vontade de fazer uma coisa que quebraria essa confiança...* O que quer que seja — amar a mulher errada, beber uma cerveja sabendo que não deve. Sabe o que você precisa fazer?

Levantar a bunda de onde está sentado e levar suas filhas para a Disney com a mãe.

CAMILA: Se eu dei uma impressão de que é fácil confiar — no seu marido, nos seus filhos, em qualquer pessoa que você ama —, se fiz parecer que é uma coisa fácil... então me expressei mal. É a coisa mais difícil que já fiz na vida.

Mas sem isso você não tem nada. Nada que valha minimamente a pena. Foi por isso que fiz essa escolha. Todas as vezes em que isso foi necessário. Mesmo quando acabava me ferrando. E vou continuar fazendo essa escolha até morrer.

DAISY: Liguei para a Simone naquela noite, quando voltei para casa. Ela estava em Nova York. Fazia um mês que a gente não se via, talvez mais.

E foi uma das primeiras noites em muito tempo que eu passava sozinha, sem sair com ninguém, sem cair na farra. Só eu no meu chalé. E um silêncio

ensurdecedor.

Liguei para ela e falei: “Estou me sentindo muito sozinha”.

SIMONE: Dava para notar uma tristeza profunda na voz dela. E isso era raro, porque Daisy estava sempre no mínimo doidona de alguma coisa. Uma coisa era estar triste e não perceber, outra é saber o tamanho da tristeza que você precisa ter acumulado para conseguir sentir mesmo depois de se entupir de pó e anfetamina. Daisy me contou que estava se sentindo sozinha, mas, se soubesse o quanto eu pensava nela, não se sentiria assim.

DAISY: Simone falou: “Me faça um favor. Imagine um mapa-múndi”.

Eu simplesmente não estava a fim. Ela falou: “Faça o que estou pedindo”. Então imaginei.

E ela disse: “Você está em LA e é uma luzinha piscando, tá me entendendo, né?”.

Eu respondi: “Sim”.

“E você sabe que sua luz pisca com mais força do que qualquer outra, certo?”

Eu disse: “Sim”. Só para agradar a Simone.

E aí ela falou: “E hoje em Nova York, e em Londres na terça e em Barcelona na semana que vem... tem outra luzinha piscando”.

“E essa é você?”, perguntei.

Ela disse: “Essa sou eu. E, não importa onde a gente esteja, ou que horas sejam, o mundo está no escuro e nós somos duas luzes piscando. Na mesma sintonia. Nenhuma das duas piscando sozinha”.

GRAHAM: Billy me ligou às três da manhã uma vez. Karen estava comigo. Só atendi porque pensei que alguém tivesse morrido, já que estavam ligando no meio da madrugada. Billy nem disse alô, já foi logo falando: “Acho que não vai dar certo”.

E eu perguntei: “Do que você está falando?”.

E ele disse: “Daisy precisa cair fora”.

E eu respondi: “Não, ela não vai cair fora”.

Mas Billy insistiu: “Por favor, eu estou pedindo”.

E eu falei: “Não, Billy. Qual é? O disco já está quase pronto”.

Ele desligou o telefone e nunca mais tocou no assunto.

CAMILA: Uma vez, no meio da noite, ouvi Billy levantar e pegar o telefone. Acho que ele estava falando com Teddy. Mas não tenho certeza.

Só ouvi que ele disse: “Daisy precisa cair fora”.

E eu entendi o que aquilo queria dizer. Claro que entendi.

GRAHAM: Pensei que ele estivesse surtando porque não ia ser o grande astro do disco. Quer dizer, eu sabia que as coisas entre Billy e Daisy eram complicadas. Mas... na época eu achava que as músicas eram só músicas.

Mas as músicas nunca são só músicas. Se fossem, a gente escreveria letras sobre guitarras. Mas não é isso que acontece. A gente escreve letras sobre mulheres.

As mulheres acabam com a gente, né? Acho que todas as pessoas magoam umas às outras, mas as mulheres sempre dão a volta por cima, já percebeu? As mulheres sempre dão um jeito de se levantar.

* “Eu faria qualquer coisa/ Para voltar ao passado e esperar por você.” (N. T.)

ROD: Daisy não estava na escala daquele dia.

KAREN: A gente estava acertando uns detalhes em “Young Stars”. Eu estava na sala de descanso quando Daisy apareceu. Dava para ver que estava doidona.

DAISY: Eu estava bêbada. E, em minha defesa, eram cinco da tarde. Ou quase isso. Não é o horário oficial do happy hour? Não, eu sei que não. Sei que era um absurdo. Pode acreditar, eu sei o quanto sou maluca.

BILLY: Eu estava na sala de controle, ouvindo a parte do Eddie, tentando argumentar com ele para deixar a coisa um pouco mais lenta, quando Daisy abriu a porta e falou que precisava conversar comigo.

DAISY: Ele tentou fingir que não fazia ideia do motivo de eu querer conversar.

BILLY: Eu disse que tudo bem, e a gente foi para a cozinha. Ela me entregou um guardanapo e o verso de uma conta, ou coisa do tipo. Com uns rabiscos todos borrados.

DAISY: Lápis de olho borra fácil no papel.

BILLY: Eu perguntei: “O que é isso?”.

Ela falou: “É a nossa nova música”.

Dei mais uma olhada e não entendi nada do que tinha ali.

Ela explicou: “Começa no papel e continua no guardanapo”.

DAISY: Ele leu uma vez e falou: “A gente não vai gravar isso”.

E eu perguntei: “Por que não?”.

A gente estava conversando perto de uma janela aberta, e o Billy fechou essa janela do nada e com toda a força. E depois disse: “Porque não”.

BILLY: Quando você escreve uma letra que pode ou não ser sobre alguém, pode ter certeza de que a pessoa não vai perguntar. Porque ninguém quer ser visto como o babaca que pensa que o mundo gira ao seu redor.

DAISY: Eu falei: “Me dá um bom motivo para a gente não gravar essa música”.

Ele começou a falar, mas eu interrompi.

Disse: “Eu vou dar cinco bons motivos para a gente gravar”.

BILLY: Ela estendeu a mão e começou a contar nos dedos.

“Primeiro: eu sei que ficou boa. Segundo: você mesmo disse outro dia que a gente precisava de uma coisa mais pesada, menos romântica. E essa letra é isso. Terceiro: a gente precisa de pelo menos mais uma faixa. Você vai querer compor mais uma música comigo? Porque vou adiantando desde já que não estou a fim de escrever nada com você. Quarto: a letra foi escrita pensando na melodia daquele blues que você está bolando, então já está bem encaminhada nesse sentido. E, por último, o quinto motivo. Eu dei uma olhada no que a gente fez até agora. Esse álbum tem como tema a tensão. Então, se você quiser que a coisa tenha algum movimento narrativo, precisa de uma ruptura. E aí está. O ponto de ruptura está aí.”

DAISY: Eu tinha ensaiado aquele discurso no caminho.

BILLY: Não dava para argumentar contra aquilo, mas mesmo assim eu tentei.

DAISY: Eu falei: “Não existe motivo nenhum para essa música não fazer parte do álbum. A não ser que tenha alguma outra coisa te incomodando”.

BILLY: Eu disse: “Não tem nada me incomodando, só estou dizendo não”.

DAISY: “Você não é o dono da banda, Billy”.

BILLY: Eu respondi: “A gente falou que ia compor junto, e eu não vou colaborar com você nessa”. Daisy pegou os papéis da minha mão, saiu da cozinha, e eu achei que o assunto estivesse encerrado.

DAISY: Chamei o pessoal para a sala de descanso. Todo mundo que estava no estúdio.

KAREN: Daisy literalmente me arrastou até lá, me puxando pela manga.

WARREN: Eu estava do lado da porta dos fundos fumando um baseado, e senti a mão da Daisy no meu ombro, me puxando de volta lá pra dentro.

EDDIE: Pete estava na sala de controle com Teddy. Eu estava no banheiro. Quando saí, Pete também tinha ido ver o que estava acontecendo.

GRAHAM: Pete e eu estávamos num sofá da sala de descanso, trabalhando em algum detalhe de uma música, quando de repente todo mundo apareceu na nossa frente.

DAISY: Eu falei: “Vou cantar uma música para vocês”.

BILLY: Estava todo mundo na sala de descanso. Fiquei pensando: *Que diabo está acontecendo?*

DAISY: Eu disse: “E depois vamos votar para decidir se vai ser gravada e incluída no disco”.

BILLY: Eu fiquei tão puto que até gelei. Fiquei paralisado, atordoado. Dava para sentir o sangue sendo drenado do meu corpo, era como se alguém tivesse aberto

o ralo de uma banheira.

DAISY: Eu simplesmente tentei a sorte. Sem ninguém para me acompanhar, só cantando a música do jeito que tinha escutado na minha cabeça: “*When you look in the mirror/ take stock of your soul/ And when you hear a voice, remember/ you ruined me whole*”.*

KAREN: Foi uma coisa gutural. Em parte, porque ela estava bêbada ou doidona de sei lá o quê. E a voz estava meio rouca. Mas foi uma combinação das duas coisas. Era uma música furiosa. E foi assim que ela cantou.

EDDIE: Era rock ‘n’ roll! Raiva pura, cara. Ela pegou pesado. Quando eu conto para as pessoas como é gravar um disco de rock, falo sobre esse dia. Sobre como é ver a menina mais gata que você já viu na vida pondo tudo o que sente pra fora, com todo mundo sentindo que ela está prestes a pirar de vez. É o máximo.

WARREN: Sabe quando ela me fisgou? Quando eu senti que era uma música do caralho? Quando ela cantou: “*When you think of me, I hope it ruins rock ‘n’ roll*”.**

BILLY: Quando ela terminou, ficou todo mundo em silêncio. E eu pensei: *Legal, que bom. Eles não gostaram.*

DAISY: Eu falei: “Quem acha que essa música deveria entrar no álbum levanta a mão”. Karen ergueu o braço na hora.

KAREN: Eu queria tocar aquela música. Queria detonar no palco com um som daqueles.

EDDIE: Era uma música de mulher ressentida, mas era boa. Levantei a mão na hora. E Pete também. Acho que ele gostou porque parecia ser uma coisa mais arriscada, entende? Uma boa parte daquele disco estava suave demais.

WARREN: Eu disse: “Pode me incluir nessa”. Depois pus o baseado na boca e voltei lá para o estacionamento para fumar.

GRAHAM: A gente não precisaria votar se Billy tivesse gostado da música, né? Meu primeiro instinto foi ficar do lado dele. Por outro lado, a música era muito boa.

DAISY: Todo mundo levantou a mão, menos Graham e Billy. Aí Graham levantou também.

Olhei para Billy, que estava atrás do resto do pessoal. Falei: “Seis contra um”. Ele balançou a cabeça para mim e para o resto da banda e saiu.

EDDIE: A gente gravou sem ele.

* “Quando se olhar no espelho/ faça um balanço da sua alma/ E quando escutar minha voz, lembre,/ você me arruinou por completo.” (N. T.)

** “Quando pensar em mim, espero que você perca o gosto pelo rock ‘n’ roll.” (N. T.)

ROD: Estava na hora de pensar em como divulgar esse disco no mercado. Então, marquei com um fotógrafo amigo meu, Freddie Mendoza. Um puta cara talentoso. Toquei para ele as músicas que estavam prontas, só para sentir o clima. Ele falou: “Imaginei alguma coisa nas montanhas do deserto”.

KAREN: Lembro do Billy ter falado que, por algum motivo, queria uma foto de capa com a gente num barco.

BILLY: Eu achava que deveria ser no nascer do sol. A gente já tinha decidido que o nome do álbum ia ser *Aurora*, se não me engano.

DAISY: Billy decidiu que o álbum ia chamar *Aurora*, e ninguém quis discutir com ele. Mas entendi muito bem o recado. O disco em que eu tinha trabalhado feito uma condenada ia ser batizado em homenagem a Camila.

WARREN: Eu achava que a foto de capa deveria ser no meu barco. Ia ficar do caralho.

FREDDIE MENDOZA (fotógrafo): Me mandaram tirar uma foto da banda toda com Billy e Daisy em destaque. Nada de muito diferente de qualquer outra capa de disco, né? A gente precisa prestar bem atenção em quem vai ser o foco da imagem, deixando a coisa parecer o mais natural possível.

ROD: Freddie queria um clima de deserto. Billy concordou. Então, foi assim que fizemos.

GRAHAM: Todo mundo tinha que estar num lugar nas montanhas de Santa Monica logo antes de amanhecer.

WARREN: Pete chegou tipo uma hora atrasado.

BILLY: Olhei para o pessoal enquanto a gente esperava o fotógrafo montar o equipamento e meio que tentei ver a cena com os olhos de alguém de fora. Tipo, como as outras pessoas veriam a banda.

Enfim, Graham sempre foi um cara boa-pinta. Mais alto e mais forte que eu. Tinha ganhado um pouco de peso porque andava comendo do bom e do melhor, mas isso não prejudicou a aparência dele. Eddie e Pete eram caras magrelos e espichados, mas se vestiam bem. E Warren tinha aquele bigodão que estava na moda na época. Karen estava maravilhosa, mas de um jeito discreto. E por último tinha Daisy.

KAREN: Estava todo mundo reunido lá, basicamente de jeans e camiseta. Foi o que Rod falou: “Use as suas roupas de sempre”. Aí Daisy aparece de shortinho desfiado e uma regatinha branca sem sutiã, com aqueles brincos de argola enormes e as pulseiras nos braços. A blusa era tão fina e clara que dava para ver os seios dela direitinho. E ela sabia disso. E, de repente, ficou bem claro para mim: *A capa vai girar em torno dos peitos da Daisy.*

DAISY: Eu não preciso me justificar por nada que tenha a ver com essa capa. Me vesti do jeito que queria, com as roupas em que me sentia confortável. O jeito como as outras pessoas se sentem a respeito é problema delas. Eu falei isso para o Rod. E já tinha falado para o Billy antes. E muitas vezes para a Karen (*risos*). Ela e eu concordamos em discordar sobre isso.

KAREN: Se a gente queria ser levada a sério na música, por que mostrar o corpo?

DAISY: Se eu quiser andar por aí fazendo topless, problema meu. Vou dizer uma coisa: quando você chegar à minha idade, vai ficar feliz de ter tirado uma foto

assim.

GRAHAM: Pelo que eu percebi, Billy e Daisy não estavam se falando desde aquele lance envolvendo “Regret Me”.

BILLY: Não tinha nada para ser dito.

DAISY: Billy me devia um pedido de desculpas.

FREDDIE MENDOZA: Billy tinha aquele lance de calça e camisa jeans, né? E Daisy estava com uma blusinha que não podia nem ser chamada de blusa. E eu sabia que daí viria a foto. O jeans dele e a regatinha dela.

Posicionei a banda na beira da estrada, encostada numa mureta entre o asfalto e a beira de um precipício. Tinha uma montanha enorme uns poucos metros atrás. E o sol estava nascendo.

Com os sete parados ali, cada um num estilo de pose, dava para sentir que ia sair coisa boa. Tem um monte de elementos que remetem ao coração dos Estados Unidos na foto, né? A estrada, a poeira e a areia. E a banda — metade do pessoal meio largadão, metade de gente bonita — na beira de um abismo. A combinação entre o deserto e a floresta das montanhas de Santa Monica, com algumas poucas árvores no alto, cobrindo o chão batido de terra clara. E o sol iluminando tudo.

E tinha Billy e Daisy, né?

No começo eles se colocaram cada um de um lado do grupo. Mas aí comecei a pedir para o pessoal se misturar. E num determinado momento vi a Daisy se inclinando para a frente. Ela estava olhando para o Billy.

Não parei de fotografar em momento nenhum. Nunca tento chamar atenção para nada. Procuro ficar na minha e deixar as pessoas à vontade. Então continuei clicando enquanto Daisy olhava para Billy. E o resto da banda estava virado para mim, para a câmera. E aí, numa fração de segundo, bum, Billy se virou para

Daisy no momento em que Daisy estava olhando para ele. E os dois trocaram um olhar. E eu capturei isso.

Pensei: *Aí está a capa do disco*. Quando eu percebo que já tenho material, começo a me sentir mais à vontade, né? Fico livre para tentar outras coisas, exigir mais das pessoas e ousar um pouco mais, porque se elas se irritarem e caírem fora, não tem problema, né? Então, falei: “Está ótimo, pessoal. Agora vamos lá para o alto da montanha”.

BILLY: A gente já estava tirando fotos debaixo do sol quente fazia uma ou duas horas. Eu estava a fim de cair fora.

GRAHAM: Eu falei: “A gente vai subir de carro. Não a pé”. E o fotógrafo e eu conversamos um pouco a respeito, e no fim ficou decidido que eu tinha razão.

FREDDIE MENDOZA: A gente acabou encontrando o local perfeito.

Billy e Daisy desceram do carro e foram até o alto da montanha. Com um céu bem azul de fundo, né? E o resto da banda foi se colocando entre Billy e Daisy, mas aí eu disse: “Vamos fazer uma com Billy, Daisy, Graham...”. Então, finalmente Billy e Daisy ficaram um do lado do outro, e pela linguagem corporal dava para ver que não queriam se encostar de jeito nenhum. Pensei em puxar conversa, tentar deixar o clima mais ameno. Eu perguntei: “Como foi que Daisy entrou para a banda?”. Porque eu não conhecia a história e pensei que fosse um assunto tranquilo.

Billy e Daisy começaram a falar ao mesmo tempo e se encararam de novo. Capturei algumas imagens gerais e dei um zoom da cintura para cima dos dois enquanto conversavam. Eles estavam no mesmo enquadramento e tinha uma... a negatividade entre os dois parecia... sei lá, uma coisa viva. Elétrica. Existia um bom *motivo* para eles não quererem se tocar, né?

Dava para sentir olhando pela lente da câmera. Eu sabia que era uma puta foto.

DAISY: Quando a gente chegou lá em cima da montanha, o cara colocou Billy do meu lado, fez alguma pergunta idiota e imediatamente — Billy e eu mal tínhamos trocado meia dúzia de palavras naquela semana — a primeira coisa que sai da boca dele é uma alfinetada contra mim.

BILLY: É muita cara de pau entrar na minha banda, se apossar do meu álbum, ocupar um espaço de destaque na capa do disco e ainda me interromper enquanto eu estava tentando responder a pergunta do cara.

KAREN: O resto da banda estava lá posando, mas dava para ver que a câmera não estava nem virada para a gente. O cara não tentou nem fingir que estava tirando uma foto nossa. Você imagina o quanto a gente se sente idiota posando para uma foto que ninguém está fotografando?

WARREN: Sem querer, acabei sentando numa pedra que se soltou e despencou morro abaixo. Quase bateu no Eddie. Ele teve que dar um pulo para não ser acertado.

EDDIE: Foi um dia de merda. Porra, como eu estava de saco cheio daquele povo.

GRAHAM: Eu estava no alto de uma montanha, com a mulher que amava, tirando uma foto para a capa de um disco que todo mundo sabia que ia ser um grande sucesso. Juro que penso nesse dia quando estou me sentindo meio para baixo. Penso nisso para lembrar que a gente nunca sabe que tipo de coisa bacana pode estar à nossa espera. Mas ao mesmo tempo é uma lembrança difícil, porque um monte de coisa ruim pode estar à nossa espera também.

FREDDIE MENDOZA: Quando comecei a revelar as fotos, sabia que aquela da banda na mureta com Billy e Daisy se olhando... Aquela eu tinha certeza de que tinha saído boa, né? Mas quando revelei as fotos, a que saiu melhor foi a do Billy e da Daisy em close da cintura para cima. Daí eu falei: “É isso aí, caralho”.

É o tipo de fotografia que... na hora que você vê, causa uma reação emocional imediata.

Ele estava de camisa jeans, e o peito dela estava aparecendo porque a blusa era transparente. Dava para saber quem eram, mesmo sem mostrar o rosto. Isso as pessoas podiam concluir sozinhas. Com o céu azul entre os dois, numa linha mais ou menos reta do lado do Billy e mais curvilínea do lado da Daisy, acompanhando o formato do corpo dela... era uma imagem masculina e feminina ao mesmo tempo.

E, olhando com bastante atenção, dava para ver que tinha alguma coisa no bolso dela. Eu não sabia o que era. Parecia um frasco — de comprimidos, talvez — ou um tubinho com pó. E foi o toque final. Não tinha nada mais americano que isso. Peitos. Sexo. Drogas. Verão. Tensão. Rock ‘n’ roll.

Então ficou decidido, Billy e Daisy, os corpos deles na frente. E a banda toda com Billy e Daisy trocando olhares na parte de trás. Uma puta capa de disco, na minha opinião.

DAISY: Era pó aquilo que eu tinha no bolso. O que mais seria? Claro que era droga.

BILLY: Sabe quando você não consegue deixar de acompanhar alguém com os olhos? Mesmo quando você tenta não fazer isso? Então... Eu meio que estava sempre tentando não olhar para Daisy (*risos*). Juro que aquele cara me flagrou nas duas únicas vezes em que olhei para ela. E conseguiu imagens para a capa e para a contracapa.

GRAHAM: Quando Teddy mostrou o projeto gráfico do disco, com Billy e Daisy na capa e de novo os dois se olhando na contracapa... Não deveria ter sido surpresa para ninguém, mas mesmo assim é meio incômodo não ser a atração principal. Pô, eu vivi na sombra do meu irmão praticamente desde que nasci. Comecei a me perguntar por quanto tempo ainda ia suportar aquilo.

EDDIE: Billy e Daisy sempre se acharam as pessoas mais interessantes do mundo. E aquele disco só serviu para confirmar isso para os dois.

BILLY: É uma ótima capa.

DAISY: É um ícone.

KAREN: As gravações estavam chegando ao fim. A gente só estava no estúdio dando os retoques finais.

EDDIE: Acho que foi pouco depois de terminarmos “This Could Get Ugly”. Eu estava no estúdio ouvindo umas faixas com o pessoal. Bom, não com Warren, Pete ou Billy. Eles não estavam lá. E, em algum momento, Teddy foi embora. Depois, Rod. E acho que até Artie. Por isso dei a noite por encerrada, mas quando cheguei ao carro para ir embora percebi que tinha esquecido a chave, então voltei lá para dentro. Quando entrei, ouvi duas pessoas transando! E pensei: *Quem é que pode estar mandando ver no banheiro a uma hora destas?*

Aí ouvi a voz do Graham. E vi por uma fresta da porta o cabelo da Karen. Dei o fora de lá rapidinho. Peguei meu carro e me mandei. Quando cheguei em casa, me peguei meio que sorrindo. Fiquei feliz por eles. Fazia sentido os dois ficarem juntos. Pensei: *Aposto que eles vão casar.* E eu nunca pensava assim sobre ninguém.

WARREN: Acho que terminei tudo o que eu tinha para gravar lá pelo meio de dezembro. Lembro que estava torcendo para o álbum ficar pronto logo, para a gente cair na estrada de novo. Estava sentindo falta das plateias, dos aplausos, das groupies e das drogas. Além disso, tem uma coisa que ninguém fala quando você compra um barco para morar... é bem fácil ficar paranoico e claustrofóbico. É mais uma coisa para passar os *fins de semana* mesmo.

KAREN: Quando cada um terminou sua parte no disco, o pessoal foi se dispersando. Foi uma pausa muito bem-vinda e necessária. Depois de finalizar nosso trabalho, Graham e eu alugamos um lugarzinho em Carmel por algumas semanas. Só nós dois, a cabana, a praia e a natureza. Bom, e uns cogumelos também.

GRAHAM: Acho que Eddie e Pete voltaram para a Costa Leste para o aniversário da mãe deles ou coisa do tipo.

EDDIE: Eu precisava relaxar. Depois das bodas de casamento dos nossos pais, Pete e Jenny ficaram por lá com eles e eu passei umas duas semanas em Nova York.

DAISY: Fiquei sem ter o que fazer. Já tinha gravado os vocais. A capa do disco estava pronta. As datas da turnê ainda não estavam definidas. Então falei: “Dane-se tudo, vou para Phuket”. Eu precisava fazer uma viagem para espairecer.

BILLY: Tirei uns dias de folga, mas em seguida voltei ao estúdio com Teddy para ouvir cada segundo do álbum, faixa por faixa, e trabalhamos na mixagem sem parar até tudo ficar perfeito. Teddy, Artie e eu passamos tipo vinte horas por dia na sala de controle por umas três semanas, mais ou menos.

De tempos em tempos, eu precisava regravar algum instrumental quando um riff parecia meio fora de tom, ou quando a gente queria acrescentar um piano, uma guitarra dobro, uma percussão ou alguma coisa assim. Só detalhes bem simples mesmo.

ARTIE SNYDER: O álbum era um quando a banda foi embora e quando todo mundo voltou era... era outro disco. Tinha muito mais nuances, mais camadas, mais inovações. Teddy e Billy preencheram o som pra valer. Acrescentaram

guizos, chocalhos, um monte de coisa. Acho que chegamos até a gravar Billy batendo no braço de um sofá, por causa do som oco que fazia.

Billy e Teddy tinham uma visão bem clara da coisa. Sabiam exatamente como cada música precisava ser melhorada, e Teddy tinha a manha de fazer um som ganhar corpo.

Por exemplo, uma música como “Regret Me”, quando eles começaram a trabalhar, era só um vocal com um acompanhamento bem básico. Teddy praticamente obrigou Billy a gravar uma segunda camada de vocais. Billy não queria, mas no fim fez uma grande diferença. Ele refez e regravou o riff de guitarra, e junto com Teddy teve a ideia de segurar a entrada da bateria do Warren até pouco antes do refrão. Enfim, a música mudou por completo.

Em “Aurora”, Billy deixou o andamento mais lento, tirou o volume do teclado da Karen e deu mais espaço para a guitarra do Graham. O som ficou bem mais limpo.

A gente se entendia. E se divertia nesse trabalho. Acho que isso aparece no som. A versão final mostra isso. A mixagem definitiva desse disco é simplesmente explosiva.

BILLY: Quando a gente deixou as músicas do jeito que queria, Teddy e eu passamos um tempão pensando na ordem das faixas. As pessoas gostam de ficar tristes, acho. Mas detestam *finais* tristes. Um grande álbum precisa ser uma montanha-russa que termine num ponto alto. É preciso deixar uma sensação positiva em quem ouve. Então a gente quebrou a cabeça um bocado na hora de definir a ordem das músicas. Precisava ficar tudo perfeito. A gente ordenou as faixas por temas e instrumentalmente.

A abertura é grandiosa e ousada, “Chasing the Night”.

Aí as coisas começam a ficar mais intensas com “This Could Get Ugly”.

Depois vem “Impossible Woman”, que é anárquica e sombria. É meio perturbadora.

“Turn It Off” mantém a pegada. É tipo um hino.

“Please” é um apelo desesperado, cheio de urgência e súplica.

Aí a gente passa para o lado B.

“Young Stars” tem uma letra sofrida, mas é agitada; é meio pra baixo, só que dançante.

E aí começa “Regret Me”, que é pesada, acelerada e bruta.

Depois o ritmo desacelera com “Midnights”, que é mais suave.

E isso leva a “A Hope Like You”. Lenta, suave, melancólica, espartana.

E aí o sol volta a nascer no final, sabe. O disco acaba num tom positivo. A despedida é em grande estilo. “Aurora”. Envolvente, sedutora e reverberante.

O álbum como um todo... é uma jornada e tanto. Do início ao fim.

SIMONE: Eu estava em Manhattan e recebi um cartão-postal da Daisy vindo da Tailândia.

DAISY: Nos meus primeiros dias na Tailândia, eu só queria aliviar a tensão. Minha ideia era ir sozinha para algum lugar e refletir sobre a minha vida. Obviamente, não rolou. Depois de dois dias, comecei a pirar. Estava quase antecipando o voo de volta em cinco dias.

SIMONE: O cartão-postal só dizia: “Vem para Phuket. Traz pó e batom”.

DAISY: Mas aí conheci o Nicky.

Eu estava deitada na beira da piscina, olhando para a água. Totalmente chapada. E aí aparece um cara lindo, alto e elegante, fumando um cigarro. Eu falei: “Você pode apagar isso, por favor?”. Porque eu detesto sentir cheiro de cigarro quando não estou fumando.

Ele respondeu: “Está pensando que só porque é linda as pessoas têm que fazer tudo o que você quer?”. E, nesse momento, percebi que ele tinha um sotaque italiano maravilhoso.

Eu disse: “Exatamente isso”.

E ele falou: “Tudo bem, então. Você tem razão”. E ele apagou o cigarro. Em seguida, se apresentou para mim: “Niccolo Argento”. E eu achei esse nome o máximo. Fiquei repetindo um monte de vezes. *Niccolo Argento. Niccolo Argento.* Ele me pagou uma bebida. E eu retribuí pagando uma para ele. Depois a gente cheirou uma ou duas carreiras na borda da piscina, *o que era normal*, e

foi quando me dei conta de que ele não fazia ideia de quem eu era. Aquilo era bem estranho para mim a essa altura, porque a maioria das pessoas, no mínimo, conhecia “Honeycomb”. Então contei sobre a banda, e ele me falou sobre a vida que levava, viajando de um lugar para outro, sem nunca passar muito tempo no mesmo local. Se definiu como um “aventureiro”. Disse que estava em busca de uma “vida plena de experiências”. E aí, meio que por acaso... citou que era um príncipe. Um príncipe italiano.

Quando dei por mim, eram quatro da manhã, e a gente estava no meu quarto, ouvindo música no último volume, com o pessoal do hotel pedindo para a gente manear no barulho e Niccolo dizendo que estava apaixonado por mim depois de tomar LSD, e eu respondendo que podia parecer loucura, mas achava que estava apaixonada por ele também.

SIMONE: Eu queria ver Daisy, e tinha umas semanas de folga na agenda de shows. Estava meio preocupada com ela, o que nessa época era uma constante na minha vida. Então eu comprei a passagem.

DAISY: Durante os dias seguintes, eu contei minha vida toda para Nicky. Abri meu coração totalmente. Ele adorava as mesmas músicas que eu. E o mesmo tipo de arte que eu. E os mesmos comprimidos que eu. Parecia ser a única pessoa capaz de me entender de verdade. Falei sobre a solidão que eu sentia e sobre a dificuldade que foi trabalhar naquele álbum. E sobre os meus sentimentos em relação ao Billy. Não escondi nada dele. Abri a boca e coloquei tudo pra fora. E ele me escutou.

Em determinado momento, eu falei: “Você deve achar que sou maluca”.

E ele respondeu: “Minha Daisy, tudo em você faz todo o sentido para mim”.

Parecia que não tinha nada a meu respeito, nenhuma verdade que eu confessava, que ele não fosse capaz de aceitar. A aceitação é uma droga poderosa. E eu sei do que estou falando, porque já experimentei todas elas.

SIMONE: Cheguei à Tailândia exausta da viagem e desnorteada pelo fuso horário. Peguei um ônibus todo velho e detonado até o hotel, fiz o check-in, perguntei para o concierge em que quarto estava Lola La Cava e... descobri que ela não estava mais lá. Tinha ido embora.

DAISY: Eu estava com o Nick numa discoteca em Patong. E ele deu a ideia de fazer as malas e ir para a Itália. Ele disse: “Preciso te mostrar o meu país”. Eu devo ter ligado para alguém e comprado duas passagens para Florença, porque um dia de manhã os dois bilhetes simplesmente apareceram na porta do meu quarto.

Então a gente foi para a Itália. E juro que foi só na metade do caminho para lá que lembrei que a Simone estava indo me encontrar.

SIMONE: Eu rastreei os passos da Daisy ligando para a central de cartões de crédito fingindo ser ela.

DAISY: Eu estava com Nicky nos Jardins de Boboli quando ele falou: “Vamos casar”. Então pegamos um avião para Roma, e um padre que era amigo da família dele fez a cerimônia. Tive que dizer que era católica. Eu menti para um padre da Igreja católica. Mas eu estava usando um vestido de renda cor de marfim lindíssimo, com umas mangas boca de sino que deixavam os ombros de fora.

Me arrependo de ter me casado, mas não de ter comprado o vestido.

SIMONE: Finalmente encontrei Daisy, num quarto de hotel de luxo, com vista para o Vaticano. Em Roma! Tive que viajar meio mundo atrás dela. E quando a gente se encontrou, ela estava completamente drogada, usando só uma calcinha. E tinha cortado o cabelo, estava mais curto, em estilo chanel, mas meio bagunçadinho.

DAISY: Era um corte muito legal.

SIMONE: Era um corte muito legal mesmo.

DAISY: É o que eu sempre digo: “Os italianos entendem de cabelo”.

SIMONE: Daisy não pareceu ter ficado nem um pouco surpresa em me ver. O que só provou o quanto estava fora de si. E a primeira coisa que percebi foi que ela estava usando um anel de diamantes enorme na mão direita. E, logo em seguida, apareceu um cara — alto e magro, com cabelo crespo e grosso — sem camisa. E Daisy falou: “Simone, esse é o meu marido, Niccolo”.

DAISY: Tecnicamente, sendo casada com Niccolo, eu tinha virado uma princesa. Isso não pode ser deixado de fora da conversa. Eu gostava da ideia de fazer parte de uma família real enorme. Claro que a minha vida com Nicky não foi nem um pouco assim. Eu deveria saber que as coisas não eram como ele queria fazer parecer. Taí uma lição para todo mundo ouvir: homens bonitos que falam tudo o que você quer ouvir quase sempre são uns mentirosos.

SIMONE: Tentei convencer Daisy a voltar para casa, mas ela não queria ceder. Porque quando eu dizia que ela precisava fazer alguma coisa — se preparar para a turnê do disco novo, ou parar de misturar tantas drogas, ou tentar passar algum tempo sóbria —, vinha Nicky dizendo que ela não precisava fazer nada que não quisesse. O cara fazia eco a todas as ideias erradas dela. O tempo todo. Era como um papagaio repetindo as coisas no ouvido da Daisy, validando cada desejo impulsivo.

KAREN: Quando a gente se juntou de novo, em janeiro, ninguém sabia onde Daisy estava.

GRAHAM: A gente se reuniu na sala do Teddy na sede da Runner com Rich Palentino para ouvir a mixagem final. E todo mundo esperava... Bom, a gente achava que sabia exatamente o que tinha gravado, tirando um detalhe ou outro.

WARREN: Eu estava de ressaca, e não tinha café em nenhum lugar da sede da Runner. Perguntei para a recepcionista: “Como assim, não tem café?”.

Ela respondeu: “A cafeteira quebrou”.

E eu retruquei: “Bom, então com certeza eu não vou conseguir ficar acordado nessa porra de reunião”.

Ela falou: “Você é inacreditável mesmo”. E parecia meio irritada, como se o problema fosse alguma coisa pessoal comigo. E eu estava numa ressaca bem brava mesmo.

Então, perguntei: “Espera aí, não vai me dizer que eu já fui para a cama com você, né?”.

Eu não tinha dormido com ela.

KAREN: Quando o disco começou a tocar, com todo mundo sentado ao redor da mesa...

EDDIE: Primeira música, logo de cara, “Chasing the Night”. Ele mudou meu fraseado. Ele mudou a porra do meu fraseado de guitarra.

BILLY: Acho que só percebi quando a gente foi ouvir tudo de uma vez... Eu não tinha me dado conta do quanto Teddy e eu tínhamos mudado as músicas.

EDDIE: E depois a coisa só piorava. Ele mudou a afinação da guitarra em “Please”. Mudou totalmente e regravou tudo. Como se eu não fosse perceber que ele tinha trocado para a afinação Nashville. Como se eu não fosse perceber que, com uma afinação diferente, aquela música ia ter que ser tocada ao vivo com outra guitarra. E todo mundo sacou! O pessoal viu o que ele tinha feito. Mas ninguém parecia disposto a questionar nada, sabe? Porque Teddy e a Runner estavam tão felizes com o álbum que estavam falando em encher estádios e prensar cem cópias máster para dar conta da demanda da produção dos discos e essa porra toda. Estavam pensando em lançar “Turn It Off” o quanto antes e achavam que a música podia chegar ao primeiro lugar das paradas. Todo mundo estava com cifrões estampados nos olhos, então ninguém disse nada para Billy. Nem para Teddy.

KAREN: Ele eliminou meu teclado de duas músicas. E eu fiquei brava, claro que sim. Mas ia fazer o quê? Rich Palentino estava empolgadíssimo com o álbum, até cuspiu enquanto falava, de tanta animação.

WARREN: Eu teria encarado a coisa de um jeito mais tranquilo se Billy não tivesse escondido que na prática ele ia ser o produtor do álbum junto com Teddy. Não gosto de coisas feitas por baixo dos panos. Não gosto de gente falando uma coisa e fazendo outra.

Mas eu também era o baterista de uma banda de rock de sucesso que todo mundo na gravadora dizia que ia para o topo das paradas. Sempre fui bom em colocar as coisas em perspectiva. Modéstia à parte, claro.

ROD: Foi quando o falatório no meu ouvido começou. Todo mundo parou de conversar entre si para vir reclamar comigo.

Karen vinha me falar: “Ele cortou meu teclado do arranjo sem nem falar comigo”.

E eu respondia: “Você precisa conversar com ele sobre isso”.

Mas ela não fazia isso.

Aí vinha Pete e dizia que o disco estava suave demais. Que ele estava envergonhado.

Depois, eu falava para Billy: “Você precisa ter uma conversa com o pessoal da banda”.

E ele respondia: “Se eles querem falar comigo, eles que me chamem para conversar”.

E todo mundo queria saber se Daisy ia voltar, mas ninguém além de mim estava se dando ao trabalho de tentar conseguir notícias dela.

GRAHAM: Foi um sinal esquisito de que as coisas estavam mudando. De que a gente não era mais a mesma banda de alguns anos atrás. Antes, se Billy fosse regravar a guitarra do Eddie, teria conversado comigo antes. A gente teria falado sobre isso para decidir. Em vez disso, ele conversava com Teddy. E isso valia para um monte de coisas na minha relação com Billy. Eu tinha Karen. Ele tinha Camila e as meninas. E quando queria conversar sobre ideias novas... bom, pelo menos durante a gravação de *Aurora*... ele tinha Daisy. Não que eu sentisse que Billy não precisava mais de mim. Seria uma coisa dramática demais para se dizer. Mas acho que eu estava percebendo que... a gente não era mais uma dupla o tempo todo. E não precisava ser. A gente tinha passado dessa fase.

Costumo pensar bastante em como eu me definia em relação a ele, sabe? Na minha vida toda até aquele momento, eu sempre tinha sido o irmão mais novo do Billy Dunne. E então comecei a perceber que ele provavelmente nunca tinha se definido como o irmão mais velho do Graham Dunne. Que isso nunca nem passou pela cabeça dele.

BILLY: Olhando para trás, eu consigo entender por que eles ficaram bravos. Mas não me arrependo de nada em relação a esse álbum. O som fala por si.

KAREN: É complicado. Será que foi o melhor álbum que a gente gravou porque Billy foi obrigado a deixar o resto do pessoal compor e participar dos arranjos desde o início? Acho que sim. Foi o melhor porque, no fim, Billy retomou as rédeas do processo? Foi o melhor porque Teddy sabia quando fazer Billy se abrir para outras ideias e quando deixar que ele fizesse o que queria? Foi o melhor por causa da Daisy? Não faço ideia. Pensei muito a respeito e não faço a menor ideia.

Mas quando você faz parte de uma coisa da dimensão que esse álbum tomou... você precisa saber que era parte integrante do processo. Precisa sentir que o resultado final não seria o mesmo se não fosse você. Billy não fez o menor esforço para que todo mundo se sentisse parte daquilo.

BILLY: Todas as bandas têm problemas desse tipo. Você tem ideia de como é difícil fazer um monte de gente concordar em coisas que são tão subjetivas?

ARTIE SNYDER: Eu ouvi uns cochichos mais tarde, umas reclamações. Um papo de que uma parte da banda não estava contente com as mudanças. Ou a forma como as mudanças foram feitas. Mas o que eu achei estranho foi todo mundo ter se irritado com Billy como se a responsabilidade fosse dele. A responsabilidade era do Teddy. Se Billy regravou os instrumentais do Eddie, foi porque Teddy achou que isso tinha que ser feito. Nunca vi Billy fazer nada sem a aprovação do Teddy.

Até fiz uma brincadeirinha uma vez, quando Teddy não estava lá. Billy queria tirar a guitarra dobro de uma música, mas Teddy queria deixar. Quando Teddy saiu, eu falei: “E se a gente tirasse sem falar nada para ver se ele percebe?”.

Billy fez que não com a cabeça e ficou bem sério. Ele disse: “O maior sucesso da banda foi uma música que eu achava que detestava. Teddy foi o cara que

salvou ela”. Ele falou com todas as letras: “Se a dúvida for entre a minha opinião e a dele, vale a opinião dele”.

SIMONE: Finalmente, consegui convencer Daisy a comprar uma passagem para LA para começar os ensaios.

DAISY: Quando contei para Nicky que estava na hora de eu voltar para LA, ele não foi muito compreensivo. A banda precisava cumprir uma agenda de pré-lançamento e de entrevistas com a imprensa. A gente tinha que se preparar para a turnê. E ele sabia disso. Eu falei sobre tudo isso quando a gente se conheceu. Mas ele disse: “Não vai, não. Fica aqui. Larga essa banda. A banda não tem importância nenhuma”. E isso me magoou. Porque a banda era tudo para mim. Era o que fazia com que eu me sentisse valorizada... E ele disse que não tinha importância nenhuma. E quase conseguiu me convencer disso. Por pouco eu não desisti de ir para o aeroporto.

Simone bateu na porta, e Nicky falou: “Não atende”.

Eu disse: “É a Simone. Eu preciso atender”. Simone estava com uma expressão furiosa quando abri, e nunca vou esquecer o que ela me falou: “Pega a porra da sua mala e vai para o táxi. Agora”. Eu nunca tinha visto a Simone daquele jeito. E foi então que a ficha caiu.

Todo mundo precisa ter alguém na vida que jamais deixaria você estragar tudo. Alguém que pode até discordar de você. Pode até partir seu coração de tempos em tempos. Mas você precisa ter, no mínimo, uma pessoa na vida que sempre vai te falar a verdade.

Você precisa de alguém que, quando tudo está uma merda, junta as suas coisas, enfia numa mala e te leva para bem longe do seu príncipe italiano.

SIMONE: Ela foi embora da Itália praticamente arrastada por mim.

KAREN: Daisy voltou de um mês de férias e de alguma forma tinha conseguido perder cinco quilos — como se ela tivesse cinco quilos para perder. E também estava com o cabelo cortado e com uma aliança de diamantes na mão, e agora era uma princesa.

BILLY: Eu fiquei passado — tipo, com o queixo caído mesmo, até o chão — quando ela apareceu casada.

DAISY: O que ele tinha a ver com isso? Sinceramente, que diferença fazia para ele? Foi isso que eu pensei. Ele era casado. Por que eu não podia ser também?

WARREN: Não vamos exagerar. Ela casou com o *filho* de um príncipe. Quando Daisy voltou, perguntei quantas pessoas precisavam morrer antes do cara virar rei, e ela falou: “Bom, tecnicamente a Itália não é mais uma monarquia”. Então... para mim o cara não era príncipe coisa nenhuma.

ROD: A gente estava planejando o lançamento para o começo do segundo semestre, no verão. Quando a data foi se aproximando, começamos a mandar o disco finalizado para os críticos e as revistas de música. Os pedidos de entrevista chegaram aos montes.

A gente queria estar na capa de uma revista que tivesse destaque em todas as bancas quando o disco saísse. Obviamente, a ideia era que fosse a *Rolling Stone*. E Daisy queria outra matéria escrita pelo Jonah Berg. Então eu liguei para a revista, e ele topou.

JONAH BERG: A ideia era que eu acompanhasse os ensaios da banda.

Eu sentia uma certa proximidade com eles, porque sabia que a minha matéria tinha influenciado na ideia daquele disco em conjunto. Então, se eu achasse que o álbum era uma droga, ia ser uma situação meio constrangedora. Mas eu fui arrebatado pelo disco. Na questão das letras, dava muito o que pensar. Os

créditos das letras mostravam Billy e Daisy em pé de igualdade. E algumas das melhores músicas eram creditadas aos dois juntos. Então, cheguei lá pensando que o meu foco tinha que ser na química da parceria criativa de Billy e Daisy.

KAREN: Nos primeiros dias de ensaio, a coisa foi mais sutil, mas, se você prestasse atenção, ia perceber que Billy e Daisy não se falavam.

GRAHAM: Enquanto a gente decidia o setlist do show, todo mundo sentou no estúdio para conversar, mas Billy e Daisy não se falavam. Lembro que Billy sugeriu não tocar mais “Honeycomb”, apesar de ser o nosso maior sucesso. Ele queria se restringir ao repertório de *Aurora* — com no máximo uma ou outra música.

Daisy virou para mim e falou: “O que você acha, Graham? Acho que o público vai querer ouvir. É melhor não decepcionar os fãs”. Eu não entendi por que ela estava falando comigo, e não com ele.

Só que, antes que eu pudesse responder, Billy virou para mim e falou: “Mas é uma música lenta. A gente precisa levar em conta que os shows vão ser em lugares maiores. Precisamos pensar grande”. Pensei em perguntar se Billy ia querer deixar de fora “A Hope Like You”, porque era uma música mais lenta também. Mas, antes de eu abrir a boca, Billy falou: “Certo, então está resolvido”.

E Daisy retrucou: “Bom, e o resto do pessoal, o que acha?”.

E o tempo todo eles nem se olhavam na cara. Estava todo mundo lá, com os dois falando bem perto um do outro.

BILLY: No primeiro dia de ensaio, cheguei com uma postura bem aberta. Pensei comigo mesmo: *Ela é uma pessoa com quem você precisa trabalhar. Deixe todo o caos de lado. É uma relação profissional.* Tentei deixar as questões pessoais de lado. E quer saber? Eu ainda estava puto por ela ter inventado aquela votação para gravar “Regret Me”. Mas eram águas passadas. Era preciso olhar para a

frente. Então me esforcei para ser educado com todo mundo e mergulhei de cabeça no trabalho.

DAISY: Eu estava disposta a deixar aquela bobagem toda com o Billy para trás. Afinal, era uma mulher casada. Tentei me concentrar no Nicky. Queria muito que as coisas dessem certo.

Nicky finalmente topou ir me acompanhar nos ensaios. Veio de Roma e foi morar comigo no chalé do Marmont.

A gente marcou até um jantar com os meus pais. Eu quase nunca os encontrava. Mas perguntei se eles queriam conhecer o Nicky, e marcamos de ir ao Chez Jay. Ele foi educadíssimo e causou uma ótima impressão. Falava tudo certinho, “Sim, sra. Jones”, ou “Não, sr. Jones”, e eles gostaram disso. Mas assim que a gente entrou no carro para ir embora, ele perguntou: “Como você aguenta esses dois?”. E abriu um sorriso bem grande.

Estava gostando de ser casada. Da ideia de fazer parte de uma coisa conjunta, de estar ligada a uma pessoa. Eu ia ter alguém para me perguntar como tinha sido meu dia, todos os dias.

SIMONE: Em teoria, um casamento fazia todo o sentido para a Daisy. Ela estava precisando de estabilidade nessa época. E sempre foi minha melhor amiga. Sempre vai ser. Mas ela queria alguém com quem compartilhar a vida. Alguém que fosse apaixonado por ela, que cuidasse dela, que a colocasse num pedestal. Alguém que, quando ela não chegasse em casa até uma certa hora, quisesse saber o que estava acontecendo. Então... eu entendi o motivo do casamento. E também queria isso para ela.

Só que ela escolheu a pessoa errada pelos motivos errados.

DAISY: Obviamente, rolava um monte de sinais indicando que eu tinha metido os pés pelas mãos. Niccolo usava ainda mais drogas do que eu. Tinha horas em que eu precisava pedir para ele manejar. E precisava tirar a heroína da jogada. E só eu me preocupava com o quanto a gente estava gastando nos meus cartões de

crédito. Além disso, ele se sentia muito ameaçado pelo Billy. Tinha ciúme dos caras com que eu tinha saído, ou de quem tinha gostado, ou de qualquer um com quem achasse que eu *pudesse* querer alguma coisa. Mas na época eu me convenci de que eram problemas que todos os recém-casados tinham.

As pessoas vivem dizendo que o primeiro ano de casamento é o mais difícil, e eu resolvi acreditar nisso. Queria que alguém tivesse me dito que amor não significa tortura. Porque pensava que o amor era uma coisa que rasgava você por dentro, deixava seu coração partido e apertado da pior maneira possível. Achava que o amor fosse lágrimas, sangue, explosões. Não sabia que era uma coisa que deixava a gente se sentindo mais leve, e não mais pesado. Não sabia que era para ser uma coisa que tornava tudo mais fácil. Eu pensava que o amor fosse guerra. Não sabia que deveria ser... Não sabia que era uma forma de encontrar a paz. E quer saber? Mesmo se soubesse de tudo isso, acho que não estava pronta para aceitar de braços abertos ou valorizar uma coisa assim.

Eu queria drogas, sexo e melancolia. Era isso que eu buscava. Na época eu achava que esse outro tipo de amor... Achava que isso era para outro tipo de gente. Sinceramente, eu pensava que esse tipo de amor era inviável para mulheres como eu. Um amor assim era para mulheres como Camila. É uma lembrança bem clara para mim que era isso que eu pensava.

SIMONE: Niccolo tinha muitas qualidades também. Tinha mesmo. Se importava com ela. Fazia com que se sentisse segura, à sua maneira. E sabia fazer a Daisy rir. Os dois tinham umas piadas internas que nunca entendi. Alguma coisa sobre aquele jogo de tabuleiro, Banco Imobiliário. Sei lá. Ela ria muito com ele. Daisy tinha um sorriso lindo e andava pra baixo fazia um bom tempo.

Mas era um cara possessivo. E ninguém pode ser dono de ninguém, muito menos de alguém como a Daisy.

WARREN: Assim que Niccolo apareceu eu pensei: *Ah, já entendi tudo. O cara é um picareta.*

EDDIE: Eu até que gostava do Niccolo. Ele sempre foi legal comigo e com o Pete.

BILLY: Niccolo aparecia direto no estúdio para ouvir a gente ensaiar. Teve um dia em que a Daisy e eu... a gente estava ensaiando as harmonias vocais, mas nada ia muito bem. Durante um intervalo, eu falei para ela: “De repente a gente pode mudar um pouco o tom”. Foi a primeira frase que troquei com ela em um bom tempo. Mas Daisy respondeu que estava bom do jeito que estava. Eu disse: “Se você não está conseguindo atingir a nota certa, alguma coisa a gente precisa mudar”. Ela revirou os olhos. E eu pedi desculpas. Porque não queria saber de escândalo. Falei: “Certo, então me desculpa”. Achei que isso fosse resolver as coisas.

Mas aí ela respondeu: “Não precisa pedir desculpa para mim, entendeu?”.

Eu falei: “Só estou tentando ser legal com você”.

Ela retrucou: “Eu dispenso esse seu lado *legal*”. Aí ela estremeceu. O estúdio estava gelado, e ela estava quase sem roupa nenhuma. Fiquei com a impressão de que ela estava com frio.

E eu disse: “Daisy, me desculpa. Que tal a gente trabalhar numa boa? Ó, toma aqui minha camisa”. Eu estava com uma camiseta e uma camisa de manga comprida por cima. Ou uma jaqueta, sei lá. Enfim, eu tirei e coloquei nos ombros dela.

Mas ela arrancou e falou: “Eu não preciso da merda da sua jaqueta”.

DAISY: Billy achava que sabia mais que todo mundo. Que sabia quando você estava cantando errado. Que sabia como corrigir isso. Que sabia que roupa você deveria estar usando. Eu estava de saco cheio do Billy me dizendo como as coisas tinham que ser.

BILLY: Já estava de saco cheio de ser tratado como se *eu* fosse o problema. O problema ali era *ela*. Eu só quis emprestar minha jaqueta para a garota.

DAISY: Eu não queria o casaco dele. Para que eu ia querer o casaco dele?

GRAHAM: Daisy levantou um pouco o tom de voz. E, assim que isso aconteceu, Niccolo apareceu correndo.

KAREN: Ele estava lá nos sofás do canto do estúdio, perto das caixas térmicas de cerveja. Vestido sempre de blazer e camiseta.

WARREN: O filho da puta sempre bebia as melhores cervejas que a gente tinha.

BILLY: Ele veio correndo até mim e me puxou pela camiseta. O cara falou: “Alguns problemas aqui?”. Eu afastei a mão dele e, só de olhar para a cara do sujeito, vi que ele estava a fim de encrenca.

GRAHAM: Eu vi quando aconteceu, que tinha uma briga começando ali, e fiquei pensando: *Em que momento vou ter que interferir nisso aí?*

Fiquei com medo de que Billy fosse partir para a porrada.

KAREN: Olhando para ele, ninguém pensaria que Niccolo fosse um cara durão. Porque ele era todo... simpático. E não era fortão, nem nada do tipo. E se dizia um príncipe ou sei lá. Mas percebi que ele estufou o peito e... enfim, Billy não era um cara pequeno. Mas dava para sentir que Niccolo não ficou nem um pouco intimidado.

WARREN: Existe um código de ética quando dois homens de verdade saem no braço. Você não acerta o outro no saco. Não chuta ninguém que está no chão. E não dá mordidas. Niccolo era do tipo que mordia. Dava para sacar só de olhar.

BILLY: Talvez eu pudesse ter dado uma surra no cara. Mas acho que ele não estava a fim de chegar às vias de fato mesmo, assim como eu também não estava.

DAISY: Eu estava... fiquei sem saber o que fazer. Acho que fiquei só olhando, esperando pra ver o que ia rolar.

BILLY: Ele falou: “Fica longe dela, entendeu? Vocês trabalham juntos e só. Você não fala com ela, não encosta nela, nem olha para ela”. Achei aquilo um absurdo. Quer dizer, o cara podia tentar me intimidar, claro. Mas não podia querer controlar Daisy daquele jeito. Eu virei para ela e perguntei: “É isso que você quer?”.

Ela desviou os olhos por um instante, mas aí me encarou de novo e falou: “É sim, é isso que eu quero”.

DAISY: Ai, é cada rolo em que eu me meti na vida.

BILLY: Não dava para acreditar. Que ela iria... Eu acreditei nela, quando estava na cara que não deveria. Eu estava cheio. Completamente de saco cheio. Ela estava se revelando exatamente o que eu tinha imaginado. E fiquei me sentindo um idiota por pensar o contrário. Levantei as mãos e falei: “Beleza, cara. Eu é que não abro mais a boca”.

EDDIE: Não dava para acreditar. Alguém tinha colocado Billy Dunne no lugar dele.

KAREN: Foi naquela tarde, ou talvez no dia seguinte, que Jonah Berg apareceu pela primeira vez. Eu estava uma pilha de nervos. Assim como todo mundo, acho. Billy e Daisy continuavam sem se olhar na cara. Ensaíamos “Young Stars” a tarde inteira e, mesmo quando cantavam juntos, em harmonia, eles continuavam não se olhando.

JONAH BERG: Quando cheguei, esperava encontrar uma atmosfera calorosa. Afinal, era uma banda que tinha acabado de gravar um álbum incrível, em que eles claramente demonstraram estar na mesma sintonia, trabalhando juntos de uma forma admirável. Era isso o que eu achava. Mas quando entrei, eles estavam no meio de uma música, e Daisy e Billy pareciam as duas pessoas mais distantes do mundo, apesar de estarem no mesmo estúdio. Era nítido. A gente só percebe a proximidade que existe entre dois vocalistas que cantam juntos quando dá de cara com duas pessoas viradas para a frente, a cinco metros de distância, que não trocam entre si um olhar sequer.

GRAHAM: Eu fiquei pensando: *Deem um jeito nisso pelo menos enquanto o cara estiver aqui.*

WARREN: Nesse caso, eu diria que resolver a situação era uma coisa que dependia da Daisy. E ela não ia fazer isso.

JONAH BERG: Mas, mesmo com toda a tensão no ar, a banda estava afiada. Todas as músicas estavam ótimas. Os Six eram assim, e ficaram ainda melhores quando Daisy passou a fazer parte dos shows. Quando eles tocavam, mesmo se

fosse a primeira vez ouvindo a música, você começava imediatamente a bater o pé para acompanhar o ritmo deles. Isso é uma prova do talento de Warren Rhodes e Pete Loving. O pessoal comenta muito de Daisy Jones & The Six pela força das letras — e a atenção de todos ficava concentrada em Billy e Daisy, com toda a razão, aliás —, mas a banda tinha um instrumental e tanto.

BILLY: Em algum momento, perguntei para o Rod se a gente não tinha como remarcar a visita do Jonah.

ROD: A essa altura já era tarde demais. Jonah já estava lá, acompanhando os ensaios.

DAISY: Não sei por que Billy agiu daquele jeito. A gente poderia tranquilamente ter feito uma encenação na frente do Jonah Berg.

JONAH BERG: Depois de algumas músicas, eles fizeram uma pausa, e o pessoal veio me cumprimentar, cada um no seu tempo. Fui lá para fora fumar um cigarro com Warren e achei que ele era o cara ideal para me dizer a verdade. Eu falei: “Me confirma um negócio. Tem alguma coisa rolando aqui”.

E ele respondeu: “Não está rolando nada, não”. Simplesmente deu de ombros, como se não fizesse ideia do que eu estava falando. E eu não duvidei. Acreditei que não estivesse rolando nada fora do comum mesmo, que aquele era o jeito como eles trabalhavam. Billy e Daisy só não se davam bem. E provavelmente nunca se deram.

BILLY: Acho que foi nessa noite que Jonah chamou todo mundo para ir tomar umas cervejas, mas eu tinha prometido para Camila que ia chegar mais cedo para ajudar a dar banho nas meninas, então perguntei se podia ser no dia seguinte, mas ele não gostou muito.

EDDIE: Todo mundo dizia que a banda tinha que vir em primeiro lugar, mas Billy estragou tudo logo na primeira noite que a gente foi conversar com o cara que ia

fazer a matéria de capa da *Rolling Stone*.

DAISY: Eu achei bom que o Billy tivesse ido para casa. Ia poder fazer a minha parte da entrevista sem me preocupar com a presença dele por perto.

JONAH BERG: Fiquei contente porque a Daisy tinha se disponibilizado a falar comigo. Muitas vezes a gente acaba numa situação em que certos membros da banda se recusam a ter contato com a imprensa. Daisy facilitou um bocado meu trabalho nessa matéria.

ROD: Daisy não queria ir para casa. Sabe quando você percebe que a pessoa quer esticar a noite, fazendo de tudo para não acabar, porque não quer voltar para casa e encarar o que tiver por lá?

Daisy era assim quando estava casada com Niccolo.

JONAH BERG: A gente saiu naquela noite, todo mundo menos o Billy. Primeiro, fomos a um show do Bad Breakers na Strip. E estava na cara que Karen e Graham deviam estar se pegando. Aí perguntei para eles: “Vocês agora são um casal?”. E Graham respondeu que sim, e Karen que não.

GRAHAM: Fiquei sem entender nada. Simplesmente não dava para entender a Karen.

KAREN: Graham e eu não íamos durar, não era uma coisa... Eu precisava me sentir num vácuo, onde a vida real não importava, onde o futuro não importava, onde só importava como eu me sentia naquele dia, sabe?

JONAH BERG: Warren parecia estar ocupado dando em cima de todas as mulheres que apareciam na sua frente. Eddie Loving estava tagarelando sem parar, falando sobre afinações ou sei lá o quê. Pete tinha sumido com a namorada. Decidi me concentrar na Daisy. Era com ela que eu ia conseguir mais informações.

Então, vou aproveitar para dizer o seguinte: nessa época o pessoal se chapava com qualquer coisa que aparecesse na frente. Isso não era novidade para ninguém. E mesmo na imprensa não tinha muita coisa que um jornalista não pudesse escrever, muito menos numa revista como a *Rolling Stone*. Dava para mencionar qualquer substância que o pessoal estivesse usando. Mas tinha gente que não parecia estar se drogando só por diversão. Tinha gente que ficava doidão porque não conseguia viver sem isso. E era opinião pessoal minha que o abuso de drogas por parte dessas pessoas era uma coisa que... que não era conveniente trazer à tona. Um monte de colegas meus pensava de outra forma. E muitos agiam de outra forma, tinham outro jeito de escrever.

E com certeza vivi umas situações na minha carreira em que me senti pressionado — ou em que fui pressionado, para ser mais claro — a expor as pessoas para vender mais revistas. Então eu tomava o cuidado de não anotar o que tinha visto nem mencionar para ninguém o que observei, se achasse que estava entrevistando alguém com problemas sérios com drogas. Era preciso fazer vista grossa em algumas situações. Pelo menos era o que eu achava.

Com Daisy, naquela noite, a gente meio que se afastou do resto do pessoal. E quando vi, Daisy estava coçando as gengivas. No começo pensei que fosse por causa do pó, mas aí percebi que ela estava usando anfetaminas. Não parecia ser uma usuária ocasional, acho que é isso que estou tentando dizer. E tinha uma grande diferença entre a Daisy que conheci na turnê anterior e aquela. Ela parecia mais frenética, menos eloquente. Mais triste, talvez. Não, não é isso. Menos alegre.

Ela falou: “Quer ir lá para fora?”. Eu concordei, e a gente foi para o estacionamento e sentou no capô do meu carro. E Daisy falou: “Certo, Jonah. Vamos lá. Manda bala”.

E eu disse: “Se preferir falar em off agora, por estar... por não estar no seu estado normal, você precisa me avisar”.

E ela respondeu: “Não, vamos conversar”.

Eu ofereci essa chance para Daisy. E ela recusou. Minha obrigação estava cumprida. Então perguntei: “O que está rolando entre você e o Billy?”.

E ela começou a falar tudo o que podia e não podia.

DAISY: Eu não deveria ter dito o que disse. E aí Billy não teria feito o que fez.

BILLY: Cheguei no estúdio de ensaio no dia seguinte e estava todo mundo lá, conversando e brincando, e Jonah chegou em mim e falou: “Quando a gente vai poder tirar um tempinho para bater um papo?”.

E eu disse: “Só preciso ver quando Daisy vai poder”.

E ele respondeu: “Bom, eu queria falar um pouco só com você, se não for problema”. Foi aí que comecei a ficar preocupado. O jeito como ele falou... Eu fiquei com aquela sensação de *O que será que ela fez?* Olhei para Daisy, e ela estava no microfone falando com alguém, provavelmente Graham, ou Warren, sei lá. E estava com um shortinho minúsculo de novo, e o estúdio estava um puta de um gelo. E eu pensando... *Vai vestir a porra de uma calça.* Foi isso que me passou pela cabeça. *Para de se vestir como se fosse sentir calor aqui. Você sabe muito bem que vai estar gelado aqui todos os dias.* Mas claro que ela estava com calor, derretendo de suor por causa da quantidade de drogas que tinha no organismo. Eu sabia disso.

DAISY: Acho que, se eu procurasse Jonah naquele dia, depois da nossa conversa na noite anterior, e tentasse retirar o que disse, ele teria aceitado. E eu pensei nisso. De verdade.

JONAH BERG: Eu não teria concordado se Daisy quisesse retirar as declarações, de jeito nenhum. As pessoas já me pediram isso antes. E sempre neguei. É por isso que deixo tudo bem claro desde o começo quando começo a gravar. Só entrevisto pessoas que saibam o que estão fazendo ao falar comigo.

Daisy teve a chance de falar em off. Mas ela quis ser entrevistada. E, a partir desse momento, a questão da responsabilidade deixa de ser minha e passa a ser dela.

BILLY: A gente foi ensaiar naquela manhã, e Daisy e eu não conseguíamos acertar a harmonia na última estrofe da música, mas não falei nada porque não queria brigar na frente do Jonah. Mas também não queria que a gente cantasse tão mal na presença dele. A última coisa que eu precisava era de uma matéria dizendo que a gente era uma banda que não soava lá aquelas coisas ao vivo. Então, durante um intervalo, pedi para Graham falar com ela, e ele topou. Então, pelo restante daquela sessão, Daisy e eu meio que conversamos através do Graham.

GRAHAM: Pô, e eu ainda tinha que lidar com toda aquela merda entre os dois? Saber quem não estava falando com quem e por que motivo? Eu tinha meus próprios problemas. Meu coração estava apertado ali. Eu era apaixonado por uma mulher e estava começando a desconfiar que ela não me amava, mas não podia falar a respeito disso com ninguém. Mesmo assim, não pedi para ninguém servir de intermediário para resolver minhas questões pessoais, né?

BILLY: Depois de encerrar os ensaios do dia, saí para comer com Jonah, e eu estava lá, dando uns tapas no fundo de um vidro de ketchup, quando ele me disse: “Daisy falou que você passou a primeira turnê da banda traindo sua mulher e afundado no alcoolismo e no vício em drogas, provavelmente heroína. Disse que você está recuperado agora, mas perdeu o nascimento da sua primeira filha porque estava internado numa clínica de reabilitação”.

WARREN: Eu não me considero uma pessoa das melhores. Mas expor a história dos outros desse jeito, isso não se faz.

DAISY: Eu fiz um monte de coisas idiotas nessa época. Basicamente durante toda a década de 70. Fiz várias coisas que prejudicaram outras pessoas e a mim mesma também. Mas essa ficou marcada como uma das que mais me arrependo. Não só por causa do Billy. Fiquei me sentindo mal por vaziar uma coisa que ele tinha confessado para mim e que era um assunto particular, claro. Só que me arrependo ainda mais de ter envolvido a família dele na história.

E eu... *(pausa)* Minha intenção nunca foi essa. Juro.

BILLY: Uma das primeiras coisas que um viciado em recuperação aprende é que o autocontrole é o único controle que a gente pode ter das situações. Que o máximo que a gente pode fazer é moderar as próprias atitudes, porque ninguém tem como controlar o que os outros vão fazer. Foi por isso que eu *não* fiz o que me deu vontade naquela hora, que era arremessar aquele vidro de ketchup na janela. E foi por isso que eu não voei no pescoço do Jonah Berg. E foi por isso que não peguei meu carro para ir atrás da Daisy e brigar com ela. Eu não fiz nada disso.

Fiquei olhando para ele, sentindo minha respiração ficar quente e pesada. Sentindo meu peito se expandindo e se contraindo. Estava me sentindo como um leão, capaz de destruir a vida de qualquer um. Mas só fechei os olhos, me concentrei na parte de trás das minhas pálpebras e falei: “Por favor, não publica isso”.

JONAH BERG: Isso foi a confirmação de que era tudo verdade. Mas aí eu falei: “Se você me der um outro assunto para escrever, eu não vou tocar em nada disso”. Foi o que eu falei para você. Não gosto de revelar segredos se forem coisas tristes. Virei jornalista para contar histórias que fossem rock ‘n’ roll. Não histórias deprimentes. Posso falar sobre astros de rock que dormiam com groupies, que fizeram umas loucuras quando estavam doidões de fenciclidina. Sem problemas. Mas nunca gostei de publicar lances deprimentes. Contar que a

família de uma pessoa está desmoronando e esse tipo de merda. Eu falei: “Me dá uma coisa mais rock ‘n’ roll”. Nós dois só tínhamos a ganhar com isso.

E Billy disse: “Que tal se a gente fizer assim? E se eu falar como não suporto a Daisy Jones?”.

BILLY: Vou contar exatamente o que foi que eu falei. Do jeito como está na matéria. Eu disse: “Ela é uma pirralha egoísta que sempre teve tudo o que quis na vida e ainda acha que conseguiu as coisas por mérito próprio”.

JONAH BERG: Quando ele falou: “É um desperdício que gente como Daisy tenha um talento como o dela”, eu pensei: *Uau. Beleza. Agora eu tenho uma matéria das boas.* É uma história muito mais interessante, na minha opinião. O que ia vender mais revistas? Falar que Billy Dunne era um alcoólatra, mas tinha se recuperado e estava numa boa? Ou que os dois vocalistas da banda mais falada do momento simplesmente se detestavam?

Não tinha nem discussão. O mundo está cheio de Billy Dunes. O que não falta por aí são caras que perderam o nascimento da filha ou deixaram a esposa na mão, ou sei lá mais o que ele possa ter feito. Sinto muito, mas é assim que as coisas são. Só que não tem muita gente por aí com uma sintonia criativa incrível com pessoas que não suportam. Isso, sim, era fascinante.

Meu editor adorou a ideia. Ficou mais do que empolgado a respeito.

Expliquei para o fotógrafo o que queria pôr na capa, e ele falou que ia ser fácil fazer a composição com as imagens que já tinha. Então voltei para Nova York e escrevi a matéria toda em quarenta e oito horas. Eu nunca escrevo rápido assim. Mas aquela reportagem foi bem fácil de escrever. Os melhores textos são esses — os que parecem que se escrevem por si mesmos.

GRAHAM: O motivo de terem chamado Jonah Berg para escrever sobre a gente era mostrar que tinha sido uma grande ideia chamar Daisy para fazer parte da banda. Em vez disso, ele publica uma matéria dizendo que os dois se odiavam.

EDDIE: A sensação que me deu foi de que aqueles dois cretinos tinham deixado as briguinhas pessoais deles mancharem a imagem da nossa banda, da nossa música e de todo o trabalho que fizemos.

ROD: Foi *perfeito*. O pessoal da banda não entendeu nada. Eles não sacaram o quanto aquilo era bom.

Nós lançamos “Turn If Off” como primeiro single do disco novo. Colocamos a banda no *Midnight Special*. Marcamos participações em programas de rádio no país inteiro para promover o lançamento do disco. E aí, na mesma semana em que *Aurora* foi para as lojas, a *Rolling Stone* chegou às bancas.

Com uma foto de perfil do Billy de um lado e uma da Daisy do outro, com os narizes quase se tocando.

E a chamada de capa: “Daisy Jones & The Six: Billy Dunne vs. Daisy Jones é a grande rivalidade do rock ‘n’ roll no momento?”.

WARREN: Quando vi isso, caí na risada. Jonah Berg sempre acha que está um passo à frente, quando na verdade está dois passos atrás.

KAREN: Se existia uma chance de Billy e Daisy deixarem as picuinhas de lado e trabalharem juntos — mas juntos de verdade — durante a turnê... acho que

aquela reportagem acabou com tudo de vez. Meio que não tinha como voltar atrás depois daquilo.

ROD: Existe uma manchete melhor que essa para fazer as pessoas quererem ver Daisy Jones & The Six tocarem ao vivo?

BILLY: Não fazia diferença para mim se Daisy estava brava comigo. Não fazia a menor diferença.

DAISY: Nós dois fizemos coisas que acabaram sendo um tiro no pé. Quando alguém diz na imprensa que o seu talento é um desperdício, sabendo muito bem que aquilo vai ser publicado... não é exatamente um gesto amigável.

BILLY: Não dá para querer sair por cima depois de ter colocado a vida de outras pessoas e da família delas na berlinda.

ROD: O disco de diamante não teria rolado sem aquela matéria na *Rolling Stone*. Aquele texto foi o primeiro passo para eles transcenderem os limites do mundo da música. Foi o primeiro passo para transformar *Aurora*, mais do que um álbum, num acontecimento. Foi o último empurrão que faltava para eles decolarem.

KAREN: “Turn It Off” estreou em oitavo lugar na parada da *Billboard*.

ROD: *Aurora* foi lançado em 13 de junho de 1978. E não chegou fazendo pouco barulho. Foi como um tiro de canhão.

NICK HARRIS (*crítico de rock*): Era o disco que as pessoas esperavam. Todo mundo queria saber como seria se Billy Dunne e Daisy Jones fizessem um álbum inteiro juntos.

E aí eles lançaram *Aurora*.

CAMILA: No dia em que o disco chegou às lojas, levamos as meninas à Tower Records. Deixamos a Julia comprar uma cópia só para ela. Eu estava meio preocupada, para ser sincera. Não era um material dos mais apropriados para crianças. Mas era o disco do pai dela. Ela podia ter um. Quando a gente saiu da loja, Billy perguntou: “Quem é o seu membro favorito da banda?”.

E eu falei: “Ai, Billy...”.

E Julia disse na hora: “Daisy Jones!”.

JIM BLADES: Eu ia tocar no Cow Palace no dia em que *Aurora* saiu, acho. Mandeí um roadie ir até uma loja de discos comprar uma cópia do álbum para eu poder escutar. Lembro de ter pensado, antes de subir no palco, enquanto fumava um cigarro, ouvindo “This Could Get Ugly”: *Por que não tive a ideia de convidar Daisy para a minha banda?*

Estava na cara. Eles iam fazer todas as outras bandas de rock parecerem minúsculas.

E tinha aquela capa também. Aquela capa era o resumo perfeito do rock ‘n’ roll da Califórnia.

ELAINE CHANG (*biógrafa, autora de Daisy Jones: Wild Flower*): Se você fosse adolescente nos anos 70, aquela capa era simplesmente tudo.

A maneira como Daisy Jones se portava, no controle total da própria sexualidade, a forma de mostrar os peitos através da blusa como bem entendesse... foi um momento de importância seminal na vida de muitas meninas. E meninos também. Eu acho. Mas para mim interessa muito mais a reação das garotas.

Quando falamos de imagens em que o corpo de uma mulher aparece exposto, a mensagem implícita por trás delas é tudo. E a mensagem daquela foto — o fato dela não estar virada nem para Billy nem para a câmera, a postura dela, confiante mas não sugestiva... a mensagem ali não é que Daisy está tentando agradar o homem que está com ela. A mensagem não diz: “Meu corpo é seu”.

Muitas fotos de corpos nus são assim, muitas imagens de mulheres nuas são usadas para isso. A mensagem — no caso, o corpo dela nessa imagem — é de *autodeterminação*. O subtexto é: “Eu faço o que eu quiser”.

A capa desse álbum fez com que eu me apaixonasse por Daisy Jones quando era menina. Ela parecia totalmente destemida.

FREDDIE MENDOZA (*fotógrafo*): É engraçado. Quando fiz a foto para a capa desse disco, para mim era só mais um trabalho. Agora, tantos anos depois, é a única coisa que as pessoas perguntam quando vêm falar comigo. É isso o que acontece quando a gente faz uma coisa que vira uma lenda, né? Bom, então que seja assim.

GREG MCGUINNESS (*ex-concierge do hotel Continental Hyatt House*): Depois que “Turn It Off” foi lançada, todo mundo na cidade só falava desse disco.

ARTIE SNYDER: Na semana em que o disco saiu — naquela mesma semana —, recebi três propostas de trabalho. As pessoas compravam o álbum, ouviam, adoravam e queriam saber quem tinha feito a mixagem.

SIMONE: Daisy simplesmente explodiu. Passou de uma pessoa conhecida a um fenômeno. Era o assunto do momento.

JONAH BERG: *Aurora* era o álbum perfeito. Era o que todo mundo queria que fosse, mas que ninguém esperava. Uma banda interessante num disco ousado, com pegada, para ouvir *inteiro*, do início ao fim.

NICK HARRIS: *Aurora* era romântico, melancólico, angustiante e volátil — tudo ao mesmo tempo. Em plena época do rock de arena, Daisy Jones & The Six conseguiram criar uma coisa intimista, mas ao mesmo tempo capaz de ser tocada num estádio lotado. Tinha uma bateria implacável e solos cheios de criatividade — músicas que pareciam inesgotáveis no melhor sentido possível

da palavra. Mas também era um disco íntimo e pessoal. Parecia que Billy e Daisy estavam do seu lado, cantando juntinhos um para o outro.

E tinha muitas facetas. Essa era a principal qualidade de *Aurora*. Quando você ouve pela primeira vez, parece o tipo de som que as pessoas colocam quando querem se divertir. É um disco que pode ser tocado numa festa. Mas também quando você quer curtir sua brisa quando está chapado. Também pode ser tocado quando você pega a estrada com o seu carro.

Só que, prestando mais atenção nas letras, você percebe que era um disco capaz de te fazer chorar. E também eram músicas que você podia ouvir enquanto transava.

Para cada momento da sua vida, *Aurora* podia ser a trilha sonora de fundo em 78.

Então, desde o momento em que foi lançado, o disco foi um sucesso avassalador.

DAISY: É um álbum sobre precisar de alguém que ama outra pessoa.

BILLY: É um álbum sobre a queda de braço entre a estabilidade e a instabilidade. É sobre a minha luta quase diária para não cometer nenhuma estupidez. É sobre o amor? Sim, claro. Mas só porque é bem fácil esconder quase qualquer coisa por trás de uma canção de amor.

JONAH BERG: A capa com Billy e Daisy foi a edição mais vendida da revista nos anos 70.

ROD: A capa da *Rolling Stone* fez muita gente comprar o disco. Mas a gente ganhou dinheiro mesmo por causa da quantidade de pessoas que compraram ingressos para ver os shows depois de ler aquela matéria.

NICK HARRIS: Você ouvia o disco, lia sobre Billy e Daisy na *Rolling Stone* e com certeza ia querer ver tudo aquilo com os próprios olhos. Simplesmente precisava

fazer isso.

A turnê mundial Aurora (1978-9)

Com “Turn It Off” arrebatando nas paradas, passando quatro semanas no primeiro lugar, e Aurora vendendo mais de 200 mil cópias por semana, Daisy Jones & The Six se tornaram a grande atração do verão de 1978. A turnê Aurora estava lotando estádios inteiros, com shows marcados para as principais cidades do país.

ROD: Tinha chegado a hora de pôr o show na estrada. Literalmente.

KAREN: Estava um clima esquisito nos ônibus. Não era mais um só, tinha o azul e tinha o branco. Os dois tinham um letreiro enorme dizendo “Daisy Jones & The Six” na pintura da lataria, mas um com a camisa jeans do Billy de fundo e o outro com a regatinha branca da Daisy. Eram dois ônibus porque tinha muita gente na turnê. Mas também porque Billy e Daisy se recusavam a olhar um na cara do outro.

ROD: O ônibus azul era o do Billy, extraoficialmente. Billy, Graham, Karen e eu, além de uma parte da equipe de palco. A gente viajava nesse.

WARREN: Eu ia no ônibus branco com Daisy e Niccolo, Eddie e Pete. Jenny acompanhava Pete às vezes. O ônibus branco era bem mais divertido. E, claro, eu preferia viajar no ônibus que tinha uns peitinhos desenhados na lataria, o cliente agradece.

BILLY: Eu já tinha passado uma turnê inteira sóbrio. Estava tranquilo em relação a voltar à estrada.

CAMILA: Quando o Billy saiu em turnê, o meu sentimento era o mesmo que marcava quase tudo na nossa relação naquela época... esperança. Era só o que eu podia fazer, ter esperança.

OPAL CUNNINGHAM (*responsável pela contabilidade da turnê*): Todo dia, quando entrava no escritório, dava para ter certeza de três coisas. Primeira: a banda ia ter gastado mais dinheiro que no dia anterior. Segunda: ninguém ouviria meus conselhos sobre evitar os desperdícios. Terceira: em qualquer situação — fosse uma coisa cara, como um piano de cauda na suíte do hotel, ou coisas mínimas, como canetinhas para assinar autógrafos —, Billy e Daisy precisavam ter exatamente as mesmas coisas. O custo de tudo era dobrado, porque um ficava bravo se o outro tivesse alguma coisa diferente.

Eu ligava para Rod e falava: “Não é possível que eles precisem de duas mesas de pingue-pongue”.

ROD: “Pode mandar faturar. A Runner paga.” Eu deveria ter feito uma gravação dizendo essa frase, para economizar saliva. Mas dava para entender. O trabalho da Opal era evitar os desperdícios. E a gente estava desperdiçando muita grana. Por outro lado, a banda tinha o disco mais vendido do país naquele momento. A gente poderia pedir o que quisesse, era melhor para a Runner simplesmente providenciar.

EDDIE: No primeiro dia na estrada, paramos num posto de gasolina. Pete e eu descemos para tomar um refrigerante, algo assim. Estava tocando “Turn It Off” no rádio. Não era uma coisa incomum. Naquela época quase sempre rolava. Mas Pete resolveu fazer uma brincadeira. Ele falou para o cara: “Tem como trocar de estação? Eu detesto essa música”. O cara trocou de estação e estava tocando “Turn It Off” na outra rádio também. Em duas estações ao mesmo tempo. Eu falei: “Ei, cara, então que tal *desligar isso?*”.* Ele achou a maior graça.

GRAHAM: Foi a primeira vez que eu percebi o quanto as pessoas estavam — como posso dizer? — envolvidas com a banda. Billy e eu fomos comer um hambúrguer numa parada de descanso no meio da travessia do deserto. No Arizona, Novo México ou sei lá, e um casal passou por nós. Eles perguntaram: “Você é o Billy Dunne?”.

Billy respondeu: “Sou, sim”.

E eles disseram: “A gente adora o seu disco”. E Billy tratou os dois muito bem. Ele sempre fazia isso. Era ótimo no trato com os fãs. Conversava com todo mundo como se fosse a primeira vez que recebesse um elogio na vida. Durante a conversa o cara meio que monopolizou a atenção do Billy, e a mulher me puxou de lado e falou: “Eu preciso saber de uma coisa. E Billy e Daisy? Eles estão juntos?”.

E eu fiz uma cara de estranhamento e falei: “Não”.

Aí ela balançou a cabeça de um jeito como quem diz que entendia o que eu estava falando. Como se soubesse que os dois estavam dormindo juntos, mas compreendia o motivo de eu não poder contar nada.

WARREN: Bem no começo da turnê, em San Francisco, fomos fazer o check-in no hotel na véspera de um show, e todo mundo foi descendo do ônibus branco normalmente, com Pete e Eddie vindo logo atrás de mim. Graham e Karen saíram do ônibus azul. A gente atravessou a calçada e entrou no hotel, sem nenhum problema.

Aí Billy desceu do ônibus azul e, sei lá, trinta segundos depois um monte de garotas começou a armar a maior gritaria. E depois a Daisy desceu do ônibus branco, e o barulho que parecia não ter como ser maior, um berreiro de estourar os ouvidos, de alguma forma ficou ainda mais alto, ainda mais histérico. Quando virei para ver, Rod e Niccolo estavam tentando segurar as fãs para deixarem Billy e Daisy entrar no hotel.

EDDIE: Uma vez vi Billy se recusar a dar autógrafos para um grupo de fãs dizendo: “Eu sou só um músico, pessoal. Não sou melhor que ninguém”. Ver aquele arrogante do caralho fingindo ser humilde me fez dar um escândalo. Pete vivia me dizendo: “Nada disso importa. Não precisa esquentar a cabeça com coisas que não fazem a menor diferença”. Só fui entender o que ele quis dizer quando era tarde demais, eu acho.

DAISY: Quando as pessoas me pediam autógrafos, eu escrevia: “Seja forte, Daisy J.”. Mas quando era para uma criança, uma garotinha — o que não era comum, mas acontecia de tempos em tempos —, eu escrevia: “Sonhe grande, pequenina. Com amor, Daisy”.

ROD: As pessoas estavam empolgadas com a banda. Queriam ouvir o disco ao vivo. E Billy e Daisy faziam valer a pena. Além de serem explosivos, os dois eram... difíceis de entender. Enigmáticos. Cantavam muito bem juntos, mas raramente dividiam o mesmo microfone. Às vezes, trocavam olhares no palco, mas quando isso acontecia não dava para entender muito bem o que estava rolando.

Uma vez, no Tennessee, a Daisy estava cantando “Regret Me”, com o Billy no vocal de apoio. Aí perto do fim, do nada, ela virou e cantou olhando para ele. Estava olhando bem na cara dele, soltando a voz. Ficou até vermelha. E ele continuou cantando, encarando de volta. Não desviou o olhar nem uma vez. Aí a música acabou e eles continuaram o show normalmente. Nem eu entendi direito o que tinha acontecido.

KAREN: Em geral, se você prestasse atenção, podia ver os dois se encarando várias vezes. Principalmente durante “Regret Me”. Principalmente nessa música.

ROD: Se você fosse a um show de Daisy Jones & The Six achando que os dois se odiavam, ia conseguir encontrar alguma evidência disso. E se achasse que rolava

alguma outra coisa entre eles, que aquele ódio era só de fachada, também encontraria alguma evidência disso.

BILLY: Não dá para compor junto com alguém, escrever letras sobre a pessoa, saber que algumas letras escritas por ela são sobre você e... não sentir nada... não se sentir atraído pela pessoa.

Às vezes, eu olhava para a Daisy do outro lado do palco e não conseguia tirar os olhos dela. Pois é... sim. Com certeza, se você vasculhar as fotos da turnê na imprensa, as fotos dos shows e tal... vai ver várias imagens minhas e da Daisy trocando olhares. Eu dizia para mim mesmo que era encenação, mas na verdade é uma coisa difícil de decifrar. O que era feito só para vender mais discos e o que não era? Sinceramente, talvez em algum momento isso tenha ficado claro para mim, mas hoje não sei mais.

DAISY: Várias vezes o Nicky ficava com ciúme do que acontecia no palco.

“Young Stars” era sobre duas pessoas que sentiam atração uma pela outra, mas que eram obrigadas a negar. “Turn It Off” era sobre tentar deixar de amar alguém que você não conseguia deixar de amar. “This Could Get Ugly” era sobre conhecer alguém melhor do que a pessoa com quem esse alguém era casado. Eram músicas bem traiçoeiras para cantar junto com alguém. Eram músicas que evocavam sentimentos — me faziam lembrar de como eu me sentia quando escrevi as letras. Nicky sabia disso. E essa passou a ser uma parte importante do meu relacionamento. Tranquilizá-lo. Garantir que ele estivesse feliz, que estivesse se divertindo.

WARREN: Noite após noite, os shows estavam lotados, com a plateia aos berros. Com o pessoal cantando junto todas as letras. E tudo sempre terminava com o Billy voltando para o hotel e o resto da banda indo para a farra encontrar alguém para transar.

A não ser Daisy e Niccolo. Eles eram os últimos a ir embora. Quando todo mundo ia dormir, para Daisy e Niccolo a noite estava só começando.

DAISY: As drogas começam a perder a graça quando se torna rotina ter que limpar o sangue seco no nariz logo que você acorda, como escovar os dentes. Você percebe que está cheia de hematomas, mas não sabe por quê. E o seu cabelo está cheio de nós, porque você passa semanas sem pentear simplesmente por não se lembrar de fazer isso.

EDDIE: As mãos dela estavam roxas. A banda estava no camarim, se preparando para entrar no palco em Tulsa, e eu olhei para ela e falei: “Suas mãos estão meio roxas”.

E ela viu e disse: “Ah, é”. Só isso. Um *Ah, é*.

KAREN: Pouco a pouco, a Daisy foi virando uma pessoa com quem nenhum de nós queria conviver. E, na maior parte do tempo, isso não era necessário. Ela não era carente nem nada. O problema era que, quando ela saía do controle, acabava sobrando para todo mundo. Tipo na vez em que ela quase pôs fogo no Chelsea.

DAISY: Nicky e eu estávamos fumando na cama e dormimos. O travesseiro pegou fogo. No Omni Parker House, em Boston. Acordei por causa do calor no rosto. Chegando perto do meu cabelo. Tive que apagar as chamas com o extintor que encontrei no closet. Nicky nem acordou.

SIMONE: Eu liguei para ela quando fiquei sabendo do incêndio. Liguei para ela em Boston. Liguei para ela em Portland. Liguei um monte de vezes. Daisy nunca me ligava de volta.

BILLY: Pedi para o Rod fazer alguma coisa para ajudar.

ROD: Me ofereci para colocar Daisy e Nicky numa clínica de reabilitação, e ela falou que eu estava louco.

GRAHAM: A fala dela ficava embolada de tempos em tempos, e ela levou um tombo na escada do palco uma vez. Acho que em Oklahoma. Mas Daisy sabia

fazer parecer que estava só se divertindo.

DAISY: A gente estava em Atlanta. E eu tinha passado a noite na farra com o Nicky, e alguém apareceu com mescalina. Nicky achou que seria uma ótima ideia tomar mescalina. Todo mundo já tinha ido dormir, então ficamos só o Nicky e eu, muito loucos de um monte de coisas. A mescalina logo bateu.

Nós arrombamos a fechadura para subir na laje no alto do prédio do hotel e ficamos por lá. Os fãs que costumavam ficar na calçada esperando a gente já tinham ido para casa. Era bem tarde mesmo. Eu e ele ficamos lá em cima, olhando para o espaço vazio onde antes estava todo aquele pessoal. Parecia uma coisa romântica, a gente estar lá em cima. Naquele silêncio. Nicky me pegou pela mão e me levou para a mureta da laje.

Eu falei meio brincando: “O que você está querendo? Que a gente pule?”.

E Nicky respondeu: “Pode ser divertido”.

Eu... Bom... Vamos dizer assim: se você está no alto de um prédio com o seu marido e ele não diz imediatamente que *não* é para os dois pularem de jeito nenhum, você começa a perceber que está numa situação de merda. Esse não foi o meu fundo do poço. Mas foi a primeira vez que parei para pensar e me dei conta: *Ah, nossa, eu estou me afundando mesmo.*

OPAL CUNNINGHAM: Uma boa parte do descontrole no orçamento vinha da necessidade de cobrir os estragos que eles deixavam para trás. E era sempre o quarto da Daisy que gerava o maior prejuízo. O tempo todo a gente precisava pagar abajures e espelhos quebrados, roupas de cama queimadas, essas coisas. E um monte de fechaduras arrombadas. Os hotéis estão cientes do risco de algum tipo de estrago, principalmente quando recebem uma banda de rock. Mas a coisa chegou a ponto de os lugares exigirem reembolso, além de não devolverem o depósito de caução.

WARREN: Acho que foi quando a turnê chegou no sul do país que a gente percebeu que a Daisy estava... sei lá. Pirando. Estava, inclusive, esquecendo as

letras das músicas.

ROD: Antes do show em Memphis, o pessoal estava se preparando para entrar no palco, e a Daisy tinha sumido. Saí procurando por ela em todo lugar. Perguntando para todo mundo. Quando finalmente a encontrei, ela estava num banheiro dos bastidores. Tinha desmaiado num dos reservados. Estava sentada no chão, com os braços em cima da cabeça. Por um instante — uma fração de segundo —, pensei que ela estivesse morta. Dei uma sacudida nela, e ela acordou.

Eu falei: “Está na hora de ir para o palco”.

Ela respondeu: “Certo”.

E disse: “Você precisa parar de se drogar”.

E ela falou: “Ah, Rod”. Em seguida, levantou, foi até o espelho, deu uma ajeitada na maquiagem e foi para o camarim se juntar à banda, como se nada tivesse acontecido. E eu pensei: *Não quero mais ser o responsável por essa mulher.*

EDDIE: New Orleans, outono de 78. Pete veio me procurar na hora da passagem de som e falou: “Jenny quer casar”.

Eu respondi: “Beleza, então casa com ela”.

Pete falou: “É. Acho que vou mesmo”.

DAISY: Se você está muito louca o tempo todo, demora mais do que deveria para entender as coisas. Mas comecei a perceber que o Nicky nunca pagava por nada, nunca tinha dinheiro. E não parava de comprar mais pó. Eu dizia: “Estou legal. Pra mim já deu”. Mas ele sempre queria mais. Queria que eu cheirasse mais.

A gente estava no ônibus um dia de manhã, acho que em dezembro, por aí. Eu e ele lá no fundo, e o resto do pessoal na frente. Acho que a gente parou no Kansas, porque olhei pela janela e vi que era tudo plano. Não tinha relevo, nenhum sinal de civilização por perto. Quando acordei, Nicky já estava com

tudo prontinho para a gente cheirar. E o que me passou pela cabeça foi: *E se eu recusar?* Então falei: “Não quero, obrigada”.

E Nicky deu risada e disse: “Vai, qual é?”. E levou o pó para perto da minha cara, e eu cheirei.

E, quando me virei, vi que o Billy tinha entrado no nosso ônibus por alguma razão, estava conversando com o Warren ou coisa do tipo. Mas... Ele viu tudo. A gente se olhou por um instante, e eu fiquei arrasada.

BILLY: Eu fazia questão de ficar longe do ônibus branco. Nada de bom poderia acontecer para mim por lá.

GRAHAM: A turnê fez uma pausa para o Natal e o Ano-Novo.

BILLY: Foi uma alegria voltar para casa e ver minhas meninas.

CAMILA: Tinha muito mais coisa acontecendo na minha vida, e o meu casamento não se resumia ao fato do meu marido fazer parte de uma banda. Não estou dizendo que os Six não eram algo importante, porque eram, sim, claro. Mas a gente era uma família. Billy precisava deixar as coisas do trabalho do lado de fora quando entrasse pela porta de casa. E era isso que ele fazia.

Quando lembro do fim dos anos 70, até penso bastante na banda, nas músicas e... em tudo o que isso implicava. Só que penso mais na Julia, que estava aprendendo a nadar. E na primeira palavra da Susana, que foi uma coisa parecida com “Mimia”, e a gente não sabia se isso significava “mamãe”, ou “Julia” ou “Maria”. E penso na Maria, que sempre tentava puxar o cabelo do Billy. E que a gente fazia uma brincadeira com as meninas que chamava “Quem ganha a última panqueca”. Quando Billy fazia panquecas para as meninas comerem, de repente gritava: “Quem ganha a última panqueca?”. E quem levantasse a mão primeiro ganhava. Mas não importava o que acontecesse, ele sempre acabava dando um jeito de dividir a panqueca.

É desse tipo de coisa que eu lembro mais do que tudo.

BILLY: Camila e eu tínhamos comprado uma casa nova em Malibu, nas colinas. Maior do que qualquer outro lugar que eu já pensei em morar. Com uma entrada enorme para carros, e árvores para fazer sombra em todas as partes, menos no deque. Ali a vista era bem limpa. Dava até para ver o mar. Camila dizia que era “a casa que ‘Honeycomb’ construiu”.

Nas duas semanas da pausa para as festas do fim de ano, a maior parte do tempo a gente passou cuidando da mudança e da adaptação na casa nova.

Quando levamos as meninas, eu falei para a Julia: “Qual quarto você quer que seja o seu?”. Ela era a mais velha, então podia escolher primeiro. Ela arregalou os olhos e saiu em disparada pelo corredor, olhando quarto por quarto. Depois sentou no chão e começou a *refletir*. Só então ela disse: “Vou querer o do meio”.

Eu perguntei: “Certeza?”.

E ela respondeu: “Certeza”. Ela era como a mãe. Quando decidia alguma coisa, estava decidido.

ROD: Aquele Natal foi a primeira vez em muito tempo — muito tempo mesmo — em que eu não precisei trabalhar. Podia simplesmente relaxar. Não precisava salvar ninguém de uma crise, nem me certificar de que os veículos estavam abastecidos, nem nada do tipo.

Aluguei um chalé com um cara chamado Chris. A gente circulava pelos mesmos lugares e eu sempre o via quando estava na cidade. Nós passamos as festas juntos em Big Bear. A gente cozinhava, depois ia para o ofurô, ou jogava baralho. No Natal, dei uma blusa para ele e ganhei uma agenda nova. E o que pensei foi: *Eu quero ser uma pessoa normal*.

DAISY: Nicky e eu fomos passar o Natal em Roma.

EDDIE: Durante a pausa de fim de ano, Pete pediu Jenny em casamento, e ela aceitou. Fiquei bem feliz, sabe? Dei um abraço nele. Pete falou: “Preciso arrumar um jeito de contar para o pessoal. Não sei como eles vão reagir”.

Eu disse: “Do que você está falando? Se você quer casar, ninguém tem nada a ver com isso”.

Ele respondeu: “Não, eu estou caindo fora”.

Eu perguntei: “Caindo fora?”.

Ele disse: “Vou sair da banda no fim da turnê”.

A gente estava na casa dos nossos pais, na sala de TV. Eu falei: “Como assim? Vai sair da banda?”.

Ele respondeu: “Eu já falei que não queria fazer isso para sempre”.

Eu disse: “Você nunca falou isso”.

Ele falou: “Eu disse mais de mil vezes. Que nada disso importa”.

Eu perguntei: “Está me dizendo que vai desistir de tudo pela Jenny? Sério?”.

Ele respondeu: “Não pela *Jenny*. Por mim. Para eu seguir em frente com a minha vida”.

Eu falei: “O que isso quer dizer?”.

Ele disse: “Eu nunca quis fazer parte de uma banda de soft rock. Qual é? Você sabe disso. Esse trem estava passando, e eu resolvi entrar. Mas está chegando a minha hora de descer”.

DAISY: Nicky e eu brigamos feio num hotel na Itália. Ele me acusou de ter dormido com o Billy lá no Kansas. Eu não estava entendendo nada daquela conversa. Mal falei com o Billy quando a gente estava no Kansas. Mas ele insistiu que já sabia fazia tempo e estava de saco cheio de eu querer esconder. As coisas ficaram feias bem depressa. Joguei umas garrafas nele. Nicky deu um murro na janela. Lembro de ter olhado para baixo e visto lágrimas cinzentas escorrendo do meu rosto. Estavam manchadas por causa da minha maquiagem. Não lembro exatamente como aconteceu, mas um dos meus brincos de argola saiu da minha orelha. Abriu um corte bem grande. Eu estava sangrando, chorando, e o quarto estava destruído. Quando fui ver, Nicky estava me abraçando, e a gente prometendo apoiar um ao outro e nunca mais brigar. Eu lembro de ter pensado: *Se o amor for isso, acho que não quero amar.*

ROD: Marcamos a passagem de volta da Daisy para ela chegar um dia antes do show de Seattle. Queria que Daisy viesse mais cedo porque estava com medo de que ela perdesse o voo, então eu precisava de... uma margem de erro.

DAISY: No dia da viagem para Seattle, acordei com o Nicky sentado em cima de mim. Percebi que estava ensopada, deitada dentro do box do chuveiro. Estava grogue e confusa, mas nessa época sempre acordava assim. Eu perguntei: “O que aconteceu?”.

Ele falou: “Acho que você teve uma overdose. De seconal ou sei lá o quê. Não lembro de tudo que você tomou”.

Sabe o que acontece com uma pessoa que sofre uma overdose de seconal? Ela morre.

Eu disse: “E você me colocou no chuveiro?”.

Ele respondeu: “Estava tentando te acordar. Não sabia o que fazer. Você não acordava. Fiquei morrendo de medo”.

Olhei para ele e senti um aperto no coração. Porque, apesar de não saber se tinha ou não sofrido uma overdose nem lembrar da noite anterior, dava para ver que ele estava apavorado de verdade.

E só o que fez foi me colocar no chuveiro.

Meu marido pensou que eu fosse morrer. E não teve a capacidade nem de ligar para a recepção do hotel.

Foi quando uma luz se acendeu na minha cabeça. Que nem acontece com aqueles interruptores antigos... ou aqueles disjuntores velhos de quadro de força. Sabe aqueles que você precisa fazer bastante força para ligar? Mas, quando você consegue acionar, a energia vem com tudo. A minha cabeça deu esse clique. Nesse momento, eu percebi que tinha que me afastar daquela pessoa. Que precisava me cuidar. Porque caso contrário...

Ele não ia me matar, mas se dependesse dele eu ia morrer.

Eu falei: “Beleza, obrigada por cuidar de mim”. E em seguida: “Você deve estar bem cansado. Por que não dorme um pouco?”. E aí, quando ele pegou no

sono, juntei todas as minhas coisas, peguei as duas passagens de avião e fui para o aeroporto. Quando cheguei lá, liguei para o hotel de um orelhão e falei: “Quero deixar um recado para Niccolo Argento, do quarto 907”.

A moça da recepção disse: “Tudo bem”. Na verdade, deve ter dito: “*Bene*”.

Eu falei: “Anota aí: ‘Lola La Cava quer o divórcio’”.

WARREN: Quando a gente voltou da pausa de fim de ano, naquele show em Seattle... Daisy parecia, sei lá, lúcida.

Eu perguntei: “Cadê o Niccolo?”.

E a Daisy respondeu: “Essa fase da minha vida já passou”. Mais nada. Assunto encerrado. Achei isso muito foda.

SIMONE: Ela me ligou e falou que tinha largado o Niccolo na Itália, e eu comecei a bater palmas.

KAREN: As conversas com ela começaram a fazer sentido. Ela começou a aparecer mais concentrada nas passagens de som.

DAISY: Infelizmente, eu não usaria a palavra “sóbria”. Mas uma coisa é certa: comecei a chegar na hora marcada. Isso eu estava fazendo.

BILLY: Acho que só percebi o quanto Daisy estava perdida quando ela se encontrou de novo.

DAISY: Depois de largar o Nicky, voltei a me dar conta de que estava em cima do palco. Voltei a ter uma relação com a plateia. Comecei a ter um horário para dormir e para acordar. Criei uma regra para as drogas. À noite ia ser só cocaína, e eu só ia tomar seis comprimidos de dexedrina por vez, ou sei lá qual foi o número que inventei. E só ia beber champanhe e conhaque.

Quando estava no palco, eu... eu cantava com gosto. Uma coisa que não rolava fazia tempo. Passei a me preocupar com o show. Em fazer uma boa apresentação. Passei a me preocupar com...

A me preocupar com quem estava cantando comigo.

ROD: Daisy chapada é divertida, despreocupada e engraçada. Quando ela está se divertindo, você se diverte junto. Mas, para tocar o coração das pessoas de verdade, Daisy tem que cantar suas próprias músicas consciente do que está fazendo. Aí não existe nada igual.

DAISY: Eu estava bêbada na entrega do Grammy. Mas isso não fazia a menor diferença.

BILLY: Antes de anunciarem o prêmio de Gravação do Ano, em algum momento da noite, Rod me contou que Teddy não queria fazer o discurso. É meio que um prêmio feito para os produtores, mas Teddy preferia ser o cara dos bastidores, então Rod perguntou se eu queria receber o prêmio, e falei: “Tanto faz. A gente não vai ganhar mesmo”.

Ele disse: “Tudo bem se eu mandar Daisy fazer isso?”.

Eu respondi: “A gente está discutindo sobre o nada, então tanto faz”.

Enfim, ninguém consegue estar certo o tempo todo.

KAREN: Quando anunciaram que a gente tinha ganhado o prêmio de Gravação do Ano por “Turn It Off”, foi todo mundo para o palco, nós sete e Teddy. Pete estava com uma daquelas gravatinhas texanas que parecem um cadarço. Um horror. Fiquei morrendo de vergonha por ele. Eu tinha certeza de que o Billy ia receber o prêmio. Mas quem foi até o microfone foi a Daisy. Eu pensei: *Só espero que ela diga alguma coisa que faça sentido*. E foi isso que ela fez.

BILLY: Ela disse: “Obrigada a todo mundo que ouviu a música, que entendeu o que a letra significa e que cantou junto com a gente. Esse som foi feito para vocês. Para todo mundo que é fissurado em alguém ou em alguma coisa”.

CAMILA: “Para todo mundo que é fissurado em alguém ou em alguma coisa”.

DAISY: Não tinha nada por trás desse discurso além de dar voz às pessoas que estavam se sentindo desesperadas. Eu estava me sentindo desesperada em relação a um monte de coisas. Mas, de alguma forma, esse desespero me fazia me sentir eu mesma.

É engraçado. No começo, acho que a pessoa começa a se drogar para silenciar os sentimentos, para fugir deles. Mas depois de um tempo percebe que as drogas estão tornando sua vida insuportável, que na verdade estão amplificando seus sentimentos. Estão maximizando suas decepções, além da sua diversão. Então, quando você começa a pegar mais leve, vai redescobrando sua sanidade.

E, quando redescobre sua sanidade, é só questão de tempo antes de entender por que você precisava de uma válvula de escape, para começo de conversa.

BILLY: Quando a banda desceu do palco com o troféu na mão, a gente se olhou. E ela sorriu para mim. Eu pensei: *Ela está virando o jogo.*

ELAINE CHANG: Quando a Daisy recebeu o Grammy de Gravação do Ano, com os cabelos bagunçados e aquelas pulseiras até os cotovelos, toda magrinha com um vestido de alcinhas cor de creme, totalmente no controle da banda, cheia de confiança no seu talento... só de ver a Daisy naquela noite dá para entender por que ela é considerada uma das estrelas do rock mais sexy de todos os tempos.

Logo depois disso, eles gravaram aquele vídeo que ficou muito famoso, da banda tocando “Impossible Woman” no Madison Square Garden, em que Daisy parece cantar com toda a sua alma, sem medo de enfrentar as notas mais agudas. E o olhar de Billy Dunne está totalmente vidrado nela.

Tudo isso aconteceu logo depois que ela largou Niccolo Argentino. Foi quando ela tomou consciência de si mesma e assumiu o controle. Todas as revistas só falavam dela, todo mundo sabia quem Daisy era. Todo mundo da cena do rock queria ser como ela.

A Daisy Jones do primeiro semestre de 1979 é a Daisy Jones em que todo mundo pensa quando o nome dela é citado. Era de se imaginar que ela estivesse

se sentindo radiante.

* Brincadeira com o título da música em inglês, “Turn It Off”. (N. T.)

KAREN: Tem uma coisa que eu não falei.

GRAHAM: Karen tocou nesse assunto? Se ela não contou, não sou eu quem vai falar nada. Mas... Se ela resolveu contar, acho que tudo bem.

KAREN: A gente estava em Seattle, acho, quando percebi o que estava acontecendo.

EDDIE: Nunca toquei no assunto com Graham e Karen, mas eu sabia que os dois estavam dormindo juntos. Só achava estranho eles não quererem contar. Todo mundo ia ficar feliz em saber. Sei lá, talvez fosse só um lance passageiro entre os dois. Às vezes minha memória falha tanto que me pergunto se não era só minha imaginação. Mas acho que não. Acho que eu não teria por que inventar uma coisa dessas.

KAREN: Eu estava tomando banho no hotel, e Graham estava num quarto conjugado com o meu, então ele abriu a porta e entrou no chuveiro comigo. Dei um abraço nele e senti o corpo dele junto do meu. Em parte era por isso que eu gostava tanto do Graham, ele era grande e forte. Era um grandalhão peludo, e eu gostava disso. E da gentileza dele também. Mas, dessa vez, quando ele se colou em mim, meus peitos doeram. Estavam doloridos. E eu me dei conta. Na hora.

Já tinha ouvido muitas mulheres falarem que conseguiram saber que estavam grávidas sem precisar de exame nenhum. Eu achava que isso era bobagem de hippie. Mas é verdade. Pelo menos no meu caso. Eu tinha vinte e nove anos. Conhecia meu corpo. E tive certeza. Eu estava grávida. Um medo enorme se

instalou em mim. Começou pela cabeça e se espalhou pelo corpo todo. Lembro de ter me sentido aliviadíssima quando Graham ouviu Warren batendo na porta do quarto dele e saiu correndo do chuveiro.

Senti um alívio enorme por poder ficar sozinha. Por não precisar fingir que era humana naquele momento. Porque eu estava... vazia. Era como se a minha alma tivesse saído do corpo e eu fosse só uma casca. Continuei no chuveiro por sei lá quanto tempo. Fiquei lá, com a água escorrendo em cima de mim, olhando para o nada até reunir energias para sair.

GRAHAM: Sabe quando a gente às vezes percebe que tem alguma coisa errada com alguém, mas não sabe exatamente o quê? E quando a gente toca no assunto a pessoa age como se não tivesse a menor ideia do motivo da pergunta? Você fica se achando meio louco. Como se estivesse paranoico. Porque lá no fundo você sente que a pessoa que você ama não está bem. Mas parece bem. Parece estar normal.

KAREN: Fiz um teste de gravidez em Portland. E não contei para ninguém. Mas... isso significava que eu estava sozinha. Num quarto de hotel. Vendo aquele risquinho ficar cor-de-rosa ou sei lá o quê. Fiquei olhando um tempão. Aí liguei para a Camila. Eu falei: “Estou grávida”. E expliquei: “Não sei o que fazer”.

CAMILA: Eu perguntei: “Você quer ter uma família?”.

E ela falou: “Não”. Quando ela disse “não”... a palavra saiu meio embargada. Ficou presa na garganta.

KAREN: A gente ficou em silêncio no telefone. E aí Camila falou: “Ai, querida, sinto muito”.

GRAHAM: Quando a gente chegou em Vegas, finalmente falei: “Poxa, você precisa conversar comigo”.

KAREN: Fui logo dizendo sem rodeios. contei na lata. Eu falei: “Estou grávida”.

GRAHAM: Fiquei sem saber o que dizer.

KAREN: Ele ficou quieto um tempão. Só andando de um lado para o outro. Eu disse: “Não quero fazer isso. Levar isso adiante”.

GRAHAM: Percebi que ela estava um pouquinho indecisa ainda. E falei: “Vamos esperar um pouco. A gente ainda tem tempo, né?”.

KAREN: Eu disse que não ia mudar de ideia.

GRAHAM: Eu falei a coisa errada. Percebi logo depois de abrir a boca. Eu disse: “A gente pode arrumar outro tecladista, se for essa sua preocupação”.

KAREN: Eu não culpo Graham, sinceramente. Ele só estava pensando como a maioria das pessoas. Eu falei: “Você não entende o quanto dei duro para chegar até aqui? Não vou desistir do meu trabalho”.

GRAHAM: Eu não quis dizer nada, mas ela me pareceu bem egoísta. Escolher qualquer outra coisa em vez do nosso bebê.

KAREN: Ele ficava dizendo “nosso bebê”. *Nosso bebê, nosso bebê, nosso bebê.*

GRAHAM: Eu falei para ela tirar um tempinho para pensar. Só isso.

KAREN: O bebê era *nosso*, mas a responsabilidade era *minha*.

GRAHAM: As pessoas mudam de ideia sobre esse tipo de questão o tempo todo. Você pensa que não quer alguma coisa, mas aí percebe que quer, sim.

KAREN: Ele disse que eu não sabia do que estava falando e que, se não continuasse com a gravidez, ia me arrepender pelo resto da vida. Ele simplesmente se recusava a entender.

Não continuar com a gravidez não me assustava. *Continuar* com a gravidez era o que me assustava.

Meu medo era trazer uma vida indesejada para o mundo. Meu medo era passar o resto da vida achando que tinha cometido um erro. Meu medo era ser forçada a fazer uma coisa que não queria. E Graham se recusava a escutar.

GRAHAM: As coisas ficaram tensas, e eu saí furioso do quarto. A gente precisava conversar com mais calma. Não dá para se decidir sobre uma coisa dessas na base da gritaria.

KAREN: Eu não ia mudar de ideia. Sou julgada toda vez que digo isso, mas vou continuar dizendo: eu nunca quis ser mãe. Nunca quis ter filhos.

GRAHAM: Eu ficava pensando: *Ela vai mudar de ideia*. Eu achava: *A gente vai casar, ter o bebê e vai dar tudo certo*. Ela ia perceber o quanto queria ser mãe, o quanto uma família seria importante.

DAISY: Depois do Grammy, Billy e eu voltamos a conversar. Bom, na medida do possível. Nós ganhamos um prêmio por uma música que fizemos juntos, em que cantamos juntos, e isso ficou na minha cabeça.

BILLY: Ela se estabilizou. Ficou mais tranquila. Sem o Niccolo por perto era... era bem mais fácil conversar com a Daisy.

DAISY: A gente pegou um voo noturno para Nova York, para participar do *Saturday Night Live*. Rich tinha cedido o jatinho para a banda. Acho que todo mundo estava dormindo. Billy estava do outro lado do avião, mas as nossas poltronas meio que ficavam uma de frente para a outra. Eu estava com um vestidinho minúsculo, e me deu frio, então me enrolei num cobertor e percebi que o Billy estava me olhando. Ele deu risada.

BILLY: Certas pessoas nunca vão deixar de ser o que são. E você acha isso irritante, mas é exatamente do que se lembra quando deixa de conviver com elas. Quando elas saem da sua vida.

DAISY: Eu olhei para ele e dei risada também. E foi como se, por um instante pelo menos, a gente pudesse voltar a ser amigo.

ROD: Quando eles tocaram no *Saturday Night Live*, “Young Stars” tinha virado um hit também. Estava em sétimo lugar nas paradas, acho. Em algum lugar entre as dez primeiras. O disco estava vendendo tanto que a fábrica mal dava

conta de produzir as cópias. A Runner tinha decidido que “This Could Get Ugly” ia ser o próximo sucesso do álbum.

DAISY: No *SNL*, ficou decidido que a gente ia tocar “Turn It Off” primeiro e depois “This Could Get Ugly”.

KAREN: Apostei com Warren que Daisy ia aparecer para cantar sem sutiã e ganhei duzentas pratas.

WARREN: A gente estava decidindo o que vestir, e apostei cinquenta paus com Karen que Billy ia de camisa jeans e Daisy sem sutiã. Eu faturei cinquentão.

KAREN: Durante o ensaio, Daisy e Billy estavam se falando normalmente. Dava para ver que em algum momento tinha acontecido alguma coisa.

GRAHAM: A gente fez o ensaio de “Turn It Off” e foi tudo bem. E em “This Could Get Ugly” também.

BILLY: Quando a apresentação começou, a ideia era fazer tudo como tinha sido ensaiado.

DAISY: Lisa Crowne anunciou a gente: “Senhoras e senhores, Daisy Jones & The Six”, e a plateia pirou. A gente tocava em estádios enormes, com milhares de pessoas vibrando, mas aquilo foi diferente. Um número pequeno de pessoas bem na nossa frente, fazendo tanto barulho. Foi um choque de energia.

NICK HARRIS: Quando Daisy Jones & The Six tocaram “Turn It Off” no *Saturday Night Live*, era uma música que o país inteiro conhecia. Tinha ganhado o prêmio de Gravação do Ano.

Daisy estava com uma calça jeans desbotada e uma regatinha rosa de cetim. Com as pulseiras nos braços, claro, e descalça. Os cabelos de um vermelho bem vivo. Ela dançou pelo palco, cantando do fundo do coração, marcando o ritmo no

pandeiro. Parecia estar se divertindo muito. E Billy Dunne com a roupa jeans de sempre, calça e camisa. Colado ao microfone, mas sempre de olho nela, se divertindo um bocado também. Era como se os dois tivessem sido feitos para se apresentar juntos.

A banda estava tocando cada compasso com um frescor surpreendente para uma música que já tinha sido executada tantas vezes.

E Warren Rhodes era um espetáculo para qualquer um interessado em ver alguém segurar uma banda inteira na bateria. Ele parecia ligado na tomada com as baquetas na mão. Se você conseguisse tirar os olhos do Billy e da Daisy, sua atenção ia se voltar para ele mandando ver nas caixas.

E, à medida que a música prosseguia e a letra ficava mais incisiva, Billy e Daisy foram ficando vidrados um no outro. E se posicionaram no mesmo microfone, sem parar de se olhar. Aquela música emotiva e intensa sobre desejar esquecer alguém... eles pareciam estar cantando um para o outro.

BILLY: Tinha muita coisa acontecendo durante aquela apresentação. Eu precisava me preocupar com o meu ritmo, com a letra, para onde estava olhando e para a posição da câmera. E então... sei lá... De repente, vi Daisy na minha frente e esqueci de tudo que não fosse olhar para ela e cantar aquela música que a gente compôs junto.

DAISY: A música acabou, e eu meio que saí do transe, e Billy e eu olhamos para a plateia. Ele pegou minha mão, a gente agradeceu. Era a primeira vez que a gente se tocava em muito tempo. E mesmo depois de ele ter soltado, continuei sentindo aquela energia na minha mão.

GRAHAM: Daisy e Billy tinham um lance que não rolava com mais ninguém. E quando eles cantavam juntos, quando se envolviam um com o outro... Era esse o motivo de todo o frisson em torno de nós. Quando isso acontecia, a gente sentia que o talento deles compensava todo aquele drama.

WARREN: Entre uma música e outra, Billy me falou que teve uma ideia para “A Hope Like You”. Eu gostei. Disse que, se todo mundo topasse, por mim tudo bem.

EDDIE: “This Could Get Ugly” tinha saído boa no ensaio. E aí, no último minuto, Billy decidiu tocar “A Hope Like You”. Uma balada bem lenta. E queria assumir o piano no lugar da Karen. Para ficarem só ele e Daisy no palco.

BILLY: Eu quis fazer uma surpresa. Uma coisa inesperada. Pensei que podia ser... um momento memorável.

DAISY: Me pareceu muito, muito legal.

GRAHAM: Aconteceu tudo muito depressa. O combinado era a gente tocar “This Could Get Ugly”, e aí, quando a gente foi ver, Billy e Daisy resolveram voltar para o palco sozinhos para tocar outra canção.

KAREN: Eu era a tecladista. Se fosse para alguém acompanhar Daisy no piano, o mais lógico seria eu. Mas eu entendi o que ele pretendia quando assumiu o meu lugar. Entendi mesmo. Saquei na hora. Não significa que eu gostei.

ROD: Foi uma ideia brilhante. Os dois sozinhos no palco. Era perfeito para a TV.

WARREN: Eles ficaram virados um para o outro, Billy no piano, Daisy na frente dele no microfone. O resto da banda ficou vendo tudo da lateral do palco.

DAISY: Billy começou a tocar, e olhei para ele rapidinho antes de começar a cantar. E... *(pausa)* Pareceu tão óbvio. Por mais doloroso e vergonhoso que fosse, era óbvio. Sem o Nicky por perto para me distrair, sem me drogar tanto a ponto de não estar de corpo presente, o meu amor por ele pareceu mais do que óbvio.

Eu estava apaixonada por ele.

E ficar doidona, viajar para a Tailândia e casar com um príncipe não ia mudar isso. E ele ser casado com outra mulher... Isso também não ia mudar nada. Acho que eu finalmente aceitei esse fato naquele momento. Como tudo aquilo era triste.

E aí comecei a cantar.

KAREN: Sabe quando dá para ouvir o nó na garganta da pessoa? Foi assim que essa música foi cantada. E isso mexeu com todo mundo que estava presente naquele estúdio. Ela olhando para ele daquele jeito. Cantando para ele daquele jeito. Cantando: “*It doesn’t matter how hard I try/ can’t earn some things no matter why*”.* Uau, minha nossa!

BILLY: Eu amava a minha esposa. E tinha sido fiel a ela desde o momento em que me recuperei. Fazia de tudo para não sentir nada por nenhuma outra mulher. Mas... (*suspiro longo*) Tudo o que movia Daisy me movia também. Tudo o que eu amava no mundo, a Daisy também amava. As minhas fraquezas eram as mesmas da Daisy. A gente era como duas metades de um todo. Uma coisa só. De um jeito que só acontece com pouquíssima gente. De um jeito que a gente nem precisa dizer o que está pensando, porque a outra pessoa também está. Como eu poderia conviver com Daisy Jones e não ficar encantado por ela? Não me apaixonar por ela?

Eu não conseguia.

Realmente, eu não conseguia.

Mas a Camila era mais importante. Essa é a verdade mais profunda. Minha família era mais importante. Camila era mais importante para mim. Talvez, por algum tempo, a Camila não tenha sido a pessoa por quem eu mais me sentia atraído. Ou...

...

...

...

Acho que dá para dizer que a Camila não foi a minha maior paixão. Naquela época. Sei lá. Não dá para... Pode ser que ela não fosse. Mas eu sempre a amei mais. Sempre escolheria ela.

Minha escolha é a Camila. Sempre foi.

A paixão é... é fogo. E, pô, fogo é uma coisa incrível. Mas a gente é feito de água. É a água que mantém a gente vivo. É da água que a gente precisa para sobreviver. Minha família era minha água. Eu escolhi a água. E sempre vou continuar escolhendo. Eu queria que a Daisy encontrasse sua água. Porque não podia ser eu.

GRAHAM: Quando vi o Billy tocando piano e olhando para a Daisy daquele jeito, pensei: *Espero que Camila não veja isso.*

BILLY: Tenta tocar uma música como aquela com uma mulher como a Daisy sabendo que a sua esposa vai ver. Vai lá e tenta. Aí você me diz se não é fácil acabar perdendo a cabeça.

ROD: Foi eletricidade pura aquela apresentação. Os dois juntos, concentrados um no outro. Foi como se tivessem aberto o coração em rede nacional. É o tipo de coisa que não acontece o tempo todo. Quem ficou acordado até tarde naquele sábado deve ter sentido que estava vendo alguma coisa ali. Que estava testemunhando uma coisa com um significado muito forte.

KAREN: Quando a música terminou, a plateia do estúdio explodiu, e Billy e Daisy fizeram seu agradecimento final. O resto da banda entrou para agradecer com eles. E eu meio que fiquei com a sensação de que, se a gente já fazia sucesso, a partir dali ia fazer ainda mais. Foi a primeira vez que eu pensei: *Sério mesmo que a gente vai ser a maior banda do mundo?*

WARREN: Depois a gente saiu para a farra com o elenco e o resto do pessoal. Lisa Crowne tinha apresentado o programa, e eu pensei: *Se eu só me preocupar em*

ser legal com ela, em levar as coisas numa boa, talvez ela fique a fim de mim. E foi isso o que fiz. E foi isso o que rolou.

GRAHAM: Quando olhei para o lado no meio da madrugada e vi Warren abraçado com Lisa Crowne, eu pensei: *Caralho, a gente deve estar famoso mesmo.* Tipo, só podia ser, para Warren ter alguma chance com Lisa Crowne.

EDDIE: Pete e eu saímos com a banda do *SNL*, e a coisa chegou a ponto de eu não sentir mais meu nariz e do Pete vomitar dentro de uma tuba.

WARREN: Quando fui embora com a Lisa, não vi nem sinal da Daisy por perto.

GRAHAM: Em algum momento, todo mundo perdeu a Daisy de vista.

BILLY: Por educação, eu fui para o bar com o pessoal. Mas não podia ficar muito tempo. Uma festa da equipe do *SNL* não é lugar para quem quer se manter sóbrio.

Quando voltei para o hotel, ela [Camila] me ligou, e a gente ficou conversando um pouco, mas não tinha muito o que falar. Ela tinha visto o programa, e acho que não estava se sentindo muito bem a respeito. A gente meio que fez de tudo para não tocar no assunto por um tempão. Quando ela disse que ia dormir, eu falei “Tá bem”, e em seguida disse: “Eu te amo. Você é minha ‘Aurora’”. E ela falou que me amava também e desligou.

CAMILA: Não importa quem você escolher para compartilhar sua vida, vai acabar se magoando. Isso está na essência de gostar de alguém. Não importa quem você ama, em algum momento vão partir seu coração. Billy Dunne me deixou de coração partido um monte de vezes. E eu fiz o mesmo com ele. Mas, sim, naquela noite, vendo os dois no *SNL*... foi um desses muitos momentos de cortar o coração.

Mas eu continuei insistindo na confiança e na esperança. Porque acreditava que ele merecia.

DAISY: Eu estava sentada perto do Rod com o pessoal do *SNL*, e umas meninas foram no banheiro cheirar uma carreira, e eu estava morrendo de tédio. Estava muito entediada mesmo. Com a minha vida. Com a anfetamina e o pó, com aquele ciclo todo. Era como ver o mesmo filme pela centésima vez. Você já sabe quando o vilão vai aparecer e o que o herói vai fazer. Era uma coisa tão tediosa que me dava vontade até de morrer. Queria uma experiência real para variar. Qualquer coisa que fosse real. Então levantei, peguei um táxi para o hotel e fui até o quarto do Billy.

BILLY: Ouvi uma batida na porta. Bem na hora em que estava pegando no sono. No começo, deixei baterem. Achei que fosse Graham e que o assunto pudesse ficar para o dia seguinte.

DAISY: Eu continuei batendo. Sabia que ele estava lá.

BILLY: No fim, resolvi levantar da cama, e estava só de cueca. Eu abri e fui logo perguntando: “O que foi?”. Aí quando fui ver era Daisy.

DAISY: Eu só precisava falar o que estava sentindo. Simplesmente tinha que pôr para fora. Se não fosse naquela hora, não seria nunca mais. Eu não ia conseguir continuar vivendo daquele jeito.

BILLY: Fiquei sinceramente chocado. Não conseguia acreditar.

DAISY: Eu falei: “Quero parar de usar drogas”.

Billy imediatamente me puxou para dentro do quarto. Ele me fez sentar e perguntou: “Tem certeza?”.

E eu disse: “Sim”.

E ele falou: “Vamos mandar você para a clínica de reabilitação agora mesmo”.

Ele pegou o telefone e começou a discar, mas eu levantei, desliguei e falei: “É que... conversa um pouco comigo. E me ajuda... me ajuda a entender o que eu

estou fazendo”.

BILLY: Eu não sabia como ajudar ninguém. Mas queria. Queria ajudar alguém como Teddy tinha me ajudado. Eu devia muita coisa a ele, me sentia muito grato. Por ter me internado naquele momento. E queria poder fazer isso por alguém. Por ela. Queria Daisy saudável e sem correr perigo o tempo todo. Queria isso para ela... Eu... é, eu queria muito isso para ela.

DAISY: Billy e eu conversamos sobre o tratamento de reabilitação, o que isso significava, e ele me contou um pouco como ia ser. Parecia assustador. Comecei a me perguntar se era aquilo mesmo que eu queria. Se estava pronta para encarar aquela situação. Mas continuei acreditando em mim, achando que ia conseguir. Num determinado momento, Billy me perguntou se eu estava sóbria. *Se eu estava sóbria naquele momento?*

Tinha bebido uma coisa ou outra no bar e tomado uns comprimidos de dexedrina durante o dia. Não sabia muito bem como era estar sóbria. O efeito de tudo já tinha passado? Eu, por acaso, sabia como era estar completamente limpa?

Billy abriu o frigobar para pegar um refrigerante, e tinha um monte de garrafinhas de tequila e vodca lá dentro, e eu olhei para tudo aquilo. E o Billy também. Aí ele pegou tudo, foi até a janela e jogou as garrafinhas longe. Deu para ouvir o barulho de algumas se espatifando num telhado lá embaixo. Eu perguntei: “O que você está fazendo?”.

Billy respondeu: “Rock ‘n’ roll é isso”.

BILLY: Num determinado momento, começamos a conversar sobre o álbum.

DAISY: Eu perguntei para ele uma coisa que vinha me atormentando fazia uns meses. Eu falei: “Você tem medo de que a gente nunca mais consiga fazer um disco tão bom?”.

BILLY: Eu respondi: “Porra, eu me preocupo com isso todos os dias”.

DAISY: Durante toda a minha vida, eu queria que as pessoas reconhecessem meu talento como compositora, e *Aurora* me trouxe isso, esse reconhecimento. Mas imediatamente comecei a me sentir uma impostora.

BILLY: Quanto mais o álbum vendia, mais eu ficava preocupado, pensando em como ia ser o próximo. Tinha começado a escrever umas letras no meu caderno no ônibus, mas acabei rasgando e jogando fora porque não estavam... Eu não sabia mais dizer se aquilo era bom. Não sabia se estava só mostrando como eu era uma fraude.

DAISY: Ele era o único que conseguia compreender uma pressão desse nível.

BILLY: Quando amanheceu, eu toquei no assunto do tratamento de reabilitação de novo.

DAISY: O que eu pensei foi: *Faz isso por um tempo. Não precisa parar para sempre.* Esse era meu plano. Ir para a clínica sem pensar em parar de usar para sempre. Vou dizer uma coisa, se um amigo mentisse para mim do jeito que eu mentia para mim mesma, eu ia dizer: “Que amigo de merda você é”.

BILLY: Peguei o telefone para ligar para o serviço de informações e conseguir o número da clínica onde eu tinha ficado. Mas quando tirei o fone do gancho, não ouvi o sinal de linha disponível. Tinha alguém do outro lado dizendo: “Alô?”.

Eu respondi: “Alô?”.

Era da recepção. O cara falou: “Tem uma ligação de Artie Snyder para você”.

Eu falei que ele podia transferir, mas fiquei pensando: *Por que meu engenheiro de som está me ligando assim tão cedo?* Eu disse: “Artie, que diabos...?”.

DAISY: Teddy tinha sofrido um ataque cardíaco.

WARREN: Um monte de gente sobrevive a ataques cardíacos. Então quando fiquei sabendo pensei... Não achava que significasse necessariamente que ele tinha morrido.

BILLY: Ele estava morto.

GRAHAM: Teddy Price não é o tipo de cara que você acha que vai morrer de infarto. Quer dizer, ele comia até se empanturrar, bebia bastante e não se cuidava muito, mas... Ele parecia... poderoso demais, sei lá. Como se pudesse simplesmente mandar um infarto à merda e a coisa fosse ficar por isso mesmo.

BILLY: Fiquei sem ar. E a primeira coisa que passou pela minha cabeça quando pus o telefone no gancho foi: *Por que eu joguei a bebida pela janela?*

* “Não importa o quanto eu tente/ certas coisas eu não posso ter de jeito nenhum.” (N. T.)

ROD: Embarquei todo mundo para LA para ir ao enterro.

WARREN: Todo mundo ficou arrasado pela perda do Teddy. Mas, nossa, ver Yasmine, a namorada dele, se desmanchar de chorar em cima do caixão... Me dei conta de que tem pouquíssimas coisas na vida que importam de verdade. Mas o que Yasmine sentia pelo Teddy... aquilo era importante.

GRAHAM: Teddy significava muita coisa para muita gente. Nunca vou esquecer do enterro, do Billy segurando a mão da Yasmine, tentando oferecer algum consolo. Porque eu sabia que ele não estava nada bem.

Todo homem precisa de alguém em quem se espelhar. Bem ou mal, eu tinha Billy. E Billy tinha Teddy. E Teddy não estaria mais lá para isso.

BILLY: As coisas meio que entraram em órbita para mim. Eu não estava entendendo mais nada. Não dava para assimilar aquilo. Teddy não estava mais lá. Teddy estava... morto. Acho que morri por dentro por um tempo. Sei que parece exagero. Mas a sensação foi essa. Como se meu coração tivesse petrificado. Ou... sabe como é aquele lance de congelamento criogênico? Tipo, as pessoas são congeladas para serem ressuscitadas algum dia? Foi isso que aconteceu com a minha alma. Ficou congelada.

Não dava para encarar a realidade. Pelo menos não estando sóbrio. Não sem uma bebida ou um... Eu meio que me desliguei. Me desliguei da minha própria vida. Não tinha outro jeito de lidar com aquilo a não ser morrendo por dentro.

Porque se tentasse continuar vivo, se tentasse *viver* aquele período, eu poderia acabar morrendo de verdade.

DAISY: Quando Teddy morreu, foi tudo por água abaixo. Concluí que não fazia sentido nenhum tentar ficar sóbria. Inventei uma justificativa para mim mesma. Sabe como é: *Se o universo quisesse que eu parasse com as drogas, não teria matado Teddy*. É a coisa mais fácil do mundo cair nesse tipo de desculpinha. Se você for narcisista a ponto de achar que o universo está conspirando contra você — o que no fundo todo mundo é —, vai conseguir se convencer de que tudo o que acontece é um sinal disso ou daquilo.

WARREN: Passei umas três semanas no meu barco. Fumando charutos, enchendo a cara, mal trocando de roupa. Lisa e eu continuamos em contato depois da apresentação do *SNL*. Ela foi me visitar. E perguntou: “Você mora num barco?”.

Eu falei: “É”.

Ela disse: “Você é um homem adulto. Arruma uma casa de verdade”. Ela estava certa.

EDDIE: Eu achava que a melhor coisa a fazer era voltar para a estrada. A gente tinha perdido um primo num acidente de carro uns dez anos antes, e o meu pai falou: “Vai trabalhar para espantar a dor”. E é isso que eu faço desde essa época. Pensei que isso pudesse fazer o Pete decidir continuar na banda. Mas, no máximo, serviu para ele querer sair o quanto antes.

BILLY: Uma vez, Camila me pediu para lavar a privada, e eu fui lá, comecei a esfregar e não parei mais. Aí ela apareceu e perguntou: “O que você está fazendo?”.

Eu disse: “Estou lavando a privada”.

Ela respondeu: “Você está lavando essa privada há quarenta e cinco minutos”.

Eu falei: “Ah”.

CAMILA: Eu disse para ele: “Você precisa voltar para a estrada, Billy. A gente vai com você. Mas você precisa retomar a turnê. Ficar em casa só pensando em tudo... Isso está acabando com você”.

ROD: Em algum momento, o show tinha que continuar.

GRAHAM: A gente acha que uma tragédia significa o fim do mundo, mas aí acaba percebendo que o mundo nunca acaba. Simplesmente não acaba. Não vai acabar.

E eu ficava pensando que, para mim e para Karen, sabe como é: *A vida está só começando.*

KAREN: Fiquei me sentindo muito grata ao Rod por ter colocado a gente de volta na estrada. Por ele não ter deixado a peteca cair.

BILLY: Fiz o que a Camila falou. Voltei para a turnê. O primeiro show foi em Indianapolis. Fui de avião me juntar à banda. E combinei de encontrar a Camila e as meninas no show seguinte.

Indianapolis foi... foi dureza. Fiz o check-in no hotel, encontrei o Graham, encontrei a Karen, e aí na passagem de som encontrei a Daisy. Ela estava usando um macacão. Parecia estar se acabando. Dava para ver. Os olhos afundados, os braços bem finos. Foi difícil olhar para ela.

Eu tinha falhado com a Daisy. Ela me pediu ajuda para largar as drogas. E, quando Teddy morreu, acabei deixando a Daisy na mão.

DAISY: Na primeira noite de volta da turnê, acho que foi em Ohio, fiquei morrendo de vergonha de olhar na cara do Billy. Porque eu tinha falado para ele que queria parar de usar drogas. E tinha feito o contrário. Comecei a abusar ainda mais.

KAREN: Conteí para o Graham que tinha decidido abortar. E ele me falou que eu estava louca. Eu disse que não estava louca coisa nenhuma. Aí ele me pediu para não fazer aquilo.

Eu perguntei: “Você vai sair da banda para criar esse bebê?”. E ele não respondeu. E isso encerrou a conversa.

GRAHAM: Pensei que isso ainda estivesse em discussão.

KAREN: Ele sabia. Graham sabia o que eu ia fazer. Fingir que não sabia só deixava ele com menos peso na consciência. Ele podia se dar a esse luxo.

BILLY: Camila e as meninas foram se encontrar com a gente em Dayton. Fui buscar as três no aeroporto e, enquanto estava lá esperando, vi um cara pedir uma tequila com gelo no bar. Ouvi o som das pedrinhas batendo no vidro. Vi a bebida sendo despejada no copo. O alto-falante anunciou que o avião delas ainda estava manobrando na pista, e eu lá, no portão de desembarque.

Apesar de dizer para mim mesmo que não ia beber, fui até o balcão do bar e sentei no banquinho. O barman perguntou: “O que vai ser?”. Fiquei só olhando para ele. E ele repetiu a pergunta. Aí ouvi: “Papai!”. Eu me virei, e a minha família estava lá.

Camila perguntou: “O que está acontecendo?”.

Fiquei de pé, sorri para ela e, nesse exato momento, tudo voltou a ficar sob controle. Eu disse: “Nada. Eu estou bem”.

Ela me olhou meio torto, e eu falei: “Juro para você”. Peguei as três meninas num abraço de urso e comecei a me sentir bem. Eu estava bem mesmo.

CAMILA: Para ser sincera, foi nesse momento que questioneei minha própria fé. Dando de cara com ele sentado num bar. O sinal vermelho se acendeu.

Comecei a me perguntar se Billy não acabaria fazendo alguma coisa que eu não seria capaz de perdoar.

KAREN: Camila continuou com a gente depois disso. Durante todo o resto da turnê. Viajando de avião de um lado para o outro, às vezes com as três meninas. Mas Julia sempre estava lá. Ela tinha uns cinco anos nessa época, eu acho.

DAISY: Toda noite passou a ser uma tortura. Uma coisa era cantar com o Billy quando eu estava casada, quando não sabia como me sentia, quando podia me esconder atrás de mentiras. A negação é meio que um cobertor velho que eu adorava usar para me esconder, fugir de tudo e dormir. Mas depois que larguei o Nicky e que cantei aquela música com o Billy ao vivo na TV, depois que falei que queria parar com as drogas... Eu tinha arrancado meu cobertor de cima de mim. E não tinha como pôr de volta. Aquilo estava acabando comigo. A vulnerabilidade, os sentimentos expostos. Subir no palco estava acabando comigo. Cantar com ele.

Quando a banda tocava “Young Stars”, eu rezava para Billy olhar para mim e reconhecer que a gente estava cantando um para o outro. E, quando chegava a hora de “Please”, eu implorava para ele prestar atenção em mim. E estava tendo dificuldade para cantar “Regret Me” com raiva, porque na maior parte do tempo eu não estava com raiva. Não mais. Estava triste. Muito triste.

E todo mundo queria ver “A Hope Like You” na versão do *SNL*, então a gente tentava. E isso me destruía um pouco mais por dentro a cada noite.

Sentar perto dele, sentindo aquele cheiro de loção pós-barba. Ver aquelas mãos enormes tocando piano na minha frente, cantar do fundo do meu coração que queria que o meu amor fosse correspondido...

Eu passava horas por dia depois de sair do palco tentando curar minhas feridas... para depois abrir tudo de novo à noite.

SIMONE: Eu recebia telefonemas da Daisy dia e noite nessa época. Eu dizia: “Me deixa ir buscar você”. E ela se recusava. Pensei em tentar uma internação forçada numa clínica de reabilitação. Mas não dá para fazer isso. É impossível controlar alguém dessa maneira. Por mais que você ame a pessoa, seu amor não vai deixar ninguém saudável e seu ódio também não. E, não importa o quanto você esteja *certa*, isso não vai fazer ninguém mudar de ideia.

Eu ensaiava discursos e intervenções, pensava em viajar até onde a banda estava e arrancar a Daisy do palco — como se, dizendo as palavras certas, ela

pudesse se convencer a ficar sóbria. Você fica louca, tentando arrumar uma combinação mágica de palavras capaz de ativar a sanidade da outra pessoa. E, quando não dá certo, você pensa: *Eu não fiz tudo o que era possível. Não deixei as coisas claras como deveria.*

Mas, em algum momento, é preciso reconhecer que não dá para controlar o que os outros fazem, e que dar um passo e se preparar para amparar a pessoa quando ela cair é o máximo que você pode fazer. É como se jogar no mar. Ou melhor, não exatamente. É como jogar alguém que você ama no mar e torcer para a pessoa saber nadar, porque sabe que tem um risco grande dela se afogar bem na sua frente.

DAISY: Eu tinha lutado por aquela vida com todas as minhas forças. Queria muito me expressar, ser ouvida e oferecer algum consolo para as pessoas com as minhas palavras. Mas, no fim, virou um inferno inventado por mim mesma, uma jaula que construí com minhas próprias mãos e acabei trancada lá dentro. Detestei ter colocado meu coração e meu sofrimento nas minhas músicas, porque isso significava que eu nunca mais ia poder deixar tudo aquilo para trás. E eu ainda tinha que cantar com ele, noite após noite, e não tinha mais como esconder como me sentia, nem o efeito que causava em mim ficar perto dele.

Isso tornava o show uma atração e tanto. Mas também era a minha *vida*.

BILLY: Todas as noites, depois que o show terminava e as meninas iam dormir, eu e a Camila sentávamos na varanda do hotel para conversar. Ela dizia que estava estressada com as meninas. Falava que precisava muito de mim, que eu continuasse sóbrio. E eu dizia que estava tentando com todas as forças. Contava que tinha muito medo do que o futuro me reservava. A Runner já estava falando em gravar um disco novo. Eu tinha esse peso sobre mim.

Num determinado momento, a Camila falou: “Você acha mesmo que não consegue fazer outro disco bom sem o Teddy?”.

E eu respondi: “Eu nunca fiz disco nenhum sem o Teddy, ponto-final”.

WARREN: A gente estava no ônibus, indo para Chicago, e o Eddie parecia chateado com alguma coisa. Eu disse: “Se estiver a fim de falar, vamos conversar”. Odeio quando as pessoas obrigam a gente a perguntar para elas o que está acontecendo.

Ele falou: “Ainda não contei para ninguém, mas...” Pete ia sair da banda.

EDDIE: Pete não queria saber de ouvir a voz da razão. Warren achava que eu tinha que falar com o Billy, que o Billy ia fazer com que ele mudasse de ideia. Como se o Pete fosse ouvir o Billy num assunto em que não queria escutar nem a minha opinião. Ele era meu irmão.

WARREN: Graham acabou escutando nossa conversa.

EDDIE: Aí o Graham entrou no papo, o que foi uma bela merda, porque naqueles tempos ele já andava todo estranho com sabe-se lá o quê. Enfim, ele insistiu que a gente tinha que falar com o Billy. E mais uma vez eu falei que não adiantava envolver o Billy na história, porque o Pete não estava ouvindo nem a minha opinião, saca? Mas o Graham não deu bola, então, quando a gente parou para jantar, já perto de Chicago, o Billy veio falar comigo. Ele disse: “O que está acontecendo? Tem alguma coisa que a gente precisa conversar?”.

Eu estava indo no banheiro, cuidando da minha própria vida. E respondi: “Não é nada, não, cara. Não esquenta”.

Billy falou: “Estamos falando da minha banda. Eu preciso saber o que acontece na minha própria banda”.

Aquilo me irritou. Eu respondi: “A banda é de todo mundo”.

Billy disse: “Você entende o que eu quero dizer”.

E eu respondi: “Pois é, todo mundo entende o que você quer dizer com isso”.

KAREN: A gente parou numa cidade perto de Chicago. Para dormir num hotel. Camila tinha ligado com antecedência para a clínica. Ela foi comigo, sentou do

meu lado. Eu estava sacudindo a perna sem parar, e ela pôs a mão no meu joelho para me fazer parar. Eu perguntei: “Será que estou cometendo um erro?”.

E ela disse: “Você acha que está?”.

E eu respondi: “Não sei”.

E ela falou: “Acho que sabe, sim”.

Fiquei pensando nisso que ela falou.

E depois eu disse: “Sei que não estou cometendo um erro”.

E ela falou: “Pois então”.

E eu respondi: “Acho que estou fingindo estar angustiada para não constranger as pessoas”.

Ela disse: “Eu não estou constrangida. Não precisa fingir nada por minha causa”. Então parei com aquilo.

Quando chamaram meu nome, ela segurou minha mão e não soltou mais. Não pedi para ninguém entrar no consultório comigo, nem pensei que a Camila fosse querer, mas ela simplesmente foi andando junto comigo — não saiu do meu lado. E eu lembro de ter pensado: *Ah, acho que ela vai me acompanhar nessa*. Eu deitei na maca. O médico explicou como o procedimento ia ser feito. Depois ele saiu um pouco. Ficou só uma enfermeira no consultório. Quando olhei para a Camila, parecia que ela ia chorar. Eu perguntei: “Você está triste?”.

E ela respondeu: “Uma parte de mim queria que você tivesse filhos, porque as minhas filhas me dão muita alegria. Mas... para ser feliz como eu, você precisa de outras coisas. E são essas coisas que eu quero para você, seja o que for”. E, então, eu comecei a chorar. Por ter alguém que me entendia.

Mais tarde, a gente voltou para o hotel, ela falou para o pessoal que eu não estava passando bem, e eu fui deitar. E... não foi um dia bom. Foi péssimo. Mesmo sabendo que tinha feito a coisa certa, eu não estava nada feliz. Mas pedi comida no serviço de quarto e, deitada naquela cama de hotel, eu sabia que não tinha criança nenhuma dentro de mim. E que a Camila estava lá com as meninas dela. E isso... isso me deixou feliz. Esse tantinho de ordem no meio do caos.

CAMILA: Não cabe a mim contar o que aconteceu naquele dia. Só posso dizer que é preciso ficar ao lado dos amigos mesmo nos piores momentos. E segurar a mão deles nas horas mais dolorosas. Sua vida se define por quem segura sua mão. Ou pela mão de quem você decide segurar.

GRAHAM: Eu não sabia o que tinha rolado.

KAREN: Quando a gente estava saindo do hotel para ir fazer o show em Chicago... vi Graham esperando o elevador sozinho e pensei em descer de escada. Mas não fiz isso. Peguei o elevador com ele. Só nós dois. Quando começamos a descer, ele falou: “Está tudo bem? A Camila disse que você estava passando mal”.

E eu respondi: “Não estou mais grávida”.

Ele virou para mim e me olhou com uma cara de quem diz: *Nunca pensei que você fosse fazer isso comigo*. A porta do elevador abriu, e ninguém se mexeu. Nenhum de nós disse nada. A porta fechou. E a gente subiu de novo. E depois desceu de novo. Quando o elevador estava chegando no saguão, Graham apertou o botão do segundo andar. E desceu lá.

GRAHAM: Fiquei andando de um lado para o outro no corredor daquele hotel, sem parar, várias vezes. No fim do corredor tinha uma janela, e eu apoiei a cabeça no vidro. A testa. Olhei para as pessoas lá embaixo. Eu só estava uns poucos andares mais acima. Fiquei vendo aquelas pessoas cuidando da própria vida e senti inveja de cada uma delas. Por não serem eu naquele momento. Queria poder trocar de lugar com qualquer um daqueles homens lá embaixo.

Quando desencostei a testa do vidro, tinha uma mancha enorme no meio da janela. Tentei limpar, mas só deixei a janela toda embaçada. Lembro de estar olhando para aquela janela embaçada, tentando limpar, mas nada parecia ajudar. Eu fiquei esfregando, esfregando e esfregando. Até que o Rod me achou, sei lá como.

Ele disse: “Graham, o que você está fazendo? A gente precisa estar em Chicago daqui a pouco. O ônibus vai acabar indo embora sem você, cara”.

E, de alguma forma, eu consegui colocar os pés um na frente do outro e ir com ele para o ônibus.

Chicago Stadium
(12 de julho de 1979)

ROD: No começo foi como qualquer outro show, na verdade. Estava tudo bem ensaiadinho. As luzes se acenderam, a banda entrou no palco. Graham tocou a introdução de “This Could Get Ugly”, e a plateia começou a gritar.

BILLY: Camila estava na lateral do palco. Ela deixou a Julia ficar acordada até mais tarde. As gêmeas estavam no hotel com a babá. Lembro de olhar para lá e ver a Camila atrás das cortinas, com nossa filha no colo. O cabelo da Camila ia praticamente até a cintura na época. Normalmente era castanho, mas naquele verão tinha clareado um pouco por causa do sol, estava mais dourado. As duas — Camila e Julia — estavam usando protetores de ouvidos. Tinha aquelas coisas alaranjadas pontudas saindo das laterais da cabeça delas. Eu sorri, e Camila sorriu de volta. O sorriso dela era lindo. Com os dentes da frente quadradinhos. Não é engraçado? Os de todo mundo são meio arredondados. Os dela eram meio quadradinhos. E isso tornava o sorriso dela perfeito. Uma linha reta. O sorriso dela sempre me tranquilizava.

E naquela noite, em Chicago, quando ela sorriu para mim da lateral do palco... por um breve momento pensei: *Vai ficar tudo bem.*

DAISY: Aquilo acabou comigo. Ele olhando para ela. Não conheço coisas piores para despertar o egoísmo da gente do que um vício em drogas e uma desilusão amorosa. Eu era uma pessoa que só pensava em mim mesma. Tinha um coração egoísta. Não estava aí para nada, a não ser o meu próprio sofrimento. As minhas próprias necessidades. A minha própria dor. E magoaria qualquer um se isso significasse aliviar um pouco da minha mágoa. Eu era doente a esse ponto.

BILLY: A gente tocou tudo. Da mesma forma de sempre. “Young Stars”, “Chasing the Night” e “Turn It Off”. Mas não estava legal. Parecia... parecia que as coisas estavam saindo dos trilhos.

WARREN: Karen e Graham pareciam estar meio putos um com o outro. Pete parecia distante. Eddie só reclamava do Billy — mas isso lá era novidade?

DAISY: Alguém da plateia estava segurando um cartaz escrito “Honeycomb”.

BILLY: As pessoas viviam pedindo para ouvir “Honeycomb” naquela turnê. E eu geralmente ignorava. Não queria cantar. Mas sabia que Daisy gostava daquela música, que tinha orgulho dela. E não sei o que me deu, mas... falei no microfone: “Vocês querem ouvir ‘Honeycomb’?”.

GRAHAM: Eu parecia um sonâmbulo naquele show. Estava lá no palco, mas era como se não estivesse.

KAREN: Eu só queria que tudo terminasse logo para poder voltar para o hotel. Queria um pouco de sossego. Não queria... Eu não queria estar naquele palco com Graham me olhando, sentindo que estava sendo julgada.

WARREN: Quando Billy falou “Honeycomb”, o estádio inteiro vibrou.

EDDIE: A gente tinha que tocar o que Billy quisesse, né? Ninguém precisava avisar o resto da banda que a gente ia ter que tocar uma música que a gente não ensaiava fazia um ano.

DAISY: O que a gente diz para uma plateia inteira vibrando? Vai negar o que as pessoas querem? Claro que não.

BILLY: Daisy falou: “Beleza, vamos lá”. Fui até o microfone dela e, assim que cheguei lá, me arrependi. Dava para ver que ela não me queria tão perto. Só que não tinha mais como voltar atrás. Eu precisava fingir que estava tudo bem.

DAISY: Ele tinha cheiro de pinho e almíscar. O cabelo estava meio comprido, preso atrás das orelhas. Os olhos estavam bem límpidos, mais verdes do que nunca.

Dizem que é difícil ficar longe da pessoa amada, mas ficar tão perto também não é fácil, não.

BILLY: Às vezes, é difícil dizer o que eu sabia em determinada época. É... as coisas se misturam na memória. Não dá para distinguir tudo certinho. Quando cada acontecimento rolou e por que fiz o que fiz em cada momento. Saber o desfecho contamina tudo. Mas lembro muito bem que a Daisy estava com um vestido branco. E o cabelo preso num rabo de cavalo. E com os brincos de argola nas orelhas. E com as pulseiras. Quando olhei para ela, antes de começar a cantar, eu acho — acho mesmo — que pensei que Daisy era a mulher mais linda que já tinha visto na vida. A gente dá mais valor para as coisas... Quer dizer... A gente dá mais valor para as pessoas quando elas vão embora, né? E acho que eu sentia que ela estava indo embora. Acho que sabia que ela estava de partida. Não sei como eu sabia. Mas parecia que sabia. Provavelmente não sabia. Era só uma sensação.

Enfim, o que estou querendo dizer é que, quando começamos a tocar “Honeycomb”, eu sabia que estava perdendo Daisy, ou talvez não. E sabia que estava apaixonado por ela, ou talvez não. E valorizava tudo o que ela significava para mim naquele momento... ou talvez não.

DAISY: Eu olhei para ele quando comecei a cantar. E ele me olhou. E sabe de uma coisa? Por três minutos, esqueci que a gente estava se apresentando para vinte mil pessoas. Esqueci que a família dele estava lá. Esqueci que era vocalista de uma banda. Simplesmente existi. Por três minutos. Cantando para o homem que eu amava.

BILLY: A música certa, na hora certa, com a pessoa certa...

DAISY: E, um pouco antes de acabar a música, olhei para a lateral do palco e a Camila estava lá.

BILLY: E eu... (*pausa*) Nossa, eu estava fraquejando.

DAISY: E eu sabia que ele não era meu.

Era dela.

E então eu... Eu simplesmente aceitei. Cantei a música como Billy tinha escrito lá no começo. Sem as interrogações.

“The life we want will wait for us/ we will live to see the lights coming off the bay/ and you will hold me, you will hold me, you will hold me/ until that day.”
Foram os versos mais difíceis que precisei cantar na vida.

BILLY: Quando eu ouvi a Daisy cantando os versos do jeito como eu tinha escrito, sobre o meu futuro com a Camila... Meu coração estava cheio de dúvidas. Eu estava duvidando demais que fosse conseguir continuar no bom caminho que estava trilhando. E... (*suspiro*) Aqueles versos. Aquele pequeno gesto. Por um momento, Daisy não duvidou que eu fosse conseguir. Cantou como se tivesse certeza de que eu não ia fracassar. Daisy fez isso. *Daisy*. Só percebi o quanto precisava disso quando aconteceu. E fiquei me sentindo melhor, mas foi doloroso também.

Porque se eu fosse o homem que queria ser — se pudesse dar a Camila o que tinha prometido —, então... tinha uma perda incluída nisso também.

DAISY: Me apaixonei pelo cara errado que na verdade era o cara certo. E tomei um monte de decisões que só pioravam as coisas, e nunca alguma que melhorasse a situação. E, no fim, aquilo se tornou mais do que eu podia suportar.

BILLY: Quando a gente saiu do palco, virei para Daisy e fiquei sem palavras. Ela sorriu, mas foi um daqueles sorrisos que não convencem ninguém. E aí ela foi embora. E fiquei com o coração apertado.

Nesse momento, ficou perfeitamente claro para mim que eu estava me agarrando a uma *possibilidade*. Uma possibilidade com Daisy.

E estava com muita dificuldade de aceitar a ideia de abrir mão daquilo. De dizer: “Nunca vai acontecer”.

DAISY: Olhei para Billy Dunne quando estava indo embora e sabia que não podia nem tentar dizer alguma coisa para ele. Não podia ficar perto dele. Então, fiz um aceno para me despedir e fui embora.

KAREN: Quando a gente saiu do palco, dei um esbarrão sem querer no Graham e pedi desculpa, e ele respondeu: “É, você tem mesmo um milhão de coisas para se desculpar comigo”.

GRAHAM: Eu estava com raiva.

KAREN: Para Graham, só o sofrimento dele importava.

GRAHAM: Comecei a gritar com ela. E sei que peguei pesado nas ofensas.

KAREN: Ele não precisou passar pelo que eu passei. Eu sabia que ele estava sofrendo. Mas que direito ele tinha? De gritar comigo?

WARREN: Cheguei no camarim, e Karen e Graham estavam gritando um com o outro.

EDDIE: Segurei a mão da Karen para ela não dar na cara do Graham.

ROD: Levei a Karen para uma sala fechada lá nos bastidores. Alguém tirou o Graham de perto. Deixamos os dois separados.

GRAHAM: Fui atrás do Billy. Para falar com ele. Precisava conversar com alguém. Quando a gente se encontrou no saguão do hotel, falei: “Cara, estou precisando da sua ajuda”. E ele me ignorou. Disse que estava sem tempo.

BILLY: Camila e Julia tinham subido para o quarto, e eu fiquei lá embaixo. No saguão. Não sabia muito bem o que fazer. Minha cabeça estava a mil. E então, quando fui me dar conta, eu estava... (*suspiro*) Eu estava a caminho do bar do hotel. Sabia muito bem o que estava fazendo enquanto andava até o balcão para pedir uma tequila. Era isso que eu estava fazendo. Estava indo até o bar pedir uma bebida quando o Graham me encontrou.

GRAHAM: Ele me dispensou. Eu falei: “É importante. Só desta vez, por favor. Preciso falar com você”.

BILLY: Eu não conseguia me concentrar em mais nada além daquilo que estava fazendo. Além da voz na minha cabeça me mandando pedir uma tequila. E era isso o que eu ia fazer. Não estava em condições de ajudar ninguém. De fazer nada por ninguém.

GRAHAM: Eu estava lá naquele saguão de hotel e sei que estava na cara que estava sofrendo. Estava quase chorando. Eu não sou de chorar. Acho que chorei no máximo duas vezes na vida. Uma vez quando minha mãe morreu, em 94, e a outra... Enfim, a questão aqui é o meu irmão. Eu estava precisando dele.

BILLY: Ele me agarrou pela camisa e falou: “Putá que pariu, depois de tudo o que eu fiz por você a vida toda, você não tem dois minutos para conversar comigo?”. Eu afastei a mão do Graham, me desvencilhei dele e falei para ele cair fora. E foi isso que ele fez.

GRAHAM: Não é legal passar tanto tempo com seu irmão. Simplesmente não é. Não é legal dormir com alguém da sua banda, nem transformar seu irmão num colega de trabalho. Tem um monte de coisa que, se eu pudesse voltar no tempo, ia querer fazer diferente.

KAREN: Voltei para o hotel, bati a porta do quarto com toda a força, sentei na cama e chorei.

WARREN: Eddie, Pete, Rod e eu fumamos um baseado depois do show. Nem consigo imaginar onde estava o resto do pessoal.

KAREN: Fui até o quarto do Graham e bati na porta.

GRAHAM: Eu entendia por que a gente não podia ter um filho. De verdade. Mas estava me sentindo muito sozinho naquela perda. Como se fosse só eu que tivesse perdido alguma coisa. Como se só eu estivesse sofrendo. E fiquei com raiva dela por isso.

KAREN: Ele abriu a porta e fiquei lá parada, pensando: *Por que eu vim até aqui?* Nada que eu falasse poderia consertar as coisas.

GRAHAM: Por que ela não conseguia ver o futuro que eu imaginava?

KAREN: Eu falei: “Você não me entende. Está querendo que eu seja alguém que eu não sou”.

E Graham respondeu: “Você nunca me amou tanto quanto eu amei você”.

E as duas coisas eram verdade.

GRAHAM: O que a gente podia fazer? Como seguir em frente depois disso?

KAREN: Eu estendi os braços e puxei o corpo dele para junto do meu. No começo, ele não retribuiu o gesto. Não me abraçou. Mas, depois, sim.

GRAHAM: O corpo dela nos meus braços estava bem quente. Mas por algum motivo lembro que as mãos estavam geladas. Não sei quanto tempo a gente continuou daquele jeito.

KAREN: Às vezes, fico pensando... Se eu fosse Graham, talvez também quisesse ter filhos. Se eu soubesse que outra pessoa ia cuidar do bebê, que outra pessoa ia desistir dos seus sonhos, que outra pessoa ia sacrificar tudo enquanto eu

continuaría fazendo meu lance e voltando só aos fins de semana... talvez eu também quisesse ter filhos.

Mesmo assim, sei lá. O que sinto por dentro me diz que não.

Acho que o que estou querendo dizer é que não estava brava com Graham. Por não me entender. E, no fundo, acho que ele não estava com raiva de mim por causa do que eu queria.

GRAHAM: A gente se magoou demais. E esse é meu maior arrependimento. O grande arrependimento que eu tenho. Porque eu era apaixonado por ela do fundo da minha alma. Até hoje, tem uma parte de mim que ainda sente esse amor por ela. Só que tem uma outra parte que nunca vai conseguir perdoar Karen.

KAREN: Mesmo hoje, falar sobre ele é como cutucar uma ferida antiga.

GRAHAM: Quando coloquei a cabeça no travesseiro naquela noite, eu sabia que não podia continuar tocando na mesma banda que ela.

KAREN: Não ia dar para a gente continuar trabalhando junto todo dia. Pessoas mais fortes talvez conseguissem. Nós não.

BILLY: Sentei no bar e pedi uma dose de tequila pura. Quando chegou, peguei o copo na mão, observei um pouco, cheirei. Aí duas mulheres apareceram e me pediram autógrafos. Disseram que nunca tinham visto nada como eu e Daisy no palco. Assinei dois guardanapos, e logo depois elas foram embora.

DAISY: Eu voltei para o hotel no meio da noite. Não lembro o que fiquei fazendo. Só lembro que estava evitando Billy. Acho que dei umas voltas pela cidade. Minha cabeça ainda estava meio bagunçada quando entrei no saguão. E eu virei à direita, para ir até o bar. Lembro de ter pensado que não queria nem ficar consciente.

Mas devo ter percebido para onde estava indo ou o que estava fazendo, porque fui direto para o elevador. Eu pensei: *Certo, vou tomar meus comprimidos*

vermelhos e ir para a cama. Só que, quando cheguei no quarto, não conseguia pôr a chave na porta. Tentei um monte de vezes, mas não consegui enfiar no buraco da fechadura. Acho que eu estava fazendo um barulhão.

E aí tive a impressão de ouvir uma voz de criança.

BILLY: Eu peguei o copo — a dose de tequila — e fiquei olhando para a bebida. E pensei no gosto que teria. Quente. Estava meio perdido nos meus pensamentos, e um cara passou por mim e falou: “Ei, você é o Billy Dunne, né?”. Eu baixei o copo.

DAISY: Eu estava presa no corredor. Sem conseguir entrar no quarto. Então, sentei no chão e comecei a chorar.

BILLY: Eu falei: “Sou, sim”.

O cara disse: “Minha namorada é gamada em você”.

Eu respondi: “Foi mal”.

E ele perguntou: “O que você está fazendo sozinho aqui no bar? Um cara como você poderia estar com a mulher que quisesse no mundo”.

Eu disse: “Às vezes a gente precisa ficar sozinho”.

DAISY: Olhei para o lado e percebi que... bom... Camila estava vindo pelo corredor, segurando... Julia...

AUTORA: Espera um pouco.

Nota da autora: Apesar de ter feito um grande esforço para não me incluir na narrativa, inseri aqui uma transcrição literal de uma conversa que tive com Daisy Jones, porque sou a única que pode corroborar essa parte essencial da história contada por ela.

DAISY: Sim?

AUTORA: Você estava de vestido branco.

DAISY: Isso.

AUTORA: E estava sentada no corredor. Porque não conseguia abrir a porta.

DAISY: Isso.

AUTORA: E a minha mãe...

DAISY: É, a sua mãe abriu a porta para mim.

AUTORA: Eu lembro disso. Eu estava com ela. Tinha acordado por causa de um pesadelo.

DAISY: Você devia ter uns cinco anos, acho... Sua memória é boa.

AUTORA: Bom, eu tinha esquecido completamente, mas agora que você disse isso me deu um estalo, lembrei que estava lá com vocês. Mas minha mãe nunca tocou no assunto. Não sei por que ela não quis falar sobre isso comigo.

DAISY: Na minha opinião, Camila achava que, se essa história fosse contada por alguém, deveria ser por mim.

AUTORA: Ah, tá. Beleza. Então o que aconteceu?

DAISY: Sua mãe... bom, Camila... ou... Eu posso continuar a chamar as pessoas pelo nome? Você me disse mais cedo para só me referir a ela assim.

AUTORA: Sim, pode sim. Me chama de Julia. E minha mãe de Camila. Como a gente estava fazendo.

Este ponto marca o fim da transcrição.

DAISY: Camila apareceu no corredor e estava carregando Julia no colo. E ela falou: “Está precisando de alguma coisa?”. Não entendi por que ela estava sendo tão legal comigo.

Respondi que sim, e ela pegou a chave e abriu a porta para mim. E entrou comigo. Ela colocou Julia na cama. Depois, pediu para eu sentar e me deu um copo de água. Eu falei: “Pode ir. Eu vou ficar bem”.

E ela respondeu: “Não vai, não”.

Lembro de ter me sentido aliviada. Por ela conseguir ver como eu estava. Por ela não ir embora. Ela sentou do meu lado. E não mediu as palavras. Sabia exatamente o que estava acontecendo. Sabia exatamente o que queria dizer. Eu fiquei... desnorteada. Me sentia fora de controle, enquanto Camila estava totalmente controlada.

Ela disse: “Daisy, ele te ama. Você sabe que ele te ama. Eu sei que ele te ama. Mas ele não vai me abandonar”.

BILLY: Eu falei para o cara: “Às vezes é bom espairer um pouco, sabe?”.

Ele disse: “E desde quando um cara como você tem algum problema?”.

Ele perguntou quanto dinheiro eu tinha, e respondi. Falei quanto tinha na minha conta.

Ele falou: “Desculpa aí por eu não sentir pena de você”.

Eu balancei a cabeça. Dava para entender por quê. Peguei a bebida de novo e levei até a boca.

DAISY: Camila disse: “Você precisa entender que eu não vou desistir dele. Não vou deixar que ele me abandone. Vou conseguir fazer com que ele supere essa fase. E tudo mais que for preciso. Nós dois somos mais importantes que tudo isso. Mais importantes que você”.

Julia se ajeitou debaixo das cobertas do outro lado da cama, e eu virei para ver.

Camila me disse: “Seria melhor se Billy não fosse apaixonado por outra pessoa. Mas sabe o que eu decidi já faz um bom tempo? Decidi que não preciso de um amor perfeito, que não preciso de um marido perfeito, que não preciso de filhos perfeitos, nem de uma vida perfeita, nem nada disso. Quero só o que é *meu*. Quero meu amor, meu marido, meus filhos, minha vida.

“Eu não sou perfeita. Nunca vou ser. E não espero que nada seja. As coisas não precisam ser perfeitas para ser fortes. Então, se você estiver esperando alguém ceder, eu... Sou obrigada a dizer que não vou ser eu. E não vou deixar que seja o Billy. O que significa que vai ter que ser você”.

BILLY: Dei uma bicada na bebida. Não um gole, só uma bicada. Precisei me segurar para não virar tudo, para não jogar a dose inteira goela abaixo. O gosto era de satisfação e liberdade. É assim que a bebida pega você — fazendo parecer que é o oposto do que na verdade é. Mas o meu corpo todo relaxou de alívio quando senti aquele gosto na ponta da língua.

DAISY: Camila levantou, pegou mais um copo de água para mim e me passou um lenço de papel. Foi só aí que eu percebi que estava chorando. Ela disse: “Daisy, eu não te conheço muito bem, mas sei que você tem um bom coração, que é uma pessoa boa. Sei que minha filha quer ser como você quando crescer. Então, não quero que você sofra. Só quero o melhor para você. Que você seja feliz. Estou sendo muito sincera. Você deve achar que não, mas estou sim”. Ela disse que precisava deixar uma coisa muito clara. “Não posso ficar aqui parada, vendo você e Billy se torturarem assim. Não quero isso para o homem que eu amo. Não quero isso para o pai das minhas filhas. E nem para você”.

Eu respondi: “Não é isso que eu quero para mim também”.

BILLY: O cara ao meu lado, o que falou da namorada, ele ficou me observando. Estava com um copo de cerveja, dando uns goles de vez em quando, mas sem dar a menor bola para a bebida.

Olhei para ele e... Fui em frente.

Eu bebi.

No máximo um dedo. E depois me agarrei ao copo como se alguém fosse tentar roubá-lo de mim.

Ele falou: “Mas eu posso estar errado. Talvez um cara como você tenha sim algum problema”. Eu disse a mim mesmo para largar o copo. *Larga isso aí.*

DAISY: Camila falou: “Olha só, Daisy, acho melhor você sair da banda”.

Julia já tinha pegado no sono a essa altura. Camila disse: “Se eu estiver errada, e se você já estiver no processo de superar essa fase e de permitir que ele saia dessa, então nem precisa me ouvir. Você não me deve nada. Mas se eu estiver certa, vai ser um favor enorme que você faz a todo mundo e a si mesma se conseguir parar de se drogar e seguir em frente com a sua vida sem ele. Quem mais sairia ganhando nessa história seria você. Facilitaria a vida dele também, é verdade. E também me ajudaria a cuidar das minhas filhas”.

BILLY: Eu não conseguia largar o copo. Minha mão se agarrou àquela bebida. E eu pensei: *Seria bom se esse cara tirasse isso da minha mão. Se arrancasse o copo de mim e jogasse longe.*

DAISY: Eu fiquei em silêncio por um tempo, tentando assimilar o que a Camila falou. Aí ela disse: “Acho que é melhor eu ir. Mas seja qual for sua decisão, Daisy, saiba que estou torcendo por você. Quero que você pare de se drogar, que você se cuide. É por isso que estou torcendo”.

Eu finalmente respondi: “Por que você se importa comigo?”.

Ela falou: “Acho que praticamente o mundo inteiro se importa com o que acontece com você”.

Eu fiz que não com a cabeça e disse: “As pessoas gostam de mim, mas não se importam comigo”.

Ela respondeu: “Não, você está errada”. Camila ficou em silêncio por um instante. Depois disse: “Quer saber uma coisa que nunca contei nem para Billy? ‘A Hope Like You’ é minha música favorita. Não minha música favorita dos Six,

minha música favorita, ponto-final. Me faz lembrar do primeiro garoto que eu amei. O nome dele era Greg, e assim que a gente se conheceu eu soube que ele nunca ia me amar do mesmo jeito que eu o amava, e queria ele mesmo assim. E como eu já imaginava, ele partiu meu coração. E, quando ouvi a letra dessa música pela primeira vez, você me transportou de volta para lá. Bem para o auge do meu primeiro amor. Com toda a mágoa, a esperança e a ternura. Você fez com que eu sentisse tudo aquilo de novo, um sentimento real e renovado. Escreveu uma música linda sobre querer o que não pode ter, mas continuar querendo mesmo assim. Eu me importo com você porque, quando te vejo, o que enxergo é uma pessoa que escreve com uma sensibilidade incrível — que sofre do mesmo mal que o homem que eu amo. Vocês dois pensam que são duas almas perdidas quando, na verdade, são o que todo mundo quer ser”.

Fiquei absorvendo tudo aquilo. Pensei no que ela me disse. E, então, falei: “Essa música não é... não é sobre o Billy, se é isso que você está pensando. É sobre querer ter filhos, uma família. Sabendo que seria uma péssima mãe. Se sentindo imprestável demais para merecer uma coisa como essa. Mas querendo mesmo assim. E aí olho para você, para tudo o que você é, e percebo que é tudo o que nunca vou conseguir ser”.

Camila me olhou por um instante e disse uma coisa que mudou minha vida. Ela falou: “Ainda é cedo demais para pensar assim, Daisy. Tem um monte de coisas na vida que você não sabe”. Isso ficou na minha cabeça. Que o meu destino ainda não estava totalmente selado. Que ainda havia esperança para mim. Que uma mulher como Camila Dunne achava que eu...

Camila Dunne achava que eu valia a pena.

BILLY: Ele olhou para a minha mão e acho que reparou na minha aliança de casamento, então perguntou: “Você é casado?”. Fiz que sim com a cabeça. O cara deu risada e falou que a namorada dele ia ficar arrasada. Depois perguntou: “Tem filhos?”. Isso despertou minha atenção, foi uma coisa inesperada. Balancei

a cabeça de novo. Ele perguntou: “Tem fotos?”. E eu pensei nas fotos na minha carteira, da Julia, da Susana e da Maria.

E larguei o copo.

Não foi fácil. Tive que me esforçar para levar a mão até o balcão, e parecia que o meu braço estava atravessando uma parede de cimento fresco. Mas eu consegui. Pus o copo no balcão.

DAISY: Lá pelo meio da madrugada, Camila tirou Julia da minha cama e segurou minha mão. E eu apertei a dela. Ela disse: “Boa noite, Daisy”.

E eu falei: “Boa noite”. Julia estava dormindo no colo dela, num sono profundo. Ela se mexeu um pouco para se ajeitar e pôs a cabeça no pescoço da Camila, como se fosse o lugar mais seguro e macio do mundo.

BILLY: Saquei a carteira e mostrei para o cara as fotos das minhas filhas. Enquanto isso, ele tirou meu copo da minha frente e puxou para o lado dele no balcão. Fiquei só olhando.

E ele falou: “São lindas as meninas”.

Eu respondi: “Obrigado”.

E ele disse: “É isso o que faz a gente querer encarar mais um dia de luta, não é?”.

E eu falei: “Sim, é isso mesmo”.

Ele me olhou, eu virei para o copo e... Me senti mais forte. Para me afastar da bebida. Coloquei uma nota de vinte em cima do balcão e falei: “Obrigado”.

Ele disse: “Por nada”. Aí pegou meu dinheiro, me devolveu e falou: “Pode deixar que eu pago, beleza? Para saber que fiz alguma coisa por alguém em algum momento”.

Eu guardei a nota, e a gente trocou um aperto de mãos.

E eu fui embora.

DAISY: Eu abri a porta para ela, que saiu para o corredor com a Julia. Ela disse: “Sem querer ofender, Daisy, mas espero nunca mais te ver”. E, sendo bem

sincera, aquilo doeu. Mas eu entendi o que ela quis dizer. Quando chegou na porta do quarto onde estavam dormindo, ela virou para mim e pela primeira vez percebi que ela estava apreensiva. Com os dedos trêmulos quando enfiou a chave na porta.

Logo em seguida, ela entrou no quarto. E sumiu da minha vida.

BILLY: Subi para o quarto, fechei a porta e desabei. Camila e as meninas estavam dormindo, e fiquei olhando para elas. E caí no choro, sentado no chão, com as costas na porta. E pensei comigo mesmo: *Já deu. Cansei. A questão aqui é o rock 'n' roll ou a minha vida, e não vou escolher o rock 'n' roll.*

DAISY: Peguei o primeiro avião para fora da cidade.

ROD: No dia seguinte, vi que Daisy tinha ido embora e deixado um bilhete avisando que estava fora da banda e não ia mais voltar.

WARREN: Acordei no dia seguinte e Daisy não estava mais lá. Graham e Karen não queriam nem olhar na cara um do outro. E Billy ainda apareceu e anunciou que precisava de um tempo longe dos palcos. Então, Rod cancelou o resto da turnê.

ROD: Não dava para fazer uma turnê sem Billy e Daisy.

WARREN: Eddie ficou puto... falou um caminhão de coisas.

EDDIE: Não dá para viver tanto tempo tendo sua existência ditada pela vontade dos outros, entende? Não importava quanto dinheiro tivesse na jogada, eu não sou laçao de ninguém. Não sou um servo submisso. Sou uma *pessoa*. E tenho o direito de decidir o rumo da minha própria carreira.

WARREN: Pete disse que ia cair fora de qualquer jeito, não importava o que acontecesse.

GRAHAM: Estava tudo desmoronando.

ROD: Ninguém sabia onde a Daisy estava. Billy queria suspender os shows. Pete estava fora da banda. Eddie se recusava a trabalhar com o Billy. Graham e Karen não estavam se falando. Fui até o Graham e falei: “Tenta conversar com o Billy”.

E ele me respondeu que não tinha “merda nenhuma para falar com o Billy”.

E eu pensei: *Se isto tudo for por água abaixo, o que eu vou fazer da vida?* Pensei em procurar outras bandas para agenciar e começar tudo de novo, juntar outro grupo de desajustados e tentar construir uma carreira para eles e... Sei lá.

WARREN: Acho que eu era a única pessoa que não estava enrolado em algum drama.

A gente teve uma jornada e tanto. Se estava acabando... Bom, acho que a gente não tinha muito o que fazer a respeito, né? Então que fosse assim.

BILLY: Nunca entendi exatamente por que Daisy foi embora. O que aconteceu naquela noite, naquele show, para motivar aquela atitude. Mas o que pensei foi: eu não tinha como fazer um disco decente sem o Teddy. E não tinha como fazer um disco de sucesso sem a Daisy. E não teria mais como trabalhar com eles. E não estava disposto a pagar mais do que tudo aquilo já tinha me custado.

Então juntei o pessoal no ônibus e falei: “Já era. Acabou”.

E ninguém da banda — nem Graham, nem Karen, nem Eddie, nem Pete, nem mesmo Warren ou Rod — tentou me convencer do contrário.

KAREN: Quando Daisy foi embora, foi como se a roda-gigante tivesse parado e todo mundo começasse a descer.

DAISY: Saí da banda porque Camila Dunne me pediu. E foi a melhor coisa que eu poderia ter feito. Foi o que me salvou. Porque a sua mãe me salvou de *mim mesma*.

Posso não ter conhecido a sua mãe muito bem.

Mas, juro para você, eu amava a Camila. E fiquei muito triste de saber do falecimento dela.

Nota da autora: Minha mãe, Camila Dunne, morreu antes da conclusão deste livro.

Apesar de ter conduzido inúmeras entrevistas com ela durante minha pesquisa, não consegui apurar sua versão dos eventos ocorridos em Chicago nos dias 12 e 13 de julho, porque só soube de toda a extensão dos fatos depois de seu falecimento.

Ela morreu no dia 1º de dezembro de 2012, aos sessenta e três anos, de um ataque cardíaco causado pelo agravamento de um quadro de lúpus. Fico aliviada de poder relatar que, quando ela se foi, estava cercada por toda a nossa família e com meu pai, Billy Dunne, ao seu lado.

Desde então
(1979-ATUALMENTE)

NICK HARRIS: Daisy Jones & The Six nunca mais tocaram juntos e nunca mais foram vistos juntos, desde aquele show no Chicago Stadium.

DAISY: Quando fui embora de Chicago, procurei a Simone, contei tudo o que aconteceu, e ela me colocou numa clínica de reabilitação.

Eu estou sóbria desde 17 de julho de 1979. E, quando saí da clínica, mudei de vida. Todas as coisas que conquistei desde então foram por causa dessa decisão. Quando abandonei o ramo da música, publiquei meus livros, passei a meditar, comecei a viajar pelo mundo, adotei os meus filhos, criei a Wild Flower Initiative, tudo isso mudou minha vida para melhor, de uma forma que eu jamais poderia imaginar em 79 — e só foi possível porque larguei as drogas.

WARREN: Eu casei com Lisa Crowne. Nós temos dois filhos, Brandon e Rachel. Lisa me fez vender o barco. Hoje eu moro em Tarzana, na Califórnia, numa casa enorme, cercada de galerias comerciais, meus filhos estão na faculdade e garota nenhuma me pede autógrafo nos peitos. Às vezes, Lisa pede. Só para ser legal. E eu entro na brincadeira. Porque existem milhões de caras que adorariam autografar os peitos da Lisa em algum momento da vida, e eu tento nunca esquecer disso.

PETE LOVING (*baixista, The Six*): Não tenho muita coisa a dizer sobre tudo isso. Não guardo ressentimento de ninguém, por motivo nenhum. Tenho ótimas lembranças do pessoal. Mas essa parte da minha vida ficou para trás. Hoje,

tenho uma empresa de instalação de grama artificial. Jenny e eu moramos no Arizona. Meus filhos estão crescidos. Tenho uma vida boa.

Isso é tudo o que eu tenho a dizer, na verdade. Tenho quase setenta anos, mas ainda olho só para a frente, sabe? Não fico olhando para trás. Pode colocar isso no seu livro se quiser, mas não tenho mais nada a declarar.

ROD: Comprei uma casa em Denver. Por um tempo, Chris morou comigo. Vivemos uns bons anos juntos. Mas aí ele foi embora. E eu conheci Frank. Minha vida é simples e fácil de administrar. Sou corretor de imóveis. Acho que fiquei com o melhor de dois mundos. Uma vida simples no presente com um monte de histórias loucas do passado para contar.

GRAHAM: Quando a banda se separou, Karen e eu... Estava tudo acabado. Nossa amizade tinha ido para o saco. A gente se falou uma vez ou outra, mas ficou por isso mesmo.

São as pessoas que nunca te amaram que vêm à sua mente quando você deita para dormir. Você sempre se pergunta como teria sido, e não existe uma resposta. Talvez seja melhor nem saber mesmo. Não vai falar nada para a sua tia Jeanie sobre isso, viu? Não quero que ela me entenda mal. Eu a amo. Amo seus primos também.

E fico contente por não trabalhar mais com seu pai, mas a gente ainda toca junto por diversão de tempos em tempos. Ele ainda fica tentando me dizer como tocar guitarra (*risos*). Mas Billy é assim mesmo. Ensinou meus filhos a tocar piano, construiu uma casa na árvore para eles no nosso quintal.

Acho que o que estou querendo dizer é que fico contente pela banda que tivemos e também por termos sobrevivido a ela. Eu e ele.

Enfim, já que você está contando o que cada um está fazendo hoje, não esquece de escrever que eu tenho minha própria receita de molho de pimenta. Dunne Queimou Minha Língua.

EDDIE: Eu sou produtor. Provavelmente era o que deveria ter feito desde o início. Tenho um estúdio de gravação em Van Nuys. Estou bem de vida. Saí por cima.

SIMONE: A cena da música disco morreu em 1979, e tentei seguir em frente depois disso, mas não conseguia tocar no rádio da mesma forma que nas casas noturnas. Então, investi o dinheiro que ganhei, casei, tive Trina, me divorciei.

E, hoje, Trina é dez vezes mais famosa do que eu fui na minha época, ganhando rios de dinheiro e fazendo videocliques tão loucos e ousados que Daisy e eu não teríamos coragem nem de pensar em fazer. Ela sampleou “The Love Drug” na música nova que lançou, “Ecstasy”. Minha nossa, hoje não existe mais nada por baixo dos panos na música. O pessoal simplesmente vai e fala o que quiser. Mas ela é uma rainha. Isso eu tenho que admitir. Ela está arrasando.

Pode ter certeza, minha garota está arrasando.

KAREN: Depois de sair dos Six, continuei fazendo shows e turnês com outras bandas por mais vinte anos. Me aposentei no fim dos anos 90. Fiz o que queria da minha vida e não me arrependo de nada.

Desde que me entendo por gente, sempre fui uma pessoa que gosta de dormir sozinha. E Graham é um cara que gosta de acordar do lado de alguém. Se as coisas tivessem sido como ele queria, eu teria que me conformar em ser como todo mundo, teria que me ajustar ao que as pessoas esperam da vida. Mas não era isso que eu queria.

Talvez, se eu fosse de uma geração mais jovem, achasse o casamento uma ideia mais interessante para mim. Vejo muitos casais mais novos hoje em dia, e é uma relação igualitária, em que ninguém manda em ninguém. Mas essa não era uma configuração viável para mim. Não era uma configuração viável para a época. Ter um marido não combinava com o que eu queria. Eu queria ser uma estrela do rock. E morar sozinha. Numa casa nas montanhas. E foi isso o que fiz.

Mas se você chegar à minha idade e não se questionar sobre certas escolhas quando olhar para trás... bom, então você não tem imaginação.

BILLY: Eu abandonei os palcos. Assinei um contrato de edição musical com a Runner e virei compositor, faço músicas para cantores pop desde 81. É uma vida boa. Mais tranquila e estável, e passei as décadas de 80 e 90 numa casa com três garotas barulhentas e uma mulher incrível.

Outro dia me disseram que abri mão da minha carreira pela minha família. E meio que fiz isso mesmo, mas acho que dizer isso faz tudo parecer mais nobre do que foi. Eu simplesmente tinha chegado ao meu limite. Não sei se existe alguma nobreza nisso. A questão era mais simples: se quisesse ser o que Camila queria para mim, eu tinha que sair da banda.

Você entende por que eu amava tanto sua mãe?

Ela era uma mulher sensacional. A melhor coisa que me aconteceu na vida. Pode me dar todos os discos de platina que quiser, todas as drogas, a tequila, toda a diversão, o sucesso, a fama, tudo. Eu devolveria para você na hora em troca das minhas lembranças com ela. Camila era uma mulher incrível, sensacional. E eu não merecia alguém como ela.

Não sei nem se o mundo a merecia. Você entende o que estou dizendo, né? Ela era mandona e adquiriu um péssimo gosto musical lá pelo meio dos anos 90, o que para um músico é uma coisa bem difícil de deixar passar batido. E ela tinha a pior receita de chili do mundo, mas achava uma delícia, então fazia o tempo todo (*risos*). Não estou dizendo nada que você já não saiba. Camila tinha seus defeitos também. Era teimosa a ponto de ficar anos e anos sem falar com a sua avó. Mas essa teimosia às vezes compensava. Ela foi teimosa comigo. E só sou quem eu sou hoje por causa disso.

Quando ela descobriu que tinha lúpus, foi um baque para todo mundo. Eu não desejo essa doença para ninguém. Mas estava decidido a usar isso como uma forma de retribuir tudo o que a sua mãe fez. Eu tomaria a frente das coisas quando ela estivesse sem condições, quando estivesse com muitas dores. Podia ficar em casa cuidando de vocês, para não largar tudo nas costas dela. Podia ser um companheiro e estar do lado dela o tempo todo.

Compramos a casa na Carolina do Norte... Acho que já faz uns vinte anos. Depois que você e suas irmãs foram para a faculdade. Vasculhamos o litoral inteiro, procurando pela casa dos sonhos dela. Não encontramos, então mandamos construir. Não existem empreendimentos em formato de colmeia por lá. Não é exatamente como na música. É só um sobrado com um terreno bem amplo e uma praia onde ela gostava de pegar caranguejos. Mas era o lar que ela sempre quis. E me sinto um homem de sorte por ter proporcionado isso a ela.

Você sabe como a perda dela foi difícil. Todos nós ainda sofremos com isso.

Admito que estou me sentindo bem sozinho ultimamente, com você e as suas irmãs espalhadas pelo país, e sem a sua mãe. Já faz mais de cinco anos. Não era para ela ir tão cedo. Uma mulher como ela morrer aos sessenta e três anos parece uma vingança cruel de Deus. Mas foi o que a vida me trouxe, o que a vida trouxe para a gente. Então, vamos em frente.

Eu nunca falei muito sobre isso quando você era menina, né? Nunca quis despejar minhas histórias, meus problemas em cima de você. Sua vida não tem que se pautar pela minha, querida, é a minha que tem que se pautar pela sua.

Mas agradeço por você me fazer essas perguntas e me manter ocupado de alguma forma.

Espero que isso esclareça alguma coisa para você, meu amor. De verdade. Sobre sua mãe, sobre mim e sobre a banda. Às vezes, fico surpreso por alguém ainda ter interesse nisso. Fico surpreso pelo nosso som ainda tocar nas rádios. Às vezes, até escuto. Outro dia estava tocando “Turn It Off” numa estação de rock clássico. Parei o carro no acostamento da via expressa e fiquei ouvindo (*risos*).

Nossas músicas eram boas.

DAISY: Nossas músicas eram ótimas. Eram ótimas mesmo.

Uma última coisinha
antes de ir embora
(5 de novembro 2012)

De: Camila Dunne

Para: Julia Dunne Rodriguez, Susana Dunne, Maria Dunne

Data: 5 de novembro de 2012, 23h41

Assunto: Seu pai

Oi, meninas

Preciso da ajuda de vocês.

Depois que eu não estiver mais por aqui, deem um tempo para o seu pai. E então, por favor, peçam para ele procurar Daisy Jones. O número dela está na agenda da segunda gaveta do meu criado-mudo.

Digam para seu pai que os dois me devem pelo menos uma música nova.

Com amor,

Mamãe

CHASING THE NIGHT

*Trouble starts when I come around
Everything's painted red when I'm in town
Light me up and watch me burn it down
If you're anointing a devil, I'll take my crown*

*Foot on the gas, add fuel to the fire
I'm already high and going higher
Charging faster, ready to ignite
Headed for disaster, chasing the night*

*You turn wrong when you turn right
White light at first sight
Oh, you're chasing the night
But it's a nightmare chasing you*

*Life's coming to me in flashes
Wearing my bruises like badges
Don't know when I learned to play with matches
Must want it all to end in ashes*

*Foot on the gas, add fuel to the fire
I'm already high and going higher
Charging faster, ready to ignite
Headed for disaster, chasing the night*

*You turn wrong when you turn right
White light at first sight
Oh, you're chasing the night
But it's a nightmare chasing you*

*Foot on the gas, add fuel to the fire
I'm already high and going higher
Foot on the gas, add fuel to the fire
Look me in the eye and flick the lighter*

*Oh, you're chasing the night
But it's a nightmare, honey, chasing you**

* “Perseguindo a noite”: A encenação começa quando eu chego/ Tudo pega fogo quando estou na cidade/ Me acenda e me veja queimar tudo/ Você está ungindo um demônio, vou tomar minha coroa// Pé no acelerador, gasolina na fogueira/ Minha cabeça já está alta e vai ficar ainda mais/ Avançando mais depressa, à beira da ignição/ Rumo ao desastre, perseguindo a noite// Você erra quando tenta acertar/ Luz branca ao primeiro sinal/ Ah, você está perseguindo a noite/ Mas tem um pesadelo perseguindo você// A vida aparece diante de mim em flashes/ Ostentando meus ferimentos como emblemas/ Não sei quando aprendi a brincar com fósforos/ Mas quero que tudo acabe em cinzas// Pé no acelerador, gasolina na fogueira/ Minha cabeça já está alta e vai ficar ainda mais/ Avançando mais depressa, à beira da ignição/ Rumo ao desastre, perseguindo a noite// Você erra quando tenta acertar/ Luz branca ao primeiro sinal/ Ah, você está perseguindo a noite/ Mas tem um pesadelo perseguindo você// Pé no acelerador, gasolina na fogueira/ Minha cabeça está alta e vai ficar ainda mais/ Pé no acelerador, gasolina na fogueira/ Olhe nos meus olhos e acenda o isqueiro// Ah, você está perseguindo a noite/ Mas tem um pesadelo perseguindo você, amor.

THIS COULD GET UGLY

*The ugly you got in you
Well, I got it, too
You act like you ain't got a clue
But you do
Oh, we could be lovely
If this could get ugly*

*Write a list of things you'll regret
I'd be on top smoking a cigarette
Oh, we could be lovely
If this could get ugly*

*The things you run from, baby, I run to
And I know it scares you through and through
No one knows you like I do
Try to tell me that ain't true
Oh, we could be lovely
If this could get ugly*

*C'mon now, honey
Let yourself think about it
Can you really live without it?*

*Oh, we could be lovely
If this could get ugly**

* “A coisa pode ficar feia”: O que existe de feio em você/ Bom, eu tenho também/ Você finge que não sabe de nada/ Mas sabe, sim/ Ah, pode ficar bonito para nós/ Se a coisa ficar feia// Escreva uma lista das coisas de que vai se arrepender/ Eu apareceria em primeiro lugar, fumando um cigarro/ Ah, pode ficar bonito para a gente/ Se a coisa ficar feia// As coisas de que você foge, baby, eu vou atrás/ E sei que você morre de medo disso/ Ninguém conhece você como eu/ Tente me dizer que não é verdade/ Ah, pode ficar bonito para nós/ Se a coisa ficar feia// Vamos, amor/ Pelo menos pensa a respeito/ Você consegue mesmo viver sem isso?// Ah, pode ficar bonito para nós/ Se a coisa ficar feia.

IMPOSSIBLE WOMAN

Impossible woman

Let her hold you

Let her ease your soul

Sand through fingers

Wild horse, but she's just a colt

Dancing barefoot in the snow

Cold can't touch her, high or low

She's blues dressed up like rock 'n' roll

Untouchable, she'll never fold

She'll have you running

In the wrong direction

Have you coming

For the wrong obsessions

Oh, she's gunning

For your redemption

Have you headed

Back to confession

Sand through fingers

Wild horse, but she's just a colt

Dancing barefoot in the snow

Cold can't touch her, high or low

*She's blues dressed up like rock 'n' roll
Untouchable, she'll never fold*

*Walk away from the impossible
You'll never touch her
Never ease your soul*

*You're one more impossible man
Running from her
Clutching what you stole**

* “Mulher impossível”: Mulher impossível/ Deixe que ela abrace você/ Que acalente sua alma// Areia por entre os dedos/ Cavalo selvagem, mas ela é só um potro// Dançando descalça na neve/ O frio não é capaz de atingi-la, por cima ou por baixo/ Ela é blues em roupa rock 'n' roll/ Intocável, ela nunca vai se dobrar// Ela vai fazer você correr/ Na direção errada/ Fazer você se aproximar/ Pelas obsessões erradas/ Ah, ela está mirando/ A sua redenção/ Fazer você voltar atrás/ E se confessar// Areia por entre os dedos/ Cavalo selvagem, mas ela é só um potro/ Dançando descalça na neve/ O frio não é capaz de atingi-la, por cima ou por baixo/ Ela é blues em roupa rock 'n' roll/ Intocável, ela nunca vai se dobrar// Se afaste do impossível/ Você nunca vai tocá-la/ Nunca vai acalantar sua alma// Você é mais um homem impossível/ Fugindo dela/ Agarrado ao que conseguiu roubar.

TURN IT OFF

*Baby, I keep trying to turn away
I keep trying to see you a different way
Baby, I keep trying
Oh, I keep trying*

*I gotta give up and turn this around
There's no way up when you're this far down
And, baby, I keep trying
Oh, I keep trying*

*I keep trying to turn this off
But, baby, you keep turning me on*

*I keep trying to change how I feel
Keep trying to tell myself that this isn't real
Baby, I keep trying
Oh, I keep trying*

*Can't take off when there's no runway ahead
And I can't get caught up in this all over again
Baby, I keep trying
Oh, I keep trying*

*I keep trying to turn it off
But, baby, you keep turning me on*

*I'm on my knees, my arms wide
I'm finding ways to stay alive
Lord knows I'm pleading, pleading
To keep this heart still beating, beating*

*I keep trying to turn it off
But, baby, you keep turning me on*

*Baby, I'm dying
But, baby, I'm trying
I can't keep selling
What you're not buying*

*So I keep trying to turn it off
And, baby, you keep turning me on*

*I'm on my knees, my arms wide
I'm finding ways to stay alive
Lord knows I'm pleading, pleading
To keep this heart still beating, beating*

*I keep trying to turn it off
But, baby, you keep turning me on**

* “Desligar”: Baby, eu vivo tentando me afastar/ Vivo tentando ver você de um jeito diferente/ Baby, eu vivo tentando/ Ah, eu vivo tentando// Preciso desistir e sair dessa/ Mas não tem jeito quando você chega a esse ponto/ E, baby, eu vivo tentando/ Ah, eu vivo tentando// Eu vivo tentando me desligar/ Mas, baby, você continua me deixando daquele jeito// Eu vivo tentando mudar como me sinto/ Vivo tentando me convencer de que não é real/ Baby, eu vivo tentando/ Ah, eu vivo tentando// Não consigo cair fora sem uma pista de decolagem/ E não posso entrar nessa de novo/ Baby, eu vivo tentando/ Ah, eu vivo tentando// Eu vivo tentando me desligar/ Mas, baby, você continua me deixando daquele jeito// Estou de joelhos, de braços abertos/ Procurando maneiras de continuar vivendo/ Só Deus sabe, estou implorando, implorando/ Para manter meu coração batendo, batendo// Eu vivo tentando me desligar/ Mas, baby, você continua me deixando daquele jeito// Baby, estou morrendo/ Mas, baby, estou tentando/ Eu vivo

tentando convencer você/ Mas você não compra a ideia// Então eu vivo tentando me desligar/ E, baby, você continua me deixando daquele jeito// Estou de joelhos, de braços abertos/ Procurando maneiras de continuar vivendo/ Só Deus sabe, estou implorando, implorando/ Para manter meu coração batendo, batendo// Eu vivo tentando me desligar/ Mas, baby, você continua me deixando daquele jeito.

PLEASE

Please me

Please release me

Touch me and taste me

Trust me and take me

Say the things left unsaid

It's not all in my head

Tell me the truth, tell me you think about me

Or, baby, you can forget about me

Please me

Please release me

Relieve me and believe me

Maybe you can redeem me

Say the things left unsaid

It's not all in my head

Tell me the truth, tell me you think about me

Or, baby, you can forget about me

I know that you want me

Know that you wanna hold me

Know that you wanna show me

Know that you wanna know me

*Well do something and do it quick
Not much more I can stand of this*

*Say the things left unsaid
Don't act like it's all in my head
Tell me the truth, tell me if you think about me
Or, baby, can you forget about me?*

*Please, please, don't forget about me
Please, please, don't forget about me**

* “Por favor”: Por favor/ Por favor me liberte/ Me toque e me saboreie/ Confie em mim e me tome// Diga aquilo que não foi dito/ Não é tudo coisa da minha cabeça/ Me diga a verdade, me diga o que acha de mim/ Ou, baby, pode me esquecer// Por favor/ Por favor me liberte/ Me liberte e acredite em mim/ Talvez você possa ser minha redenção// Diga aquilo que não foi dito/ Não é tudo coisa da minha cabeça/ Me diga a verdade, me diga o que acha de mim/ Ou, baby, pode me esquecer// Sei que você me quer/ Sei que você quer me abraçar/ Sei que você quer me mostrar/ Sei que você quer me conhecer// Então faça alguma coisa, e depressa/ Não consigo aguentar isso por muito mais tempo// Diga aquilo que não foi dito/ Não é tudo coisa da minha cabeça/ Me diga a verdade, me diga o que acha de mim/ Ou, baby, você consegue me esquecer// Por favor, por favor, não me esqueça/ Por favor, por favor, não me esqueça.

YOUNG STARS

*A curse, a cross
Costing me all costs
Knotting me up in all of your knots*

*An ache, a prayer
Worn from wear
Daring what you do not dare*

*I believe you can break me
But I'm saved for the one who saved me
We only look like young stars
Because you can't see old scars*

*Tender in the places you touch
I'd offer you everything but I don't have much*

*Tell you the truth just to watch you blush
You can't handle the hit so I hold the punch*

*I believe you can break me
But I'm saved for the one who saved me
We only look like young stars
Because you can't see old scars*

*You won't give me a reason to wait
And I'm starting to feel a little proud*

*I'm searching for somebody lost
When you've already been found*

*You're waiting for the right mistake
But I'm not coming around
You're waiting for a quiet day
But the world is just too loud*

*I believe you can break me
But I'm saved for the one who saved me
We only look like young stars
Because you can't see old scars**

* “Astros jovens”: Uma maldição, uma cruz/ Me custando tudo/ Me amarrando em todos os seus nós// Uma dor, uma reza/ Um desgaste absoluto/ Ousando naquilo que você não tem coragem// Acho que você tem como me dobrar/ Mas vou me guardar para quem me salvou/ Nós só parecemos astros jovens/ Porque você não tem como ver as velhas cicatrizes// Sensível nos lugares que você toca/ Eu ofereceria tudo a você, mas não tenho muita coisa// Digo a verdade só para ver você corar/ Mas você não aguenta a pancada, então amenizo o golpe// Acho que você tem como me dobrar/ Mas vou me guardar para quem me salvou/ Nós só parecemos astros jovens/ Porque você não tem como ver as velhas cicatrizes// Me dê uma razão para esperar/ E estou começando a sentir certo orgulho/ Estou procurando uma pessoa perdida/ Quando na verdade já encontraram você// Você está esperando pelo erro certo/ Mas eu não vou cair nessa/ Você está esperando um dia tranquilo/ Mas o mundo é agitado demais// Acho que você tem como me dobrar/ Mas vou me guardar para quem me salvou/ Nós só parecemos astros jovens/ Porque você não tem como ver as velhas cicatrizes.

REGRET ME

*When you look in the mirror
Take stock of your soul
And when you hear my voice, remember
You ruined me whole*

*Don't you dare sleep easy
And leave the sleepless nights to me
Let the world weigh you down*

*And, baby, when you think of me
I hope it ruins rock 'n' roll
Regret me
Regretfully*

*When you look at her
Take stock of what you took from me
And when you see a ghost in the distance
Know I'm hanging over everything*

*Don't you dare sleep easy
And leave the sleepless nights to me
Let the world weigh you down*

*And, baby, when you think of me
I hope it ruins rock 'n' roll
Regret me*

Regretfully

Regret me

Regretfully

Don't you dare rest easy

And leave the rest of it to me

I want you to feel heavy

Regret me

Regret setting me free

Regret me

I won't go easily

Regret it

Regret saying no

Regret it

Regret letting me go

One day, you'll regret it

*I'll make sure of it before I go**

* “Se arrependa de mim”: Quando se olhar no espelho/ Faça um balanço da sua alma/ E quando ouvir minha voz, lembre/ Você me arruinou por completo// Não ouse ter um sono tranquilo/ E guarde as noites insones para mim/ Sinta o peso do mundo sobre você// E, baby, quando pensar em mim/ Espero que perca o gosto pelo rock ‘n’ roll/ Se arrependa de mim/ Amargamente// Quando olhar para ela/ Faça um balanço do que tirou de mim/ E quando vir um fantasma à distância/ Saiba que eu estou em toda parte// Não ouse ter um sono tranquilo/ E guarde as noites insones para mim/ Sinta o peso do mundo sobre você// E, baby, quando pensar em mim/ Espero que perca o gosto pelo rock ‘n’ roll/ Se arrependa de mim/ Amargamente/ Se arrependa de mim/ Amargamente// Não ouse ter um sono tranquilo/ E deixar o resto para mim/ Eu quero que você sinta esse peso// Se arrependa de mim/ Se arrependa de ter me deixado/ Se arrependa de mim// Eu não vou sumir assim tão fácil/ Se arrependa/ Se arrependa de ter dito não/ Se arrependa/ Se arrependa de ter me dispensado// Um dia, você vai se arrepender/ Vou garantir que isso aconteça antes de ir.

MIDNIGHTS

*Don't remember many midnights
Forgotten some of my best insights
Can't recall some of the highest heights
But I've memorized you*

*Don't remember many daybreaks
How many sunrises have come as I lay awake
Don't dwell on my worst mistakes
But I always think of you*

*You're the thing that's crystal clear
The only thing that I hold dear
I live and die by if you're near
All other memories disappear
Without you
Without you*

*Don't remember how I was then
Can't keep straight where I was when*

*What is my name, where have I been
Where did I start, where does it end*

*You're the thing that's crystal clear
The only thing that I hold dear
I live and die by if you're near*

All other memories disappear

Without you

Without you

Don't remember who I used to be

Can't recall who has hurt me

Forget the pain so suddenly

Once I'm with you

You're the thing that's crystal clear

The only thing that I hold dear

I live and die by if you're near

All other memories disappear

Without you

*Without you**

* “Meias-noites”: Não lembro de muitas meias-noites/ Esqueci algumas das minhas melhores ideias/ Não me recordo dos meus melhores momentos/ Mas tenho você na memória// Não lembro de muitas alvoradas/ Quantas vezes vi o sol nascer acordado/ Não fico remoendo meus piores erros/ Mas sempre penso em você// Você é o que existe de cristalino/ A única coisa a que me apego/ Posso viver e morrer se você estiver por perto/ Todas as outras lembranças desaparecem/ Sem você/ Sem você// Não lembro como eu era no passado/ Não consigo ter claro onde estava e quando// Qual é o meu nome, por onde andei/ Onde comecei, onde tudo termina// Você é o que existe de cristalino/ A única coisa a que me apego/ Posso viver e morrer se você estiver por perto/ Todas as outras lembranças desaparecem/ Sem você/ Sem você// Não lembro quem eu era/ Não me recordo de quem me magoou/ Esqueço a dor tão de repente/ Quando estou com você// Você é o que existe de cristalino/ A única coisa a que me apego/ Posso viver e morrer se você estiver por perto/ Todas as outras lembranças desaparecem/ Sem você/ Sem você.

A HOPE LIKE YOU

*I'm easy talk and cheap goodbyes
Second-rate in a first-class disguise
My heart sleeps soundly, don't wake it
A hope like you could break it*

*I'm lost deep in crimes and vice
Can't get to the table to grab the dice
My heart is weak, I can't take it
A hope like you could break it*

*It doesn't matter how hard I try
Can't earn some things no matter why
My heart knows we'd never make it
A hope like you could break it*

*People say love changes you
As if change and love are easy to do
My heart is calling and I can't shake it
But a hope like you could break it*

*Some things end before they start
The moment they form, they fall apart
My heart wants so badly just to say it
But a hope like you could break it*

*Told myself this story a thousand times
Can't seem to break the wants free from my mind
So much of my world goes unnamed
Some people can't be tamed*

*But maybe I should stake my claim
Maybe I should claim my stake
I've heard some hopes are worth the break*

*Yeah, maybe I should stake my claim
Maybe I should claim my stake
On the chance the hope is worth the break**

* “Uma esperança como você”: Sou pura conversa mole e despedidas sem lamento/ Uma pessoa de segunda classe com um disfarce de primeira/ Meu coração está em sono profundo, não o acorde/ Uma esperança como você pode destruí-lo// Me perco entre crimes e vícios graves/ Não posso chegar perto de uma mesa de jogo de dados/ Meu coração é fraco, eu aceito/ Uma esperança como você pode destruí-lo// Não importa o quanto eu tente/ Certas coisas eu não posso ter de jeito nenhum/ Meu coração sabe que a gente nunca daria certo/ Uma esperança como você pode destruí-lo// Dizem que o amor muda você/ Como se mudanças e amor fossem fáceis/ Meu coração me chama e não tenho como evitar/ Mas uma esperança como você pode destruí-lo// Repeti mil vezes a mesma história na cabeça/ Não consigo tirar essas vontades da minha mente/ Uma boa parte do meu mundo permanece sem nome/ Algumas pessoas não podem ser domadas// Mas talvez eu deva ir atrás do que é meu/ Talvez eu deva me arriscar/ Ouvi dizer que certas esperanças valem o risco da destruição// É, talvez eu deva ir atrás do que é meu/ Talvez eu deva me arriscar/ Torcendo para que a esperança valha o risco da destruição.

AURORA

*When the seas are breaking
And the sails are shaking
When the captain's praying
Here comes Aurora
Aurora, Aurora*

*When the lightning is cracking
And thunder is clapping
When the mothers are gasping
Here comes Aurora
Aurora, Aurora*

*When the wind is racing
And the storm is chasing
When even the preachers are pacing
Here comes Aurora
Aurora, Aurora*

*When I was drowning
Three sheets and counting
The skies cleared
And you appeared
And I said, "Here is my Aurora"
Aurora, Aurora**

* “Aurora”: Quando os mares estão agitados/ E as velas estão sacudindo/ Quando o capitão está rezando/
Lá vem Aurora// Aurora, Aurora// Quando o relâmpago está crepitando/ E o trovão está retumbando/
Quando as mãos estão suspirando/ Lá vem Aurora// Aurora, Aurora// Quando eu estava naufragando/ Já
com três mastros e um pouco mais/ O céu se abriu/ E você apareceu/ E eu falei: “Aqui está minha
Aurora”// Aurora, Aurora.

Agradecimentos

Este livro não existiria sem o entusiasmo da minha agente, Theresa Park. Theresa, sua empolgação com o conceito da obra foi o que tornou o livro uma realidade para mim. É uma honra ter você cuidando da minha carreira, e estou maravilhada com os resultados. Obrigada por me incentivar a me arriscar e pensar grande.

Para Emily Sweet, Andrea Mai, Abigail Koons, Alexandra Greene, Blair Wilson, Peter Knapp, Vanessa Martinez, Emily Clagett: além de fazerem seu trabalho com integridade e competência inigualáveis, vocês são como o elenco de *Friends*: não consigo dizer qual de vocês é minha pessoa favorita. Meus favoritos são todos vocês. E sou muito grata por contar com seu apoio.

Sylvie Rabineau, obrigada por amar Stevie Nicks tanto quanto eu e lidar com o caos que foi Daisy Jones com graça e alegria.

Brad Mendelsohn, obrigada por ser a pessoa que tem todas as respostas. Gostaria que você soubesse quantas vezes a frase “Acho melhor perguntar para o Brad” é dita na minha casa. Você é meu Jerry Maguire — mas o do fim do filme, o emotivo, aquele de coração aberto.

Para meus novos amigos na Ballantine, é uma honra e uma alegria fazer parte dessa equipe. Para minha editora, Jennifer Hershey: desde nossa primeira conversa, senti que você poderia me tornar uma escritora melhor, e eu estava certa. Espero que compreenda a gratidão profunda que sinto por você ter transformado este livro numa obra muito mais honesta e cheia de nuances. Você trabalha cada etapa com a mente aberta e muita consideração pelo que está fazendo — e os resultados se mostraram extraordinários. Em nenhum outro

trabalho isso se torna tão evidente quanto na arte. Por isso devo estender meu enorme agradecimento a Paolo Pepe, pelo trabalho fantástico na parte gráfica do livro. E a Erin Kane, agradeço por manter tudo na linha. Para Kara Welsh, sua paixão pela história contada no livro fez toda a diferença. Me senti imediatamente em casa na Ballantine graças a você. Kim Hovey, Susan Corcoran, Kristin Fassler, Jennifer Garza, Quinne Rogers, Allyson Lord e o resto da equipe de marketing e assessoria de imprensa: fiquei muito feliz de pôr este livro nas mãos de pessoas com tanto talento, empenho e entusiasmo.

Só consegui escrever este livro por causa das pessoas que me ajudaram ao longo de toda minha carreira. Sarah Cantin, Greer Hendricks e o pessoal incrível da Atria Books, além dos leitores e blogueiros que apoiam meu trabalho. Meu muito obrigada a vocês.

Crystal Patriarche, não sei como, mas você não para nunca. Agradeço a você e a toda a equipe da BookSparks.

Mais do que qualquer livro que já escrevi, *Daisy Jones & The Six* exigiu uma mobilização coletiva. Por exemplo, precisei da ajuda do meu irmão Jake para aprender a ter um bom gosto musical. Então, obrigada, Bear, por ter dado um jeito em mim.

E precisei também que alguém cuidasse da minha filha. Por mais que eu tenha sorte de poder fazer o que amo, isso é possível apenas pelo trabalho de outras pessoas. Tenho a obrigação de agradecer Rina, nossa babá, por ter cuidado tão bem de nossa menininha enquanto meu marido e eu trabalhamos. E gostaria de estender esse agradecimento gigantesco e eterno a todos os membros da família do meu marido por terem ficado com Lilah tantas vezes e, mesmo com pedidos feitos em cima da hora. Eu sei que, quando ela está com vocês, ela se diverte como nunca. Maria, obrigada. Warren, é uma sorte termos vocês. Rose, você torna tudo possível, todas as vezes. Obrigada do fundo do meu coração.

Para Alex: é difícil te agradecer, porque você teve influência em cada aspecto desta história. Foi você que me deu a ideia, que me ensinou teoria musical, que ouviu *Rumours*, do Fleetwood Mac, comigo, que brigou por causa de Lindsey

Buckingham e Christine McVie comigo, que abriu mão de um emprego para ficar mais em casa, assumindo o papel de protagonista no cuidado da nossa filha e que leu o livro mais ou menos nove milhões de vezes. E, acima de tudo, você torna fácil escrever sobre dedicação. Quando escrevo sobre amor, escrevo sobre você. Já estamos há dez anos nessa, e ainda sou louca por você.

E por fim, a *pièce de résistance* do meu mundo, Lilah Reid. Você me transformou de várias maneiras, e sou muito grata por isso, minha pequena capitã — e este livro, e o coração e a alma que existem na história que conta, é um testemunho de como me sinto sendo sua mãe. Existem muitas maneiras de viver neste mundo, e às vezes acho que só escrevo para mostrar algumas delas a você. Aconteça o que for, vou fazer questão de que se mantenha assim determinada, cheia de opiniões, curiosa e altruísta como é hoje, porque você é uma pessoa rara, do tipo que só se encontra uma em um milhão.



SCOTT WITTER

TAYLOR JENKINS REID é autora de *Forever, Interrupted* (2013), *After I Do* (2014), *Em outra vida, talvez?* (2015), *One True Loves* (2016) e *Os sete maridos de Evelyn Hugo* (2017). Mora em Los Angeles com o marido, a filha e o cachorro.

Copyright © 2019 by Taylor Jenkins Reid

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Daisy Jones & The Six

CAPA Lauren Wakefield

FOTO DE CAPA B & J/ Stocksy

FOTO DE QUARTA CAPA True Colour Films/ Stone/ Getty Images

PREPARAÇÃO Paula Carvalho

REVISÃO Ana Maria Barbosa e Renata Lopes Del Nero

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

Vista quem, você é

edição digital
revisada

CRIS ZANETTI E FÊ RESENDE

Vista quem você é

Zanetti, Cris

9788554514525

124 páginas

[Compre agora e leia](#)

Descubra seu estilo pessoal com a ajuda das criadoras da Oficina de Estilo. Uma edição revista do guia certo para se sentir bem vestida e feliz de frente ao espelho! Isso de certo e errado não existe (especialmente em moda!). Importa mais se sentir bem, se reconhecer em frente ao espelho. E a gente pode se sentir exatamente como quer a partir do que escolhe vestir, usando o autoconhecimento como ferramenta – com referências que vêm mais de dentro do que de fora. Este livro convida você a embarcar agora numa jornada – gostosíssima! – para se descobrir. Não tem direção mais certa pra escolher o que ter no guarda-roupa: entender quem a gente é e o momento em que vive, pra então se vestir de acordo com isso. O que dá satisfação, gera confiança e faz a gente até ter uma postura diferente na vida. Com propostas de reflexão e exercícios-do-olhar a cada capítulo, você vai construir o seu estilo pessoal de maneira divertida e autêntica – com direito a plano de ação pra colocar em prática todo dia em frente ao espelho. A hora é agora: respire fundo, arregace as mangas e vamos ao trabalho! Este e-book conta com um PDF gratuito para os exercícios que irão ajudar você a esboçar suas prioridades e estilo de vida, desenvolver um plano de ação e começar a pensar na sua identidade pessoal. menos regras, mais amor, menos quem vestiu melhor, mais você, bem vestida, mais autoconhecimento, menos autojulgamento

[Compre agora e leia](#)

NINA BROCHMANN E
ELLEN STØKKEN DAHL

VIVA A VAGINA

TUDO QUE VOCÊ
SEMPRE QUIS
SABER

TRECHO GRATUITO

2 2 2 2
2 2 2 2

Viva a vagina - Trecho gratuito

Brochmann, Nina

9788554510497

48 páginas

[Compre agora e leia](#)

Um convite para conhecer seu corpo melhor: neste trecho exclusivo em e-book do livro Viva a vagina, você irá começar a entender um pouco melhor o aparelho sexual feminino. Descubra a linguagem divertida e informativa de Nina Brochmann e Ellen Støkken Dahl, duas estudantes de medicina que se uniram para desmistificar e esclarecer todos os mistérios e mal entendidos que afetam a saúde e bem estar das mulheres. Se gostar, continue a leitura em Viva a vagina.

[Compre agora e leia](#)



Como construir um guarda- roupa inteligente

das criadoras
da Oficina de Estilo

CRIS ZANETTI E FÊ RESENDE

Como construir um guarda-roupa inteligente

Zanetti, Cris

9788554514501

48 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma leitura necessária para quem já sentiu ansiedade ou insatisfação com o próprio armário. O guarda-roupa é o que nos permite exercitar (ou não) nosso estilo pessoal. Portanto deveria ser fonte de alegria, certo? Sabemos que na realidade, este espaço acaba gerando ansiedade: nele a gente coleciona histórias de vida, mas também lembranças de pressa, aflição, contas malfeitas e arrependimentos. Perder tempo se sentindo oprimida e desamparada em frente ao espelho, entrar em pânico ao receber convites, deixar de colocar energia na vida pra desperdiçar energia pensando no que vestir pra viver a vida – nada disso é legal ou saudável. Aqui está um guia, montado ao longo de anos de prática que as consultoras de moda, Fê Resende e Cris Zanetti, criadoras da Oficina de estilo, construíram para preparar o guarda-roupa pra ser feliz com ele todo dia de manhã, e não (só) sentir felicidade quando tem alguma coisa nova lá dentro. Isso é substituir consumo por autoestima! Aprenda a usar tudo o que você temter o que você quer usar

[Compre agora e leia](#)

TRECHO
GRATUITO

A
ELA NÃO
MULHER
É QUEM
ENTRE
VOCÊ PENSA
NÓS

GREER HENDRICKS e SARAH PEKKANEN

A mulher entre nós - Trecho gratuito

Hendricks, Greer

9788554511609

44 páginas

[Compre agora e leia](#)

Neste trecho gratuito, exclusivo em e-book, conheça A mulher entre nós — considerado o melhor thriller doméstico desde Garota exemplar. Quando você ler este livro, vai fazer várias suposições. Vai supor que está lendo sobre uma ex-mulher ciumenta e obcecada. Vai supor que está lendo sobre uma jovem prestes a se casar com o homem que ama. Vai supor que a primeira mulher era um desastre, e que o marido fez bem de se livrar dela. Vai supor que conhece os motivos, a história e a dinâmica desses relacionamentos. Chegou a hora de parar de fazer suposições. Prepare-se para a leitura de sua vida. "Surpreendente. Inesquecível. Chocante." — Publishers Weekly "Se prepare, esse é um livro que você não vai conseguir parar de ler." — Glamour

[Compre agora e leia](#)



Pedro Andrade

O Melhor Guia de Nova York

Edição atualizada & expandida

O melhor guia de Nova York

Andrade, Pedro

9788554514471

400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Indispensável — como Nova York. Nova York é uma cidade superlativa, sinônimo de grande metrópole, que o resto do mundo observa com olhar atento e reverente. Ao mesmo tempo, é um lugar tratado por seus moradores como membro da família ou até amante, numa relação profundamente afetiva. Nesta edição atualizada e expandida de O melhor guia de Nova York, essas duas facetas se encontram, à medida que Pedro Andrade nos revela uma Grande Maçã cosmopolita, mas personalíssima. De leitura saborosa, o guia elaborado pelo jornalista e apresentador de TV retrata dos marcos arquitetônicos aos bares secretos, dos restaurantes com espera de meses ao hot-dog vendido na rua — que você precisa provar —, sempre com insights que só um morador de longa data (Pedro está lá há duas décadas) consegue oferecer.

[Compre agora e leia](#)